



Universidade Federal do Rio de Janeiro

Elementos para uma abordagem
discursiva do afeto:
Estudo de interface entre psicanálise e
semiótica tensiva

Tiago Ravanello

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



Elementos para uma abordagem
discursiva do afeto:
Estudo de interface entre psicanálise e
semiótica tensiva

Tiago Ravanello

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Teoria Psicanalítica.

Orientador: Prof.a. Dr.a. Regina Herzog

Rio de Janeiro

Março / 2009

**Elementos para uma abordagem discursiva do afeto:
Estudo de interface entre psicanálise e
semiótica tensiva**

Tiago Ravello

Orientador: Regina Herzog

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Teoria Psicanalítica.

Aprovada por:

_____ - Orientadora
Presidente da Banca. Prof. Dra. Regina Herzog de Oliveira

Prof. Dr. Christian Ingo Lenz Dunker

Prof. Dra. Josaida de Oliveira Gondar

Prof. Dr. Waldir Bevidas

Prof. Dra. Fernanda Costa-Moura

Rio de Janeiro

Março de 2009

FICHA CATALOGRÁFICA

Ravanello, Tiago.

Elementos para uma abordagem discursiva do afeto: estudo de interface entre psicanálise e semiótica tensiva/Tiago Ravanello. - Rio de Janeiro: UFRJ/PPGTP, 2009.

x, 191f.; 29,7 cm.

Orientador: Regina Herzog

Tese (doutorado) – UFRJ/PPGTP/ Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, 2009.

Referências Bibliográficas: f. 192-203.

1. Psicologia. 2. Teoria Psicanalítica. I. Herzog, Regina. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica. III. Título.

Agradecimentos

Aos professores Waldir Bevidas e Regina Herzog, meus orientadores, pela aposta, pela ternura e pela clareza no diálogo, enfim, pela orientação segura e instigante. Sem ela, a pesquisa não teria sido possível.

A Luciane, minha esposa, pelos sonhos que compartilhamos, pela paixão que vivemos.

Aos meus pais, Ana e João Carlos, pelo incentivo à liberdade de pensamento e, sobretudo, por me ensinar os caminhos do afeto.

As minhas irmãs, cunhados, sobrinhos e meus sogros, pelo porto seguro, pelo desejo de sempre retornar.

Ao professor Michel Arrivé, por ter possibilitado um período de enriquecimento pessoal e profissional memorável.

A professora Monique David-Ménard, pela acolhida generosa e pelas contribuições fundamentais.

Aos professores Fernanda Costa-Moura e Joel Birman, pelo encorajamento e apoio na realização deste projeto.

A professora Maria Luiza Furtado Kahl, minha primeira orientadora de pesquisa, ainda na graduação, pela inspiração e investimento, pelo ensinamento de que “somos do tamanho de nossos sonhos” e, principalmente, por trilhar caminhos.

Aos amigos no Rio, Sandro, Ricardo, Sheila, Julia, Cintia e Ana Carolina por serem minha família carioca, pelo carinho com que sempre me receberam, e, nas vezes em que perdi o chão, por terem permanecido.

Aos amigos no sul, Fabio, Maurício, Vagner, Marcos, André e Joice, por darem sentido ao verbo “compartilhar”.

Aos companheiros de além-mar, Lileane e Alcindo, Alex e Thayná, Marcelo e Fabiana, Cassia, Bier, Julia, Priscila e Thiery, por pintarem de verde e amarelo mesmo dias cinzas.

Ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ, seus professores, funcionários, mestrandos e doutorandos, por criarem um ambiente de trabalho e de idéias inestimável.

A CAPES pelo financiamento de pesquisa no Brasil e no exterior.

Resumo

Elementos para uma abordagem discursiva do afeto: Estudo de interface entre psicanálise e semiótica tensiva

Tiago Ravello

Orientadora: Regina Herzog

Resumo da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Teoria Psicanalítica.

A presente tese tem como objetivo principal defender a possibilidade de uma abordagem discursiva ao conceito de afeto em psicanálise. Deste modo, visamos destacar elementos para a delimitação deste conceito através da leitura crítica e análise das conseqüências epistemológicas resultantes da relação entre psicanálise e linguagem. Assim, buscamos delimitar no campo freudo-lacaniano tanto os elementos fundamentais ao diálogo com teorias da linguagem específicas, quanto os impasses epistemológicos que se apresentam ao implemento deste. Neste sentido, destacamos as abordagens metafórica e quantitativa do conceito de afeto, e as suas subseqüentes tentativas de redução a bases naturais e biológicas que vigoram nos projetos de abarcamento da psicanálise à ordem das neurociências. Em oposição, propomos o estudo de interface com a vertente de teorias da linguagem que vai desde Saussure até a atual teoria da semiótica tensiva – passando pela glossemática de Hjelmslev e a semiótica de Greimas – para a temática do afeto e, conseqüentemente, do ponto de vista econômico em psicanálise. Ao mesmo tempo, sustentamos a aposta de que a tese lacaniana do *inconsciente estruturado como uma linguagem*, bem como suas proposições sobre o discurso podem vir a constituir uma abordagem discursiva, não-substancialista, do afeto, noutros termos, na imanência da linguagem, não fora dela.

Palavras-chave: psicanálise, semiótica, epistemologia, afeto, discurso.

Rio de Janeiro

Março de 2009.

Résumé

Elementos para uma abordagem discursiva do afeto: Estudo de interface entre psicanálise e semiótica tensiva

Tiago Ravello

Orientadora: Regina Herzog

Résumé da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Teoria Psicanalítica.

La présente thèse a pour objectif principal de défendre la possibilité d'un traitement discursif du concept de l'affect en psychanalyse. Ainsi, nous viserons à distinguer les éléments pour la délimitation de ce concept à travers la lecture critique et l'analyse des conséquences épistémologiques résultantes de la relation entre psychanalyse et langage. De même, nous chercherons à délimiter dans le champ freudo-lacanian autant les éléments essentiels au dialogue avec des théories du langage spécifiques, que les contraintes épistémologiques que se dressent face à sa mise en oeuvre. Dans ce sens, nous mettrons en évidence les traitements métaphoriques et quantitatifs du concept de l'affect et ses tentatives ultérieures de réduction à des bases naturelles et biologiques qui prédominent dans les projets d'étude de la psychanalyse par les neurosciences. Nous proposerons, au contraire, l'étude de l'interface avec la déclinaison de théories du langage allant de Saussure à l'actuelle théorie sémiotique tensiva – en passant par la glossématique de Hjelmslev et la sémiotique de Greimas – pour la thématique de l'affect et, par conséquent, du point de vue économique en psychanalyse. En même temps nous défendrons l'affirmation selon laquelle la thèse lacanienne de *l'inconscient structuré comme un langage* ainsi que ses propositions sur le discours peuvent venir constituer un traitement discursif, non-substantialiste, de l'affect, en d'autres termes, dans l'immanence du langage et non en dehors.

Mots-clefs: psychanalyse, sémiotique, épistémologie, affect, discours.

Rio de Janeiro

Março de 2009

Abstract

Elementos para uma abordagem discursiva do afeto: Estudo de interface entre psicanálise e semiótica tensiva

Tiago Ravello

Orientadora: Regina Herzog

Abstract da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Teoria Psicanalítica.

The purpose of this study is to defend the possibility of a discursive analysis concerning the affect definition in psychoanalysis. This way, we try to highlight elements to limit this concept by means of a critical analysis of the epistemological consequences resulting from the relationship between psychoanalysis and language. We also try to limit within the Freud-Lacanian field not only the essential elements to dialogue with specific language theories, but also the epistemological impasses to its execution. In this sense, we highlight the metaphorical and quantitative approach of the affect concept, and their efforts to bring it to natural and biological basis which exist in the projects of comprising psychoanalysis under the neuroscience order. Opposing it, we propose an interface study using language theories since Saussure to the tensive semiotics theory used nowadays – going through Hjelmslev glossematics and Greimas semiotics – in what concerns the affect theme, and, consequently, the economical point of view in psychoanalysis. At the same time, we support the opinion that the Lacanian thesis of a *unconsciousness structured as a language*, and that his propositions about discourse could become a discursive approach, non-substantialist, of affect, that is, in the immanence of language, not outside it.

Key-words: psychoanalysis, semiotics, epistemology, affect, discourse.

Rio de Janeiro

Março/2009

Sumário

Introdução	1
Capítulo 1 – Considerações sobre linhas de abordagem do afeto na teoria freudiana	10
1.1. Introdução.....	10
Capítulo 2 – Dos impasses para uma abordagem discursiva do afeto em psicanálise	55
2.1. Introdução	55
2.2. O impasse quantitativo.....	57
2.3. O impasse na concepção de linguagem	62
2.4. O impasse no estatuto psicanalítico de real	72
Capítulo 3 – Do afeto à linguagem: bases freudianas para uma abordagem discursiva do afeto	80
3.1. Introdução	80
3.2. Bases freudianas para uma abordagem discursiva do afeto.....	83
Capítulo 4 – Da linguagem ao afeto: bases lacanianas	93
4.1. Introdução	93
4.2. Com ou sem afeto: Lacan e o “evento Green”	95
4.3. As pedras de espera para o afeto.....	105
4.3.1. A via assintótica: um saber negativo sobre o afeto	106
4.3.2. A via indireta: libido, gozo, pulsão escópica	113
4.3.3. A via discursiva: o afeto como engajamento	136
Capítulo 5 – Psicanálise e semiótica do afeto	147
5.1. Introdução: uma breve recapitulação de percurso	147
5.2. “Por que a semiótica tensiva?”: Fundamentação do campo semiótico	150
5.3. Das modalidades à tensividade: introdução à semiótica tensiva através da semiótica das paixões	162
5.4. O afeto estruturável como linguagem: elementos de semiótica tensiva.....	169
Considerações finais	187
Referências bibliográficas	192

Deixe a língua ser para você o que o corpo é para os amantes:
o único que separa seus seres, e o único que os reúne.
(Goethe)

Introdução

Nem na clínica, nem na escrivania, mas no caminho entre os dois, nasce a psicanálise enquanto campo teórico-prático a ser abordado nesta pesquisa¹. Sem a experiência clínica, sem a escuta do discurso de suas primeiras pacientes histéricas, teria Freud chegado ao conjunto de sua construção a respeito da alma humana? E sem a árdua e rigorosa discussão teórica, seria a psicanálise hoje a mesma alternativa clínica para o mal-estar inerente à cultura? Certamente, em ambos os casos, a resposta não pode ser outra além de uma grande negativa.

O entrelaçamento entre teoria e prática na constituição da psicanálise é um fato de inegável importância. Somemos a isso a constante atitude de revisão e reconstrução dos fundamentos – novamente tanto na técnica quanto em seu arcabouço conceitual – e teremos um quadro aproximado da maneira como Freud manejou os primeiros passos dados na construção do edifício psicanalítico. Neste sentido, compreendemos que nenhuma postura possa ser tida como de maior fidelidade ao movimento freudiano do que o de contínua crítica destes mesmos fundamentos que sustentam tanto o *saber* quanto o *fazer* em questão.

No entanto, o alcance das consequências deste enlace entre teoria e clínica deve ser precisado, uma vez que tal enlace não pode ser lido ou tido, de pronto, como garantia epistemológica de acerto. Freud era notoriamente atento ao aspecto de “imposição” das concepções teóricas sobre o “material da observação”, ou seja, os dados observacionais não podem ser tomados como fatos de uma realidade bruta e atórica (FREUD, 1915a/1996, p. 123). Assim, se por um lado estamos aptos a dizer que clínica e teoria, em psicanálise, não pressupõem critérios de prioridade ou continuidade entre si, por outro, o exame de certos conceitos podem muito bem apontar para caminhos distintos, por vezes opostos, que determinadas concepções tomam em textos que se apóiem mais na prática clínica ou na formulação teórica. Tal nos parece ser o caso do conceito de *afeto*.

¹ Como o campo psicanalítico tornou-se vasto, nossa pesquisa elegerá a vertente freudo-laciana como objeto de estudo.

Nos diferentes modelos formulados no interior do campo psicanalítico com o objetivo de especificar, classificar ou mesmo dar a conhecer os diferentes fenômenos envolvidos, em praticamente todos, o conceito de afeto acaba por desempenhar um papel central. Presente no cerne da metapsicologia freudiana e até mesmo antes dela, seja em textos freudianos, seja nos autores precedentes ao movimento psicanalítico, o afeto tem seu lugar de destaque. Interessante notar, contudo, que mesmo exercendo tamanha importância e despertando sobre si a atenção de diversos pesquisadores desde o nascimento da disciplina, seu estatuto conceitual permanece ainda incerto.

De quantidade a processos de descarga, de tonicidade intracerebral a pólo expressivo, de conceito operativo a fenômeno clínico, muitas transições e recortes podem ser atribuídos ao afeto na teoria psicanalítica, seja em Freud, seja nos demais teóricos. A descrição de sua história não pode ser vista como tarefa fácil ou desprovida de importância. De igual modo, devemos fazer a ressalva de que o critério cronológico pouco nos auxilia no que poderíamos chamar de *reconstituição* do conceito no interior do mosaico de micro-teorias de Freud sobre o tema. Uma vez que diferentes ramos da teoria e prática psicanalíticas nascem de inserções diversas no continente do ensino freudiano, seria no mínimo ingênuo pensarmos em sua última aparição como a mais verdadeira e/ou bem acabada. Entretanto, devemos ter em mente que diversas conseqüências epistemológicas resultam das possibilidades abertas para o delineamento conceitual do afeto e, sobretudo, para os diferentes diálogos que tais posições nos permitem.

No que toca à questão da relação entre afeto e linguagem, seja na formação do conceito, seja em seu manejo, a questão deixa de ser apenas obscura e toma contornos ainda mais imprecisos, para não dizermos alarmantes. Isto porque não é incomum encontrarmos numa série de textos, ou até mesmo dentro de um único, entrecruzamentos de modos de caracterização do afeto referentes a matrizes epistemológicas conflitantes entre si. Assim, se nos ativermos de maneira rígida ao entendimento do afeto enquanto *descarga*, tal como se afigura em um número considerável de textos na literatura psicanalítica, teremos dificuldade de fazer a sua transposição para a leitura de outros, nos quais a ênfase recai na prática clínica². Da

² Já tratamos da questão da disjunção entre a abordagem de cunho quantitativo e a de ênfase clínica em um trabalho precedente, a saber, a dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação

mesma forma, sua compreensão enquanto fenômeno de linguagem se torna pouco compatível ao esquema conceitual pelo qual se costuma ler a economia freudiana, já que pouca é a afinidade de uma leitura firmemente engajada nos processos de linguagem com determinados termos de cunho energético-quantitativo, tais como os de libido, catexia, investimento e *tutti quanti*.

Tal nos parece ser a complicada situação em que o conceito de afeto se apresenta no campo psicanalítico: se focarmos sua leitura pelo viés quantitativo – através de sua concepção enquanto fenômeno de descarga (FREUD, 1895a/1996, por exemplo) ou sua ligação com o próprio fator quantitativo em si (FREUD, 1915b/1996) – não estaremos encaminhando nossa abordagem da teoria freudiana, através da vinculação direta aos aspectos econômicos da metapsicologia, a uma espécie de redução de cunho energeticista? E não seria inapropriado lembrar a série de críticas feitas durante o decorrer da história do movimento psicanalítico a este tipo de leitura. Somente para lembrar alguns célebres exemplos, a psicanálise em sua visada quantitativa já foi citada como naturalista (GABBI, JR., 2003), como “espiritualismo sob a forma de biologia moderna” (BAKHTINE, 1925/1980, p. 62) e, sobretudo, enquanto introdução inacabada às neurociências (PRIBAM & GILL, S/D). Em momento mais apropriado, retomaremos essas críticas para exame.

Por outro lado, se orientássemos a delimitação do afeto através de uma análise no interior dos fatos de linguagem, não correríamos o risco de torná-lo incompatível com o arcabouço teórico quantitativo que, via de regra, o sustenta? Assim, cabe indagar: quais seriam as conseqüências epistemológicas se nos empenhássemos numa análise do afeto – e dos dados clínicos a ele vinculados – enquanto ancorada nos fenômenos de linguagem? Seria possível prescindir dos aspectos quantitativos e energéticos, da maneira como são apresentados na metapsicologia freudiana, para uma abordagem dos afetos no interior da teoria psicanalítica que priorizasse seus aspectos relacionados à linguagem? Ou ainda, de maneira mais ampla, seria possível *reestruturar* o ponto de vista econômico em psicanálise em termos de linguagem?

É com este intuito que o tema do afeto nos servirá de partida para um estudo mais amplo que visa, em última instância, a análise da relação entre a linguagem e o conjunto dos conceitos que formam o chamado *ponto de vista econômico* em

em Teoria Psicanalítica intitulada *A Doutrina Freudiana do Afeto e seus Impasses Epistemológicos* (RAVANELLO, 2005).

psicanálise. Dito de outra forma, o conceito de afeto nos servirá como via de abordagem para um exame epistemológico que pretende, por fim, analisar uma problemática crucial no campo psicanalítico: a vinculação operada por Freud entre linguagem e o conjunto dos aspectos energético/quantitativos. Isto porque nela vemos nada menos do que o embate entre duas matrizes epistemológicas divergentes.

Sendo a noção de afeto, apesar de suas variações no interior da teoria freudiana, uma amarra crucial e constante para as releituras da psicanálise calcadas em aspectos quantitativos e energeticistas, sobretudo – mas não somente – por parte de autores provenientes do campo das neurociências, nossa estratégia de análise será então a de apresentar elementos para uma discussão deste conceito em outras bases, mais especificamente, num diálogo com teorias da linguagem. Nosso itinerário será, portanto, o da pesquisa acerca dos subsídios que possibilitaram a noção de afeto, acompanhando os textos de Freud e seus comentadores, bem como apresentar uma visão geral da maneira como foi constituído o ponto de vista econômico e seus desenvolvimentos no interior da teoria freudiana e sua relação com a linguagem. Uma vez que nos seja permitido abordar este conjunto dito *econômico*, tendo especificado suas linhas de composição e suas implicações epistemológicas, buscaremos, a partir do desdobramento proposto por Jacques Lacan, em sua via de retorno a Freud, fundamentos para um cotejo entre o ponto de vista econômico e os mecanismos de linguagem que diriam respeito diretamente à concepção de afeto.

Chegamos, então, ao ponto nodal da tese que ora propomos: *a situação atual da psicanálise permite a formulação de uma teoria não-quantitativa do afeto*. Tal afirmação pode ser vista como uma hipótese subsequente à tese maior lacaniana, a saber, a do *inconsciente estruturado como uma linguagem*. Esta tese, em última instância, implica a possibilidade de estruturar como linguagem igualmente os meios de apresentação do inconsciente nomeados por Freud como metapsicológicos: os aspectos dinâmicos, topológicos e econômicos (FREUD, 1915c/1996, p. 186). Nesse sentido, a tese que ora defendemos pode ser vista como uma abordagem parcial, ou seja, um ganho sobre o campo da linguagem na tentativa de discutir bases para estruturas discursivas subjacentes aos aspectos econômicos, tendo o afeto como porta de entrada.

A escolha de Lacan como interlocutor privilegiado neste trabalho deu-se, sobretudo, em função de seu constante diálogo com as teorias da linguagem e da defesa

desta como principal campo onde se situam a teoria e técnica da psicanálise. Mais do que um simples “relatório”, tal como fora concebido em 1953, o texto *Função e Campo da Fala e da Linguagem*, também conhecido como *Discurso de Roma*, põe em evidência justamente o vigor do evento lacaniano no que diz respeito à retomada do sentido do edifício freudiano nestes termos. Seguindo a afirmação do próprio autor:

Afirmamos, quanto a nós, que a técnica não pode ser compreendida nem corretamente aplicada, portanto, quando se desconhecem os conceitos que a fundamentam. Nossa tarefa será demonstrar que esses conceitos só adquirem pleno sentido ao se orientarem num campo de linguagem, ao se ordenarem na função da fala. (LACAN, 1953/1998, p. 247).

Importante notar como Lacan não apenas nos remete neste parágrafo à implicação entre teoria e clínica como também, em poucas palavras, apresenta o direcionamento por ele dado na constituição dos conceitos fundamentais: eles devem ser orientados num campo de linguagem e ordenados na função da fala. A distinção entre estes dois níveis, o do campo e o da função, mesmo permeando todo o texto, talvez não tenha sido suficiente para evitar que uma série de autores em psicanálise acabasse por forçar uma equivalência entre fala e linguagem. Como apontaremos durante este trabalho, a defesa do ponto de vista econômico em seus aspectos quantitativos ou energeticistas por vezes tomará o apagamento desta distinção como um critério de defesa. Na medida em que a fala – e pior, a fala consciente – não poderia dar conta dos processos inconscientes e dos fenômenos vinculados à pulsão, ela vem sendo, na posteridade lacaniana, retomada como argumento principal para um crescente desinteresse, quando não mesmo uma descaracterização da força heurística da linguagem. Destituída do plano central ao qual fora legado por Freud, e revigorado por Lacan, a linguagem passa a ser assim não mais que um epifenômeno do aparelho psíquico e dos circuitos pulsionais. Em certo sentido, parte da teoria lacaniana acerca do conceito de real em seus últimos seminários e escritos são comumente lidos desta forma. Pelo menos é esta a maneira segundo a qual lemos a suposta desclassificação do conceito de linguagem que, segundo a leitura de Miller, teria sido operada por Lacan (MILLER, 2001).

Nossa postura, ou ainda, nossa estratégia será justamente a contrária: buscar uma abordagem da linguagem em seu sentido mais amplo e como *fundamento* dos

fenômenos psíquicos, sendo a fala um de seus meios privilegiados, mas longe de ser o único. Para tanto, nos apoiaremos tanto nas teorias freudianas e lacanianas como também na lingüística de Saussure. Mas com esta diferença por relação ao momento laciano: estenderemos aqui o diálogo para com a lingüística do mais arguto leitor de Saussure, pouco referenciado por Lacan, Louis Hjelmslev e, em continuidade, para com as proposições da semiótica de Greimas e de seus desdobramentos mais atuais, principalmente, da semiótica tensiva de Fontanille e Zilberberg. Nesse sentido, nosso objetivo principal será o de propor subsídios para, ao invés de pensar a influência das quantidades psíquicas, enquanto substancializadas, *sobre a* linguagem, supor e propor a constituição dos fenômenos ditos afetivos *através das* funções da linguagem. Em última instância, estaremos buscando as bases para propor – parafraseando Lacan – o afeto igualmente *estruturado como linguagem*.

Com este intuito, nosso trabalho foi dividido em cinco capítulos, todos eles direcionados à temática do afeto e os aspectos epistemológicos a ela vinculada. Assim, no primeiro capítulo, intitulado *Considerações sobre linhas de abordagem do afeto na teoria freudiana*, buscamos dar um panorama geral sobre duas formas de leitura diferentes que foram freqüentemente empregadas quanto às concepções de afeto na obra freudiana. Ao mesmo tempo, procuramos relacioná-las com suas possibilidades de enquadramento epistemológico. Assim, reafirmamos nossa aposta de que a pesquisa sobre o afeto é igualmente uma pesquisa sobre as matrizes de pensamento na composição do intrincado estatuto epistemológico da psicanálise. Para tanto, tivemos como objetivo empreender uma análise panorâmica da obra freudiana, ao invés da abordagem em profundidade de determinados textos.

Para dar agilidade e concisão à classificação dos eixos e matrizes epistemológicos, tivemos o cuidado de não empregar o aspecto cronológico das teorizações de Freud sobre o afeto como um critério específico de análise, mas sim, priorizar o agrupamento e manejo conjunto do maior número de textos ao nosso alcance do autor em questão. Desta forma, destacamos primeiramente duas abordagens usualmente empregadas no exame da obra freudiana: a primeira, privilegiando o aspecto quantitativo e energético dos conceitos pertencentes ao ponto de vista econômico. Em seguida, apresentamos as características de uma abordagem metafórica do afeto e da economia psíquica. Nesta, a forma conceitual é ressaltada em detrimento dos objetos e

processos aos quais se refere. Ambas, como pretendemos apontar, se apresentam como oposição à abordagem discursiva do afeto.

No segundo capítulo – *Dos impasses para uma abordagem discursiva do afeto em psicanálise* – tivemos por objetivo debater três conjuntos de proposições recorrentes na teoria psicanalítica que tendem a se opor a um diálogo rigoroso com as teorias da linguagem. O primeiro deles, *o impasse quantitativo*, é representado pela concatenação de hipóteses de cunho quantitativo que, não coincidentemente, tem sido retomado por projetos de redução a aportes neurocientíficos. O segundo, relativo ao *impasse na concepção de linguagem* tem como proposta indicar os problemas envolvidos em determinadas abordagens feitas, sobretudo a partir da obra lacaniana, sobre o campo da linguagem tendo como mote uma atitude demissionária. Por fim, examinamos determinados elementos a respeito do *impasse no estatuto psicanalítico de real* e os problemas a ele relacionados. É a partir deste ponto que começamos a avaliar mais cuidadosamente os fundamentos epistemológicos necessários para uma abordagem discursiva do afeto baseada no diálogo entre psicanálise e determinadas teorias da linguagem, em especial as de Hjelmslev, Greimas e as teses atuais da semiótica tensiva. Podemos dizer que esta primeira parte da tese, com os dois capítulos acima indicados, é mais direcionada ao exame criterioso do campo psicanalítico. Nela, acompanhamos a discussão acerca de pressupostos importantes à teoria psicanalítica, porém, sem deixar de posicioná-los criticamente quanto às possibilidades ou impasses que se antepõem a uma abordagem discursiva do afeto.

A partir do terceiro capítulo, chamado *Do afeto à linguagem: bases freudianas para uma abordagem discursiva do afeto*, tivemos como foco o delineamento dos elementos relevantes à constituição das hipóteses sobre a estruturação do afeto vinculado à linguagem. Neste capítulo, nos ativemos à discussão das bases freudianas a serem delimitadas no que diz respeito ao afeto e à consideração dos temas econômicos, para, a partir delas, destacar as hipóteses que determinaram o posicionamento freudiano quanto à linguagem. Trata-se, pois, da defesa de pertinência da linguagem como fundamento dos fenômenos afetivos em função das teses freudianas a eles destinadas, mormente nas suas vastas reflexões eminentemente clínicas.

No quarto capítulo, *Da linguagem ao afeto: bases lacanianas*, invertemos a lógica de pesquisa presente no capítulo anterior. Ao invés de centralizar a análise nos

preceitos recorrentes no campo acerca do afeto para, então, aproximá-lo do campo da linguagem, solicitamos como guia justamente as considerações a respeito deste. Para tanto, iniciamos por situar a questão do suposto abandono – ou rechaço – da temática do afeto na obra de Lacan, tal como fora denunciado por Green. Neste sentido, sustentamos o deslocamento do problema para a crítica lacaniana ao substancialismo inerente às concepções de afeto então vigentes.

Para que ao conceito de afeto possa ser dada uma composição condizente com a tese principal do lacanismo, a do *inconsciente estruturado como uma linguagem*, delimitamos três vias de análise da obra de Lacan quanto ao afeto. A primeira, intitulada *via assintótica* – adjetivo tomado de empréstimo a Popper – se refere às aproximações negativas de Lacan quanto ao afeto, ou seja, as proposições sobre o que o afeto *não é*. Pela *via indireta*, por sua vez, objetivamos determinar elementos importantes para uma abordagem do ponto de vista econômico na teoria lacaniana a partir de outros conceitos que não o afeto. Dentre eles, a prioridade recaiu sobre os de libido, gozo e pulsão escópica. Com tal diretiva, foi-nos possível depurar uma série de elementos que, mesmo não sendo diretamente relativos ao afeto, podem ser considerados cruciais para a constituição de sua abordagem em termos discursivos. A terceira delas, a *via discursiva*, se concentra nas teses gerais de Lacan sobre a linguagem, ou seja, tratou-se do intuito de retornar à temática do afeto pela consideração das linhas pelas quais sua discursivização seria possível. Nela, tivemos como ponto de referência a relação entre o afeto, sujeito e alteridade, inerente ao modelo lacaniano, bem como a operação crucial de *engajamento* concernente aos fenômenos afetivos. O desenrolar da via discursiva também exerceu a função de preparar a discussão, mais fortemente avaliada no capítulo a ele subsequente, da relação entre o afeto, o ponto de vista econômico e a linguagem.

No quinto e último capítulo, começamos por um panorama do campo das teorias da linguagem no que concerne à vertente que inicia em Saussure, passando pelas teorias de Hjelmslev e Greimas, para finalizar nas teses da semiótica tensiva. Assim, a partir da retomada das noções de valor, valência, paixão e o reposicionamento hjelmsleviano quanto à abordagem do tema da linguagem – recortando-o nos planos da expressão e do conteúdo – tivemos como objetivo principal a defesa da contribuição destas teorias para a questão do afeto e da economia psíquica. O cerne de tal proposta é relativo à postura de tomar a linguagem como imanente a si mesma e, a partir de então, buscar a

delimitação de processos que recubram o campo afetivo e econômico. É com este intuito que revisitamos os modelos das semióticas modais, em especial o quadrado semiótico, e o recorte feito por Fontanille & Zilberberg em termos de tensividade no que concerne ao tema do valor.

Por fim, as considerações finais da tese apresentam um esforço adicional de síntese, tal como ocorre ao longo desta pesquisa, dos elementos até então propostos para a abordagem discursiva do afeto.

Capítulo 1 – Considerações sobre linhas de abordagem do afeto na teoria freudiana

Rosa geral de sonho e plenitude
Transforma em novas rosas de beleza
Em novas rosas de carnal virtude

Para que o sonho viva da certeza
Para que o tempo da paixão não mude
Para que se una o verbo à natureza.
(Vinícius de Moraes, *Soneto da Rosa*)

1.1. Introdução

Verbo e natureza: talvez estes dois termos fossem suficientes para desenhar linhas de análise sobre a constituição da psicanálise. Assim como o poema citado, a obra freudiana, em certo sentido, opera por entre fronteiras de contornos incertos entre estes dois fatores a partir da forma segundo a qual seus conceitos foram constituídos. O que nas palavras do poeta é *Verbo e Natureza*, no mosaico de micro-teorias freudiano apresenta-se como a sobreposição de duas linhas de leitura possíveis, dois núcleos de atração de conceitos e formulações, ou seja, duas matrizes de pensamento propriamente ditas. Sem um vetor bem distinguido – do verbo à natureza ou da natureza ao verbo –, nem mesmo uma defesa de prevalência entre os dois, a teoria de Freud ao longo de sua construção não chega a demarcar os limites entre duas matrizes epistemológicas nas quais se encontra imersa: a da linguagem, por um lado, e a dos aspectos quantitativos e energéticos, por outro.

A questão da identificação dos fundamentos epistemológicos da teoria freudiana certamente não passou despercebida ao longo da história e ainda coloca-se como um significativo desafio. Figueiredo, a quem tomamos de empréstimo o termo “matriz de pensamento”, assinala a pluralidade de tradições das quais a psicanálise logra ser tributária sem, contudo, formar um ecletismo desarticulado, mas sim um conjunto integrado e original no qual se destacam aspectos de uma “fisiologia de índole mecanicista”, uma “biologia funcionalista” e ainda uma “visão organicista” assumida

em sua plenitude (Figueiredo, 2000, p. 95-6). Em contrapartida, Figueiredo aponta simultaneamente a aproximação da psicanálise com a hermenêutica e com a lingüística citando a crítica de Politzer sobre a suposta incapacidade de Freud de manter-se fiel ao projeto de uma ciência interpretativa (p. 105). Poderíamos dizer que, em linhas gerais, mesmo indicando uma multiplicidade de matrizes constitutivas do pensamento freudiano, Figueiredo acaba por agrupá-las em dois núcleos: de um lado, as matrizes funcionalista e organicista, de outro, as matrizes “compreensivas³”, em especial a romântica e a estruturalista (pp. 167-171). Não podemos deixar de indicar nesta passagem os elementos constitucionais que tomaremos no presente trabalho como critérios de análise dos fundamentos epistemológicos da psicanálise freudiana, ou seja, novamente a oposição entre linguagem (presente no cerne da matriz acima citada como compreensiva) e dos aspectos energéticos e quantitativos (que permeiam toda sorte de organicismo, funcionalismo, fisiologismo, naturalismo...).

Grünbaum, numa das críticas mais ferozes aos aspectos epistemológicos da psicanálise, distingue em sua análise igualmente duas linhas de abordagem possíveis para estes: de um lado, a vertente hermenêutica (representada por Ricoeur e Habermas) e, de outro, a das ciências da natureza. Segundo este autor, o apelo hermenêutico estaria diretamente vinculado a uma espécie de desejo romântico de “tornar as ciências humanas epistemologicamente independentes do tipo de explicação cognitiva representada pelas ciências da natureza⁴” (GRÜNBAUM, 1993, p. 87). Mesmo não compartilhando das mesmas conclusões as quais a leitura de Grünbaum o leva, parece-nos importante apontar que, em sua análise, é ao universo do *sentido* que o conjunto dos fatores explicativos e causais subjacentes às ciências da natureza se opõe.

Nossa escolha pelos termos *linguagem* e *aspectos quantitativos* (ou ainda *energéticos*) para caracterizar os dois pólos de oposição que utilizaremos neste trabalho se dá, antes de tudo, com o intuito de não operar a disjunção – tal qual Grünbaum o faz de bom grado – entre sentido e causalidade. Não se trata aqui do sentido como impossibilidade de abarcamento pelos preceitos científicos, ou ainda da interpretação enquanto processo não embasado metodologicamente, tal como Grünbaum parece

³ Expressão entre aspas no original.

⁴ Todas as citações feitas diretamente de textos originais feitos em língua estrangeira serão aqui traduzidas livremente pelo autor da tese. Tal medida, mesmo não sendo a ideal, é assumida pelo autor como risco inerente a sua leitura.

defender, mas sim, da diferenciação entre dois pólos agregadores de termos e concepções no edifício freudiano. Ao mesmo tempo, não podemos deixar de indicar o quanto a suposição da ruptura entre sentido e causalidade por si só já força a leitura em prol de uma cientificidade pretensamente encontrada apenas no modelo naturalista de ciência. Dito de outro modo, ao invés de opormos duas formas de operação teórica ou prática (a interpretativa ou hermenêutica, levando em conta o sentido, e a naturalista, que visa os aspectos quantitativos), nossa análise buscará enfrentar o desafio da *agregação e compatibilização* dos dois universos, ou seja, linguagem e quantidade/energética.

A atitude de não-oposição entre causalidade e sentido não poderia ter outra origem senão a defesa da postura tomada por Lacan frente à linguagem, sobretudo em seus primeiros trabalhos. E certamente não por coincidência, logo nas primeiras páginas de *Os Escritos Técnicos de Freud*, seu primeiro seminário, ao falar do surgimento do evento freudiano, Lacan dirá que “com a *Interpretação dos Sonhos*, efetivamente, algo de uma essência diferente, de uma densidade psicológica concreta, é reintroduzido, a saber, o sentido. (...) Nossa tarefa, aqui, é reintroduzir o registro do sentido, registro que é preciso reintegrar ao seu nível próprio.” (LACAN, 1953-1954/1986, p. 9). A reintrodução do registro do sentido exercida pela psicanálise se, por um lado, é facilmente verificada nos modos de abordagem do psiquismo que a clínica permite, por outro, parece igualmente ter seu contraponto no interior mesmo do freudismo, mais precisamente no entorno do chamado ponto de vista econômico e da série de conceitos a ele vinculados.

Dentre eles, o conceito de afeto nos parece o mais paradigmático da maneira alternante em que ora a linguagem, ora a energética assumem a proa da nau freudiana. Sem um estatuto conceitual bem definido, a direção do afeto é modificada ao sabor das marés. Em águas languageiras, aproxima-se da expressão e do sentido. Em meio aos aspectos quantitativos, tende a lançar suas velas rumo às noções de fluxo e descarga energéticos. Neste sentido, a pesquisa na qual a presente tese se insere procura demarcar critérios para o estudo e exposição das noções gerais que envolvem o conceito de afeto em psicanálise. Assim, num primeiro momento, destacamos que dentre as diferentes possibilidades de conceitualização do afeto na teoria freudiana podemos delimitar ao menos dois eixos de concepção dominantes: aquele, mais próximo dos ditos textos

metapsicológicos, que ressalta o aspecto quantitativo do afeto enquanto energia objetivável, e um segundo, mais ligado aos textos de cunho clínico, que aborda os fenômenos afetivos como sendo inerentes ao campo da linguagem⁵.

O primeiro eixo de concepção do afeto, conforme buscamos delimitar, tem seu esteio diretamente implicado num hipotético substrato energético-quantitativo, de ordem natural, descoberta esta adiada até os confins do (im)possível por Freud. É justamente a partir deste aspecto substancial que autores como Pribam & Gill (s/d), Sulloway (1998), Damasio (2000), Varela, Thompson & Rosch (2003) e Jeannerod (HOCHMANN & JEANNEROD, 1991) buscam aproximar a teoria freudiana dos ensejos de agregação da psicanálise às neurociências e às ciências cognitivas, posto que determinados neurocientistas tendem a apontar para um pretense “futuro próximo” a descoberta – sempre protelada – do substrato orgânico dos fenômenos afetivos. Retomaremos a questão de maneira mais específica quando tratarmos, logo abaixo, da abordagem quantitativa do afeto.

Em contrapartida, encontramos igualmente nos textos freudianos uma abordagem dos afetos que privilegia seu estatuto de linguagem. Defendemos, portanto, a retomada do diálogo entre psicanálise e teorias da linguagem na tentativa de considerar um estatuto *semiótico* para o afeto como alternativa ao *substancialismo* das retomadas neurocientíficas da obra freudiana. Entretanto, o eixo pertinente ao campo da linguagem, firmemente defendido por Lacan em seus anos estruturais, viu sua importância para o meio psicanalítico ser paulatinamente esvaziada na medida em que o autor marca seu distanciamento progressivo com a lingüística. Ao que pese nossa aposta na retomada do diálogo com teorias da linguagem como alternativa à caracterização do afeto em sua hipotética realidade quantitativa e objetivante, buscamos assentar nossa pesquisa na possibilidade do eixo languageiro/discursivo firmar um estatuto semiótico para que abranja também o ponto de vista econômico em psicanálise. Vale a ressalva de que os termos *linguagem* e *discurso* serão aqui utilizados como sinônimos e de maneira ampla, a fim de abarcar o conjunto de suas possibilidades de apresentação (p. ex.: discursos falados, visuais, pictóricos, oníricos, táteis, etc...). Já a *fala* deverá ser compreendida como uma das várias possibilidades do discurso/linguagem em ato. Tal

⁵ Haveria ainda uma possibilidade intermediária que propõe o afeto enquanto conceito operativo, porém, metafórico, que também será examinada.

distinção não difere daquela feita por Lacan com o intuito de abordar a *linguagem* enquanto *campo* e a *fala* como *função* (LACAN, 1953/1998).

Seguindo estas três direções indicadas para o estudo do afeto, apresentaremos no caminhar do texto o que consideramos serem na teoria freudiana suas leituras possíveis e prioritárias: a abordagem *quantitativa*, *metafórica* e *discursiva* do afeto. Pretendemos então traçar linhas de relação entre tais abordagens e seus aspectos epistemológicos subjacentes e conseqüentes. Deste modo, as duas primeiras abordagens serão analisadas neste capítulo, tendo a teoria freudiana e a maneira como esta vem sendo tomada como mote. Já a partir do segundo capítulo, buscaremos, através do diálogo com a teoria lacaniana e seus desenvolvimentos no campo da linguagem, abordar possibilidades de discussão do afeto em termos discursivos. Fazemos a ressalva que certos elementos que aqui serão examinados já foram de certo modo abordados na dissertação de mestrado e artigos publicados pelo presente autor. Entretanto, consideramos necessária a retomada desses, principalmente no que diz respeito à análise dos textos freudianos, para apresentar um quadro inicial do legado deixado por Freud a respeito do afeto e sua intrincada relação com a linguagem e os aspectos quantitativos. Além disso, muito do que será visto nos capítulos posteriores, em algum sentido, pode ser descrito como decorrência dos problemas teóricos que aqui serão levantados e examinados.

1.2. Abordagem quantitativa do afeto

Nas páginas seguintes, buscaremos oferecer um panorama de leituras do conceito de afeto na obra freudiana que tiveram como fio condutor seu aspecto quantitativo. Para tanto, retomaremos alguns textos e passagens chaves na construção do ponto de vista econômico em psicanálise sem, contudo, acompanhá-los à exaustão. Nosso percurso, assim colocado, se aterá mais às conseqüências históricas e epistemológicas da abordagem quantitativa do que necessariamente à reconstrução dos textos e conceitos envolvidos. O objetivo central deste tipo de análise não poderia ser outro senão o de depurar as balizas epistemológicas que sustentam e demarcam as abordagens quantitativas do afeto bem como seus reflexos no campo psicanalítico.

Difícilmente uma pesquisa que vise o estudo dos aspectos quantitativos e energéticos envolvidos na construção da teoria psicanalítica pode iniciar por outro ponto que não o *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1895a/1996)⁶. Peça central em toda tentativa de recomposição de cunho quantitativo da obra freudiana, é no *Projeto* que estão concentradas e reunidas de maneira explícita, diga-se de passagem, como nunca mais pôde ser visto em nenhum outro texto de Freud, as esperanças de construir uma nova ciência a partir de considerações – sobretudo – quantitativas. Nas próprias palavras de seu autor, o projeto nada mais seria que uma tentativa de construção teórica com o objetivo de satisfazer uma intenção primeira “de prover uma psicologia que seja ciência natural” (FREUD, 1895a/1996, p. 347). E seguindo a abertura desta obra, logo temos o esboço das condições epistemológicas que fundamentariam esta ciência. Antes de tudo, ela deveria ser organizada ao entorno de duas hipóteses gerais: (1) os processos psíquicos deveriam ser representados enquanto “estados quantitativamente determinados”, e, (2) estes estados se refeririam a “partículas materiais especificáveis”. Respeitadas ambas as premissas, a “clareza” e a “ausência de contradição” nada mais seriam que conseqüências de um método bem aplicado (p. 347).

Em suma, as análises do *Projeto* tendem a buscar apoio na consideração de ao menos uma das quatro questões interligadas: a primeira diz respeito à intenção científica que, embora indicada, não é discutida. Dito de outra forma, os pressupostos de *ciência natural* sob a visão de Freud não foram suficientemente bem revisados e examinados ao longo de sua obra. A segunda questão gira em torno da enigmática noção de quantidade e suas características. A terceira, não menos importante, é relativa à função dos aportes materiais no campo psicanalítico. E, por fim, a mais significativa em termos epistemológicos, a discussão sobre a continuidade ou ruptura do *Projeto* em relação ao restante da teoria psicanalítica. Consideramos esta como a mais significativa inicialmente porque seu exame não só abrange as questões anteriores como também permite conduzir uma análise dos textos posteriores ao *Projeto*. Porém, elas estão de tal forma interligadas que dificilmente as tomadas de partido quanto à continuidade ou não da influência desta obra no desenrolar da psicanálise (problema de número 4, conforme

⁶ Para facilitar a leitura, chamaremos o texto a partir daqui apenas de *Projeto*. Quanto ao título, interessante notar que, assim como ocorre com *O interesse científico da psicanálise* (FREUD, 1913b/1996), o adjetivo “científico” é acrescentado na tradução para o inglês, marcando assim a postura que lá fora tomada a respeito da obra freudiana. A tradução brasileira, feita através da inglesa, porta consigo as mesmas escolhas.

acima citado) deixariam de passar pela análise da *intenção naturalista* (1), do *aspecto quantitativo* (2) e da *hipótese material* (3)⁷. É sob este prisma que Plon, num prefácio extremamente crítico ao texto de Sulloway, nos apresenta o seguinte quadro:

Examinando a história das origens da psicanálise, Sulloway⁸ distingue duas tradições : segundo a primeira, Freud é o líder da marcha fisiológico-fisicalista da escola de Hermann von Helmholtz que participa com Ernst Brücke, Emil Du Bois-Reymond e Carl Ludwig, todos alunos de Johannes Müller, da renovação da fisiologia alemã na segunda metade do século XIX ; conforme a segunda, a descoberta da psicanálise não seria possível senão ao preço da rejeição, por parte de Freud, a partir de 1897, desta ancoragem no campo das ciências da natureza, fisiologia em primeiro plano, biologia em seguida. (PLON, 1998, p. XVI).

Retomando os termos que há pouco elencamos, a primeira tradição acima descrita seria justamente aquela que pressupõe a continuidade da *intenção naturalista* na obra freudiana, engajando-o no desenvolvimento histórico da corrente fisiológico-fisicalista. Já em relação à segunda, se ativermo-nos a escolha de expressões do autor, poderemos ver claramente a recusa não só da intenção de prover uma ciência nos moldes naturalistas como também, a partir da renúncia da aproximação com a fisiologia e biologia, a recusa das hipóteses quantitativas e materiais.

O leitor poderia, neste ponto, perguntar-se por qual razão o autor separa visivelmente a fisiologia do campo da biologia. A resposta provavelmente seria pelos mesmos motivos epistemológicos que o fazem aproximar a fisiologia da física. Tal operação não deixa de ser corroborada pelas escolhas teórico-conceituais feitas por Freud. Inerente à discussão maior da relação da teoria freudiana com a biologia, devemos destacar que há, principalmente nos textos iniciais de Freud (mas não somente), uma notável aproximação à corrente fisicalista, dominante na Viena durante seu período de formação enquanto pesquisador, que visava à construção de modelos explicativos a partir da redução dos fenômenos a determinantes de ordem física. É através desta corrente que, ao espírito de Freud, as noções de *energia*, *força* e *quantidade* se tornaram pertinentes. Importante ressaltar que para a corrente fisicalista do então chamado *Círculo de Viena*, cujas teses lhe foi permitido ter contato no

⁷ No presente texto daremos prioridade à questão do aspecto quantitativo, retomando os outros termos somente quando forem implicados no tema analisado.

⁸ Cfe. SULLOWAY, 1998, p. 11.

laboratório de Ernst Brücke⁹, a fisiologia apresentava-se como o elo preferencial entre os fenômenos biológicos e físicos, ou seja, como o ponto de união ideal das ciências da natureza. Tal intuito pode muito bem ser observado na maneira como Gabbi Jr. irá definir as principais características de uma “psicologia natural”, maneira pela qual ele entende o *Projeto* freudiano. Segundo o autor, esta psicologia: “(a) toma a física como modelo, (b) supõe que não haja diferença essencial entre fatos físicos e fatos psicológicos e (c) explica os processos pela sua gênese. Todas essas características, como o leitor pode constatar, estão presentes em *Entwurf [Projeto]*.” (GABBI JR., 2003, p. 19). Na seqüência do texto, Gabbi Jr. posiciona-se contrariamente – e em tom jocoso – às “crenças” segundo as quais a história ou a linguagem (ensejo o qual vincula aos lacanianos) poderiam ter servido de inspiração outra para a teoria freudiana.

Desta forma, a *intenção naturalista*, ou seja, a pertinência deste modelo epistemológico seria, para Gabbi Jr., prevalente na constituição do freudismo, sendo as hipóteses – quantitativa e material – suas conseqüências diretas. Assim, a noção de quantidade teria uma gênese, antes de tudo, epistemológica, uma espécie de exigência do método. Posição, ao nosso entender, compartilhada também por Assoun, pois, em suas palavras:

(...) não como uma *asserção* – constatação de que a psicanálise pertence ao rótulo *Naturwissenschaft [ciências da natureza]* –, mas como um *requisito*: ela *deve ser* tal, na medida em que, por toda parte, precisa expulsar os germes de irreduzibilidade dos fenômenos ditos “inconscientes” no método físico-químico. (ASSOUN, 1983, p.55, itálicos no original).

O método físico-químico enquanto requisito seria prioritariamente uma exigência epistemológica, o *deve ser* para *ser uma ciência*. Seguindo o mesmo raciocínio, dirá também que o “esquema energético já figurava em seu berço de nascimento científico” uma vez que em momento algum pareceria a Freud empregar de maneira ilegítima os conceitos da fisiologia e da física (p. 189) e que a vinculação às teorias de Fechner e Herbart o levaria a um hipotético “continuismo psicofísico” (p. 85).

Segundo o ponto de vista freudiano do *Projeto*, a ausência de contradições e a clareza seriam os resultados finais de um processo epistemológico cujo epicentro é

⁹ Sobre os antecedentes da pesquisa freudiana e suas relações com Brücke e Meynert, ver FREUD, 1925/1996, p. 17-20.

justamente seu encaminhamento metodológico tomado *a priori*. A própria disposição dos argumentos freudianos no *Projeto* corrobora esta hipótese: é da quantidade e suas características que o texto parte, sendo as qualidades – as únicas supostamente acessíveis pela consciência¹⁰ – um problema suplementar. Aliás, a grande dificuldade colocada na exposição teórica do *Projeto* é precisamente o da redução das qualidades até suas bases quantitativas, ou ainda, da relação fundamental entre quantidade e qualidade, sendo vários enfoques possibilitados pelo texto (de tradução, transcrição, conversão, paralelismo...). Uma vez assumido o aspecto quantitativo, caberá buscar os recursos teóricos que permitam sua presença enquanto peça chave da explicação. Para tanto, Freud lança mão de conceitos como os de “período” (FREUD, 1895a/1996, p. 362), “característica qualitativa” (p. 365), “prazer” e “desprazer” (p. 364) e até mesmo de um novo conjunto de neurônios: os “neurônios ω ” (pp. 361-3). Vejamos como Freud se posiciona a respeito:

Se nos ativermos com firmeza ao fato de que nossa consciência fornece apenas *qualidades*, ao passo que a ciência reconhece apenas *quantidades*, emerge, como que por regra de três, uma caracterização dos neurônios ω . Porque, enquanto a ciência se impõe a tarefa de reduzir todas as quantidades de nossas sensações a *quantidades externas*, é esperado, para a estrutura do sistema nervoso, que ela se constitua de instrumentos destinados a converter a *quantidade externa* em qualidade; e aqui triunfaria mais uma vez a tendência original a afastar a *quantidade*. (FREUD, 1895a/1996, p. 361, *itálicos no original*).

A ciência que reconhece apenas quantidades, a ciência do *Projeto* de 1895, sem dúvida alguma é uma ciência investida dos preceitos naturalistas. Ao mesmo tempo, a noção de quantidade aí presente corresponde inteiramente às exigências do modelo epistemológico, e é como tal que o aspecto quantitativo faz suas primeiras aparições em praticamente todos os textos freudianos do período anterior a 1900. A regra de três que exige a suposição dos neurônios de tipo ω serve fundamentalmente para preservar a conjectura de base de uma ciência que lida exclusivamente com quantidades. Aqui, não se trata de uma evidência da pesquisa ou de uma hipótese especulativa, mas sim da preponderância de um modelo epistemológico sobre a formulação das hipóteses

¹⁰ Freud retoma a questão da relação entre consciência (e suas lacunas) e método até os últimos momentos de sua obra. Ver, por exemplo, em *Esboço de psicanálise* (FREUD, 1938/1996, p. 210).

norteadoras do trabalho, caso que talvez não se repita novamente de maneira tão clara na história da psicanálise.

Porém, a questão não pode ser levada em conta de maneira reducionista. Dizer que há influências epistemológicas no *Projeto*, por mais fortes que elas possam ser, não é de modo algum critério satisfatório para considerar o campo psicanalítico todo sob o jugo das ciências da natureza, ou ainda, para confundi-lo com um plano neurocientífico perpassando a teoria freudiana do começo ao fim¹¹. Entretanto, não são poucos os autores que procedem deste modo. Em um artigo recente, Gomes (2005) nos diz a respeito que “Freud começou seus trabalhos sobre os fenômenos psíquicos admitindo a concepção de que estes são produzidos por – ou se identificam a – processos neurais. Isso fica bem claro no *Projeto de uma psicologia (...)*” (GOMES, 2005, p. 149). Logo, a identificação (ou proveniência) dos fenômenos psíquicos com os processos neurais seria o bastante para localizar um ponto de forte influência do naturalismo no *Projeto*, porém, sua conclusão vai bem mais além, como podemos ver no seguinte excerto: “Torna-se claro que, ao longo de toda sua obra, Freud considerou a atividade psíquica como tendo fundamento nos processos neurofisiológicos do cérebro.” (p. 151). O autor em questão lembra-nos ainda, a respeito da discussão sobre a epistemologia da teoria freudiana, que apesar de controvérsias de outros autores, segundo ele “o que nos concerne aqui é que esse naturalismo parece ter sido um ingrediente essencial de sua teoria.” (p. 151)¹².

De uma influência epistemológica a uma redução metodológica em menos de duas páginas, assim nos parece a velocidade de conclusão a qual o artigo em questão tenta nos levar. De fato, não é nenhum mistério a tentativa feita no *Projeto* de vincular o psiquismo à hipótese material subjacente às neurociências de sua época, ou seja, a localização e estudo das funções de diferentes grupos neuronais. Contudo, a hipótese material e as relações entre aparelho psíquico e cérebro não podem ser consideradas como moeda corrente da psicanálise freudiana, tal como Gomes parece apontar. Vejamos como Freud se posiciona quanto ao assunto em 1915, durante o curso de seus artigos sobre metapsicologia:

¹¹ Como nos parece ser o caso da seguinte afirmação de Pribam e Gill: “Os pressupostos de ciência natural de Freud no *Projeto* eram biológicos e neurológicos (...).” (PRIBAM & GILL, s/d, p. 162).

¹² Para Gomes, a própria noção de “aparelho” psíquico já seria o suficiente para apontar a inspiração naturalista da obra freudiana (GOMES, 2005, p. 153).

A pesquisa nos tem fornecido provas irrefutáveis de que a atividade mental está vinculada à função do cérebro como a nenhum outro órgão. Avançamos – não sabemos até que ponto – com a descoberta da importância desigual das diferentes partes do cérebro e de suas relações especiais com partes específicas do corpo e com atividades mentais específicas. Mas todas as tentativas para, a partir disso, descobrir uma localização dos processos mentais, todos os esforços para conceber idéias armazenadas em células nervosas e excitações que percorrem as fibras nervosas, têm fracassado redondamente. (FREUD, 1915c/1996, p. 179).

Em última instância, Freud faz aqui uma crítica severa ao ensejo localizacionista, em sua época representado pelas pesquisas de Brocca, Meynert e Wernicke. Mesmo que se possa dizer que, ao contrário, Freud estaria desde o princípio mais propenso ao modelo funcionalista de pesquisa neurocientífica de Hughlings Jackson do que às pesquisas de localização de lesões anatômicas, como o texto sobre *A interpretação das afasias*¹³ claramente nos sugere, qualquer interpretação de sua metapsicologia enquanto projeto neuroanatômico, segundo o que podemos concluir nas palavras do próprio autor, seria no mínimo forçada. Que Freud se posicione quanto à vinculação da atividade mental às funções cerebrais mais do que a outros órgãos, de fato não permite uma redução ao modelo neurocientífico sem com isso recair numa extrapolação metodológico-epistemológica. Nesse sentido, Pommier (2007) afirma que por mais que novos esquemas cerebrais possam ser postos em evidência, nenhum deles explicará o funcionamento psíquico sem que com isso tenha de se expor a erros metodológicos graves (p. 12). Aliás, o posicionamento freudiano quanto à importância da atividade cerebral não é o ponto crucial da passagem acima citada, mas sim, o reconhecimento do fracasso redundante de explicação dos fenômenos psíquicos através seja do localizacionismo anatômico (referente, no caso, às idéias armazenadas em células nervosas), seja do funcionalismo neurofisiológico (concernente às excitações que percorrem as fibras), tal como afirma Pommier. Como não haveria de ser diferente, em se tratando do fundador da psicanálise, esta posição poderá ser encontrada de maneiras mais sutis, como é o caso do “dependente concomitante” da obra sobre as afasias (FREUD, 1891/2003, p. 36). Retomaremos a questão quando tratarmos da abordagem discursiva do afeto.

Semelhantemente aos argumentos de Gomes, Gayon (2007), após uma sucinta definição do modo como o naturalismo se apresenta atualmente, dirá de maneira

¹³ FREUD, 1891/2003, pp. 30 e 36, p. ex., como veremos mais adiante no texto.

taxativa que “Freud era sem dúvida um ‘naturalista’” (p. 120). Seguindo sua descrição, o naturalismo tem passado da atitude defendida por pesquisadores como Patricia Churchland – autora de peso no campo das neurociências e que já vem pleiteando o termo “neurofilosofia” em seus trabalhos (CHURCHLAND et al., 1991) – de eliminar o vocabulário psicológico dos estados mentais para uma postura mais simples de tomar as ciências da natureza como modelo, utilizando seus esquemas explicativos e princípios metodológicos (GAYON, 2007, pp. 117-8). Novamente, o reconhecimento da *intenção naturalista* do *Projeto* é tomado pelo conjunto da obra freudiana, aqui, como uma espécie de mimetismo epistemológico que, em última instância, abriria as portas não para um diálogo entre métodos, mas para a retomada do discurso cientificista que visa à desconsideração de limites para a explicação naturalista. Segundo Gayon:

Como justamente sublinhou o filósofo Pierre Kerzberg, o naturalismo contemporâneo é mais uma posição metodológica do que uma doutrina ontológica. Ele repousa sobre o postulado heurístico de que não há em princípio limites para a explicação naturalista. Dito de outra forma, tudo o que existe, objetos, acontecimentos, e subentendido nossos estados mentais, com seu caráter eventual de abstração e de normatividade, é julgado acessível à investigação empírica e a uma explicação “natural”. A palavra “natural” reenvia aqui ao modo de conhecimento mais bem estabelecido o qual nós dispomos para conhecer o mundo, aquele das ditas “ciências da natureza”: física, química, biologia. (GAYON, 2007, p. 116, *itálicos no original*).

Como podemos observar nesta passagem de texto, os defensores de uma abordagem naturalista do freudismo costumam se reportar ao critério de cientificidade já instituído das ciências naturais como tábua de salvação para a psicanálise. Entretanto, três questões devem ser aqui distinguidas: em primeiro lugar, devemos sempre fazer a ressalva de que a pertinência do *Projeto* para o restante do edifício freudiano é uma questão tão polêmica quanto ainda não resolvida. Não seriam, então, um tanto quanto precipitadas declarações que objetivam subsumir a análise epistemológica da teoria freudiana ao estudo do *Projeto*? Tal nos parece ser a atitude de autores como Pribam & Gill (s/d), Sulloway (1998), Varela, Thompson & Rosch (2003), Solms & Kaplan-Solms (2005), Churchland et al (1991), Gauchet (1992), Dennett (1997), Damasio (1999, 2000), todos uníssonos em suas posições a respeito da prioridade dos pressupostos epistemológicos do *Projeto* no edifício freudiano. Veremos ao longo deste capítulo afirmações destes e outros pesquisadores que insistem nesta direção.

Em segundo lugar, o recurso constante da parte de Freud aos adjetivos e preceitos científicos não necessariamente o definem como um naturalista. Como dissemos anteriormente, a profundidade das relações entre naturalismo e cientificidade na teoria freudiana não foi ainda satisfatoriamente bem delimitada. Nesse sentido, estamos de acordo com Beividas (2000) ao afirmar que a cientificidade não foi uma questão para Freud (p. 32) que, a respeito, se ateve mais à qualificação das virtudes científicas desejáveis do que necessariamente à discussão metodológica (p. 29), e, acrescentamos ainda que em tais caracterizações, Freud nos fala de uma concepção de ciência muito mais nuançada, restrita, léguas de distância do poder ilimitado da explicação – como defende Gayon – posto que calcado na provisoriade e limite de alcance dos conceitos ditos científicos (sobre o assunto ver: FREUD, 1915a/1996, 1920/1996, 1933/1996, 1938/1996). Dito de outra forma, devemos lembrar que a discussão sobre a cientificidade, por um lado, e o cientificismo como defesa da superioridade dos argumentos colocados, por outro, são indiscutivelmente dois assuntos distintos. Por último, temos ainda que os conceitos e proposições de Freud levaram ao desenvolvimento de um campo próprio de investigação que, não obrigatória ou necessariamente, teria relações de “parentesco” com as neurociências. Dito de outra forma, a proximidade epistemológica que possa ser encontrada entre determinados conceitos psicanalíticos e os esquemas e procedimentos neurocientíficos não resulta invariavelmente em que tenham nascido no mesmo berço, nem em que o mesmo fim os espere. A não ser, é claro, que o diálogo seja forçado nesta direção.

Foi retomando o argumento do apoio na segurança epistemológica das ciências da natureza que Caropresso e Simanke (2008), recentemente, ao tratarem da questão da justificação do inconsciente freudiano, lançaram a seguinte proposta:

Pode-se, assim, não apenas resgatar uma página decisiva do desenvolvimento histórico da psicologia científica (nem sempre apreendida em todo o seu alcance, tanto dentro quanto fora dos círculos psicanalíticos), como também dispor de um padrão para avaliar a relevância atual da reflexão metapsicológica freudiana e a dimensão da contribuição que ela ainda pode oferecer para a discussão epistemológica em torno das possibilidades da constituição da psicologia como ciência, sobretudo da perspectiva naturalista sustentada tanto por Freud quanto, mais recentemente, pela psicologia e pelas ciências da cognição em geral. (CAROPRESSO & SIMANKE, 2008, p. 32).

Em suma, a justificação do conceito de inconsciente serviria como mote para retomar o curso científico “perdido” nos percalços da constituição do espaço psicológico. Para tanto, o retorno dos pressupostos naturalistas da teoria freudiana serviriam de apoio para o ressurgimento da psicanálise no rol das ciências da cognição. Em nome dos rumos da psicologia em geral, caberia à psicanálise, segundo os autores acima citados, realinhar-se de acordo com suas bases naturais e adentrar no projeto naturalista para, enfim, garantir sua cientificidade. Certamente a questão da cientificidade da teoria psicanalítica está ainda em aberto e suas possibilidades, bem como suas conseqüências, ainda necessitam de exames aprofundados¹⁴. Porém, convém perguntarmo-nos: a cientificidade nos moldes das ciências da natureza seria tão premente para o método psicanalítico? A rigor, como bem coloca Hoffmann (2007), e a título de definição sobre o as pretensões naturalistas, sem que o autor endosse tal pretensão, devemos dizer que a “corrente naturalista das ciências nos propõem hoje o retorno à Natureza onde *os fatos mentais não seriam mais distintos dos fatos físicos*” (p. 29, itálicos no original). E não necessariamente se trata aqui do regresso de uma espécie de continuísmo psicofísico, mas sim, da indiferenciação entre os dois níveis de fenômenos, o que permitiria o reducionismo irrefreável, e, por fim, a subsunção dos conceitos psicanalíticos aos modelos explicativos das neurociências. A identificação da totalidade dos fatos mentais aos fatos físicos, o cerne do projeto naturalista segundo Hoffmann, faria com que a prioridade das pesquisas sobre o psiquismo recaísse na localização de seus processos numa ordem que escapa ao conhecimento e à prática psicanalítica, a saber, os esquemas propriamente neurocientíficos. É neste sentido que uma série de pesquisas, sendo que algumas já pleiteiam o título de “neuro-psicanálise” (SOLMS & KAPLAN-SOLMS, 2005, por exemplo), começam a delinear possibilidades de reinterpretar os principais conceitos psicanalíticos na dita novíssima linguagem “neuro”. Assim, Andrade (2003) expõe um quadro explicativo para o afeto em termos de dispositivos cerebrais de biorregulação através da interação corpo/ambiente sob a égide dos fenômenos bioquímicos de um psiquismo “exclusivamente corporal” (p. 74). Atitude muito semelhante à de Damasio (2000), na suposição de autonomia dos

¹⁴ Não trataremos diretamente da questão específica da cientificidade – ou a-cientificidade – da psicanálise. Para tanto, endereçamos o leitor a: Lacan (1964/1998 e 1966/1998), Milner (1996), Dor (2004) ou ainda, para um panorama geral, a coletânea de artigos organizada por Pacheco Filho, Coelho Jr. & Rosa (2000).

“marcadores somáticos”, ou ainda, ao automatismo maquínico proposto por Changeux (2003 e CHANGEUX & CONNES, 2000) na aproximação do cérebro com a programação computacional.

Retornando ao exame do texto de Caropresse & Simanke, temos que os autores relativizam de certo modo o peso de sua “aposta naturalista” ao denunciar que tal atitude “não implica recair num empirismo grosseiro, nem tampouco numa redução generalizada desse domínio às suas determinações físico-químicas ou qualquer coisa desse tipo” (CAROPRESSO & SIMANKE, 2008, p. 49). Porém, tal aposta, definida como numa “estratégia filosófica e cientificamente fecunda” na construção de uma ciência da mente alinhada com os avanços mais atuais, não tem seu percurso demonstrado, ou mesmo indicado. Deixa, isto sim, linhas de constituição acenadas, mas para um diálogo desigual, uma vez que caberia à psicanálise tão somente o realinhamento de seus preceitos epistemológicos, no retorno ao naturalismo, para capacitá-la a adentrar no seio das ciências confortavelmente estabelecidas.

Ao defender esta estratégia epistemológica, os autores fazem uso incessante dos ideais científicos – e da propaganda de suas características – e do anúncio, que beira o promocional, da atualidade, da boa nova, do avanço em detrimento da maneira supostamente “antiga” dos procedimentos em psicanálise. Poderíamos identificar este tipo de linha argumentativa como uma *isotopia do moderno*¹⁵. O freudismo, ao lado das novas ciências da mente, seria como uma versão “high tech” da já envelhecida psicanálise. Para tanto, haveria a necessidade de retomar o *Projeto*, sobretudo, para fazer com que o percurso freudiano se volte a sua suposta origem – perdida e obliterada – de ciência natural a partir de seus principais textos e conceitos. Tal disposição nos parece poder ser encontrada na forma com a mesma dupla de autores, dois anos antes, apresenta em outro artigo o exame epistemológico dos conceitos de pulsão de morte e do princípio de inércia. Segundo eles:

Os dois conceitos são formulados a partir de considerações totalmente diversas: o princípio de inércia, no contexto de uma descrição estritamente mecânica do organismo e das funções neurais e psíquicas; a pulsão de morte, no âmbito de

¹⁵ O termo isotopia é tomado aqui de acordo com a teoria semiótica e, segundo Hénault (1979/1993), se refere à resultante da repetição de elementos de significação numa mesma categoria semântica (p. 81). Sua função, portanto, é a de promover o desenvolvimento discursivo através da conjunção de encadeamentos (p. 83). Aqui, a *isotopia do moderno* se refere à linha discursiva guiada pela agregação de valores semanticamente ligados à concepção de “novidade tecnológica”.

uma especulação biológica que procura inscrever a tendência a uma anulação absoluta de qualquer estado de tensão na própria lógica da vida. (CAROPRESO & SIMANKE, 2006, p. 208).

Não podemos dizer que a seqüência do artigo em questão nos reserve maiores surpresas. Assim como os conceitos de pulsão e de princípio de inércia são aqui redirecionados a bases epistemológicas naturais (seja a das funções neurais e psíquicas, intencionalmente igualadas na citação acima, seja a da especulação biológica), a continuidade do texto apresentará noções como as de “ligação” (*Bindung*), “representação”, “eu”, “dor” obedecendo a mecanismos e critérios absolutamente de acordo com o modelo quantitativo das ciências da natureza (p. 212, por exemplo). Ora, por mais que possamos identificar nos textos freudianos os elementos para uma discussão em termos naturais, o continente freudiano é suficientemente vasto, como pretendemos delinear ao longo da tese, para permitir o mesmo diálogo em termos discursivos, sendo assim absolutamente necessário que apostas epistemológicas sejam feitas de maneira explícita ao abordá-lo.

No caso do artigo acima citado, não podemos deixar de apontar o modo como a escolha de termos e conceitos acaba por engajar a análise no sentido de uma defesa do modelo naturalista e de pretensões científicas. Há, neste tipo de abordagem quantitativa dos conceitos fundamentais da psicanálise, uma espécie de projeto de apresentar o freudismo como uma conseqüência direta de hipóteses neurocientíficas de base, do qual a conclusão óbvia seria forçar uma guinada epistemológica na direção do naturalismo teórico e prático que visa, acima de tudo, a negação da diferença de estratos entre o físico e o mental. É deste modo que Gomes conclui, a partir da hipótese material do *Projeto* e sua subsequente utilização de mecanismos físicos (identificados pelo autor como “neurais”), sobre a totalidade da relação mente-cérebro em Freud: “(...) sua posição geral sobre a relação mente-cérebro não mudou, ao longo de sua obra. Não há, para ele, incompatibilidade entre o mental e o físico.” (GOMES, 2005, p. 153). E, não por coincidência, o ponto de encontro mais comum entre os estudos que objetivam a referida identificação entre mental e físico acaba por ser justamente o enfoque nos conceitos pertencentes ao *ponto de vista econômico* do freudismo.

É através de conceitos como os de *afeto*, *pulsão*, *catexia*, *investimento* e *libido* (entre outros) que os autores que defendem uma abordagem naturalista da psicanálise

buscarão apresentar modelos que visam, sobretudo, à sua redução quantitativa. Como vimos anteriormente, este é o link que permite uma postura de assimilação do mental pelo físico creditada a Freud. Seguindo esta perspectiva, Pribam & Gill atacam a base do aparelho psíquico freudiano, dando-lhe um fundamento supostamente neurocientífico ao afirmar que “a distinção de Freud entre idéias e afetos é de ordem neurológica, não de significado psicológico (...)” (PRIBAM & GILL, s/d, p. 163). Uma vez que afeto e idéia – ou representação, em alusão ao vocabulário freudiano – têm como substrato e critério de diferenciação apenas fenômenos de ordem neurológica, como poderíamos deixar de ver aí uma tentativa de absorção do aparelho psíquico freudiano no rol das neurociências? Alheios aos eventos de cunho discursivo, afeto e representação nada mais seriam que elementos derivados diretamente da ordem física, logo, natural.

Da mesma forma, Rossi (2005) defenderá a noção segundo a qual “representação e afeto correspondem às duas noções básicas do *aparelho psíquico* do *Projeto...*: o neurônio corresponde à representação, a quantidade ao afeto.” (p. 93, itálicos no original). Indo ainda mais longe, ao igualar a representação ao neurônio e a quantidade ao afeto, Rossi aparenta não deixar espaço para elementos que não estejam por si próprios inclusos na rede neural, no funcionamento maquínico do aparelho. Dirá ainda, a respeito dos processos de recalque e defesa que “o que se efetua no plano afetivo e quantitativo é que fornecerá a chave de todo o fenômeno.” (ROSSI, 2005, p. 93). Em resumo, aos destinos do aspecto quantitativo, ou, melhor dito, do *afeto*, corresponde o funcionamento do psiquismo. Importante ressaltar que, apesar do texto se tratar de uma abordagem relativa ao *Projeto*, Rossi não demonstra receio em deixar transparecer a esperança de generalização da leitura quantitativa para o restante da teoria psicanalítica. Por tal motivo, a autora sublinha como uma característica “intrinsecamente dinâmica” da representação em Freud o predicado de ser “uma concepção que comporta necessariamente um elemento quantitativo e afetivo.” (p. 97). Revisando seu itinerário, podemos dizer que, em primeiro lugar, a autora define a representação no *Projeto* como identificada ao neurônio para, logo em seguida, apresentar como grande legado do conceito em Freud a sua vinculação com o aspecto quantitativo. Assim, nada escaparia ao circuito energético, pois, como podemos observar, a autora credita mesmo o aspecto representacional a uma origem conceitual na

ordem física. Logo, de uma forma sub-reptícia, seríamos levados a reencontrar a concepção quantitativa do *Projeto* para além de seus limites, como se não houvesse alternativa para a força de sua herança epistemológica. Novamente, a escolha dos termos, conceitos e textos é colocada de modo a direcionar o diálogo no sentido de uma redução da teoria freudiana a um naturalismo intrínseco.

De nossa parte, defendemos a noção pela qual se torna necessário analisar os aspectos quantitativos e energéticos em relação à concepção de afeto aquém e além do *Projeto*. Isto porque há uma ruptura fundamental em ao menos um ponto definido na base do intuito que o texto de 1895 comporta: a hipótese material perde sua pertinência no restante da composição do freudismo. O aparte neuronal não encontra espaço definido na teoria freudiana na medida em que os pressupostos essenciais desta são lançados. Mesmo que se defenda que a presença de um fator tópico no modo de apresentação metapsicológica possa representar um retorno virtual do aporte material na teoria freudiana, devemos apontar o quanto esta tópica foge a todos os parâmetros aceitáveis por parte de um esquema neurocientífico. A constituição da tópica freudiana – tanto a primeira quanto a segunda – está muito mais estreitamente ligada ao discurso, através da exposição de suas leis de funcionamento (que, tais como estruturas, fundamentam o ponto de vista tópico) do que necessariamente ao aparelho biológico humano enquanto base.

Entretanto, o aspecto quantitativo, que delimitamos neste texto como uma das hipóteses constituintes do *Projeto*, persiste ao longo da construção da teoria freudiana. É nesse sentido que o afeto acaba por se tornar o fiel da balança epistemológica quanto ao freudismo: segundo a leitura de pesquisadores que aderem à *intenção naturalista* do *Projeto* e que assumem o pressuposto de identificação entre as ordens físico e mental, o afeto é considerado como o principal elemento de uma hipótese quantitativa que prova a persistência do texto de 1895 na elaboração das principais teses psicanalíticas. Já segundo a apresentação de autores que lançam mão de outras referências epistemológicas (principalmente aquelas ligadas a matrizes de pensamento discursivas), o conceito de afeto pode ser visto justamente como a passagem da predominância da abordagem quantitativa em Freud para a possibilidade de superação da intenção do *Projeto* através da preponderância dada à linguagem na elaboração do edifício

psicanalítico. Roudinesco (2000) apresenta de uma maneira bastante instrutiva a forma alternante com que estas duas posturas podem ser evidenciadas:

Para os freudianos clássicos, esse manuscrito representa apenas uma etapa na construção de uma verdadeira teoria do inconsciente, libertada de qualquer substrato cerebral. E, se Freud rejeitou o texto, a ponto de nunca mais pedi-lo de volta a seu amigo Wilhelm Fliess, isso decerto significa que, mesmo abandonando-a, ele sempre foi atormentado pela tentação de uma “naturalização” da ciência do psiquismo. Por isso, o *Projeto* ficou como uma espécie de fantasma invisível, atravessando sem cessar todos os escritos freudianos. (ROUDINESCO, 2000, p. 64).

De um lado, o rechaço do *Projeto* no caminho para uma teoria do inconsciente independente do aporte neuronal. De outro, a tentação epistemológica freqüente de inflectir seus conceitos para a verve naturalista. O “fantasma invisível” do *Projeto*, do modo como temos encaminhado nossa pesquisa, nada mais seria do que a tensão entre o afastamento da hipótese material e a manutenção do aspecto quantitativo, sendo que o terceiro item deste problema, a intenção naturalista, tende para ambos os lados – defesa ou rechaço – em função dos propósitos de cada texto. O conceito de afeto é resultado do conflito entre essas possibilidades de abordagem.

Conforme Assoun (1996) nos propõe, a noção de um “processo psicofisiológico” capaz de portar em si um elemento representacional e outro afetivo é tributária dos *Princípios de psicologia fisiológica* de Wundt (p. 152). Nesta obra, Freud teria encontrado então o modelo conceitual que lhe fora útil nas primeiras abordagens do conceito de afeto. Da mesma forma, é também na matriz fiscalista que Plastino (2001) considera que a “intuição fundamental” de Freud foi gerada, em se tratando do afeto, priorizando o seu caráter quantitativo através da concepção de energia de investimento (pp. 170-1). Com efeito, se a vinculação com o modelo naturalista foi influente a ponto de prover um modelo inicial para o conceito de afeto, e, ao mesmo tempo, se a proximidade de Freud com as teorias fiscalistas permitiu a adoção do aspecto quantitativo na compreensão dos fenômenos ligados ao psiquismo, o resultado final deste preâmbulo epistemológico deve ser compreendido não somente como a concepção quantitativa do afeto, mas também, na sua tensão com o aspecto representativo. As possibilidades que cada texto freudiano abrirá para dissociar ou aproximar a intensidade

(aqui representada como quantidade) do sentido (como representação) serão de extrema importância para a compreensão da abordagem do afeto em questão.

Numa de suas primeiras aparições na obra de Freud, a noção de *quota*, *quantidade* ou *carga* de afeto (traduções possíveis para o termo corrente *Affektbetrag*) já porta em si a finalidade de dar conta da intensidade vinculada ao sentido. Em *Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas* (FREUD, 1983a/1996) o conceito é apresentado da seguinte forma:

Todo evento, toda impressão psíquica é revestida de uma determinada carga de afeto (*Affektbetrag*) da qual o ego se desfaz, seja por meio de uma reação motora, seja pela atividade psíquica associativa. Se a pessoa é incapaz de eliminar esse afeto excedente ou se mostra relutante em fazê-lo, a lembrança da impressão passa a ter a importância de um trauma e se torna causa de sintomas histéricos permanentes. (FREUD, 1893a/1996, p. 215).

Assim, temos um quadro no qual todo evento, ou impressão psíquica, tem como uma de suas características fundamentais a possibilidade virtual de adquirir, de ser recoberto de uma quantidade de afeto. Entretanto, esta quantidade não tem necessariamente a mesma origem do evento psíquico ao qual se atrela. Enquanto os eventos psíquicos são pertinentes no nível de relação entre o psíquico e a realidade exterior, a quantidade de afeto deve ser aqui compreendida como um capital interno, gerido pelo ego, mas referente à capacidade orgânica de produção de excitação. Se, por um lado, é à quantidade de afeto que Freud irá lançar mão para dar conta da intensidade e da subjetividade da expressão, por outro, fará desta noção o ponto de apoio para a redução dos fenômenos subjetivos (psicopatológicos ou não) ao aporte físico. Na medida em que o sentido do aparelho psíquico é tomado como tendência a afastar a quantidade¹⁶, o funcionamento do aparelho é, de certo modo, regulado pela sua capacidade de escoamento da carga de afeto (seja pela ação motora eficiente, seja pela associação). Como numa regra de três, temos que a gênese dos fenômenos psicopatológicos deve ser buscada nos pontos em que o escoamento não foi possível, ou seja, tal abordagem quantitativa do afeto prima pela resolução destes fenômenos no nível dos influxos energéticos. É deste modo que Freud verá no estancamento das cargas afetivas a origem do trauma psíquico (p. 215-6) e das dificuldades no processo associativo (p. 214). O mesmo movimento conceitual quanto ao afeto pode ser visto em

¹⁶ No *Projeto* isso é chamado de “princípio de inércia neuronal” (FREUD, 1895a/1996, p. 348).

outros textos contemporâneos a este, como no primeiro e terceiro capítulo dos *Estudos sobre a histeria* (1893b/1996), em *Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”* (1895b/1996), na *Carta 52* (1896a/1996)¹⁷, e também de acordo ao que já foi apresentado aqui em relação ao *Projeto*, somente para citar alguns exemplos mais facilmente evidenciáveis. Em todos eles, a questão é indicada de maneira semelhante, mostrando a proximidade do conceito de afeto ao de *excitação*. A noção de excitação ou “soma de excitação” poderia ser vista como um correlato biológico da noção de quantidade no *Projeto* e, sem surpresa, por determinadas vezes é apresentada no texto como sinônimo ao conceito de quota de afeto, como é o caso mais específico do texto sobre a *Repressão* (FREUD, 1915b/1996), como veremos adiante. Mais do que um único conceito, o que passa a ser delineado é uma compreensão basal de um aspecto quantitativo, uma noção que irá ser apreendida regionalmente por diferentes termos, a *quantidade* perpassando a obra freudiana e deixando sua impressão em seus pressupostos¹⁸.

Retornando à análise que estávamos conduzindo, a concepção energética do afeto que esboçamos a respeito de textos como o *Projeto* e *Algumas considerações para um estudo comparativo...* é por várias vezes retomada por Freud ao longo de sua obra. Assim, em *Estudos sobre a histeria* (1893b/1996), Freud irá assentar na “reação energética” (p. 43) e na capacidade de descarga de afetos (p. 44) as condições de resiliência perante os fenômenos histéricos. Novamente, o trauma deve ser visto como resultado da impossibilidade de escoar a quantidade, ou seja, de seu represamento incidindo sobre a representação traumática. Fala-se, então de *afeto estrangulado* (p. 52) como de um rio barrado em seu curso. Porém, ainda mais importante, e ao que devemos nos ater, é justamente um dos destinos possíveis a esta quantidade represada: o desvio desde seu traço mnêmico em direção a uma “inervação somática” (p. 298). Um adepto do naturalismo freudiano nos indagaria: como não ver nessa abordagem do afeto um recurso para a assimilação dos fenômenos mentais e psicopatológicos ao seu suposto

¹⁷ Na carta a Fliess, Freud apresenta a questão da regulação quantitativa notadamente como uma crença a ser sustentada: “Pois sustento firmemente a crença numa tendência ao ajustamento quantitativo. Cada transcrição subsequente inibe a anterior e lhe retira o processo de excitação.” (Freud, 1896a/1996, p. 283).

¹⁸ É nesse sentido que Barros entenderá a “soma de excitação” como princípio para a redução neurofisiológica: “com o conceito de *Soma de Excitação*, Freud introduziu na teoria psicanalítica o fator *intensivo* da energia de excitação neurônica – de que necessitava para, à semelhança de Jackson, formular a Neurofisiologia como uma Física do Sistema Nervoso.” (BARROS, 1998b, pp. 62-63, itálicos e maiúsculas no original).

aporte físico? Como estamos evidenciando nestes comentários, é justamente sobre pontos como este que estratégias de abarcamento da psicanálise às neurociências acabam por se dar. Vejamos o seguinte excerto desse mesmo texto sobre a histeria:

Como explicamos na “Comunicação Preliminar” que aparece no início deste volume, consideramos os sintomas histéricos como efeitos e resíduos de excitações que atuaram sobre o sistema nervoso como traumas. Não há permanência de resíduos dessa natureza quando a excitação original é descarregada por ab-reação ou pela atividade do pensamento. Não é mais possível, a esta altura, evitar a introdução da idéia de quantidades (ainda que não mensuráveis). Devemos considerar o processo como se uma soma de excitação, atuando sobre o sistema nervoso, se transformasse em sintomas crônicos, na medida em que não fosse empregada em ações externas na proporcão de sua quantidade. (FREUD, 1893b/1996, p. 116).

Aqui, como Freud tende a conduzir a discussão, a noção de quantidade subjacente à abordagem ora empregada para os fenômenos ditos afetivos deve ser vista como uma inferência necessária, contingente ao material estudado, em suma, como uma *evidência* de pesquisa. Entretanto, como já apontamos anteriormente, as exigências de cunho epistemológico mostraram-se, no mínimo, tão relevantes quanto ou mesmo anteriores. Além disso, devemos ressaltar que a evidência que Freud alega encontrar, do modo como é descrita, está inteiramente subsumida à máxima de que “os histéricos sofrem principalmente de reminiscências” (p. 43), ou seja, que seus sintomas têm uma etiologia psíquica. Toda a suposição que então se segue – da atuação da soma de excitações no sistema nervoso, da ab-reação, da quantidade – deve-se muito mais ao esquema epistemológico então empregado em suas pesquisas do que necessariamente à constatação de um dado observacional forte.

Na medida em que as concepções referentes aos procedimentos avançam no percurso freudiano, a tendência mais visível sobre o tema é justamente a nuance quanto ao rigor na utilização do recurso explicativo diretamente vinculado à noção de quantidade. Simultaneamente a isso, o ponto de vista econômico vai paulatinamente se concretizando ao redor destas noções, estabilizando os conceitos de quota de afeto e de soma de excitação, em detrimento do termo quantidade apresentado pura e simplesmente. Abre-se, assim uma margem conceitual, a partir da compreensão dos procedimentos que estes conceitos envolvem, ou seja, a quantidade vai deixando de

apresentar-se numa espécie de estado bruto e passa a formas mais nuançadas de definição.

Uma forma interessante de observar este movimento é recorrer à releitura de Freud sobre o tema. Vejamos, por exemplo, o que em 1923, no verbete sobre psicanálise, o autor nos fala a respeito dos *Estudos sobre histeria*: “desde o início, o fator do *afeto* foi trazido para o primeiro plano: os sintomas histéricos (...) surgiam quando um processo mental com pesada carga emocional era de alguma maneira impedido de nivelar-se ao longo do caminho normal que conduz à consciência e ao movimento (...).” (FREUD, 1923/1996, p. 254, *itálicos no original*). Ressaltemos aqui algo digno de nota: a inclusão da expressão “carga emocional” para a retomada do texto sobre a histeria. Trata-se aqui, claramente, de uma releitura atravessada pelos temas desenvolvidos durante exatos trinta anos de pesquisa sobre os fundamentos da psicanálise.

Caso semelhante pode ser encontrado em *Um estudo autobiográfico*, de 1925, no qual Freud retoma a importância da ênfase dada pelo então novíssimo método psicanalítico “à significação da vida das emoções” antes de mencionar a introdução dos fatores dinâmicos e econômicos do afeto (FREUD, 1925/1996, p. 28). Conflito de matrizes de pensamento? Não necessariamente, ao menos segundo o ponto de vista freudiano. A significação na origem dos sintomas histéricos quando colocada lado a lado com a dinâmica do “repressamento do afeto” e com a hipótese econômica reduzida à “transformação de uma quantidade de energia” nos permite observar o quanto tais linhas de abordagem apresentavam-se ao espírito de pesquisa freudiano como reversos da mesma moeda. Entretanto, como o próprio autor aponta, a “teoria fisiológica” de Breuer cedeu lugar para a visada sobre os conflitos de forças a partir da “atuação de intenções e propósitos” (p. 29). Assim, o uso do vocabulário quantitativo vai progressivamente entrando em conformidade com a abordagem clínica, e, conseqüentemente, com termos de caráter discursivo.

Voltando no tempo, podemos apontar igualmente tais alterações a partir de algumas passagens do texto *Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”* (1895b/1996). Neste texto, Freud emprega seu exame sobre a angústia – e suas diferentes aparições no *afeto* ou na *neurose* – furtando-se de referências específicas às quantidades ou às hipóteses

materiais. Deste modo, percebe-se nitidamente como a forte inflexão sobre a temática da sexualidade dissipa o termo quantidade numa diversidade de conceitos, em especial, os de afeto (p. 99), libido¹⁹ (p. 110) e excitação somática (p. 112-3). De certa forma, é preciso reconhecer que a constituição do ponto de vista econômico freudiano é tributária, em determinados aspectos, da elaboração e refinamento destes conceitos que, apesar de adquirirem especificidades, parecem ter mantido consigo a marcas de sua origem fisicalista. Contudo, torna-se igualmente necessário precisar o alcance de tal legado epistemológico, pois, não são poucos os usos abusivos que dele vem sendo feitos. Vejamos como Sulloway configura os termos envolvidos na delimitação do ponto de vista econômico:

Como já expliquei (...), a hipótese fundamental de Freud de um “quantum de afeto” móvel, submetido à descarga e obedecendo à lei da “constância” psíquica, constituía o meio de sua metapsicologia econômica e dinâmica. O que é aqui de um interesse todo particular, é o modo como estas hipóteses fisicalistas fundamentais permitem a Freud, nos anos 1890, afirmar com uma grande certeza – a despeito do campo restrito de suas investigações clínicas – que nem ele nem ninguém se encontrará jamais confrontado com formas não sexuais de neurose. (SULLOWAY, 1998, p. 83).

Não podemos deixar de sublinhar a expressão utilizada – a de “hipóteses fisicalistas fundamentais” – para caracterizar a delimitação de uma carga de afeto móvel no cerne da compreensão freudiana de aparelho psíquico. Igualmente, a retomada da noção de “constância psíquica”, ao lado da mobilidade quantitativa, serviria como modelo ideal de regulação de um aparelho *econômico* – posto que definido em critérios quantitativos – e *dinâmico* – em função de sua orientação ser vinculada aos movimentos de carga e descarga. E não é de todo desprovida de razão a relação desenhada por Sulloway entre os textos da década de 1890 – do surgimento, portanto, do campo psicanalítico – e a leitura *standard* que se faz dos artigos metapsicológicos. Isto porque o ponto de vista econômico, reafirmado na base da metapsicologia, explicita a consolidação das teses de cunho quantitativo na teoria freudiana. E, poderíamos dizer, até mesmo com certa prevalência, uma vez que o ponto de vista dinâmico tal como fora

¹⁹ Freud define a concepção de libido como “um termo empregado na teoria dos instintos para descrever a manifestação dinâmica da sexualidade” (FREUD, 1923/1996, p. 271).

delineado na metapsicologia também é fortemente relacionado aos aspectos quantitativos²⁰.

Mas, para não darmos um salto demasiado grande e, portanto, infundado, convém um balanço mais matizado do período entre estes dois períodos. Para a temática que aqui nos concerne, há pelo menos três eventos importantes que deverão ser integrados ao ponto de vista econômico na sua passagem dos textos da década de 1890 para os artigos sobre metapsicologia (1915). O primeiro deles é praticamente concomitante com o surgimento do método psicanalítico, a saber, a admissão das teses freudianas sobre a sexualidade na etiologia das neuroses (FREUD, 1893b/1996, 1896b/1996, 1898/1996, 1906/1996). No que diz respeito à sexualidade, a gama de opções conceituais tem de ser alargada significativamente para dar conta dos fenômenos subjetivos que a clínica oferece sem cessar. Assim, vemos progressivamente a inserção de conceitos mais elaborados em termos discursivos na medida em que os procedimentos clínicos vão sendo constituídos. No texto *A etiologia da histeria* (1896b/1996), por exemplo, vemos noções como as de “símbolo mnêmico” (p. 190), “conflito psíquico” (p. 206) e “lembrança inconsciente” (idem) tomar a proa das considerações teóricas de então, em detrimento de concepções mais fortemente arraigadas no caráter quantitativo e energético. Mesmo quando estes se fazem presentes, como podemos ver no texto sobre *A sexualidade na etiologia das neuroses* (1898/1996), não é difícil perceber a proeminência de contornos mais trabalhados, o que resulta no uso de concepções tais como as de *libido* e *angústia* (p. 256) para dar conta, por exemplo, das “impressões referentes à vida sexual” (p. 266). A modificação de postura quanto ao tema é, de certa forma, ratificada pelo próprio autor em *Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses* (1906/1996). Aqui, ele aponta sutilmente a passagem do entendimento fechado do surgimento da histeria no “afeto estrangulado” e sua subsequente transposição em inervação somática (p. 259) para o atravessamento no processo de formação dos sintomas pelas “fantasias” e “lembranças infantis”, no que seria a transição da localização do fator etiológico dos “traumas sexuais infantis” para o “infantilismo da sexualidade” (p. 261). A temática da sexualidade e sua relação com a etiologia das neuroses, conseqüentemente, acaba por

²⁰ É nesse sentido que Pasche descreve a “*Weltanschauung*” inerente à metapsicologia como realista em sua base (PASCHE, 1985, p. 12).

exigir da parte de Freud um aprimoramento técnico e conceitual no que diz respeito aos aspectos quantitativos.

O segundo evento a ser destacado em relação a esse período é referente à constituição de modelos propriamente psicanalíticos visando à compreensão do funcionamento anímico. E destacamos ao menos três obras em que a investigação freudiana, digna do momento de fundação das bases do campo psicanalítico, conduz o mestre vienense a um entrelaçamento profundo de suas teses aos fatos de ordem discursiva. São eles: *A interpretação de sonhos* (1900/1996), *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901a/1996) e *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905b/1996). Como bem aponta Beividas (2006), principalmente com *A interpretação de sonhos*, a Freud torna-se permitido circunscrever a técnica analítica na *imanência do discurso*. E veremos nos próximos capítulos como tal atitude intervém – ou poderia intervir – na abordagem do afeto.

O terceiro evento que destacamos, e que nos conduzirá igualmente à discussão dos aspectos epistemológicos ligados à metapsicologia, é a introdução do conceito de *pulsão*. Vejamos como Freud, já em 1905, apresenta o conceito em seus *Três ensaios sobre a sexualidade*:

Por “pulsão” podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas *fontes* somáticas e seus *alvos*. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico. (FREUD, 1905a/1996, p. 159).

Neste pequeno excerto do texto, Freud expõe com precisão os componentes fundamentais da pulsão, como que antecipando em quase uma década a descrição feita em *Os instintos e suas vicissitudes*: alvo (ou finalidade), fonte, objeto e pressão (1915a/1996, p. 127)²¹. E, na seqüência do texto, a hipótese de “diferenças químicas” na

²¹ Apesar de não concordarmos com a tradução de “*trieb*” por instinto, como ocorre na Edição Standard Brasileira, nas vezes em que for citado, manteremos o título do texto tal como lá se afigura para facilitar

constituição da diferença entre pulsões é lançada como que despretensiosamente, em caráter dito provisório, porém, reforçando a importância da noção de excitação, de estímulo orgânico (FREUD, 1905a/1996, p. 159).

Importante notar que o surgimento do conceito de pulsão, mesmo em textos anteriores²², se dá num contexto de discussão marcadamente diferente daquele em que a quota de afeto e a quantidade começam a se fazer presentes no campo freudiano. Em outras palavras, é no registro da sexualidade que a pulsão adquire seu status conceitual. E, como tal, deve integrar duas cadeias de fenômenos: de um lado, a da excitação enquanto representante das estimulações do corpo biológico, de outro, a dos derivados da elaboração psíquica. Isto porque, antes de tudo, sua configuração epistemológica visa dar conta justamente da passagem da excitação para o interior do aparelho psíquico, ou seja, dos “representantes psíquicos”. Estes representantes não devem ser lidos como uma representação qualquer, como referentes a não importa qual estímulo do mundo exterior, aos quais Freud marca nitidamente a diferença, mas sim como elementos pertencentes ao psiquismo – com todas as características inerentes a tal registro – mesmo que derivados, originados em sua fonte corporal.

É nesse sentido que a pulsão começa a ter seu papel delineado, como bem aponta Birman, como um “ser-da-passage”, na transição “mítica” entre o somático e o psíquico, onde a “energia corporal” irá adquirir “materialidade semântica” (1993, p. 19). Inversamente ao que possa parecer à primeira vista, o adjetivo mítico desempenha aqui um papel crucial, pois permite que seja assinalada uma espécie de *descontinuidade* entre o somático e o psíquico, ao menos no que poderia ser tido como uma suposta causalidade direta. Caso contrário, teríamos de ler a noção de pulsão como móvel de determinações de cunho somático e orgânico *no* psiquismo, ao invés de, como destaca Birman, sua inscrição no universo da representação (1993, p. 110). Essa descontinuidade seria semelhante, por exemplo, à ruptura metodológica que Lazzarini & Viana destacam quanto ao campo da biologia no que concerne ao entendimento de um “corpo biológico” e um corpo propriamente “psicanalítico” (2006, p. 242). Trata-se aqui, pois, não da especificação de um vetor de determinação (dos estímulos orgânicos

sua localização por parte do leitor. Porém, no correr da tese e mesmo nas citações, tomaremos a liberdade de fazer a substituição de “instinto” por “pulsão” toda vez que se tratar de “*trieb*” no original.

²² As primeiras aparições do conceito de pulsão certamente são anteriores aos *Três ensaios* de 1905, (ver, por exemplo, FREUD, 1893b/1996, p. 221). Entretanto, a citação acima escolhida é, a nosso ver, uma das mais bem acabadas dentre as ainda anteriores aos artigos metapsicológicos.

na formação dos representantes psíquicos), mas sim de estabelecer em primeiro plano a *medida de trabalho* a ser exercida pelo psíquico – através de elaboração e associação – dos estímulos endógenos. Em outras palavras, ao psiquismo é exigido um trabalho de *semiotização*, de produção de discurso (modo atual de entender os “representantes”), a partir do material que lhe acomete. E não é por menos que a sexualidade tenha aberto a possibilidade de tal tipo de compreensão, pois, as práticas sexuais engendram em seu cerne noções como as de interesse, valor, prazer, desejo – noções das quais o ser humano não pode abrir mão para o seu exercício.

Porém, como bem indica Rudge (1998), esse não é o único estrato de interpretação para a pulsão. Segundo a autora, determinados momentos da obra freudiana em que a pulsão é colocada como uma “realidade orgânica, energia somática, pressionando o psiquismo”, dariam margem a uma abordagem de cunho biológico enquanto recurso explicativo (p. 11). Da mesma forma, Imbasciati (1998) sugere que a formação do conceito de pulsão a partir do termo popular e metafórico (*trieb*) só foi possível com a soma da hipótese de uma quantidade de energia física subjacente. De acordo com Imbasciati, “a hipótese bioquímica da pulsão é usada por Freud com cautela, mas sustentada por uma convicção mais geral da existência de uma fonte orgânica das pulsões.” (1998, pp. 173-4).

De fato, a hipótese de um substrato bioquímico para as pulsões não chega a ser sustentado por Freud de forma definitiva, estando muito mais próximo, digamos, de suas esperanças quanto às possibilidades de avanços futuros por parte da ciência. É nesse sentido que podemos encontrar ao fim da obra *Além do princípio de prazer* (FREUD, 1920/1996) uma longa conjectura a respeito. Nela, Freud nos revela que “as deficiências de nossa posição provavelmente se desvaneceriam se nos achássemos em posição de substituir os termos psicológicos por expressões fisiológicas ou químicas.” (p. 70). Mesmo apontando o caráter figurativo desse tipo de linguagem, ressalta a segurança que ela traz consigo além da simplicidade em seu uso, ou seja, características de uma ciência mais bem acabada. O fechamento desta passagem, diríamos, elogiosa quanto aos princípios biológicos, se dá na seguinte forma: “A biologia é verdadeiramente uma terra de possibilidades ilimitadas. Podemos esperar que ela nos forneça as informações mais surpreendentes, e não podemos imaginar que respostas nos

dará, dentro de poucas dezenas de *anos*, às questões que lhe formulamos.” (FREUD, 1920/1996, p. 70, *itálicos no original*).

Embora Freud tenha sublinhado a proximidade com que a biologia seria capaz de dar-nos respostas, não há como deixar de perceber aí o reconhecimento de limites epistemológicos para com o campo psicanalítico, até mesmo pela confissão da impossibilidade de concretizar a esperança na substituição das expressões psicológicas pelas químicas ou fisiológicas²³. Ou ainda, como pode ser visto no texto de 1914 sobre o narcisismo, a criação do campo psicanalítico deve-se, em certo sentido, ao movimento contrário de substituição de “substâncias químicas especiais por forças psíquicas especiais”, o que deixa em aberto a questão de um possível “subestrutura orgânica”, porém, caracteriza a noção de força enquanto fenômeno psíquico, conseqüentemente, de uma psicanálise não naturalista ou reducionista (FREUD, 1914/1996, p. 86).

A temática da pulsão é, provavelmente, uma das mais complexas do campo psicanalítico e, indubitavelmente, permite uma série de abordagens diferentes²⁴. Contudo, para evitar a tentadora fuga de nosso tema inicial – o das abordagens do afeto – devemos restringir nossa atenção sobre a temática da pulsão especialmente a duas questões: 1) a relação entre pulsão e aspecto quantitativo na compreensão do conceito de afeto; 2) as conseqüências epistemológicas envolvidas no entorno ao ponto de vista econômico. Certamente, é nos *Artigos sobre metapsicologia* que o vínculo entre pulsão e afeto está mais bem explicitado, principalmente nos textos *Os instintos e suas vicissitudes* (1915a/1996), *Repressão* (1915b/1996) e *O inconsciente* (1915c/1996).

No primeiro deles, Freud define a pulsão de maneira muito semelhante a que vimos a respeito dos *Três ensaios* e que entrou para a história do movimento psicanalítico como concepção standard, enfim, como um “conceito limítrofe” de um representante psíquico dos estímulos orgânicos que logram chegar até a mente e como uma exigência de trabalho conseqüente à ligação do psiquismo com o corpo (p. 127).

²³ Hanns resume esse fragmento de texto da seguinte maneira: “Essa intenção esbarrou em dificuldades metodológicas e limites científicos, e Freud teve que suspender sua pretensão de estabelecer naquele momento as bases de uma fisiologia pulsional. Entretanto Freud, ao longo de toda a sua obra, manteve um modelo energético-econômico onde permanece o pressuposto de que há uma inter-relação entre o que ocorre no sistema nervoso e a percepção psíquica. Freud sempre acreditou na existência de uma base química pulsional a ser desvendada por gerações do futuro (aliás, idéia também partilhada por Jung).” (HANNS, 1999, pp.37-38).

²⁴ Em nome da concisão e pertinência desta tese, evitaremos a tentativa de retrazar aqui um histórico ou análise mais profunda do conceito de pulsão. Para tanto, indicamos especialmente as leituras de GARCIA-ROZA (1993, 1996a, 1996b), BIRMAN (1993 e 2007), JORGE (2000), MONZANI (1989) e HANNS (1999).

Logo em seguida, ainda na mesma página, fala da *pressão* como sendo a “própria essência” das pulsões, definidas como “uma parcela de atividade” (idem). Porém, no quadro geral formado para dar conta dos destinos das pulsões – objetivo principal desse artigo metapsicológico – a exigência de trabalho e seu aspecto “ativo”, reiteradamente definido por Freud como seu principal aspecto biológico (p. 144, por exemplo), ocupa notadamente um espaço proeminente em detrimento dos pressupostos energéticos e quantitativos, ao contrário do que veremos no tocante aos outros dois artigos acima indicados.

Se, no artigo sobre o destino das pulsões a atenção é priorizada no registro do psíquico, em função do enfoque dado às exigências de trabalho a ele impostas, em *Repressão* (1915b/1996), a necessidade de desmontagem da pulsão para o entendimento do fenômeno do recalçamento vai expor justamente a suposição de seus aspectos quantitativos e a ligação deste com a noção de afeto. O fragmento de texto mais marcante nesse aspecto provavelmente seja o que segue abaixo:

Até esse momento, em nosso exame, tratamos da repressão de um representante pulsional²⁵, entendendo por este último uma idéia, ou grupo de idéias, catexizadas com uma quota definida de energia psíquica (libido ou interesse). Agora, a observação clínica nos obriga a dividir aquilo que até o presente consideramos como sendo uma entidade única, de uma vez que essa observação nos indica que, além da idéia, outro elemento representativo da pulsão tem de ser levado em consideração, e que esse outro elemento passa por vicissitudes de repressão que podem ser bem diferentes das experimentadas pela idéia. Geralmente, a expressão *quota de afeto* tem sido adotada para designar esse outro elemento do representante psíquico. Corresponde à pulsão na medida em que esta se afasta da idéia e encontra expressão proporcional à sua quantidade, em processos que são sentidos como afetos. A partir desse ponto, ao descrevermos um caso de repressão, teremos de acompanhar separadamente aquilo que acontece à *idéia* como resultado da repressão e aquilo que acontece à energia pulsional vinculada a ela. (FREUD, 1915b/1996, p. 157).

A análise deste excerto requer certamente atenção especial. Em primeiro lugar, observando a caracterização dada anteriormente por Freud ao representante pulsional, vemos que o exame deste previa a noção de uma idéia investida de uma “quota definida de energia psíquica”. Sendo assim, a energia deveria ser vista como um elemento inerente ao psiquismo ao invés de uma estimulação endossomática? Ou então, em que

²⁵ Como dito anteriormente, tomamos a liberdade de substituir o termo *instinto* e seus derivados por *pulsão* toda vez que se tratar de *trieb* no original.

momento a excitação deixa de ser definida por sua ligação com a fonte orgânica e passa a ser considerada verdadeiramente psíquica? O mais provável seria supor que “psíquico” aqui seja mais um adjetivo referente ao plano em que o estímulo está momentaneamente atuando – e Freud está nesse trecho falando do recalçamento, logo, no interior do aparelho psíquico – do que necessariamente adotar a conjectura de que estaria prevendo a presença de excitações formadas no próprio aparelho psíquico – o que poderia ser interpretado como uma hipótese potencialmente neurocientífica. Revendo então o formato do conceito de pulsão, temos que os “estímulos orgânicos” que chegam até o aparelho psíquico não cessam lá de exercerem seus efeitos e é disso que a passagem seguinte se trata: da delimitação de sua atividade e seus limites.

Interessante notar igualmente que o texto indica uma diferença entre dois tipos de energia por trás das catexias: a libido e o interesse. Tal distinção, embora inespecífica, permite a Freud salientar a importância das fontes sexuais na origem da energia – caso da libido – e, portanto, na etiologia das psicose neuroses, sem com isso limitar o âmbito da pulsão à sexualidade, o que lhe permitirá a teorização dos diferentes conflitos pulsionais. O que nos interessa, por outro lado, é a vinculação de um termo geral como o de “interesse” ao processo de “catexia”. Dito de outra forma, a idéia que baliza a discussão deixa margens para interpretações quantitativas e reducionistas, pois, daria abertura para se pensar o interesse, de maneira geral, em termos de excitação e quantidade, uma vez que a catexia faz parte do vocabulário econômico e energético da metapsicologia.

E, finalmente, temos a reveladora observação clínica, objeto central do parágrafo em questão: o representante pulsional não é uno. Como vimos acima, Freud evita manter indefinições quanto à maneira pela qual os aspectos quantitativos subjacentes aos fenômenos pulsionais atuam sobre o aparelho psíquico. É defendida, portanto, a hipótese de um segundo tipo de representante da pulsão: o *affektbetrag*²⁶ (quota, quantum, quantidade, carga de afeto). Concomitante à idéia, a quota de afeto não deve ser vista nesse artigo metapsicológico como sinônimo nem da pulsão, nem do afeto. Do primeiro é parte e função, do segundo é origem. A finalidade que tal conceito desempenha aqui é a de denotar um processo especial segundo o qual o aspecto

²⁶ Quota, quantum, quantidade, carga de afeto, sendo todas as traduções possíveis e localizáveis na tradução do original e, logo, serão utilizadas aqui como sinônimos.

energético da pulsão se torna presente no aparelho psíquico, o que não haveria de ser sem conseqüências.

A quota de afeto poderia ser vista como o reconhecimento por parte de Freud de situações em que não é possível à pulsão encontrar um representante ideacional, porém, por ser força constante, tal desencontro não impediria sua entrada no aparelho. Ou, dito de outra maneira, Freud alarga os limites do fator somático da pulsão até o psíquico. Da mesma forma, como o recalçamento incide somente sobre o representante ideacional, o *fator quantitativo* – como também é chamado na página 157 – pode sofrer três vicissitudes independentemente: pode ser suprimido, transformado em angústia²⁷ ou tornar-se “um afeto que de uma maneira ou de outra é qualitativamente colorido” (p. 158). Crucial no princípio dos afetos, a quota de afeto seria o ponto de origem dos fenômenos de descarga que, ao fim, são vinculados a aspectos qualitativos que, ao darem o seu “colorido”, determinam sua qualidade apenas enquanto epifenômeno do processo. O modelo não é muito diferente daquele exposto centralmente no *Projeto*, e também em *Formulações para os dois princípios do funcionamento mental* (1911/1996), a respeito da criação do prazer e desprazer enquanto primeiros índices de uma maquinaria de conversão das quantidades em qualidades, sendo a angústia seu “índice-zero”. É deste modo que, em resumo, a partir dos efeitos da pulsão no psiquismo e da retomada da quota de afeto na metapsicologia, Freud concede novamente à quantidade um estatuto conceitual.

A maneira um tanto quanto confusa em que a carga de afeto *causa* o próprio afeto, bem como sua identificação ou não ao fator quantitativo da pulsão, como não haveria de ser diferente, não fica em suspenso por tempo indeterminado. No texto exatamente subsequente, mais precisamente o artigo metapsicológico sobre *O inconsciente* (1915c/1996), Freud recobra a temática num pequeno capítulo, porém, fundamental para a história da concepção de afeto em psicanálise, a saber, o referente às *Emoções inconscientes* (pp. 182-4). Nele, em tom de postulado, Freud nos diz a respeito da mesma temática que:

²⁷ Optamos pela tradução por *angústia* do termo alemão *Angst*, em detrimento de *ansiedade*, utilizado pela E.S.B.. O mesmo vale para o termo *Verdrängung*, que traduziremos aqui por *recalçamento*, ao invés de *repressão*.

De fato, sou da opinião que a antítese entre consciente e inconsciente não se aplica às pulsões. Uma pulsão nunca pode tornar-se objeto da consciência – só a idéia que o representa pode. Além disso, mesmo no inconsciente, uma pulsão não pode ser representada de outra forma a não ser por uma idéia. Se a pulsão não se prendeu a uma idéia ou não se manifestou como um estado afetivo, nada poderemos conhecer sobre ela. Não obstante, quando falamos de um impulso pulsional inconsciente ou de um impulso pulsional reprimido, a imprecisão da fraseologia é inofensiva. Podemos apenas referir-nos a um impulso pulsional cuja representação ideacional é inconsciente, pois nada mais entra em consideração. (FREUD, 1915c/1996, p. 182).

Se uma pulsão não pode ser representada de outra forma, a não ser por uma idéia, qual o sentido em falarmos de dois representantes psíquicos? Por qual razão deveríamos fazer alusão a um processo representativo da pulsão em termos de quota de afeto? A diferença está que no texto anterior, Freud aparentemente busca subsídios clínicos para reforçar o estatuto conceitual do fator quantitativo enquanto pressuposto metapsicológico, fazendo então referência aos fenômenos de representação da pulsão no aparelho psíquico. No artigo sobre o inconsciente, Freud assume a liberdade de conceder à antiga hipótese, presente em *Algumas considerações para um estudo comparativo...* (1893a/1996) sobre a vinculação de uma carga de afeto para toda impressão psíquica, o caráter de postulado sob a própria forma conceitual da pulsão. A partir de então, não haverá mais reservas para a menção do fator quantitativo no aparelho psíquico, posto que salvaguardado pelo seu conceito fundamental.

Entretanto, é digno de se notar que, ao retomar a questão dos três destinos possíveis para o fator quantitativo, após a incidência do recalçamento sobre a representação, Freud aponta que num deles não o *afeto*, como dito anteriormente, mas sim a *quota de afeto* pode tornar-se “qualitativamente diferente” (p. 183). Recapitulando, a relação de contornos obscuros entre pulsão e afeto²⁸ na metapsicologia baseia-se em dois pontos: o primeiro é a hipótese segundo a qual o fator quantitativo da pulsão inscreve-se no aparelho psíquico como “quota de afeto”. Trata-se, pois, de uma postura formal de considerar que na passagem do somático para o psiquismo algo se altera na natureza do estímulo. O segundo ponto é justamente o da adoção do fator quantitativo da pulsão na origem dos afetos, ou seja, sua substancialização. Tal

²⁸ Vieira aponta igualmente a ligação entre afeto e pulsão da seguinte forma: “O afeto, tal como situado nos primeiros escritos freudianos, pode ser concebido como uma entidade muitíssimo vasta, abrigando conceitos que se individualizarão mais tarde, como a pulsão por exemplo.” (VIEIRA, 2001, p. 47).

procedimento pode ser inferido a partir dos destinos possíveis para o fator quantitativo da pulsão, ou, melhor dito, à quota de afeto: dela espera-se que se cale (e temos então a ordem do recalçamento bem sucedido), ou que se torne vinculada a uma idéia (e então estamos na ordem do investimento), ou, por fim, que seja descarregada (e só assim entramos de fato na ordem dos fenômenos afetivos segundo a metapsicologia). A diferença entre idéia e afetos, segundo a pena freudiana, residiria igualmente nestes destinos. Vejamos como ele coloca a questão: “A diferença toda decorre do fato de que idéias são catexias – basicamente traços de memória –, enquanto que os afetos e as emoções correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sentimentos.” (p. 183). Se compreendermos as idéias enquanto resultado de investimento de traços de memória e os afetos enquanto descarga do fator quantitativo da pulsão, sem falar dos sentimentos como resultado deste processo de cunho energético, temos então todos os fatores para uma abordagem quantitativa do afeto, motivo pelo qual aproximamos no início deste capítulo tal leitura do afeto ao ponto de vista econômico da metapsicologia.

Como temos apontado ao longo de nossa pesquisa, à abordagem quantitativa não somente do afeto, mas, de maneira geral, dos conceitos ligados ao ponto de vista econômico, proliferam intenções de substancialização de seus conceitos. Vejamos como exemplo que tal procedimento é igualmente dedicado ao conceito de pulsão. Segundo Hanns:

A Força Impelente e motivadora (o *Trieb*) brotará *no* indivíduo como fenômeno somático-energético. É descrita por Freud como: a) processo fisiológico que envolve neurônios, nervos, fontes pulsionais situadas em glândulas, etc. e b) como processo energético-econômico onde está em jogo o acúmulo de energia, a circulação e a descarga. (HANNS, 1999, p. 32, *itálicos e maiúsculas no original*).

Poderíamos dizer que, da forma como o autor apresenta o conceito, praticamente não há passagem para o registro do psiquismo. A essência da pulsão aqui entendida como fenômeno somático, energético, fisiológico, neuronal, nervoso, glandular, energético e, finalmente, econômico, reutilizando somente os termos empregados nesse pequeno parágrafo com tonalidade de postulado, não deixa margens para versões que autorizem igualmente a pertinência do outro e da linguagem. Porém, como veremos na seqüência do texto, o recurso ao quantitativo e/ou à sua hipotética localização em

substâncias de qualquer ordem (bioquímica, orgânica, neurofisiológica, entre outras) não são as únicas possibilidades ao se abordar o tema do afeto.

1.3. Abordagem metafórica do afeto

Outra posição ainda plausível e a qual diversas pesquisas acabam por lançar mão é a da defesa do que poderíamos preliminarmente chamar de “estatuto metafórico” para a concepção psicanalítica do afeto. Sem fazer uso de pressupostos quantitativos ou substancialistas, e até mesmo como alternativa a eles, frequentemente encontramos argumentos nos textos sobre teoria psicanalítica que propõem uma espécie de metaforização do afeto, primando não pela sua identidade enquanto realidade orgânica e natural, mas sim pela sua operatividade conceitual.

Sem negar a possibilidade de abordagem de uma hipotética quantidade relativa ao afeto – mesmo que a lançando a um horizonte inalcançável – e, por vezes o definindo como um processo de descarga – mas sem igualmente caracterizar a entidade substancial da qual é o móbil – a posição quanto ao afeto aqui chamada de metafórica o torna um “algo” indefinido que, todavia, colocaria em operação o conjunto teórico ao seu entorno. O enquadre epistemológico de tal postura necessitaria de uma discussão um tanto quanto mais aprofundada. Por ora, permitiremo-nos apenas chamá-la de abordagem metafórica e dar-lhe como característica principal a presença, por assim dizer, de uma sintaxe rigorosa em detrimento de uma semântica mais conseqüente, já que se furta a maiores indicações dos objetos aos quais se dirige. Vejamos um exemplo de tal tipo de abordagem:

Se o afeto é realmente, em certo sentido, “sofrido”, ele serve também para designar aquilo que, vindo da “sensibilidade”, põe em movimento alguma coisa da dinâmica psíquica. Essa noção “psicomotriz” vai passar, na metapsicologia freudiana, pela dupla idéia de “*moção pulsional*” (*Triebregung*) e de *descarga* característica do afeto – núcleo econômico-dinâmico que lhe assegura um estatuto na vida psíquica –, e não somente como emanando do “fundo afetivo”. O “afeto” vem mesmo do corpo – ele exprime, nesse sentido, como veremos, algo do “fundo” corporal da “pulsão”; mas é a título de “móvel” que adquire uma significação psíquica de pleno direito. (ASSOUN, 1996, p. 153, itálicos e aspas no original).

Sofrimento, sensibilidade, psicomotricidade, moção pulsional, fundo afetivo, profusão de termos entre aspas que, sem dispor de uma análise mais minuciosa ou de uma definição mínima, fazem da própria concepção de afeto – a qual visam elucidar no parágrafo acima – uma questão em suspenso. Para o autor, a significação psíquica do afeto deve ser discutida no nível de sua mobilidade, porém, deixa absolutamente vaga a questão sobre qual registro estamos falando. Trata-se da mobilidade de substâncias e, portanto, estamos situados no nível de determinações orgânicas? Tal postura epistemológica já havia sido duramente criticada por Bakhtine (1925/1980), por permitir uma visão a-histórica e a-social, definida então como uma “crença burguesa” (p. 93) de redução aos meandros e determinações de cunho biológico (p. 88). Ou ainda, Assoun estaria se referindo ao âmbito da fisiologia – como defende Sulloway (1998) – ou dos neurotransmissores (GOMES, 2005) e marcadores somáticos (DAMASIO, 2000)? Provavelmente não, mas o que impediria forçar o diálogo nesse sentido uma vez que seus termos não estão suficientemente bem referenciados? Ao que tudo indica, a posição adotada é a de reportar a questão do afeto à da pulsão, ou seja, a uma discussão propriamente psicanalítica. Entretanto, o próprio conceito de pulsão, como apontamos anteriormente, pode sofrer o destino de abarcamento a outros projetos epistemológicos²⁹.

De acordo com a leitura acima empregada por Assoun, e como a continuação de seu texto mostra, a noção de um substrato para o afeto não seria de todo falsa, apenas “indefinida”. É desta forma que nos dirá que “é como ‘*quantum* de afeto’ (*Affektbetrag*) que Freud evoca o afeto, e somos referidos à sua definição como esse ‘invariante’, espécie de quantidade (= X) estável que se deve postular como substrato às transformações do afeto.” (ASSOUN, 1996, p. 153). As variações do afeto, assim compreendidas, seriam derivadas de um estrato quantitativo indeterminado, como um magma informe pronto a dar contornos às diferentes variações qualitativas que a vida afetiva pode oferecer. Entretanto, mesmo indeterminado, não deixa de estar especificado como uma quantidade, com todos os problemas epistemológicos aí envolvidos. Noutro texto mais recente, ao falar da produção da angústia, Assoun

²⁹ E, semelhante ao afeto, a pulsão pode ser igualmente abordada de maneira metafórica. Segue um pequeno exemplo: “Freud manteve sua pulsão de morte como um postulado, apoiado somente sobre um real inapreensível. A pulsão de morte é uma sublimação no sentido lacaniano, isto é, o surgimento de um novo objeto designando o lugar de qualquer coisa de impensável.” (LÉVY, 2008, p. 147).

definirá a teoria freudiana como uma “alquimia prodigiosa” que supõe o afeto como um “valor” puro (entre aspas no original) capaz de “expressar o inexpressável”, posto que “desqualificado” e “sobrequalificante” (ASSOUN, 2006, p. 31). Como veremos adiante, há vários aspectos nessa passagem de texto que se aliam a uma consideração discursiva do afeto – dentre eles a noção de valor e o apoio nas condições de expressão –, porém, é igualmente incontestável sua vinculação com a quantidade enquanto garantia material. O afeto (aqui igualado à quota de afeto) seria o esteio de formação das diferentes qualidades expressivas, contudo, sua ligação com o estrato energético acaba por lhe imprimir um aspecto de reducionismo metafórico, uma vez que a quantidade fica apenas acenada num horizonte distante.

Não seria de todo inexato julgar a origem de abordagens metafóricas do afeto na própria teoria freudiana. Numa série de textos, Freud confessa a incapacidade de avançar no tema do afeto com o conhecimento que lhe fora possível reunir até o momento, mesmo que a necessidade teórica e prática lhe exigissem o contrário. Notadamente, tais ocasiões deram-se, sobretudo, quando as hipóteses sobre o afeto beiravam os limites entre o somático e o psíquico ou ainda quando o encaminhamento dos argumentos pedia definições mais incisivas. É deste modo que na metapsicologia, após buscar uma delimitação em bases quantitativas da diferença entre idéias, de um lado, e afetos e emoções, de outro, como vimos no tópico anterior, Freud irá declarar que: “no presente estado de nosso conhecimento a respeito dos afetos e das emoções, não podemos exprimir essa diferença mais claramente.” (FREUD, 1915c/1996, p. 183). Entretanto, tal admissão de impossibilidade momentânea não surtiu como efeito uma proliferação de hipóteses suplementares ou mesmo pesquisas sobre o tema que oferecessem resultados, por mais parciais que fossem. Ao contrário, Freud permanece relativamente em silêncio sobre a distinção entre idéia e afeto, como se o postulado metapsicológico já estivesse assegurado.

No entanto, a alteração do conflito pulsional em *Além do princípio de prazer* (1920/1996) e a inserção da segunda tópica em *O Ego e o Id* (1923/1996) invariavelmente levam Freud a rever uma série de questões, dentre elas, a da concepção de angústia. É assim que em 1926, Freud nos dirá que: “a angústia então é, em primeiro lugar, algo que se sente. Denominamo-la de estado afetivo, embora também ignoremos o que seja um afeto. Como um sentimento, a angústia tem um caráter muito acentuado

de desprazer. Mas isto não é o todo de sua qualidade.” (FREUD, 1926/1996, p. 131)³⁰. Não saber do que se trata o afeto não o impede nesse momento de definir a angústia, até com um razoável grau de certeza, como sendo um estado afetivo. Isto porque o que está em jogo no modo de definição que aqui encontramos é justamente o rigor formal, o entrelaçamento da sintaxe a respeito da trama conceitual de base quantitativa.

A suposição de uma quota de afeto – ou fator quantitativo da pulsão, ou ainda de uma soma de excitação – da qual deverão ser distinguidos os conceitos econômicos um em oposição, e função, dos outros –, não necessariamente exige sua determinação material. Freud o declara, como vimos, por diversas vezes³¹. Entretanto, o alinhamento teórico com os pressupostos de base deve ser rígido, e os requisitos epistemológicos no tratamento dos conceitos devem ser cumpridos à risca. Por conseguinte, temos a respeito da angústia, na obra em questão, uma criteriosa distinção entre os termos correntes do ponto de vista econômico no campo freudiano (afeto, descarga, excitação, desprazer) que, ao invés de aproximarem-se de conhecimentos a respeito de suas fontes, avançam paulatinamente no sentido da especificação de seus mecanismos psíquicos. Contudo, Freud não abre mão da ligação epistemológica com a possibilidade, sempre postergada, de encontro da materialidade subjacente às suas conjecturas.

À hipótese de Sulloway (1998) segundo a qual a psicanálise freudiana seria uma biologia camuflada, mascarada por conceitos pretensamente psíquicos, devemos opor a mais antiga, de Bakhtine (1925/1980), do freudismo enquanto um “espiritualismo sob a forma de biologia moderna” (BAKHTINE, 1925/1996, p. 62). Segundo este, os termos biológicos assim que introduzidos no contexto psicanalítico “perdem seu sentido biológico corrente (...) de maneira que o biológico se encontra, como o físico, submerso por uma subjetividade que lhe penetra de todas as partes até lhe fazer perder sua consistência material objetiva” (p. 63), o que o leva a designar a teoria psicanalítica sob o mote de “materialismo ilusório” (p. 61)³². Em resumo, segundo Sulloway e a corrente de pesquisadores que buscam fundamentos substanciais (na biologia ou neurociências)

³⁰ Novamente, o termo “angst”, traduzido na versão brasileira por “ansiedade”, em função de desdobramentos teóricos, será tratado aqui como “angústia”.

³¹ Lembremos da maneira segundo a qual Freud reconhece o fracasso de pesquisas que visam à localização das excitações em fibras nervosas: “Verifica-se aqui um hiato que, por enquanto, não pode ser preenchido, e não constitui tarefa da psicologia preenchê-lo.” (FREUD, 1915b/1996, p. 179).

³² Por fim, Bakhtine irá se posicionar violentamente contra tal materialismo em nome de análises que priorizem a ideologia e, sobretudo, as determinações de cunho econômico. Embora não estejamos de acordo com suas propostas, reconhecemos a pertinência de sua crítica no que toca as relações do freudismo com a terminologia biológica e as hipóteses materiais.

para os conceitos freudianos, a psicanálise será metafórica enquanto não se coadunar aos projetos destes outros campos na determinação das causas orgânicas para os fenômenos mentais. Já para Bakhtine, Freud fundou um mentalismo de cunho psicológico, ou seja, um conhecimento rigoroso sobre a mente através do estudo de processos de ordem psicológica, porém, encoberto por metáforas do biológico. Tanto uma análise quanto a outra sugerem a eliminação do cunho metafórico através de encaminhamentos de pesquisa diferentes e, porque não, opostos.

Entretanto, em psicanálise há também autores que encontram, no que poderia ser considerado por alguns uma indeterminação de cunho metafórico, uma espécie de vantagem epistemológica. É assim que Neyraut dirá que “a psicanálise não é mentalista³³ no sentido que se cria desvinculada de toda materialidade, ela não é materialista a ponto de crer que justamente lá estaria contido o espírito.” (NEYRAUT, 1996, p. 44). As teses psicanalíticas sobre o afeto estariam assim no entremeio, beneficiadas por ambas as possibilidades de abordagem. Visto de outra forma, não poderiam igualmente estar carecendo de um estatuto conceitual mais propriamente definido, esbarrando constantemente nos limites do material e do psíquico? Como bem observa Vieira, “o afeto aparece como ponto cego desta leitura, ficando entre um e outro reino, ora como tonalidade subjetiva da descarga, ora como energia represada, ora como elo perdido entre os dois.” (VIEIRA, 2001a, p. 32). Entre o psíquico e o somático, o mental e o biológico, o afeto é por repetidas vezes citado como um conceito sem esteio epistemológico. Nesse sentido, o recurso a sua abordagem metafórica seria uma tentativa de unir suas duas supostas origens – quantitativa e subjetiva –, porém, reenviando seu estatuto de um campo ao outro ou, pior, cada linha argumentativa comprometendo a outra, cegando-a (o afeto é quantitativo demais para ser subjetivo, e subjetivo demais para ser quantitativo).

Retomando a questão, para exemplificar a maneira pela qual Bakhtine descreve o recobrimento com metáforas biológicas das teses mentais e psicológicas no freudismo, podemos retornar ao texto antes citado: *Inibições, sintomas e ansiedade* (1926/1996). Nele, Freud nos dirá em termos de definição da angústia o seguinte:

³³ “Espiritualiste” no original, em referência ao termo “esprit” que, no francês, é utilizado tanto para a tradução de “mente”, do português, como do inglês “mind”.

A angústia, portanto, é um estado especial de desprazer com atos de descarga ao longo de trilhas específicas. De conformidade com nossos pontos de vista gerais devemos estar inclinados a pensar que a angústia se acha baseada em um aumento de excitação que, por um lado, produz o caráter de desprazer e, por outro, encontra alívio através dos atos de descarga já mencionados. Mas um relato puramente fisiológico dessa natureza quase não nos satisfará. Somos tentados a presumir a presença de um fator histórico que une firmemente as sensações de angústia e suas inervações. (FREUD, 1926/1996, p. 132).

Caberia analisar tanto as repercussões epistemológicas envolvidas nesse “relato puramente fisiológico” quanto suas conseqüências insatisfatórias. Em primeiro lugar, como os próprios termos relacionados indicam, a fisiologia que sustenta as afirmações expostas a respeito da angústia em nada diferem das considerações quantitativas da metapsicologia, tais como o mecanismo de produção do desprazer a partir do aumento da excitação, os processos de descargas relacionados ao afeto. Entretanto, o que a seqüência do texto trará, como o fim do fragmento de texto já aponta, é justamente a insuficiência das teses quantitativas se tomadas em seu caráter simples de redução.

O fenômeno da angústia não é somente o aumento da tensão ou a permanência do fator quantitativo após a incidência do recalçamento sobre o representante ideativo da pulsão, pois não se trata aqui apenas de fenômenos de acúmulo/tensão versus descarga. Nem mesmo os trilhamentos utilizados são escolhidos ao acaso ou na medida apenas dos meandros do percurso energético, pois, como Freud afirma, a questão diz respeito a “trilhas específicas”. Faz-se então necessário para a sua compreensão que aspectos causais de outra ordem sejam aí inseridos, justamente os do registro da história. E o âmbito da história que despertará o interesse de Freud, como já havia acontecido em obras como *Totem e Tabu* (1913a/1996) e *Moisés e o monoteísmo* (1939/1996) será especialmente o da *filogênese*. A história da espécie interessará na medida em que permitirá hipóteses sobre a fixação dos símbolos concernentes ao perigo diretamente no nível das inervações e das vias de descarga. Por tal razão, Freud retoma a conjectura, de Otto Rank, do trauma do nascimento (FREUD, 1926/1996, pp. 135-6), e aproxima o afeto aos sintomas histéricos. Novamente, a primazia será dada às reminiscências, e a história da espécie é convocada para demonstrar como o simbólico é encarnado e sobreposto nos destinos do orgânico. Assim, Freud dirá sobre o afeto que “minha presente concepção de angústia como um sinal emitido pelo ego a fim de tornar afetiva a instância do prazer-desprazer elimina a necessidade de considerar o fator

econômico.” (FREUD, 1926/1996, p. 138). Especificamente, deixa de interessar a origem da “parcela de energia” empregada em detrimento da compreensão dos sentidos associados ao processo, dos traços mnêmicos inerentes à angústia sinal. Da mesma forma, na *Conferência introdutória sobre psicanálise* de número XXV, sobre a angústia (1916/1996), Freud nos dará a seguinte noção de sua compreensão sobre angústia e afeto:

Por ‘angústia’ geralmente entendemos o estado subjetivo de que somos tomados ao perceber o ‘surgimento da angústia’, e a isto chamamos afeto. E o que é um afeto, no sentido dinâmico? Em todo caso, é algo muito complexo. Um afeto inclui, em primeiro lugar, determinadas inervações ou descargas motoras e, em segundo lugar, certos sentimentos; percepções das ações motoras que ocorreram e sensações diretas de prazer e desprazer que, conforme dizemos, dão ao afeto seu traço dominante. Não penso, todavia, que com essa enumeração tenhamos chegado à essência de um afeto. Parecemos ver em maior profundidade no caso de alguns afetos e reconhecer que o cerne que reúne a combinação que descrevemos é a repetição de alguma experiência determinada. Essa experiência só poderia ser uma impressão recebida num período muito inicial, de natureza muito genérica, situada na pré-história, não do indivíduo, mas da espécie. Para fazer-me mais inteligível – um estado afetivo seria formado da mesma maneira que um ataque histérico, e, como esse, seria o precipitado de uma reminiscência. (FREUD, 1916/1996, pp. 396-7).

Assim, o afeto enquanto “estado subjetivo” teria, em seu sentido dinâmico ou, melhor dito, em sua fenomenologia, duas ordens de elementos: de um lado, seu substrato quantitativo, de outro, a percepção das reações causadas pelas inervações e descargas. Contudo, sua essência é deslocada para o nível da repetição de reminiscências primordiais. Conseqüentemente, a concepção de afeto como um todo assume a forma de uma metáfora: a metáfora do nascimento, da reação ao trauma original. Em suma, Freud não deixa de estar recorrendo à hipótese filogenética do trauma do nascimento para, como dissemos anteriormente, referir-se ao mito original de ligação do simbólico com o regime quantitativo, sendo o afeto o elo, a possibilidade de retomada. Nada muito diferente do que já havia sido exposto no *Projeto*, nos *Estudos sobre histeria* e reinserido mais fortemente na teoria com o “princípio de ligação” da obra *Além do princípio de prazer*, a saber, a hipótese de oposição entre energia livre e energia vinculada. O que há de interessante aqui, para a questão a qual propomos a discussão, é precisamente a conjectura segundo a qual experiências primárias seriam não só prototípicas, mas determinantes nos rumos do afeto, deixando o ponto de vista

econômico e suas hipóteses correspondentes em segundo plano. Sem dúvida há aqui indícios para a defesa de causas diferentes para o afeto que não a sua redução a processos energéticos. Contudo, Freud não nos deixa elementos suficientes para precisar o limite da relação entre as metáforas filogenéticas e o que poderia ser visto como metáfora quantitativa³⁴.

Assim como apontamos projetos de localização e substancialização dos fenômenos de ordem quantitativa na teoria freudiana como abordagem reivindicada por uma série de autores, determinados pesquisadores alegam que o cerne do ponto de vista econômico é justamente seu caráter metafórico. É assim que, partindo de uma discussão epistemológica, Fulgêncio (2002) irá buscar a determinação de conceitos como os de “libido”, “pulsão” e “energia psíquica” nos termos acima descritos. Por conseguinte, a pulsão será vista como uma “idéia abstrata”, um “conceito fundamental convencional” que corresponde a um princípio metodológico, mas não a um conceito empírico (p. 103), enquanto que a libido seria uma “especulação teórica, de valor apenas heurístico, útil para explicar determinados fatos psíquicos” (p. 102). Ou seja, conceitos que desempenham suas funções para a compreensão de eventos do anímico, mas que, por si só, não possuem existência além da trama conceitual da qual fazem parte. Dificilmente encontraríamos outro fragmento de texto que caracterizasse tão bem o que estamos entendendo como abordagem metafórica de concepções referentes ao ponto de vista econômico da metapsicologia como este:

Mas Freud acredita na libido como energia psíquica? Sim e não. Se entendemos “acreditar” como sinônimo de crer na realidade empírica ou no referente empírico para o conceito de libido, então podemos dizer que Freud não acredita; mas se entendemos “acreditar” como sinônimo de crer que tudo se passa *como se* uma energia psíquica existisse, então somos levados a dizer que Freud crê nessa ou nessas energias. (FULGENCIO, 2002, pp. 107-8).

No primeiro caso, estaríamos numa abordagem quantitativa que julgaria haver sim um referente para as energias psíquicas. Nesse caso, a realidade empírica de noções

³⁴ É deste modo que Imbasciati descreve, enfim, a situação precária sobre a discussão do estatuto conceitual do afeto: “Freud (...) deixa indefinido o conceito de afeto, já que às vezes o descreve em relação ao sentimento do sujeito, às vezes como derivado psíquico da energia pulsional, às vezes, e com maior frequência, como vinculado a representações inconscientes, que porém constituiriam uma parte dele: “a parte ideativa”, recalcada (...). Não está claro, portanto, se o afeto *é constituído* por representações inconscientes, ou se se deve considerá-lo de “natureza” diversa, isto é, derivado psicobiológico direto da pulsão que se reveste, psiquicamente, de representações.” (IMBASCATI, 1998, p. 136).

como as de libido, pulsão e afeto permitiria, como apontamos anteriormente, projetos para sua determinação específica. Não é este o caso defendido pelo autor. Segundo ele, Freud acredita nos conceitos relativos ao ponto de vista econômico, mas somente em seu aspecto metafórico. Acredita, enquanto conceito; desacredita como realidade. Em resumo, a própria compreensão do fenômeno epistemológico da “crença” seria somente apreensível como metáfora, o que expõe a fragilidade de tal modo de abordagem. O “tudo se passa *como se*”, suposto por Fulgêncio na postura de Freud quanto a suas teses metapsicológicas, lhe confere um aspecto temerário de modelo meramente alegórico. Além do que, caracterizar como metáfora os conceitos então defendidos no ponto de vista econômico não se configura nem como uma atitude firme de contrariedade às pesquisas de redução naturalista, nem que a eles seja conferido um estatuto epistemológico diferente. Ao contrário, relega a questão de seus fundamentos a uma espécie de “crença” na “crença”, na qual não haveria condições de pesquisa que permitissem uma aproximação mais determinável para a concepção de afeto. Pribam & Gill, defensores de uma abordagem naturalista oposta criticam tal posição do seguinte modo:

Além disso, o modelo de Freud degenerou em metáfora. Isso não significa que tenha sido despojado de seus pressupostos neurológicos e biológicos. Significa que o modelo degenerado deixou de ser formulado em termos verificáveis, enquanto a metáfora indefinida é considerada verídica. (PRIBAM & GILL, s/d, p. 159).

Portanto, o que Pribam & Gill censuraram é exatamente a atitude, segundo os autores, anti-científica, de assunção da veridicidade de um modelo tido como metafórico de antemão. Certamente, esta não é uma posição unívoca dentre os teóricos ligados à psicanálise e não pode ser vista como livre de críticas. Dentre elas, consideramos as de Widlöcher (1986) como as mais ferrenhas. Segundo o autor:

Daí o recurso à noção de energia psíquica, que será seu único objeto definitivo de investigação clínica e a realidade última, mesmo que inobservável, do funcionamento mental. À caixa-preta que constitui, para o psicólogo, a atividade do cérebro, o psicanalista somará aquela do jogo pulsional. (WIDLÖCHER, 1986, p. 38).

Restaria, segundo Widlöcher, a atitude ousada de propor modelos não-metafóricos, por mais incompletos que possam parecer, a serem colocados à prova na

prática clínica. A alternativa mais viável, assim, passaria a ser a da não-oposição entre *força* e *sentido*, ou seja, retomar o aspecto econômico em termos de linguagem (WIDLÖCHER, 1986, p. 61). É nesta direção que iremos buscar fundamentos para uma abordagem discursiva do afeto a partir do próximo capítulo.

Retomando os argumentos citados até o momento, podemos concluir em que situação pouco vantajosa encontra-se a teoria psicanalítica frente ao conceito de afeto, presa a uma encruzilhada na qual aparentemente apenas dois caminhos parecem se abrir: seguindo o primeiro, a teoria necessitará supor que as causas do sofrimento humano, assim como a multiplicidade dos fenômenos afetivos, teriam por base e origem os destinos de uma energia objetal ainda a ser especificada em suas características físicas. Se, ao contrário, trilhar o segundo caminho, terá que se confessar impossibilitada de formular um aparelho psíquico que seja convincente pela sua própria constituição – já que seu cerne declaradamente não poderia se assumir como um referente.

Tampouco estes dois caminhos poderão ser percorridos sem conseqüências epistemológicas problemáticas. Ao se lançar no primeiro rumo, a psicanálise acabará assumindo a si mesma como práxis provisória, como teoria e clínica a ocupar temporariamente o lugar de uma ciência mais bem acabada que estaria por vir. Isto porque seu núcleo duro estaria por ser desvendado em outro campo do qual não tem praticamente nenhuma participação. Interessaria à psicanálise adentrar de bom grado no projeto naturalista que antevê seu próprio fim e desqualifica sua prática e pesquisa? Certamente não.

Da mesma forma, sua situação ao posicionar-se na segunda trilha (a metafórica) não teria conseqüências menos arriscadas uma vez que põe seriamente em questão seu estatuto epistemológico. Isto porque assenta seu edifício teórico-prático num alicerce confessadamente vago, na indefinição assumida do fundo conceitual que orienta seu campo de investigação. Sua defesa teria de dar-se, deste modo, pela crença absoluta em seus resultados práticos, colocando a pesquisa rigorosa em segundo plano. Entretanto, à encruzilhada acima descrita queremos supor a possibilidade de uma terceira via, largamente conhecida, porém, cada vez menos explorada: a da aposta firme na fundamentação da psicanálise no campo da linguagem. A partir da discussão sobre os

subsídios para uma abordagem discursiva do conceito de afeto nos próximos capítulos, queremos demonstrar a viabilidade e excelências dessa terceira via.

Capítulo 2 – Dos impasses para uma abordagem discursiva do afeto em psicanálise

A linguagem não é um simples acompanhante, mas sim um fio profundamente tecido na trama do pensamento; para o indivíduo ela é o tesouro da memória e a consciência vigilante transmitida de pai para filho. (HJELMSLEV, 2003).

Essa realização da linguagem que não serve mais senão *como uma moeda apagada que se passa em silêncio* – frase citada na minha comunicação de Roma e que é de Mallarmé – mostra a função pura da linguagem, que é a de nos assegurar que somos, e nada mais. (LACAN, 1953-1954/1986, pp. 183-4, *itálicos no original*).

2.1. Introdução

Seguindo a trilha inaugurada por Freud, ampliada por Lacan e que vem sendo, ao que tudo indica, paulatinamente lançada no descrédito, pretendemos retomar o diálogo entre psicanálise e teorias da linguagem no que diz respeito à abordagem do afeto. Melhor dito, o objetivo maior ao qual esta tese se destina é justamente o de fortalecer o viés de pesquisas referentes à linguagem no interior do campo psicanalítico³⁵. Após as primeiras tentativas de contato, que redundaram em duras críticas por parte dos lingüistas (sobretudo de Benveniste) a respeito da hipótese assumida por Freud do sentido antitético das palavras primitivas (FREUD, 1910a/1996, 1919/1996); em seguida, após o que consideramos como prematura e aparente interrupção, por parte de Lacan, de sua aposta na retomada da preponderância dada por Freud aos fatos de linguagem, sustentamos ainda a possibilidade de auxílio mútuo na relação psicanálise/teorias da linguagem.

Entretanto, teorias que foram afastadas por problemas epistemológicos – e, por vezes, sem chegar a tanto, ficando restritas a querelas de ordem histórico-institucional – dificilmente vêm a ser reatadas através de meras intenções e apostas. Faz-se necessário, então, a defesa insistente e reiterada da pertinência em restaurar a conexão entre seus

³⁵ Devemos retomar a ressalva de que não reduzimos o termo *linguagem* aos fenômenos da fala ou lingüísticos em sentido restrito. Por vezes na presente tese também será utilizado o termo *lingüístico*, em sentido amplo, para denotar o estudo de uma vasta amplidão de fenômenos de ordem languageira, privilegiando seu entendimento mais abrangente. O mesmo vale para o termo *discursivo*.

planos de pesquisa. Duas frentes de trabalho poderiam operar nesse sentido: a primeira delimitando e propondo soluções aos impasses epistemológicos; a segunda apresentando resultados teórico-práticos em pesquisas. É deste modo que tomaremos a questão do afeto como mote para a presente análise.

O delineamento que será dado ao presente capítulo visa expor três problemas que, em linhas gerais, se opõem à aproximação entre psicanálise e teorias da linguagem – estas últimas representadas em nosso trabalho em especial pelas semióticas tensivas e modais e a teoria lingüística de Hjelmslev – para a preparação do campo necessário às hipóteses sobre o que poderia vir a ser uma abordagem essencialmente discursiva para o afeto. Assim, retomaremos certos elementos das abordagens delimitadas no capítulo anterior para situar mais precisamente em que sentido podem ser consideradas como entraves a uma delimitação, fortemente arraigada na linguagem, dos fenômenos afetivos em psicanálise. Se antes nos foi interessante apresentar a constituição de duas formas de abordagens possíveis ao conceito de afeto, neste capítulo, buscaremos apresentar quais empecilhos tais leituras efetivamente oferecem para a delimitação de uma terceira, de cunho discursivo, e para o diálogo epistemológico que lhe seria decorrente. Importante destacar que a concepção de “impasse epistemológico” é aqui entendida não como uma impossibilidade ou motivo para decretar o fim da relação entre teorias, mas sim, em sua acepção de “embaraço”, de “dificuldade sem aparente solução”. Tomado como impossibilidade, tais impasses tem sido repetidamente forçados como argumentos em prol de leituras que dão por certo a ultrapassagem da psicanálise quanto às teorias da linguagem, porém, faremos deles ponto de partida para a pesquisa.

Logo, a primeira dificuldade que se apresenta ao diálogo que pretendemos reintroduzir consiste na adoção pela psicanálise de concepções de ordem energético-quantitativas desde seus primórdios, concepções estas que não foram de todo abandonadas. O segundo é referente à perspectiva dada à linguagem e, haja vista o escopo da obra lacaniana, às diferentes noções concedidas ao termo significante. Por último, devemos também fazer menção a um problema central da epistemologia que, no campo psicanalítico, acabou por tomar diferentes roupagens, a saber, o do estatuto de real. Para tanto, elegemos a teoria lingüística de Louis Hjelmslev em nossa tentativa inicial de interlocução.

De maneira semelhante nas três linhas de análise acima citadas, teremos interesse especial em denotar o papel crucial desempenhado pela linguagem na teoria psicanalítica, seja a partir de seus procedimentos clínicos, seja em função dos modos de constituição epistemológica. O objetivo de tal pesquisa é o de defender o caráter imanente da linguagem na teoria psicanalítica, resgatando funções primordiais por ela exercidas e delimitando possíveis impasses quanto ao seu uso. Tal atitude de pesquisa é necessária na medida em que o reconhecimento de tais impasses torna-se fundamental para sua superação. Assim, evitamos a alternativa tão simples quanto equivocada de reproduzir determinados pressupostos como se fossem verdades indubitáveis e testemunhas da impossibilidade de diálogo, em outras palavras, destacar o discurso dos impasses em relação à fundamentação na ordem da linguagem em psicanálise para analisar suas inconsistências. Em certa medida, o intuito é o de fazer da *moeda passada em silêncio* uma moeda corrente, pois, se a ela é confiado o cargo de assegurar modos de existência, é justamente porque seus fios enlaçam uma tessitura fundamental. Começamos desde já, portanto, a criar um diálogo entre Lacan e Hjelmslev, porém, iniciaremos pela análise de suas condições.

2.2. O impasse quantitativo

Para reaver determinadas noções que foram pertinentes na delimitação de uma abordagem quantitativa do afeto no capítulo anterior, e que agora nos interessarão para a especificação de impasses que a noção de quantidade pode colocar à proposição de uma abordagem discursiva do afeto, iremos optar pela adoção de uma obra de Freud como linha de condução para nosso exame. Pois, mesmo sendo especificamente referida ao texto *Além do Princípio de Prazer* (FREUD, 1920/1996), grande parte dos elementos que serão aqui examinados têm relação direta com o restante da obra freudiana. Considerado um dos mais importantes *turning points* da psicanálise em suas origens, esse texto traz consigo igualmente o conjunto de impasses quantitativos que dificulta a aproximação com as teorias da linguagem. Acompanhemos o texto para evidenciar a problemática em questão.

Logo no primeiro parágrafo, Freud faz a exposição das vantagens obtidas com a inclusão do ponto de vista econômico no que chamou de descrição metapsicológica.

Entretanto, os impasses epistemológicos envolvidos no viés econômico que pretendemos apontar não são necessariamente intrínsecos aos fenômenos elegidos para descrição, mas sim ao tratamento teórico a eles sobreposto, ou, melhor dito, das conseqüências a eles atribuídas. Recapitulando, desde o *Projeto para uma Psicologia Científica* (FREUD, 1895a/1996), Freud aponta que a origem da concepção quantitativa “*deriva diretamente das observações clínicas patológicas, especialmente no que diz respeito a idéias excessivamente intensas* – na histeria e nas obsessões, nas quais, como veremos, a característica quantitativa emerge com mais clareza do que seria normal.” (FREUD, 1895a/1996, p. 347, itálicos nossos)³⁶.

Os fenômenos de intensidade de fato permeiam as experiências clínicas, ao que não se pode objetar. Entretanto, sob quais garantias podemos assentar a conjectura de que sua origem está estabelecida em diferenças quantitativas entre níveis energéticos? Onde especificamente podemos encontrar o dado observacional que liga a idéia intensa a uma energia seja ela de qualquer ordem? Não seria mais justo dizermos, ao contrário, que entre a idéia intensa e os fluxos quantitativos de toda sorte haveria uma espécie de ruptura epistemológica? Ou ainda, considerar que esses dados observacionais colhidos por Freud estivessem inteiramente imersos na ordem da linguagem? Como pretendemos defender ao longo da tese, a suposição que permite a vinculação do afeto e seus derivados aos aspectos quantitativos é a mesma que possibilita reduzir os dados da vida afetiva a determinantes de ordem natural. Nesse sentido, a concepção econômica, se fundamentada em pressupostos energéticos, autoriza igualmente a associação dos fenômenos de linguagem em geral a substratos orgânicos, sendo o afeto o modelo de tal atitude epistemológica.

Que a concepção econômica tenha se tornado operativa e, assim, adentrado na trama conceitual psicanalítica, bem como tenha oferecido resultados práticos, tampouco se coloca em dúvida. Porém, continuando o exame crítico, como bem aponta Hjelmslev, a aplicabilidade de uma teoria e sua relação com dados da experiência não pode ser vista como garantia de sua veracidade sob o risco de incursão em realismo ingênuo

³⁶ Teor semelhante pode ser encontrado na segunda parte do *Projeto*, esta destinada à clínica: “O que antes de mais nada chama a atenção de qualquer observador da histeria é o fato de que os pacientes histéricos estão sujeitos a uma *compulsão* exercida por idéias *excessivamente intensas*.” (FREUD, 1895a/1996, p. 401, itálicos no original).

(HJELMSLEV, 1961/2003)³⁷. E bastaria ainda lembrarmos da forma como Freud aponta, em *Além do princípio de prazer*, o caráter de provisóriedade de suas teorias. A pergunta subsequente a se fazer seria: poderíamos considerar o abandono não do conjunto da teoria, mas apenas de seus primeiros passos de análise caso eles entrassem em conflito com o restante do corpo teórico? A metáfora a ser então utilizada seria a dos tapumes de construção que, em determinado momento da edificação, devem ser retirados, posto que já cumpriram sua função. Ao que procuramos indicar, este poderia ser o caso do substrato quantitativo da teoria freudiana dos afetos. Para tanto, torna-se necessária a delimitação do embasamento em estruturas de linguagem para, finalmente, obtermos uma leitura discursiva em substituição às de reduções quantitativas.

Contudo, no contexto de *Além do princípio de prazer*, Freud lança mão de explicações que nitidamente visam reduzir fenômenos qualitativos a bases energéticas. É, por exemplo, o que ocorre com sentimentos e emoções observáveis nas quais, segundo ele: “(...) o fator que determina o sentimento é provavelmente a quantidade de aumento ou diminuição na quantidade de excitação *num determinado período de tempo*.” (FREUD, 1920/1996, p. 18, *itálicos no original*). Logo após, Freud reconhece a origem do pressuposto na concepção psicofísica de regulação, subjacente a essa hipótese, e atribui a Fechner sua autoria. Em outras palavras, a principal suposição da teoria psicofísica, a da predominância dos fenômenos de ordem físico-natural como causa e determinação dos eventos estudados, acaba sendo retomada como base epistemológica na compreensão dita econômica de afetos, sentimentos e emoções. Ao quadro geral das paixões humanas, devemos supor gradientes de regulação que só fariam sentido num aporte físico subjacente, ou em metáforas do mesmo.

Quanto à questão da primordialidade ou não do princípio de prazer, temática central do texto de 1920, devemos ressaltar assim que o próprio princípio é herdeiro direto de uma tradição epistemológica conflitante com os rumos a serem defendidos numa vertente discursiva para a questão do afeto. Até que ponto poderíamos considerar metafórica a apreensão de preceitos regulatórios fundados em níveis quantitativos? Ao mesmo tempo, coloca-se constantemente frente ao projeto psicanalítico – do qual o

³⁷ Num rápido exame, poderíamos dizer que a posição de Hjelmslev encontra ressonâncias na epistemologia. Sua colocação é praticamente correlata a de Bachelard, que aponta a fundamentação na observação como obstáculo epistemológico realista (cfe. BACHELARD, 1996). Ao mesmo tempo, corresponde às denúncias de Popper sobre o mito da observação em detrimento à lógica da argumentação científica (cfe. POPPER, 1982).

estatuto científico ainda é uma questão em aberto – determinadas proposições de abarcamento. É o caso, como descrevemos mais detalhadamente no primeiro capítulo, dos projetos de Pribam & Gill (s/d) e Sulloway (1998), citando apenas alguns dentre os mais proeminentes. Os primeiros apresentam o intuito claro e explícito de fazer da psicanálise um prefácio a uma teoria neurocientífica geral. Já Sulloway visa desvelar a pretensa “verdadeira face” da teoria freudiana: a de uma biologia enrustida, camuflada, recoberta por acessórios por ele considerados desnecessários. Em ambos os casos, a perspectiva de enquadrar dos fenômenos afetivos em termos discursivos é desacreditada em nome da precedência de hipóteses quantitativas, propagandeadas como descobertas de cunho orgânico e, como tais, grandes avanços do movimento neurocientífico em seus primórdios. O afeto seria assim a linha a costurar a compreensão do passado da teoria psicanalítica no interior do campo das ciências naturais, e, ao mesmo tempo, cercear seu futuro como prática independente dos avanços nas áreas biológicas.

Deste modo, o impasse epistemológico ao diálogo com as teorias da linguagem fica evidenciado, ainda mais se forem levadas adiante as apostas epistemológicas que vêm nos preceitos quantitativos a pertinência em aproximar a descrição dos fenômenos subjetivos abordados pela teoria freudiana a projetos de redução a substratos de origem neuronal. Como poderíamos conjugar tentativas de redução às variações nos níveis de catexia dos sentimentos, emoções e afetos, com a visão característica das teorias semióticas e lingüísticas de localização da expressão no quadro de referência do sentido? Tal encruzilhada se oferece à psicanálise: por um lado, retornar ao estudo persistente da linguagem ou, por outro, entregar-se à revisão neurocientífica e ser subsumida enquanto passo provisório já dado. Vejamos um excerto do texto de Pribam & Gill que vai neste sentido:

Aqui, estamos interessados apenas em conservar o que é eficaz e descartar o que precisa ser descartado nas conceituações iniciais encontradas no *Projeto*. Para nós, parece que os *problemas* são expostos aí de uma forma admirável. A solução neurofisiológica apresentada por Freud pode, contudo, ser modificada à luz dos conhecimentos atuais. (PRIBAM & GILL, s/d, p. 77, *itálicos no original*).³⁸

³⁸ Complementando, de maneira igualmente explícita, Pribam & Gill dirão que: “A nossa presente finalidade é mostrar que a metapsicologia psicanalítica deve ser considerada, em todas as suas facetas, uma teoria biológica do controle cognitivo, baseada numa neuropsicologia explícita.” (PRIBAM & GILL, s/d, p. 7).

Extrair dos primórdios da teoria freudiana algumas indicações para que os conhecimentos atuais de neurofisiologia se encarreguem de formular o contexto teórico-prático, eis os termos do diálogo o qual é via de regra proposto.

No que possa dizer respeito a um diálogo entre psicanálise e teorias da linguagem, os entraves tornam-se mais complexos no que toca à questão da aquisição da linguagem. Ainda em *Além do Princípio de Prazer*, Freud indica a partir da figura teórica da *Bindung* – que traduziremos aqui por *ligação* – que, antes mesmo da regulação pelos gradientes energéticos que determinam o princípio de prazer, haveria uma função mais primordial segundo a qual a energia liga-se à idéia. Do fluxo livre e caótico de quantidades no interior do aparelho psíquico surge uma organização capaz de prover ordenamentos a partir do momento em que a energia se torna quiescente, ou seja, ligada³⁹. Assim, grande parte do que é trabalhado no *Projeto* retorna com vigor em *Além do Princípio de Prazer*. Vejamos o seguinte excerto:

Do presente caso, então, inferimos que um sistema que é altamente catexizado é capaz de receber um influxo adicional de energia nova e convertê-la em catexia quiescente, isso é, de vinculá-la psiquicamente. Quanto mais alta a própria catexia quiescente do sistema, maior parece ser a sua força vinculadora; inversamente, entretanto, quanto mais baixa a catexia, menos capacidade terá para receber o influxo de energia e mais violentas serão as consequências de tal ruptura no escudo protetor contra estímulos. (FREUD, 1920/1996, p. 41).

Se o objetivo do *Projeto*, como vimos no capítulo anterior, era justamente o de fazer valer uma intenção – a de promover uma psicologia enquanto ciência natural – através do estudo e aplicação de duas hipóteses – de representar o psiquismo por meio de estados quantitativos e de partículas materiais especificáveis (FREUD, 1895a/1996, p. 347) – reforçamos então a conclusão de que apenas o aporte neuronal de localização fora abandonando. Dado que a ligação pertinente ao surgimento da linguagem e do pensamento se dá no interior dos regimes de circulação energético-quantitativo, como poderíamos decretar o total rechaço do *Projeto*?⁴⁰ No caso de declararmos que a

³⁹ Note-se que proposição semelhante já havia sido feita por Freud em 1915 no texto *Repressão* através do conceito de recalque primário – ou repressão primeva. Naquele momento, é defendida a noção de uma primeira *fixação* da pulsão ao representante psíquico, no entanto, somente em 1920 ela toma ares de princípio anterior ao de prazer, tal qual um marco zero, uma condição de possibilidade para o aparelho psíquico. (FREUD, 1915b/1996, p. 153).

⁴⁰ No entanto, fazemos nota de que autores como Vieira defendem a ruptura total entre o *Projeto* e o restante do arcabouço psicanalítico. Vejamos o seguinte exemplo: “O *Projeto para uma psicologia científica* marca o fim de um período, de todo um caminho percorrido por Freud no sentido de situar o

economia freudiana paulatinamente tornou-se metafórica, teríamos que, igualmente, desconsiderar as inúmeras indicações do autor segundo as quais o viés quantitativo é ressaltado. Uma delas pode ser encontrada ainda no texto de 1920, ora examinado, quando o autor se refere ao dualismo entre pulsões de vida e de morte: “Se, portanto, não quisermos abandonar a hipótese das pulsões de morte, temos de supor que estão associadas, desde o início, com as pulsões de vida. Deve-se, porém, admitir que, nesse caso, estaremos trabalhando com uma equação de duas quantidades desconhecidas.” (FREUD, 1920/1996, p. 67). Não seria este mais um caso no qual a hipótese quantitativa é defendida enquanto pressuposto epistemológico primordial, mesmo para além de suas capacidades explicativas? Em outras palavras, Freud discute a respeito da natureza objetiva de duas quantidades desconhecidas as quais, no entanto, não deixa de supor como possuidoras de características físicas.

Entretanto, devemos ressaltar uma vez mais que a hipótese energética é erigida justamente em detrimento das relações semânticas. Explicações fundamentadas em quantidades de energia se opõem ao estudo das inter-relações entre os sentidos inerentes às experiências. Poderíamos, para tanto, apontar outras inúmeras vezes na obra freudiana – e pós-freudiana – o modo como definições de afeto, pulsão, catexia, investimento, bem como dos processos inerentes ao aparelho psíquico acabam tendo por conseqüência a redução do semantismo e vivências intersubjetivas envolvidas aos fluxos e refluxos de excitações, quer sejam materializadas em processos corporais, quer sejam hipotetizadas em percursos psíquicos⁴¹. Deste modo, caracterizamos o impasse epistemológico quantitativo na sua aparentemente abertura para teses de cunho reducionista em detrimento da retomada do diálogo com teorias discursivas que preconizam um estatuto epistemológico fundamentado na linguagem.

2.3. O impasse na concepção de linguagem

afeto nos termos de uma energia objetivável, inserindo-o na dinâmica da homeostase e das relações quantidade x qualidade. Trata-se de uma via que mudará radicalmente de direção com o abandono deste texto.” (Vieira, 2001, p. 48, *itálicos no original*).

⁴¹ Vejamos por exemplo a maneira como Freud define o recalque primário em 1926: “É altamente provável que as causas precipitantes imediatas das repressões primitivas sejam fatores quantitativos, tais como uma força excessiva e o rompimento do escudo protetor contra os estímulos.” (Freud, 1926/1996, p. 98).

Não seria nenhuma novidade apontarmos a origem do conceito lacaniano de significante em estudos acerca do *Curso de Lingüística Geral*, de Saussure. Lacan mesmo o diz claramente por diversas vezes. De modo semelhante, pouco contribuiríamos ao dizer que o significante lacaniano assumiu identidade própria, destacando-se da concepção saussuriana. Entretanto, o que pretendemos defender é justamente a possibilidade de operarmos um diálogo entre a concepção lacaniana e outra, propriamente linguística, derivada da obra de Louis Hjelmslev. Tal tentativa nos oferece a possibilidade de partirmos ao embate de mais um impasse epistemológico para a aproximação entre psicanálise e teorias da linguagem, a saber, a concepção psicanalítica de linguagem. Isto porque, ao lado de firmes apostas de Lacan na direção do estudo languageiro, podemos igualmente evidenciar uma postura por vezes demissionária, uma atitude criadora de aforismos largamente repetidos – e poucas vezes digeridos – que tendem a situar o real como “fora da linguagem” e o significante como “impedimento à significação” sem derivar daí todas as suas conseqüências epistemológicas. Tais passagens permitem suposições de ruptura definitiva entre a psicanálise e teorias da linguagem e, ainda pior, o fim da delimitação do campo da linguagem por si próprio como sendo a base, o esteio epistemológico, da psicanálise tal como fora defendido por Lacan numa série de escritos e, principalmente, em seus seminários iniciais.

Dois momentos na obra lacaniana são freqüentemente tomados como significativos no distanciamento entre psicanálise e lingüística: a terceira sessão do seminário XVIII, com o título sugestivo de *Contra os lingüistas* (1971/2006), e a segunda do seminário XX, com um tom mais nostálgico, dedicada *A Jakobson* (1972-1973/1985). Em ambas, Lacan dispara frases de impacto que demonstram perfeitamente seu grau de insatisfação para com os lingüistas de sua época. Contudo, a questão que hoje se impõe, passado o calor de algumas décadas, deve ser a seguinte: em que sentido podemos separar as questões institucionais dos problemas de pesquisa rigorosamente bem colocados? Para não sermos tributários de polêmicas que ultrapassam os limites da sistematização teórica, e, desta forma, vir a endossar a quebra do diálogo entre pensamentos próximos em sua base, faz-se necessário que possamos identificar pontos semelhantes de abordagem em seus programas de pesquisa. No caso, pretendemos defender a hipótese segundo a qual, mesmo nos ditos “pontos de ruptura” e “subversão”

bem como no gradual interesse por novos temas conceituais, Lacan não chega a descartar a linguagem como fundamento epistemológico e campo comum entre psicanálise e lingüística. Se, por um lado, as trocas e o auxílio mútuo em determinado momento escassearam, por outro, os liames que possibilitam novas retomadas da comunicação inter-teórica permanecem intactos. Conforme indicamos no princípio desse capítulo, iniciaremos nosso exame pelos impasses.

No seminário XVIII, Lacan volta-se contra os então chamados “lingüistas universitários” que, a seu ver, aparentemente buscavam preservar para si o privilégio sobre a linguagem enquanto objeto de pesquisa e, para demarcar o território, criticavam um suposto “uso metafórico da lingüística” efetuado pelo psicanalista (pp. 41-2). Como era de se esperar, sua resposta foi igualmente hostil, chegando ao ponto de declarar, com todas as letras, estar “pouco se lixando” para a lingüística⁴². No entanto, não deixa de reforçar que seu interesse direto é a linguagem, pois é nela que está empenhado durante os procedimentos psicanalíticos (LACAN, 1971/2006, p. 45). Todas as considerações que seguem a essa, com o intuito de destituir a lingüística enquanto teoria de proa, do encargo por ele mesmo outorgado de “ciência piloto”, em nada ferem diretamente as crenças então imputadas na pertinência da linguagem, não a destituem de seu lugar no cerne do edifício lacaniano. Mesmo se há alguma razão por trás das acusações de desconhecimento, de uso vago e impreciso – e por isso simplesmente metafórico – dos conceitos provenientes da lingüística, ou, como declara Mounin, de mera “coloração linguística” (MOUNIN, 1970, p. 184), o fato principal a ser posto em relevo é que, a partir de Lacan, é na ordem da linguagem que os fundamentos da psicanálise passam a ser desvelados:

O que eu acrescento a Freud – mesmo se em Freud já está lá, patente, porque o que quer que seja que ele demonstre do inconsciente não é nada além de matéria de linguagem –, eu acrescento o seguinte, que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Qual? Pois bem, justamente, pesquisem-na. (LACAN, 1971/2006, p. 44).

Faz-se necessário que seja buscado, que investiguemos a respeito da linguagem que estrutura o inconsciente. Porém, a lingüística enquanto referência de tal empreitada

⁴² Na verdade, um eufemismo de nossa parte. No original “la linguistique, je vais vous le dire, mois, je m’en fous”, sendo que o termo empregado vai, semanticamente, desde os nossos “pouco me lixando”, “nem ligando”, até outros bem mais pesados, para não dizermos de baixo calão.

é posta como uma “metáfora que se fabrica para não funcionar” (p. 46). Logo, para Lacan, devemos seguir na trilha aberta desde Freud, e por ele aperfeiçoada, rumo a maiores compreensões do psiquismo que, certamente, revelar-se-ão como “matéria de linguagem” independentemente dos rumos tomados pela lingüística. Trata-se, portanto, de uma tentativa de “tiro na linguagem”, como vimos anteriormente, ou, mais precisamente, de um “tiro na lingüística”? Talvez, de maneira mais acurada, o alvo fosse antes os próprios “lingüistas”, os de seu tempo, espaço, instituição, etc.

Enfim, mesmo se a lingüística devesse ser vista como uma metáfora a não funcionar, sua própria conclusão a respeito não caminhou no sentido de uma demissão completa, de uma ruptura derradeira e categórica. Pois, ao finalizar, Lacan parece mais interessado na redefinição dos termos em que o diálogo é colocado do que necessariamente ao seu encerramento. Assim, dirá a respeito da lingüística que, se corretamente “filtrada, criticada, finalizada” e sob a condição de ser utilizada pelo psicanalista a sua própria maneira, então “por que não tirar proveito?” (p. 53). Nossa conclusão é a de que a mudança de orientação requerida por Lacan é contingente às relações pessoais, institucionais e de trabalho que então foram firmadas e levadas a extremos. De acordo com Bevidas & Lopes (2004), seguindo a esteira de análise fortemente defendida por Arrivé (1999 e 2001), o teor de afirmações como essas – e tantas outras semelhantes que se disseminaram no campo pós-laciano – operaram um gradual distanciamento entre psicanálise e lingüística, reduzindo desafortunadamente possibilidades de pesquisas em conjunto. Ainda segundo Bevidas⁴³, devemos somar ao poder de tais declarações o modo em que o sobrepeso de transferências “pânicas” fizeram com que a aceitação incontestada da mudança de rumo no que diz respeito à lingüística fosse admitida pelos adeptos da psicanálise lacaniana sem maiores revisões. Porém, como temos apontado – e de acordo com os autores acima citados –, o essencial da condição de possibilidade para a cooperação entre esses campos teóricos permanece, ou seja, os fundamentos de linguagem que a psicanálise lacaniana oferece.

Prosseguindo em nosso exame, veremos que os mesmos termos se aplicam à notória sessão dedicada por Lacan à Jakobson no seminário XX. Nela, o ponto nodal ao redor do qual o tema será desenvolvido pode ser compreendido como a discussão acerca dos limites epistemológicos entre teorias. Se Jakobson, no dia anterior à fala proferida

⁴³ Sobre a relação específica da transferência na pesquisa, ver Bevidas, 1999a e 1999b.

por Lacan, postulou que tudo o que é relevante à linguagem deve ser tido como do interesse do lingüista, Lacan, em resposta, forja o termo de *lingüisteria*, para, em última instância, “deixar a Jakobson seu domínio reservado” (LACAN, 1972-1973/1985, p. 25). Na disputa pelo território epistemológico, dizer que a tese central do inconsciente estruturado como uma linguagem “não é do campo da lingüística” (p. 25) e, para tanto, delinear um novo termo, em nada compromete a hipótese central, pois ainda é da linguagem que se trata. E o texto que muitos dão como o ápice da recusa por parte de Lacan em persistir no diálogo com a lingüística, de modo emblemático, porta afirmações de importância notória a uma abordagem discursiva dos fenômenos, aos quais a psicanálise tem se dedicado, como também à constituição de um estatuto epistemológico *immanentista* no que diz respeito à linguagem. É assim, por exemplo, que Lacan enuncia audaciosamente que “não há nenhuma realidade pré-discursiva. Cada realidade se funda e se define por um discurso.” (p. 45). Noutros termos, a realidade é imanente ao discurso. Fato curioso encontrar uma citação como essa no percurso de um texto dado, tanto em seu corpo quanto historicamente, como sendo de ruptura. Talvez nem mesmo Hjelmslev tenha alcançado caracterização tão categórica de um estatuto semiótico do real, ou seja, do imanentismo da linguagem.

Dizia Lacan, então, perceber que “era difícil não entrar na lingüística a partir do momento em que o inconsciente estava descoberto.” (LACAN, 1972-1973/1985, p. 25). Porém, a leitura standard feita de sua obra assume que a forma alcançada pelo seu conceito *princeps*, o de significante, obteve tamanha subversão em relação à concepção inicial de Saussure que já nada mais havia como mote para o diálogo entre ambas as teorias. Em certo sentido, Lacan repetidamente manifesta um tom de decepção quanto ao substrato teórico que acreditara, até determinado momento, que obteria da fonologia de Jakobson (seu modelo incontestado quanto à lingüística). Como conciliar, então, essas diferenças de perspectiva? Ora, é de fato justo – e até mesmo necessário – que se coloque que o significante lacaniano não pode ser contido em diferenças de ordem fonemática. O modelo jakobsoniano, essencialmente formal e binarista, nem por isso deve ser visto como errôneo. Ao contrário, tal teoria possui acertos e méritos reconhecidos. Entretanto, quaisquer tentativas de extrapolação de seus domínios visivelmente portarão consigo as marcas de suas limitações. Vale lembrar que a fonologia dedica-se com sucesso a um estrato circunscrito dos fenômenos de linguagem

e, como tal, ressaltou aspectos epistemológicos que foram caros a Lacan (como a materialidade no interior da linguagem, a importância da noção de *estrutura* na fundamentação do campo, entre outros). Porém, a psicanálise em sua abordagem do inconsciente não se restringe a fatos tão somente desse registro. Faz-se necessário, por conseguinte, o diálogo com teorias mais abrangentes no que se refere ao estudo da linguagem.

A questão do significante, decididamente, continua sendo um ponto crucial para quaisquer tentativas de retomada do diálogo entre a psicanálise lacaniana e as teorias da linguagem e, assim sendo, requer atenção especial. Como dissemos anteriormente, por reiteradas vezes, Lacan demarca a distância que separa seu conceito daquele do mestre suíço que outrora lhe servira de inspiração. Tomemos como ponto exemplar dessa posição o seguinte excerto retirado do escrito *A Ciência e a Verdade*:

Pela psicanálise, o significante se define como agindo, antes de mais nada, como separado de sua significação. É esse o traço de caráter literal que especifica o significante copulatório, o falo, quando, surgindo fora dos limites da maturação biológica do sujeito, ele se imprime efetivamente, sem poder ser o signo que representa o sexo existente do parceiro, isto é, seu signo biológico; lembremo-nos de nossas fórmulas diferenciadoras do significante e do signo. (LACAN, 1966/1998, p. 890).

Caberia perguntar: a quem Lacan responde ao demarcar repetidamente a irreconciliável separação entre sua concepção de significante e os conceitos de signo e significação? Pouco poderíamos nos aventurar em delimitar o campo de leituras de Lacan, apontando com ares de certeza seus interlocutores. Entretanto, nada nos impede de conjecturar a respeito de possibilidades. Talvez pudesse ser com a concepção corrente – e superficial – de leitura da obra saussuriana segundo a qual o signo não passa da união fechada entre conceito (significado ou significação) e imagem acústica (significante). Contudo, esta leitura não é condizente com a própria obra. Em seus meandros, é possível destacar como freqüentemente Saussure acentua a noção de que a linguagem é forma ao invés de substância. De maneira semelhante, sua concepção de signo não pode ser tomada como o conjunto hermético de duas formas de representação, mas sim como a soma de duas inteligências lingüísticas capazes de produzir efeitos de sentido. E Lacan bem o sabia, basta ver a forma como manejava o esquema saussureano das duas nebulosas (por exemplo, LACAN, 1955-1956/1988, p. 295).

Talvez seja pista para o desenlace desta questão uma frase praticamente solta ao vento pelo psicanalista francês: “Daí as diferenças teóricas entre um Jakobson, um Hjelmslev (*sic*)⁴⁴ e um Chomsky.” Ao que arremata: “É a lógica que aqui faz as vezes de umbigo do sujeito, e a lógica no que ela de modo algum é uma lógica ligada às contingências de uma gramática.” (LACAN, 1966/1998, p. 875). Seria então uma resposta a Hjelmslev? Nossa hipótese é a de que não, indo na esteira da posição defendida por Beividas (2001) de que uma discussão rigorosa entre as teorias de Lacan e de Hjelmslev poderia ter rendido uma psicanálise outra, mais fortemente vinculada à linguagem. Pois, se nos ativermos a uma compreensão ampla do que o termo “lógico” pode nos transmitir, ele é tão caro a Lacan quanto a Hjelmslev. E as semelhanças em ambos os projetos epistemológicos não se restringem apenas à importância dada aos aspectos do funcionamento lógico na formação da posição do sujeito. Buscaremos apontar, nas próximas páginas, algumas perspectivas neste sentido⁴⁵.

Antes mesmo de Lacan aparentemente criticar a versão *standard* segundo a qual o signo saussuriano seria fechado, Hjelmslev já havia proposto uma versão completamente nova de signo que convém ser analisada. Se a versão saussuriana de signo que nos foi historicamente legada, apresentava uma grafia fechada para sua representação – o que não necessariamente é condizente com o ensino do linguista genebrino –, portando duas setas de mútua implicação (conforme figura 1), Hjelmslev⁴⁶ nos propõe uma versão alternativa, diferente e em aberto (figura 2):

Figura 1:

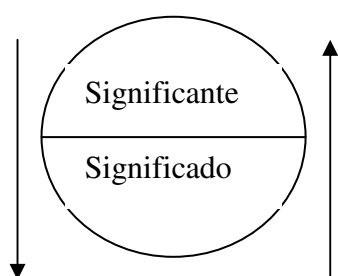
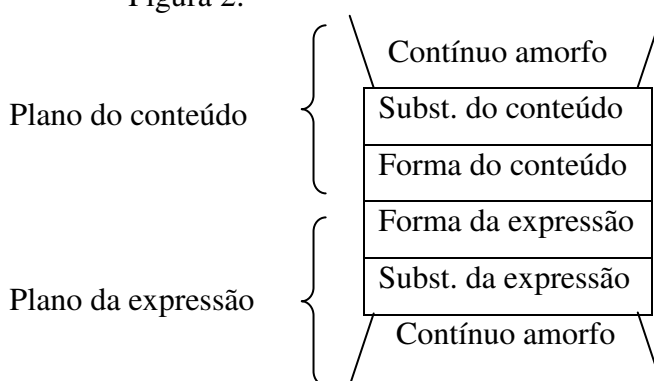


Figura 2:



⁴⁴ O erro de escrita, quando o nome correto é Hjelmslev, é proveniente da versão original em francês e repetido na versão brasileira dos *Escritos*.

⁴⁵ Voltaremos à análise da contribuição de Hjelmslev no quinto capítulo da presente tese.

⁴⁶ Deve ser feita a ressalva de que o grafo não foi desenhado por Hjelmslev em seus *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* (1961/2003), mas pôde ser de lá derivado por outros autores a partir de suas descrições.

Explicitando os termos da figura 2 temos que Hjelmslev concebe sua abordagem do signo, primeiramente, em decorrência da divisão entre os pólos da expressão e do conteúdo a partir da oposição saussuriana entre significado e significante. De modo semelhante, propõe a existência de duas continuidades amorfas em seus extremos. No inferior, ressalta o conjunto de possibilidades plásticas segundo as quais, para exemplificar, uma língua poderia delimitar um fonema ou um pintor a cor de sua gravura. Logo acima, localiza a substância da expressão como o conjunto já recortado das possibilidades dentro de um conjunto (tais como os fonemas de uma língua). Na forma da expressão estão contidas as organizações permitidas segundo as probabilidades pré-estabelecidas pelo sistema. Como bem nos lembra Lacan em seu seminário sobre a relação de objeto, a partir do momento em que há grafia, há imediatamente ortografia como controle do erro, ou seja, a linguagem ordena-se através de leis internas a ela mesma (LACAN, 1956-1957/1995, p. 243). Já no plano do conteúdo, a sua forma é relativa à organização e estruturação dos conteúdos enquanto que, a substância, compreendida como campo das semióticas, está relacionada ao teor discursivo de um dado fenômeno. Por fim, a massa amorfa situada no plano do conteúdo tem a finalidade de prestar contas da virtualidade do conjunto de discursos e sobreposições potenciais no universo de linguagem, porém, ainda não formalizadas (HJELMSLEV, 1961/2003).

Após esta breve exposição da teoria hjelmsleviana (também chamada pelo autor de glossemática), tentaremos situar alguns pontos de contato e disjunção com a teoria lacaniana, procurando não incorrer na tentativa de buscar sinonímias ponto-a-ponto. Em primeiro lugar, destacamos no trabalho de Hjelmslev dois elementos de extrema importância. O primeiro está relacionado ao conceito de “forma semiótica”. Segundo Beividas,

(...) muitas das “atitudes” de Lacan, nas suas análises, nos seus exemplos de teorização do significante indicam que este conceito encontra forte correspondência com o conceito hjelmsleviano de *forma semiótica* (relação de pressuposição recíproca entre a *forma do conteúdo* e a *forma da expressão*). (BEVIDAS, 2001, pp. 309-310, itálicos no original).

Seguindo esta análise, poderíamos dizer que a forma semiótica porta em si o mesmo caráter de articulação dado ao conceito lacaniano de significante sem que com

isso tenhamos que defini-lo como discurso fechado. A união das duas formas (do conteúdo e da expressão) para a constituição da forma semiótica aproxima-se consideravelmente ao conjunto de determinações implícito na concepção de significante de Lacan. Nas palavras do próprio autor, exemplificaremos sua abordagem: “É realmente sob a forma de significante que aparece aquilo que tem de ser mobilizado na natureza: trovão e chuva, meteoros e milagres.” E complementa, em seguida, com seu sentido de apreensão: “Tudo ali está por ser ordenado segundo as relações antinômicas em que se estrutura a linguagem.” (LACAN, 1966/1998, p. 886)⁴⁷.

Se a intenção era a de apontar as estruturações da linguagem evitando a atitude de simbolizá-las demasiadamente – o que poderia ser continuidade da crítica constante de Lacan aos excessos de simbolização e intencionalidade característicos às versões psicanalíticas de seu tempo, como em suas declarações a respeito do kleinianismo, por exemplo – a noção de forma semiótica tem a vantagem de não precisar supor uma estruturação externa. Até porque, sendo fiel ao estudo hjelmsleviano, sua aposta geral deve ser enquadrada enquanto semiotismo imanente, ou seja, a linguagem enquanto estrutura é estrutura imanente. Segundo o autor: “Evitando a atitude transcendental que prevaleceu até aqui, a teoria da linguagem procura um conhecimento imanente da língua enquanto estrutura específica que se baseia apenas em si mesma.” (HJELMSLEV, 1961/2003, p. 23).

Se mapearmos, ainda, as referências que Lacan faz à concepção de signo do mestre genebrino, com bem aponta Arrivé (1999), veremos que elas são mais próximas do conceito de *símbolo* em Saussure do que necessariamente ao signo, bem mais complexo e sem comportar o mesmo grau de motivação que poderíamos ver, por exemplo, na pesquisa deste sobre os anagramas. É desse modo que, em seu vigésimo seminário, Lacan refere-se ao signo da seguinte maneira: “Não há fumaça senão como signo do fumante.” (LACAN, 1972-1973/1985, p. 68). Ora, se nos ativermos rigorosamente ao vocabulário saussureano, veremos que aí não há signo, mas símbolo, posto que motivado. No entanto, Lacan coloca, em nome da prevalência do significante, o signo numa posição visivelmente de efeito do significante. “O signo não é portanto

⁴⁷ Igualmente poderíamos citar como exemplo: “é por isso que se constrói este exemplo. Ele demonstra a vocês que, desde o surgimento mais elementar do significante, surge a lei, independentemente de todo elemento real. Isso não quer dizer em absoluto que o acaso seja comandado, mas que a lei surge com o significante, de maneira interna, independente de toda experiência.” (LACAN, 1956-1957/1995, p. 243).

signo de alguma coisa, mas de um efeito que é aquilo que se supõe, enquanto tal, de um funcionamento do significante” (p. 68). Ao atrelar o signo (ou o símbolo) ao proceder do significante, Lacan está, em última instância, ressaltando o seu papel de função. Nesse sentido, pensar a relação entre o significante lacaniano e a forma semiótica é reforçar o viés de estrutura de linguagem necessária e fundamental a uma abordagem discursivizada do acontecer psíquico.

Nesse mesmo sentido, o segundo elemento que visamos destacar diz respeito mais propriamente a uma função, a saber, a *função semiótica*. Responsável pela união entre os planos do conteúdo e da expressão, a função semiótica começa a nos preparar o campo para a abordagem do estatuto do real numa psicanálise decididamente fundamentada na linguagem a partir do momento em que, ao que tudo indica, parece nos oferecer uma possibilidade heurística de abordagem do antes citado fenômeno de *ligação – Bindung*. A função semiótica se refere à conjunção indissociável do plano do conteúdo com o plano da expressão. Na teoria de Hjelmslev não se faz necessário supor um momento mítico de união entre elementos de ordem diferentes para que possamos conjecturar sobre a aquisição de linguagem no psiquismo. A própria estrutura da linguagem se ocupa em fazer com que suas diferentes apresentações estejam, desde o princípio, ligadas de maneira inerente, sejam elas expressivas, afetivas, intensivas, semânticas e etc.. Conforme nos diz Hjelmslev:

Não poderá haver função semiótica sem a presença simultânea desses dois fúntivos [expressão e conteúdo], do mesmo modo como nem uma expressão e seu conteúdo e nem um conteúdo e sua expressão poderão existir sem a função semiótica que os une. A função semiótica é, em si mesma, uma solidariedade: expressão e conteúdo são solidários e um pressupõe o outro. Uma expressão só é expressão porque é a expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo porque é conteúdo de uma expressão. Do mesmo modo, é impossível existir (a menos que sejam isolados artificialmente) um conteúdo sem expressão e uma expressão sem conteúdo. (HJLEMSLEV, 1961/2003, p. 54).

A posição teórica tomada por Hjelmslev faz com que hipóteses de ancoragem em substratos biológico-quantitativos se tornem prescindíveis para dar conta dos fenômenos de linguagem. Assim, a figura teórica da *Bindung – ligação –* poderia ter como possibilidade a indissociabilidade dos dados languageiros, ao mesmo tempo em que, estruturalmente, esta nos coloca o jogo de inter-relações entre os estratos (ver figura 02). Num artigo publicado especificamente a respeito da *Bindung*, Herzog (2003)

destaca sua função primordial como a de um processo imanente que, a partir da delimitação do campo de circulação da pulsão, permite a suposição de novas maneiras de se pensar o psíquico e o corpo. Ao mesmo tempo, reposiciona a questão dando prevalência aos destinos e percalços de termos como os de “prazer”, “desprazer” e “equivalentes simbólicos”, para além da simples oposição livre/ligado para os fluxos energéticos. É nesse sentido que o espaço para uma nova abordagem do *econômico* em termos discursivos pode começar a ser traçada, objetivo ao qual nos deteremos com mais empenho na medida em que o progresso da reflexão contida nessa tese nos permita. Logo, caberia prosseguir na pesquisa sobre o diálogo entre teorias a fim de propor hipóteses a respeito de como os fenômenos de linguagem participam na constituição dos fenômenos afetivos. Esta seria uma forma de, a partir dos problemas até o momento elencados, questionar seu suposto fundo quantitativo relacionado ao afeto e plurificar suas possibilidades de abordagem.

2.4. O impasse no estatuto psicanalítico de real

O presente item pretende lançar rapidamente as bases para uma discussão a respeito do estatuto epistemológico do real em psicanálise, questão que não tomaremos como central à nossa pesquisa, porém que reconhecemos como fazendo parte do corolário de problemas com os quais nos deparamos ao trabalhar com a concepção psicanalítica de afeto. Como de costume, iniciamos nossa investigação pelas indagações freudianas.

A concepção de real entra em jogo no mosaico de micro-teorias freudiana por diversas vezes, porém, em poucas ocupa papel de destaque. Dentre os textos em que ocorrem, podemos destacar dois: *Neurose e Psicose* (FREUD, 1924a/1996) e *A Perda da Realidade na Neurose e Psicose* (FREUD, 1924b/1996). No primeiro, a questão do real é tratada mantendo equivalência entre este conceito e o de realidade, tal como podemos encontrar nas posições realistas de toda sorte. É neste sentido que a Freud será permitido postular a gênese da psicose no conflito entre o ego e o mundo externo/realidade. Nas suas palavras: “o efeito patogênico depende de o ego, numa tensão conflitual desse tipo, permanecer fiel à sua dependência do mundo externo e tentar silenciar o id, ou ele se deixar derrotar pelo id e, portanto, ser arrancado da

realidade.” (FREUD, 1924a/1996, p. 169). Ser “arrancado da realidade” pressupõe um nível de relação tal com o estatuto de real que figure como um jogo de relações com os objetos – igualmente reais. Para que a psicose seja compreendida como desprendimento do real, este deve ter peso realista de existência independente da mente e dos processos de interação próprias à linguagem, exatamente como pretendem tradições realistas de toda sorte. E as influências epistemológicas que até o momento puderam ser delimitadas no que diz respeito à abordagem quantitativa do afeto, tais como as do naturalismo, organicismo, fisicalismo, tendem para esse sentido, uma vez que se apóiam predominantemente na conjectura de substâncias “objetivadas” como origem dos fenômenos afetivos.

Já no texto subsequente, e é interessante poder cotejar estes momentos de nuance e mudança de ponto de vista na escrita freudiana, tanto neurose quanto psicose trazem em si uma qualidade de perda da realidade. Não que a oposição com o mundo externo e imutável configure a perda. Mas sim que a realidade dos objetos independentes é primordialmente abalada, perdida, no momento em que as psicopatologias se colocam como intermédio, criando um regime de interação próprio com os objetos exteriores à realidade psíquica. Segundo Freud: “(...) toda neurose perturba de algum modo a relação do paciente com a realidade servindo-lhe de um meio de se afastar da realidade, e que, em suas formas graves, significa concretamente uma fuga da vida real.” (FREUD, 1924b/1996, p. 205). Tudo se dá como se a perda da realidade da qual o texto trata seja justamente a do declínio da concepção firmemente realista do estatuto do real. Logo, o tom da obra passa a ser o de criar especificidades nas interações entre realidade psíquica/patologia/mundo exterior. Ou ainda, mais radicalmente, do reconhecimento dos fenômenos patológicos na própria constituição do mundo exterior, afastando-se, portanto, da tradição médica de “acometimento” dos fenômenos patológicos por agentes exteriores ao psiquismo⁴⁸.

⁴⁸ Não temos por intenção aprofundar o estudo sobre as repercussões epistemológicas das constituições dos enfoques psicopatológicos em função da necessidade metodológica de restringir nossa temática. Para uma avaliação abrangente das diferentes formas que o patológico assume em função das diversas concepções de real, ver CANGUILHEM, 1995. Lá, na maneira como a “saúde” é tomada como um “conceito normativo que define um tipo ideal de estrutura e de comportamentos orgânicos” (p. 106) ou ainda, na forma como o “normal” é posto como um conceito “dinâmico” e “polêmico”, podemos então observar o aspecto de artifício destacado entre o patológico e o estatuto assumido pelo mundo exterior. Ver também a maneira como Foucault (2002) retoma a questão pelo viés da legitimação do exercício do poder normativo e também como critica as dificuldades de apreensão dos fenômenos de saúde e doença em termos psicopatológicos em função da utilização de critérios provenientes da medicina somática

Contudo, tamanha mudança de postura exige que o passo seja momentoso e, como bem aponta Bachelard (1996), o realismo enquanto obstáculo epistemológico é impregnante. Assim, Freud acaba por mover-se em aproximações e afastamentos. Exemplo disso seria contrastar a citação anterior com a seguinte: “em uma psicose, a transformação da realidade é executada sobre os precipitados psíquicos de antigas relações com ela – isto é, sobre os traços de memória, as idéias e julgamentos anteriores derivados da realidade e através dos quais a realidade foi representada na mente.” (FREUD, 1924b/1996, p. 207). Do que concluímos que, ao lado da abertura para os regimes de linguagem e interação mediados pelos regimes psicopatológicos, Freud coloca o impasse epistemológico contido na noção de representação enquanto captação da realidade exterior – o que expõe certos elementos da concepção realista fortemente arraigada na *Weltanschauung* científica de sua época – operando assim um processo gradativo de deslocamento de sua teoria: da origem realista da tradição médica, da qual surge, a uma postura que vai progressivamente se sensibilizando à pregnância da linguagem. Mesmo sem alcançar o pleno vigor de uma epistemologia de verve linguageira, a obra freudiana pode ser tida como bela preparação do campo para tal. Nada mais natural de constatar, como principal ponto de retorno ao projeto freudiano, que Lacan resgata justamente o que subscrevemos como fundamental na obra do mestre vienense, isto é, sua abertura para a linguagem: “que a via aberta por Freud não tem outro sentido senão o que retomo – o inconsciente é linguagem –, isso que é agora aceito já o era então para mim, como se sabe” (1966/1998, p. 881).

Articular tal retorno com a concepção de real necessitaria operar antes uma espécie de escaneamento das variações que o último termo citado apresenta no conjunto da obra lacaniana. Entretanto, como objetivo central do capítulo é apenas a introdução dos impasses concernentes à abordagem do afeto, e não poderíamos nos dedicar a tal questão mais profundamente sem fugir ao nosso tema, intentaremos apenas contrapor alguns relances das concepções dos seminários sobre *A relação de objeto* (1956-1957/1995) e aquele sobre os *Quatro conceitos fundamentais da psicanálise*

(FOUCAULT, 2000). Em referência específica à perversão, indicamos também o recente trabalho de Roudinesco (2008), sobretudo o capítulo intitulado “Iluminismo sombrio ou ciência bárbara?” (pp. 76-124), no seu questionamento à ordem biológica a partir da reconstrução histórica dos modos de tratamento dos casos de histeria, homossexualismo e masturbação infantil.

(1964/1998) com o aforismo largamente copiado do real “fora” da linguagem, tendo assim, uma linha de análise sucinta.

Primeiramente, podemos perceber que a teorização lacaniana, ao menos em sua origem, visa fazer frente ao modelo energético-quantitativo que há pouco citávamos como impasse epistemológico. Assim, Lacan nos oferece um belo quadro da posição estruturalista (e, no nosso entender, de semiose imanente, conforme explicitamos anteriormente) no parágrafo que segue:

O conflito, a dialética, a organização, a estruturação de elementos que se compõem e se edificam, dão ao que está em questão um alcance energético inteiramente outro. É desconhecer a realidade própria em que nos deslocamos conservar a necessidade de falar da realidade última como se ela estivesse noutra parte que não nesse próprio exercício. Essa referência, posso realmente qualificá-la nessa ocasião de supersticiosa. É uma espécie de seqüela do postulado dito organicista, que não pode ter literalmente nenhum sentido na perspectiva analítica. (LACAN, 1956-1957/1995, pp. 32-33).

Da mesma forma, situa a economia freudiana em “referência ao desenvolvimento de uma relação simbolicamente definida.” (LACAN, 1956-1957/1995, p. 177). É a partir destas indicações que devemos orientar nossa leitura do real lacaniano não como um misto mais ou menos originário das heranças epistemológicas de Freud, restringindo assim seu alcance e originalidade, mas sim como um processo de revisão radical quanto ao seu estatuto de real, sobretudo em função do papel então destinado à linguagem em sua teoria. Abandonado o organicismo, duramente criticado em seu seminário sobre a relação de objeto, Lacan se lançará à questão do estatuto de real mantendo o rumo de escape do realismo aberto por Freud. Assim, definirá:

Tudo o que é real está sempre e obrigatoriamente em seu lugar, mesmo quando se o perturba. O real tem por propriedade carregar seu lugar na sola dos sapatos. Podem desarrumar quanto quiserem o real, ainda assim nossos corpos vão continuar em seu lugar depois da explosão de uma bomba atômica, em seu lugar de pedaços. A ausência de alguma coisa no real é puramente simbólica. (LACAN, 1956-1957/1995, p. 38).

É nesse sentido que pretendemos indicar possíveis correlações entre o estatuto de real na obra lacaniana e as formulações de Hjelmslev a respeito. Para o segundo, o realismo ingênuo deve ser diluído num sistema altamente formalizado e estrutural, imanente à linguagem. O que antes apontamos como forma semiótica, ou seja, o

conjunto de formas do conteúdo e da expressão ligadas por uma função de linguagem, deve ser radicalizado enquanto jogo de relações formais. Segundo Hjelmslev: “os ‘objetos’ do realismo ingênuo reduzem-se, então, a pontos de intersecção desses feixes de relacionamentos; isso significa que apenas eles permitem uma descrição dos objetos que não podem ser cientificamente definidos e compreendidos a não ser desse modo.” (HJELMSLEV, 1961/2003, p. 28).

Tendo em mente a noção de *intersecção de feixes de relacionamentos*, sob os quais se subentendem as concepções de forma do conteúdo e da expressão, propomos como mote de investigações futuras e mais sistemáticas o entrecruzamento de três caminhos teóricos para a psicanálise pós-lacaniana: (a) elaboração e teorização forte de uma concepção do estatuto de real *imanente à linguagem*; (b) para isso, revigorar o diálogo entre psicanálise e teorias da linguagem, através do que (c) fazer decorrer uma série de outras proposições e conseqüências conceptuais para a psicanálise, isto é, redefinições de seus conceitos pregnantes, dentre eles, especial atenção aos diretamente vinculados ao ponto de vista econômico da metapsicologia. Isto porque seu caráter quantitativo e sua possibilidade de abertura para leituras naturalistas da teoria freudiana colocam novamente em questão o estatuto do real em psicanálise. Assim, a presente tese vem tendo como objetivo a discussão primeiramente em torno do conceito de afeto, porém, como pretende operar um diálogo com vertentes discursivas para a temática, é levada, mesmo que de maneira indireta, a colocar-se frente ao problema concernente ao ponto de vista econômico de modo geral.

Do lado da teoria hjelmsleviana, somamos ainda as concepções de *contínuos amorfos*, tanto do plano da expressão quanto do conteúdo. Nosso intuito seria o de vê-lo sistematizado ao lado da seguinte proposta lacaniana acerca do real que surge no momento em que Lacan trata da questão da fobia: “quando ela [a criança] não responde mais, quando, de certa forma, só responde a seu critério, ela sai da estruturação, e torna-se real, isto é, torna-se uma potência. Isso, vamos observar, é também o início da estruturação de toda realidade posterior.” (LACAN, 1956-1957/1995, pp. 68-69). É justamente este, ao que nos parece, o sentido incluso nos postulados de continuidade amorfa: o de potência, virtualidade sob a qual toda a realidade posterior se torna plausível. Como condição de possibilidade, a continuidade amorfa nos apresenta um estatuto de real não só imanente à linguagem como também independente de toda sorte

de realismo. Tal nos parece igualmente a posição de Lacan em seus seminários iniciais. É assim que, no seminário sobre *A ética da psicanálise*, nos dirá que, mesmo sem ter a intenção de propor uma teoria do conhecimento, considera “bem evidente que as coisas do mundo humano são coisas de um universo estruturado em palavras, que a linguagem, que os processos simbólicos dominam, governam tudo.” (LACAN, 1959-1960/1997, p. 60).

Mantendo o espírito de pesquisa exploratória, acrescentamos também como mais um eventual dado para a constituição de um esboço do estatuto linguageiro do real o segundo esquema das paralelas presente no quarto seminário de Lacan. Desenvolvido a partir do conceito de pulsão de morte, nele o autor coloca a relação entre significantes e significados sendo balizada por um limite ainda interno ao campo da linguagem representado pela morte. Conforme Lacan:

Foi isso, com toda certeza, que Freud nos trouxe sob o termo instinto de morte. Trata-se desse limite do significado que jamais é atingido de modo algum, a não ser num caso excepcional, provavelmente mítico, pois só o encontramos nos escritos últimos de uma certa experiência filosófica. Todavia é algo que se encontra virtualmente no limite da reflexão sobre sua vida, o que lhe permite entrever a morte como condição absoluta, insuperável, de sua existência, como se expressa Heidegger. As relações do homem com o significante no seu conjunto estão muito precisamente ligadas a essa possibilidade de supressão, de colocação entre parênteses de tudo aquilo que é vivido. (LACAN, 1956-1957/1995, p. 47).

De acordo com nossa leitura, o significante aí definido como “última palavra do significado” e como “suporte” (p. 48) apresentaria muito bem possibilidades de abertura para a correlação com a noção de forma semiótica na medida em que faz eco às prerrogativas saussurianas e hjelmslevianas da forma enquanto premente em relação às substâncias (cfe. Beividas, 2001). De certo modo, o intuito da defesa de uma passagem do organicismo quantitativo para um estatuto linguageiro seria justamente o deslocamento da questão acerca dos aportes materiais para a problemática do alcance do significante e dos fenômenos de linguagem⁴⁹.

Para finalizar, encontramos igualmente no seminário a respeito dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise um trecho que serviria de ingrediente desta

⁴⁹ Retomaremos a questão da discussão entre substancialidade e linguagem com mais atenção no quarto capítulo, destinado à teoria lacaniana.

receita inacabada. Digno de nota que este seminário se apresente ainda em abertura, e até mesmo numa relação de confiança esperançosa, aos conhecimentos provenientes do campo da lingüística⁵⁰. Nele, Lacan, em referência ao chamado sonho padrão presente no capítulo sétimo de *A Interpretação dos Sonhos* (FREUD, 1900/1996), nos coloca em tom de explicação uma nova forma de abordagem do real. Jogando com as figuras teóricas freudianas de *Unterlegt* (suporte) e *Untertragen* (o que é “jogado por baixo”), Lacan aposta no poder da frase destinada ao pai enquanto frase-tocha, que queima ao ser proferida. Ao invés do sentido – mais repetido do que compreendido – do real como campo pouco definido, do qual se sabe apenas que é “fora da linguagem” e que “não cessa de não se inscrever”, nesta passagem, Lacan aponta o real na forma de um campo virtual de possibilidades, local de condição para o fogo de ambas as realidades, segundo a escrita freudiana (a psíquica e a exterior). Nas palavras do autor:

O real pode ser representado pelo acidente, pelo barulhinho, a pouca-realidade, que testemunha que não estamos sonhando. Mas, por outro lado, essa realidade não é pouca, pois o que nos desperta é a outra realidade escondida por trás da falta do que tem lugar de representação – é o *Trieb*, nos diz Freud. (LACAN, 1964/1998, p. 61, itálicos no original).

O que nos seria razoável pensar entre a pouca-realidade do fato arbitrário e a realidade pungente de nosso desassossego mais profundo? O que poderia habitar este para-além da representação sem fugir de nossas experiências mais humanas, tais como os sonhos e os desejos? O que mantêm vivos, por pouco tempo que seja, o fogo da frase-tocha e o filho que é então velado? Tampouco podemos esquecer que teremos que responder a estas indagações sem forçarmos teleologismos de qualquer tipo ou a crença cega no poder de substâncias não-experenciáveis. De fato, o fardo de nossa aposta numa abordagem discursiva do afeto e suas conseqüências epistemológicas, no recurso a formas semióticas e outros conceitos exteriores ao campo psicanalítico, por mais que nos obrigue a um esforço hercúleo de sistematizar tamanhas questões, inevitavelmente

⁵⁰ Tal postura pode ser exposta na presente passagem, dentre outras: “hoje em dia, no tempo histórico em que estamos, de formação de uma ciência, que podemos qualificar de humana, mas que é preciso distinguir bem de qualquer psicossociologia, isto é, a lingüística, cujo modelo é o jogo combinatório operando em sua espontaneidade, sozinho, de maneira pré-subjetiva – é esta estrutura que dá seu estatuto ao inconsciente. É ela, em cada caso, que nos garante que há sob o termo de inconsciente algo de qualificável, de acessível, de objetivável.” (Lacan, 1964/1998, p. 26).

nos será menos pesado que projetos substancialistas de toda sorte, por nos tornar mais leves para caminhar, dentre tantos impasses, plenamente no regime da linguagem.

Capítulo 3 – Do afeto à linguagem: bases freudianas para uma abordagem discursiva do afeto

3.1. Introdução

Neste capítulo, nos dedicaremos a um exame breve que visa limitar-se ao tema central desta tese, isto é, a interceptar mais diretamente a relação entre afeto e linguagem nas bases do campo freudiano. Para tanto, buscaremos delinear características inerentes à consideração destes e sua mútua implicação e, assim sendo, elencar pontos de apoio para a questão da discursivização do afeto em Freud. No entanto, nosso objetivo principal neste capítulo não é a delimitação de uma abordagem freudiana do afeto, mas sim, destacar bases que apontem a pertinência da retomada do conceito de afeto no interior de uma discussão rigorosa sobre a linguagem.

Porém, antes de iniciarmos o percurso proposto para este capítulo, faremos um pequeno resumo de nosso trajeto até aqui. Nos capítulos anteriores, desenvolvemos dois momentos diferentes da pesquisa: um, anterior, de delimitação de abordagens possíveis e outro, posterior, de análise de certas implicações epistemológicas. No primeiro, buscamos delimitar duas maneiras de abordagem para o conceito de afeto, a *quantitativa* e a *metafórica*, a partir do estudo de obras freudianas e seus críticos. Ao mesmo tempo, privilegiamos a discussão dos antecedentes epistemológicos pertinentes à formação do campo psicanalítico e ao uso que vem sendo feito de tais ligações entre a teoria freudiana e as tradições de pesquisa que lhe precederam.

Foi nesse sentido que apontamos os modos pelos quais uma leitura do conceito de afeto – bem como de outros conceitos do ponto de vista econômico da teoria freudiana – que privilegie seus aspectos quantitativos tem levado uma série de autores a traçar linhas de união seja em relação ao passado, entre Freud e correntes naturalistas e organicistas de pesquisa, seja visando o futuro, entre a teoria psicanalítica e projetos biologizantes e neurocientíficos. Na primeira linha, a teoria freudiana nada mais seria do que o desenvolvimento e aplicação de hipóteses originadas no interior de concepções que priorizavam o orgânico na determinação de fenômenos causais (como no caso do naturalismo e do fisicalismo). Já conforme a segunda linha, os pressupostos da

psicanálise erigida por Freud estariam de tal modo vinculados a estruturas e processos neuronais que as chaves para sua compreensão e aplicabilidade encontrar-se-iam invariavelmente nas mãos das chamadas “novas ciências da mente” (cognitivas e neurocientíficas), que, segundo a crítica de Birman (2007), tendem a forçar uma abordagem do funcionamento psíquico enquanto redutível ao funcionamento cerebral e os modelos de linguagem bioquímica suposto a ele (pp. 181-2).

Em ambos os casos, o objetivo acaba sendo o mesmo: decretar a submissão da psicanálise ao registro de determinações de cunho natural e biológico. A diferença está em que, seguindo a primeira linha argumentativa, tal procedimento é almejado em termos de um *reducionismo epistemológico*, através da defesa da continuidade dos planos conceituais, como apontamos na leitura de autores como Grünbaum (1993, 1998), Sulloway (1998), Barros (1998a, 1998b), Caropresso & Simanke (2006, 2008), Gabbi Jr. (2003), Gomes (2005), Rossi (2005), dentre outros. Já em relação à segunda, trata-se mais de uma tentativa de *reducionismo metodológico* pela defesa do que deveria vir a ser o desenrolar das concepções teóricas futuras bem como da continuidade dos níveis de aporte entre o somático e o psíquico. Esta postura, conforme nos foi possível apontar é defendida por Changeux (1998), Churchland (1991), Damasio (2000), Dennett (1997), Andrade (2003), para citar somente alguns exemplos.

Da mesma forma, delineamos outra abordagem possível ao conceito de afeto – ainda no primeiro capítulo – através de tentativas, declaradas ou implícitas, de transferir o problema a uma espécie de metaforização de seus fundamentos. Dito de outra forma, a declaração e defesa de um caráter metafórico como alicerce do ponto de vista econômico e dos conceitos a ele ligados permitiria assentar tais leituras como alternativa a determinações de substratos materiais. Porém, este tipo de atitude subtrai o hipotético fundamento objetivo sem propor novas conjecturas em troca. É nesse sentido que Widlöcher (1986) critica determinadas formas de conceituar a pulsão, nas quais ela é “sempre outra coisa, menos aquilo que é denunciado pela crítica” (p. 49). Conforme sustentamos no primeiro capítulo, a abordagem metafórica consiste na crítica ao aspecto quantitativo sem discuti-lo, apenas tornando-o uma miragem inalcançável, em torno da qual a teoria continuaria a girar.

Num segundo momento da tese, antes de adentrarmos no exame de hipóteses para uma abordagem propriamente discursiva do afeto, passamos ao estudo dos

impasses epistemológicos que poderiam colocar em risco o diálogo, acerca do tema, entre psicanálise e teorias da linguagem. Dentre eles, foi possível destacar ao menos três, todos de extrema importância. O primeiro não poderia ser outro senão a perspectiva aberta pela abordagem quantitativa do afeto, de redução dos fenômenos afetivos – e demais vinculados à linguagem – a fatores determinados pelo substrato energético. Na medida em que leituras da teoria psicanalítica propõem definições do afeto enquanto quantidades de cunho energético ou processos a ela ligados, e, portanto, próximas a modelos organicistas e naturalistas, a posição quanto à linguagem torna-se paradoxal. Isso porque dificilmente seria possível conjugar uma concepção de afeto apoiada em influxos energéticos com teorias que preconizam a imanência da linguagem, tais como a glossemática de Hjelmslev e as semióticas tensivas e modais, justamente as que estamos buscando nos aproximar, por fim, na presente tese.

Igualmente apontamos a posição, por vezes demissionária, da parte do campo lacaniano em relação à linguagem, de maneira geral, e aos conceitos de signo, sentido e significação, de maneira específica, como mais uma dificuldade para uma concepção discursiva do afeto em psicanálise. Tomado como unidade fechada, limitada e, portanto, limitante, o signo saussuriano é recorrentemente expresso por psicanalistas como um empecilho na formulação de abordagens discursivas e, pior, como referência ingênua, ultrapassada. Que Lacan, numa passagem dedicada a Jakobson no seminário de 1972-1973, tenha marcado distância entre a “lingüística” e sua “linguística” (p. 24) a fim de deixar a ele reservado seu domínio, e ainda que tenha declarado neste mesmo momento que sua tese do “inconsciente estruturado como uma linguagem” não pertence ao “campo da lingüística” (p. 25), tais proposições não devem, a nosso ver, serem consideradas como impossibilidade de diálogo. Ao contrário, julgamos que o diálogo com as teorias da linguagem foi prematuramente interrompido sem que pudesse ser extraído dele todos os frutos que o encaminhamento inicial de Lacan notadamente indicava. Com esse intuito, procuramos apresentar, através de uma breve exposição da noção de signo na obra de Hjelmslev, como a discussão entre tais teorias poderia mostrar-se ainda frutífera.

Por fim, debatemos um terceiro ponto a respeito de impasses na concepção psicanalítica de real. A finalidade era a de especificar como a progressiva sensibilização do espírito freudiano para com a linguagem permitiu uma abertura epistemológica que

aproximou a psicanálise de matrizes discursivas que tendem a fundamentarem-se em concepções imanentes de linguagem. A concepção de afeto, por sua vez, estaria justamente na encruzilhada entre duas diferentes possibilidades de abordagem do real: de um lado, a tendência realista inerente ao aspecto quantitativo e os projetos naturalistas e organicistas; de outro, a perspectiva de integrar conjecturas imanentistas com base num entendimento amplo dos processos de linguagem. Novamente, intentamos lançar proposições através da troca entre as teorias lacaniana e hjelmsleviana, às quais retornaremos em momento mais propício.

Por ora, nosso objetivo será o de delimitar bases discursivas para o afeto no interior da psicanálise. Assim, passaremos ao exame dos elementos que irão compor o diálogo com as teorias da linguagem.

3.2. Bases freudianas para uma abordagem discursiva do afeto

A abertura proporcionada por Freud à consideração da linguagem no campo psicanalítico vai além da introdução da fala como simples meio terapêutico. A *talking cure* – cura pela fala –, como fora batizado o novo método por uma de suas pacientes⁵¹, aponta para o caráter fundamental da linguagem tanto na eliminação dos sintomas como em sua própria formação. Se acompanharmos passo a passo a constituição do método psicanalítico, veremos que sua importância está arraigada na própria composição do aparelho psíquico. Como bem aponta Garcia-Roza (1991), desde *A interpretação das afasias* (1891/2003), Freud começa a conquista de um território de linguagem (p. 37). Segundo Garcia-Roza: “A verdade é que o aparelho de linguagem produzido por Freud transbordou os limites estritos de um aparelho de linguagem e constitui-se como o primeiro modelo freudiano de *aparelho psíquico*.” (p. 68). Mesmo apontando na seqüência que, naquele momento, não havia nada conclusivo para retirar de tal aparelho a sua caracterização como modelo neurológico, Garcia-Roza assinala o gradual “transbordamento” da linguagem, a ampliação de suas fronteiras, o extravasamento do qual a teoria psicanalítica é fruto. Os méritos das hipóteses centrais ao aparelho de

⁵¹ Trata-se da mais notória paciente, obviamente, *Anna O.*, cujo relato do tratamento pode ser visto nos casos clínicos dos *Estudos sobre Histeria*. A designação do método como *talking cure* pode ser encontrada em FREUD, 1993b/1996, p. 65, bem como retomada nas *Cinco lições de psicanálise* (FREUD, 1910b/1996, p. 30).

linguagem das *Afásias* são tais que, trinta anos após sua aparição, vemos o resgate da distinção então definida entre *representação palavra* e *representação coisa* figurar novamente, em papel de destaque, no artigo metapsicológico sobre *O inconsciente* (1915c/1996).

Mesmo que se objete que a obra sobre as afásias trate de modelos neurocientíficos – mais especificamente da crítica ao localizacionismo de Meynert e Wernicke em prol de um funcionalismo à maneira de Hughlings Jackson – e que seja possível abordar o texto enquanto introdução às neurociências, seria de fato despropositado submeter a teoria psicanalítica como um todo sob a influência de tal leitura. Até porque, e é este ponto ao qual encaminhávamos nossa análise, mesmo que Freud tenha iniciado seu percurso no interior da discussão neurocientífica, ela acaba sendo, por fim, orientada para um longo e profícuo exame da linguagem que perdurará na teoria psicanalítica, e não o contrário⁵². É a linguagem, pois, que vai gradativamente assumir a cena psicanalítica, em detrimento tanto da neuroanatomia quanto do funcionalismo neurocientífico. É deste modo que Birman (1993) nos apresenta a questão:

Pelo contrário, Freud rompeu com a psicologia, a psicopatologia e a neurologia do final do século XIX, justamente ao construir uma concepção do psiquismo fundada na linguagem. O “estudo crítico” sobre as afásias pode ser considerado legitimamente como o texto inaugural do saber psicanalítico, pois nele Freud concebe o psiquismo pelo modelo da linguagem, como um *aparelho de linguagem*. Aparelho de linguagem é o momento originário na construção do conceito freudiano de *aparelho psíquico*, na genealogia do discurso psicanalítico. (BIRMAN, 1993, p. 35).

As leituras propostas por Garcia-Roza e Birman têm como ponto em comum ressaltar o texto sobre *A interpretação das afásias*⁵³ enquanto origem da noção, diretiva quanto os rumos tomados pela história do movimento psicanalítico, de um aparelho psíquico fundamentado na linguagem. Tal atitude é francamente oposta às abordagens quantitativa e metafórica que delimitamos no primeiro capítulo, na mesma medida em que constitui a base do que pode vir a ser uma abordagem discursiva do afeto. Ressaltar

⁵² Tal como supõem, mais especificamente, Rossi (2005) e Gomes (2005), conforme indicamos no primeiro capítulo.

⁵³ A exemplo do modo em que nos referimos ao *Projeto de uma psicologia científica* (FREUD, 1895a/1996), passaremos a designar o texto sobre a *A interpretação das afásias* somente pelo termo *Afásias* em itálico para agilizar a leitura.

a centralidade da linguagem nos primórdios da obra freudiana, tanto na formação de sua escuta, quanto na formulação de suas hipóteses teóricas, é, simultaneamente, delinear e priorizar as bases necessárias para o diálogo com teorias imanentes da linguagem, caso da glossemática de Hjelmslev e da semiótica tensiva, como veremos com o prosseguimento da tese.

Entretanto, devemos destacar que a postura adotada pelos autores que vêm no aparelho de linguagem das *Afásias* o modelo inicial do qual se originam, por desenvolvimentos ou diferenciações, as representações subseqüentes de aparelho psíquico na obra freudiana não consistem em negar as relações existentes entre o modelo das afásias e noções neurocientíficas da época. Tal ressalva tem sua importância em função da série de trabalhos publicados, como nos foi possível apresentar nos primeiros capítulos, que visam fazer destes pontos de proximidade os motivos para uma ligação de origem inexorável. Trata-se, enfim, de uma abertura à primordialidade da linguagem, ainda não alcançada pela teoria e técnica psicanalítica, porém, plenamente acenada. Se voltarmos ao texto freudiano, veremos que, de fato, Freud postula a hipótese segundo a qual: “*a região cortical da linguagem seja um articulado tecido cortical dentro do qual as associações e as transmissões em que se apóiam as funções de linguagem procederiam com uma complexidade não propriamente compreensível.*” (FREUD, 1891/2003, p. 37). Interessante notar que não há aqui uma redução completa, a localização precisa dos processos de linguagem, mas sim, a suposição de uma *região* cerebral na qual os processos de linguagem se exercem, em oposição ao modelo corrente que visa encerrar sua atividade na distinção de “centros distintos” e na acumulação das representações nestes (*idem*).

Ao mesmo tempo, vemos Freud alinhar-se aos pressupostos essenciais à lingüística de Saussure ao situar a palavra como um objeto *sincrético*, constituído de “elementos acústicos, visuais e cinestésicos⁵⁴” (p. 42), muito embora hoje possa haver restrições quanto à hipótese de ver na palavra a unidade básica de função da linguagem. Entretanto, tal questão, espécie de acerto no foco, nos parece irrelevante frente à originalidade da suposição – anterior à boa parte dos desenvolvimentos da lingüística moderna – e, sobretudo, às conseqüências epistemológicas de seu dito. Isto porque, como a história da psicanálise parece nos indicar, o exame das funções da palavra não

⁵⁴ “Cinestésico”, embora pouco usual na língua portuguesa, indica sua relação com o movimento, e não “sinestésico”, termo mais comum que, entretanto, trata do âmbito da sensibilidade.

apenas persistiu no rol de noções cruciais à teoria como também sua delimitação como unidade no estudo psicológico demarca com primor o início da suposição dos fenômenos inconscientes através dos processos de linguagem, que culminará na oposição entre “representação-palavra” vs. “representação-objeto” (p. 46).

Assim, se há autores que forçam a leitura de um modelo neurocientífico incipiente presente no texto sobre as afasias, de nossa parte, fazemos a aposta de que há nele igualmente subsídios para a consideração de um “modelo semiótico”⁵⁵, tão precoce quanto fascinante. Há que se levar em conta que a atenção de Freud nas afasias recai numa temática diretamente implicada na ordem de eventos própria à linguagem: a facilidade de desligamento entre a representação-palavra e a representação-objeto, o que, para Freud, destaca o caráter “puramente funcional de todo o aparelho da linguagem” (p. 51). A questão crucial aqui exposta é justamente a de que a visão freudiana sobre as afasias acaba por levá-lo à pressuposição da independência do aparelho de linguagem em relação à realidade exterior, posto que ao aparelho torna-se possível tanto a ligação quanto o desligamento. A nosso ver, aqui está o gérmen do surgimento das teses principais tanto do texto *Além do princípio do prazer* (1920/1996) – a *ligação* anterior ao nivelamento das tensões – como também dos conceitos de *condensação* e *deslocamento* – posteriormente redefinidos por Lacan como *metáfora* e *metonímia*, respectivamente. Este delineamento acaba se tornando mais importante que a relação de “dependente concomitante” entre o psíquico e o seu processo paralelo, o fisiológico (pp. 30-1), pois, nele, à linguagem é dada a faculdade de inverter, reverter e mesmo desfazer o que o substrato cerebral e perceptivo tratou de unir. Como não ver neste procedimento, mais do que uma vinculação a tradições neurocientíficas, o nascimento *in loco* do inconsciente freudiano?

Se retomarmos os principais textos do início da teoria e tratamento psicanalítico propriamente dito, veremos que tal alteração de foco é essencial no que diz respeito à originalidade do pensamento freudiano. É neste sentido que Lionço (2008), ao buscar fazer um recenseamento das teses psicanalíticas a respeito da relação entre corpo e psiquismo, nos indica um montante de leituras que ressalta justamente a subversão do

⁵⁵ Retomaremos a noção de “modelo semiótico” com cuidado no quinto capítulo da tese. Por ora, podemos adiantar que a semiótica tem como pressuposto metodológico a criação de modelos destinados a dar conta da geração e constituição do sentido em sua implicação com o corpo.

corpo pelo psiquismo, certamente, através da linguagem. Conforme podemos acompanhar nas palavras da autora:

Apesar de diferir em sua perspectiva em relação aos neurologistas da época, não se pode afirmar que Freud abandona a questão do corpo em favor do psíquico. O que Freud pôde perceber é que na histeria o corpo orgânico em sua funcionalidade é subvertido. Não se trata de um abandono da consideração do corpo, mas da postulação de um novo estatuto para o corpo, que deixa de restringi-lo à sua condição somática. (LIONÇO, 2008, p. 118).

Do corpo “objeto biológico” ao corpo “atravessado pela linguagem”, de tal modo poderíamos resumir o percurso acima citado. E não por acaso as principais vias de constituição das teses sobre o inconsciente se deram, primeiramente, com a escuta das pacientes histéricas e a atenção ao desacreditado fenômeno do sonho⁵⁶, nas quais a linguagem faz sentir de forma pungente a sua intensidade. Logo, a direção do movimento de pensamento freudiano que nos é legado trata de orientar a questão da oposição estanque entre corpo e alma para abordar, através dos processos discursivos, a tomada do corpo pela linguagem.

Os *Estudos sobre a histeria* (1893b/1996) são paradigmáticos no sentido de apontar, tendo o conceito de afeto como guia, a transição de uma visão estritamente médica de tal patologia para a pertinência do discurso. Segundo Freud: “de fato, contudo, há uma seqüência ininterrupta que se estende desde os *resíduos mnêmicos* não modificados das experiências e atos de pensamento afetivos até os sintomas histéricos, que são *símbolos mnêmicos* dessas experiências e pensamentos.” (1893b/1996, p. 309, itálicos no original). Importante notar que a disposição dos afetos entre os *resíduos* e os *símbolos mnêmicos* marca precisamente o caráter de transformação discursiva inerente à composição dos elementos intrínsecos ao psiquismo. Se, como nos foi possível apontar nos capítulos anteriores, a obra freudiana oferece subsídios para uma discussão de seus pressupostos por vias bio-quantitativas, por outro lado, a aproximação para com os temas clínicos rapidamente re-insere o tema do afeto no âmbito das operações e transformações na ordem do discurso, seja na constituição dos fatos psíquicos, seja na formação dos sintomas. As “experiências e atos de pensamento afetivos”,

⁵⁶ Interessante notar como Grignon (2007) destaca uma nova indiferença, agora por parte dos psicanalistas, quanto ao tema dos sonhos que, por sua vez, tem sido retomado prioritariamente pelas neurociências. Tal movimento é tido pelo autor como razão para a retomada da abordagem lacaniana em seu retorno a Freud (p. 119).

indubitavelmente, deslocam o enfoque do registro concernente às supostas reduções energéticas e sua determinação quantitativa dos fenômenos em questão para colocá-lo no seio das hipóteses acerca do trabalho psíquico de elaboração do material que lhe acomete. Trata-se, pois, da tarefa de composição, exercida pelo aparelho, de fazer com que as apresentações residuais – ou seja, formas rústicas de apreensão perceptiva – tornem-se figuras mais complexas de representação. Esta maneira de alinhar o processo de formação do sintoma com uma abordagem discursiva do afeto é a tal ponto recorrente na teoria freudiana que podemos encontrá-la em diversos textos. Vejamos uma passagem de *Inibições, sintoma e angústia* em que o afeto é delimitado nestes mesmos termos:

A angústia não é criada novamente na repressão; é reproduzida como um estado afetivo de conformidade com uma imagem mnêmica já existente. Se formos adiante e indagarmos da origem dessa angústia – e dos afetos em geral – estaremos deixando o domínio da psicologia pura e penetrando na fronteira da fisiologia. Os estados afetivos têm-se incorporado na mente como precipitados de experiências traumáticas primevas, e quando ocorre uma situação semelhante são revividos como símbolos mnêmicos. (FREUD, 1926/1996, p. 97).

Importante notar que a ressalva freudiana quanto à participação, ao lado do domínio psicológico, da ordem de fenômenos biofisiológica na formação dos afetos em geral – sendo a angústia⁵⁷ colocada sob o mesmo mote – rapidamente dá lugar a uma definição processual do afeto, ressaltando novamente a transição dos *resíduos mnêmicos* – então citados como precipitados traumatizantes – a sua configuração enquanto *símbolo*. Por mais que este termo possa ter conseqüências epistemológicas complexas, e, em função disso, tenha dado origem a uma série de mal-entendidos e extrapolações teóricas das quais Lacan foi o maior crítico, a discussão então retomada por Freud é, uma vez mais, a do afeto como processo de inserção psíquica da intensidade dos fenômenos.

O aspecto de “trauma”, unicamente compreensível dentro de uma dinâmica de espessura temporal e de maturação discursiva inerente à concepção do “só-depois” – o *Nachträglich* freudiano – aponta nesta citação a incidência sobre o aparelho psíquico não de uma quantidade qualquer, de uma espécie de força indeterminada, mas sim, de

⁵⁷ Não pretendemos adentrar na discussão a respeito dos diferentes posicionamentos de Freud quanto ao tema da angústia, discussão a qual o texto de 1926 é certamente um dos pivôs. Para o objetivo proposto neste capítulo, nos restringimos à consideração da temática do afeto.

um abalo que depende do sentido e de sua inclusão na história pessoal, em seu universo discursivo, para somente então constituir-se. Simultaneamente a este traço constitutivo, a retomada da experiência afetiva torna-se, portanto, menos suscetível a ser implicada nos processos de “descarga” do que propriamente no regime da sensibilidade aos símbolos, à memória, ao sentido e, sobretudo, ao arranjo histórico que a eles foi possível no registro inconsciente.

O resultado de tal abordagem do afeto é o que, nas palavras de Schneider (1998) deve ser compreendido como a não-oposição entre afeto e expressão verbal na transmutação do orgânico para a ordem propriamente afetiva, pois, de acordo com a autora, “(...) a expressão afetiva participaria, por si mesma, no que constitui a essência da linguagem.” (SCHNEIDER, 1998, p. 80). Segundo o enfoque que procuramos defender ao longo desta tese, a transmutação acima citada poderia ser mais bem compreendida no diálogo entre a teoria lacaniana e a semiótica tensiva, como pretendemos apontar nos próximos capítulos. Quanto ao segundo ponto em destaque, o da participação do afeto na constituição da linguagem, pretendemos tomar a questão por outro enfoque. Para evitar suposições de prevalência (o afeto formando a linguagem, ou a linguagem dando vida ao afeto), apostamos na abordagem discursiva enquanto interdefinição imanente, ou seja, situar o ponto de vista econômico através do enfoque tensivo sobre o valor na mesma medida em que os processos de significação encontram aí sua condição. Dito em outras palavras, o afeto pode ser compreendido enquanto participante fundamental da ordem de linguagem não como um elemento a ela exterior e oposto, mas sim, numa discussão rigorosa e imanente sobre a forma essencial da linguagem através da rediscussão de seu aspecto de intensidade e valor. Desta forma, procuramos evitar a atitude definida criticamente por Hoffmann (2007) como cientificista, calcada no “desconhecimento do lugar e da função da linguagem na relação do homem com o real.” (HOFFMANN, 2007, p. 44).

Da mesma forma em que podemos acompanhar o destaque de elementos para uma abordagem discursiva do afeto na teoria freudiana a partir das hipóteses de atravessamento do corpo pelo discurso, sobretudo no que diz respeito aos pressupostos clínicos, as teses freudianas sobre o *sonho* igualmente oferecem subsídios para tal intuito. Não por acaso, os conceitos regentes de *A interpretação dos sonhos* (1900/1996), tais como os de *condensação*, *deslocamento*, *censura*, *trabalho do sonho*

e, o objetivo principal da atividade onírica, a *realização de desejo* são intrinsecamente dependentes de uma abordagem discursiva. Certamente, elementos e hipóteses das vias de análise quantitativa e metafórica também estão presentes ao longo deste texto freudiano, porém, sua importância pode ser considerada secundária em relação aos procedimentos discursivos concernentes à formação do sonho. Nele, o afeto desempenha a função de ponto de certeza quanto à ligação com o conteúdo latente. Vejamos a seguinte passagem do texto *Sobre os sonhos* (1901b/1996):

O sonho foi desprovido de afetos, desconexo e ininteligível, mas, enquanto ia produzindo os pensamentos que estavam por trás do sonho, dei-me conta de impulsos afetivos intensos e bem fundados; os próprios pensamentos enquadraram-se imediatamente em cadeias lógicas em que certas representações centrais apareciam mais de uma vez. (FREUD, 1901b/1996, p. 661)

Seguindo o raciocínio acima, os impulsos afetivos atuam igualmente na *regência dos encadeamentos lógicos*, na ordenação dos pensamentos. As *facilitações*, conceito relativo ao *Projeto de uma psicologia científica* (1895a/1996), pode ser aqui revisto no caráter de agrupamento que o afeto coordena sobre os conteúdos. Não apenas pela associação de características semelhantes, mas pelo traçado radical de linhas isotópicas que agregam seus elementos constituintes e fixam seus valores, posicionando-os uns em relação aos outros, em função do recorte intensivo que permitem no encadeamento do prazer e desprazer. Tido assim como um fio condutor na análise dos aspectos ligados à intensidade do discurso, o afeto exerce nas teses freudianas sobre os sonhos o encargo de garantia epistemológica. Sabemos estar progredindo na via correta, desde o evento freudiano que nos concedeu as bases da escuta analítica, na justa medida em que os afetos começam a aflorar. Da mesma forma, só podemos averiguar se uma interpretação toca no coração da verdade através dos seus fenômenos afetivos decorrentes.

Trata-se, então, da descarga de uma energia? Da expressão de uma descarga? Ou, visto pelo ângulo oposto, da resultante do complexo de sentidos e intensidades, de significações, significados e tensões que fazem dos fenômenos afetivos testemunhas do caráter absolutamente pregnante da linguagem nos fatos psíquicos? Na medida em que engaja o sujeito numa isotopia, num encadeamento discursivo em tudo o que ele implica de intensidade e sentido, o afeto nos provê uma nova visada do procedimento

terapêutico que nos foi legada por Freud e, possível somente a partir da adoção da função da fala enquanto via privilegiada de acesso ao inconsciente.

Reafirmamos assim nossa aposta na possibilidade de uma abordagem discursiva para o conceito de afeto não como a defesa de mais uma ordem de fatos a ser somada à da representação, mas sim, como fundamento inerente à constituição dos processos psíquicos conscientes e inconscientes. É deste modo que Freud insere o conceito de afeto no debate maior que se estende desde o *Projeto* a respeito das qualidades no acontecer psíquico. Vejamos o seguinte excerto de *A Interpretação dos sonhos* sobre o tema:

Os processos de pensamento, em si próprios, carecem de qualidade, exceto pelas excitações prazerosas e desprazerosas que os acompanham e que, em vista de seu possível efeito perturbador sobre o pensamento, têm de ser mantidas dentro de limites. Para que os processos de pensamento possam adquirir qualidades, eles se associam, nos seres humanos, com lembranças verbais, cujos resíduos de qualidade são suficientes para atrair para si a atenção da consciência e para adotar o processo de pensar de um novo investimento móvel oriundo da consciência. (FREUD, 1900/1996, pp. 641-2).

Como bem aponta David-Ménard (2000), mais do que as metáfora ou pressuposições energéticas, o ensino freudiano a respeito do inconsciente e seus processos tem como base a importância delegada ao prazer. O que a passagem acima exposta nos coloca de mais importante é, precisamente, que tanto o substrato para os investimentos móveis – ou seja, sua quantidade inserida no quadro do prazer – quanto os fatos elementares do pensamento humano – sua qualidade – devem manter relação intrínseca com os componentes rudimentares da linguagem. Neste sentido, buscar a delimitação de uma abordagem discursiva para o afeto torna-se plenamente admissível, para não dizer desejável. É com este intuito que retomaremos mais firmemente, nos dois capítulos próximos o pressuposto hjelmsleviano de um semiotismo imanente no que toca o campo afetivo, isto é, das bases discursivas para o afeto.

Para concluir, lembramos o exame feito por Dor (1993) sobre o mesmo tema do sonho, fazendo nossas as suas palavras:

Encontramos, assim, uma das prescrições freudianas mais fundamentais, que aparece na entrada do edifício analítico: “o sonho é a via real que leva ao inconsciente”. Mas esta prescrição só tira sua eficácia na medida em que o sujeito é encaminhado a sustentar um “discurso” com referência ao seu sonho. É

o discurso que é a via real. Sem ele, não haveria decodificação possível para a passagem-ao-ato do inconsciente. (DOR, 1993, p. 20, itálicos no original).

Se o discurso é a via real aberta por Freud, condição essencial para a descoberta do inconsciente e de seus processos, certamente não haveria de ser diferente quanto ao afeto.

Capítulo 4 – Da linguagem ao afeto: bases lacanianas

4.1. Introdução

Como nos foi possível indicar, especialmente no capítulo anterior, a importante abertura dada por Freud aos temas vinculados à linguagem, mesmo apesar da forte influência de concepções quantitativas e energéticas, permite simultaneamente uma abordagem do *afeto* a partir de sua obra que priorize os aspectos discursivos. Ainda que suas arestas não tenham sido fechadas, que não possamos delimitar com precisão uma concepção freudiana de afeto no interior do campo da linguagem, certamente podemos de lá inferir suas bases. Nesse sentido, o desafio de tal leitura seria o de traçar os fundamentos para uma caracterização do afeto apoiada na pertinência dada à linguagem no método e no discurso psicanalítico, tornando-a assim capaz de fazer frente aos princípios de ordem quantitativa.

Ao direcionarmos nossa atenção para a obra de Lacan, que será objeto central do presente capítulo, devemos salientar que a dificuldade se faz outra. No caso, a intenção epistemológica de Lacan, desde seus primórdios, notadamente apontou para o predomínio de hipóteses ligadas ao campo da linguagem em detrimento de explicações biologizantes ou substancialistas. Porém, se Lacan fortaleceu a importância dada aos fenômenos da linguagem a partir de seu percurso, guiado pela tese principal da estrutura do inconsciente enquanto tal, por outro lado, não foram poucas as críticas de que ele acabou por calar-se a respeito do afeto. Logo, o problema oposto que se coloca é o de, a partir dos fundamentos do campo laciano procedentes da linguagem, delimitar uma nova compreensão do afeto em psicanálise. Em função disso, no capítulo anterior fomos “do afeto à linguagem” e, agora, propomos o trajeto inverso.

Contudo, nosso intuito não é o de apresentar nos textos do psicanalista francês uma leitura finalizada do conceito de afeto – e veremos as dificuldades aí implicadas –, mas sim, apresentar determinados princípios norteadores para a discussão já existentes na teoria. Em certo sentido, nosso procedimento será semelhante ao de buscar o que Lacan chamou, a respeito da obra freudiana, de “pedras de espera⁵⁸”, ou seja, de

⁵⁸ LACAN, 1955-1956/1988, p. 123.

rudimentos importantes à questão, porém, ainda a serem lapidados. Em se tratando do conceito de afeto, dificilmente haveria outra forma de proceder. Até porque, conforme Lacan mesmo admite, seu estudo deve ser atrelado às relações entre inconsciente e linguagem, ao invés de deduzidas a partir do enfoque direto do regime biológico. É nesses termos que Lacan responde, no texto *Televisão* (1974/1993), às críticas de abandono do conceito de afeto. Vejamos o seguinte excerto:

A estória de que eu negligenciaria o afeto é farinha do mesmo saco. Que me respondam apenas a respeito deste ponto: um afeto, isso concerne ao corpo? Uma descarga de adrenalina, trata-se ou não do corpo? Que isso perturbe suas funções, é verdade. Mas em que isso viria da alma? É pensamento que isso descarrega. *O que, portanto, deve ser julgado é se minha idéia, de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, permite verificar mais seriamente o afeto* – do que a idéia de que se trate de um rebuliço do qual resultaria uma melhor arrumação. Pois é isso que me é contraposto. (LACAN, 1974/1993, p. 41, itálicos nossos).

Importante destacar como as duas questões estão interligadas: de um lado, o suposto abandono de conceitos referentes ao regime quantitativo – e dentre eles o afeto como principal exemplo – e, por outro, a possibilidade de dar conta dos fenômenos clínicos a eles vinculados a partir de sua tese principal, a da estruturação do inconsciente como uma linguagem. A resposta um tanto quanto impaciente da parte de Lacan sugere o grau de repetição ao qual se deparou com a pergunta, bem como a disparidade que tais conceitos apresentavam frente ao modelo epistemológico que sua teoria havia assumido.

De certo modo, o que Lacan acentua em sua interrogação é a posição segundo a qual o corpo e seus aportes biológicos não fazem parte do campo de investigação psicanalítico – posição esta já demarcada por Freud – exceto quando submetidos a processos de ordem propriamente psíquica, ou seja, trata-se então do corpo com outro estatuto. Um panorama amplo a respeito de tal modo de apreensão teórica sobre o corpo em psicanálise nos é dado por Birman (2007) ao ressaltar a necessidade epistemológica de distinguir os conceitos de *corpo* e *organismo*, distinção esta que, uma vez negligenciada, induz a leitura invariavelmente a “desvios biologizantes” (p. 58)⁵⁹. Trata-

⁵⁹ Ou ainda na maneira como Lazzarini & Viana apontam, ao longo de seu texto, a mesma demarcação. Citaremos um exemplo: “Do trabalho clínico de Freud com as histéricas surge, ainda de uma forma incipiente, o corpo psicanalítico – marcado pelo desejo inconsciente, sexual, e atravessado pela linguagem – que se contrapõe ao corpo biológico – constituído pelos órgãos e sistemas funcionais, o

se, no caso, dos mesmos desvios que buscamos indicar nos capítulos precedentes e que, de forma geral, povoam as retomadas do conceito de afeto. Consistem, sobretudo, na omissão em definir o papel desempenhado pela linguagem na constituição do estatuto corporal, ou seja, do atravessamento de processos tais como os da fantasia, do desejo e da ligação com o outro.

Para facilitar o exame do tema, vamos propor o traçado de linhas de análise que nos guiarão pelos próximos itens deste capítulo. De início, pesquisaremos o modo ambíguo pelo qual Lacan aborda o tema do afeto bem como as críticas que, por isto, lhe são feitas. Logo em seguida, iremos nos ater a certas “pedras de espera” lançadas por Lacan que poderiam, ao nosso ver, ser muito bem utilizadas para a construção do alicerce necessário à proposição de uma abordagem discursiva do afeto. A primeira delas, certamente, trata-se da possibilidade de verificação do afeto a partir da estruturação do inconsciente como uma linguagem. Voltaremos à questão em momento mais propício, pois outras pedras nos esperam. E serão necessárias algumas delas para o estabelecimento de uma base concreta.

4.2. Com ou sem afeto: Lacan e o “evento Green”

Dentre os vários interlocutores de Lacan, um deles se sobressai no que diz respeito ao exame do papel desempenhado pelo afeto em sua teoria, a saber, André Green. De espírito sagaz e sem medir palavras na exposição de suas idéias quanto à temática, Green pode ser considerado uma espécie de evento no que toca a maneira como o afeto foi debatido pelo lacanismo. Não que lhe tenha sido possível desenvolver uma nova teoria para o tema, ou ainda, fazer uma síntese conclusiva e sistemática sobre o assunto⁶⁰. Entretanto, a ele foi permitido ocupar o lugar admirável de quem pôde interpelar Lacan sobre sua concepção de afeto, forçando-o assim ao deslindamento de sua posição bem como à produção de novas hipóteses.

Independentemente das relações pessoais ou institucionais que possa ter havido entre Jacques Lacan e André Green – e não nos interessa aqui retomar a história a não

organismo físico. O corpo da psicanálise, que evidencia a sexualidade, traz à tona, posteriormente, uma lógica dada pelo erotismo e regulada pelo desejo.” (LAZZARINI & VIANA, 2006, p. 243).

⁶⁰ Embora tenha escrito uma obra com esse objetivo (ver GREEN, 1982).

ser do ponto de vista epistemológico –, o ponto de discórdia que entre eles se estabeleceu assume importância peculiar no que concerne aos rumos então atribuídos ao conceito de afeto. Ao mesmo tempo, pode nos servir de fio condutor para depurar a postura lacaniana no que diz respeito ao conceito e às questões que o envolvem. Muito provavelmente, Green tenha sido o mais incisivo crítico do lugar destinado ao afeto no conjunto teórico que vinha sendo desenvolvido.

É numa das mais contundentes sessões de seu seminário sobre *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, justamente aquela destinada à tentativa de “desmontagem da pulsão” (LACAN, 1964/1998, pp. 153-164), que vemos a primeira referência na obra de Lacan à crítica de Green quanto ao tema. No segmento destinado às perguntas, Green começa, num tom sutil de desaprovação, a apreciação do caráter descontínuo dado naquele momento à pulsão, fazendo referência ao “elemento de impulso”⁶¹ e, ainda, à maneira em que este fora posto de lado pelo seu reconhecimento como “um dos caminhos mais curtos para nos desencaminhar” (p. 161). Ora, o que se sobressai na análise desenvolvida por Lacan é justamente que a descontinuidade resultante da desmontagem da pulsão serve ao intuito de retomar a questão em outro patamar, e mesmo “a constância do impulso” será somente invocada para distanciá-la, nas palavras do autor, de toda possibilidade de assimilação a funções biológicas (p. 157).

Na direção contrária, Green questiona a razoabilidade do caráter descontínuo em função do conjunto/soma de “energia do sistema”, para, ao fim, acrescentar: “É esta questão que eu gostaria que o senhor precisasse se puder, na medida em que ela faz intervir um ponto de vista que permanece para mim muito importante, e que percebo mal em seu ensino, a saber, o ponto de vista econômico.” (LACAN, 1964/1998, p. 162). Mesmo questionando diretamente sobre a dificuldade em depurar do ensino lacaniano sua posição quanto ao ponto de vista econômico, podemos dizer que a resposta então obtida fora, no mínimo, dúbia. Isso porque Lacan dá um passo duplo: primeiro, referindo-se a “um certo capítulo da energética” e com a noção de energia potencial, o autor mantém-se no interior do ponto de vista econômico como se nunca houvera dele se afastado (p. 162). Porém, como era de se esperar, Lacan inverte a questão sutilmente ao declarar que “enfim, isso é coisa de que teremos que nos ocupar numa outra

⁶¹ “*L’élément de poussée*”, no original (LACAN, 1964/1973, p. 191).

referência”. (p. 163). E a seqüência do seminário ratifica a mudança de rumo, pois, como veremos adiante, a “outra referência” reservada pode bem ser entendida como sendo a própria ordem da linguagem. Como bem aponta Dunker (2002), não se trata na obra lacaniana simplesmente de relegar o ponto de vista econômico a um segundo plano, ou ainda, excluí-lo das considerações teóricas. A perspectiva defendida, isto sim, deve ser compreendida como “substituição regrada, sistemática e argumentada de noções quantitativas por noções qualitativas” com o objetivo claro de operar uma releitura de Freud capaz de “desbiologizar” seus principais conceitos (p. 24). Retomaremos em breve a questão.

A discussão será novamente retomada por Lacan, alguns anos mais tarde, em seu seminário intitulado *O avesso da psicanálise* (1969-1970/1992). Nele, o autor divulgará, em primeira mão, o lançamento do que parece ter considerado uma nova ofensiva quanto a sua postura frente ao afeto. Em suas palavras:

Alguém, cujas intenções não tenho que qualificar, faz todo um relatório, que sairá dentro de dois dias, para denunciar numa nota que eu deixo o afeto em segundo plano, me desfaço dele. É um erro acreditar que negligencio o afeto – como se o comportamento de todos não fosse já suficiente para me afetar. Pelo contrário, meu seminário inteiro daquele ano se articula em torno da angústia, na sua condição de afeto central, aquele em torno do qual tudo se ordena. Se pude introduzir a angústia como afeto fundamental, foi exatamente porque, já há bastante tempo, eu de todo modo não negligenciava o afeto. (LACAN, 1969-1970/1992, p. 136).

Se antes elencamos a convocação, por parte de Lacan, ao julgamento das implicações de sua tese capital – a da estrutura do inconsciente como uma linguagem – na constituição e verificação do afeto como a primeira “pedra de espera” no que concerne ao tema, aqui podemos indicar a segunda: sua ligação com a angústia. Mais do que isso, a angústia deve ser vista como o “afeto fundamental”. Contudo, manteremos em reserva tais motes de pesquisa para retomá-los logo adiante. Por ora, devemos nos ater ao ponto referente à negligência ou não do afeto no lacanismo.

Se continuarmos a leitura da passagem acima citada, veremos que Lacan defende-se da acusação de negligência do afeto não só pelo argumento da consideração da angústia, mas também, pela retomada do mecanismo do funcionamento do recalque. Ao reafirmar, seguindo os passos de Freud, que o recalque incide somente sobre as representações e, quanto ao afeto, resulta em seu deslocamento, sua alteração

qualitativa, Lacan acaba por fazer uso de argumentos próprios à economia da metapsicologia. Entretanto, devemos salientar que o recurso é utilizado para dar conta tão somente da existência qualitativa do afeto (modificado, alterado, quase irreconhecível), sem com isso recorrer a bases quantitativas para sua definição ou explicação. Sem referência à energética, a mesma frase poderia ser lida como algo do tipo “após o recalque, o afeto não será mais o mesmo”.

E a questão certamente fica em aberto, porque o reconhecimento do conceito de afeto – feito por petição na citação acima – e a caracterização dada a ele em seguida – a capacidade de ser transformado após o recalque – não tocam em seu cerne. Mesmo que Lacan não tenha negligenciado os fenômenos que circundam a noção de afeto (o que parece ser admitido na “afetação” decorrente do comportamento de seus ouvintes), e ainda, que tenha estendido por sobre as noções inerentes à economia freudiana uma malha conceitual de outra ordem, a análise sistemática do afeto e das repercussões epistemológicas na mudança de seu estatuto não chegaram a ser delimitadas. Enfim, teria então Lacan negligenciado o afeto? A hipótese da qual somos partidários é que sua atitude foi a de uma recorrente e obstinada renúncia à ordem substancialista presente no ponto de vista econômico em nome da pesquisa conseqüente do campo da linguagem. No que toca ao afeto, Lacan nos parece ter buscado maneiras de cercá-lo através de conceitos de outra ordem sem, contudo, discutir abertamente as implicações do substrato quantitativo ou de sua ausência.

De certo modo, esse é o pano de fundo aparente do que estamos chamando de “evento Green”, ou seja, do corolário de problemas que são evidenciados a partir da denúncia feita por este da negligência do afeto, mas que não se limita ao desuso de um único conceito. De fato, Green, na nota citada por Lacan, aponta reiteradamente que este progressivamente “tomou aversão pelo afeto até bani-lo de sua teoria.” (GREEN, 1982, p. 121). Contudo, a nota é apenas o ápice de uma controvérsia que se inicia logo nas primeiras páginas de seu texto. Conforme Green sustenta, tratava-se mais seriamente do encobrimento da teoria freudiana por Lacan e a subsequente amputação “de pelo menos metade de sua substância”. Somente então, nas palavras do autor, que “ao partir em busca dessa metade que faltava, não tive dificuldade para descobrir que a teoria lacaniana estava fundada numa exclusão, num ‘esquecimento’ do afeto.” (GREEN, 1982, p. 8). Logo, podemos notar que a conclusão então assumida de

“abandono”, “negligência”, “esquecimento”, e até mesmo “banimento” do afeto é secundária em relação àquela metade ou mais de substância faltante. O cerne do evento deve então ser deslocado da ausência da concepção de afeto na teoria lacaniana para o abandono do aporte substancialista, com todas as conseqüências decorrentes, mesmo que lhes falte análise suficiente. Dito de outra forma, a suposta omissão de Lacan quanto ao afeto deve ser vista como uma questão preliminar em seu projeto de alternativa ao substratato quantitativo e às teses de cunho naturalistas e biologizantes. Logo, o problema pode ser redirecionado da “metade da substância”, ou “metade da teoria freudiana” que Green considera ter se perdido na teoria lacaniana para a o exame do que eventualmente possa ter restado, pois é da revisão do substancialismo que então se trata.

É nesse sentido que, recuando na linha do tempo, vemos Lacan em seu sétimo seminário, sobre *A ética da psicanálise* (1959-1960/1997), se referir à afetividade de uma maneira geral como um recurso de “caráter confuso”, freqüentemente da “ordem do impasse”. Ao mesmo tempo, assume que “não se trata da linha na qual nossa pesquisa pode deveras progredir” (LACAN, 1959-1960/1997, pp. 128-9). E, de fato, a história do lacanismo aponta para outra direção. Embora por determinadas vezes Lacan tenha marcado seu afastamento quanto à lingüística, a fundamentação de seus principais conceitos no campo da linguagem nos permite delimitá-lo como sendo essa outra linha em que sua pesquisa se desenvolveu.

O desafio enfrentado por Lacan, e que se colocará igualmente a toda tentativa de leitura psicanalítica que se queira independente do recurso ao substancialismo, é justamente o de abordar os mesmos fenômenos clínicos que Freud julgou na origem das noções quantitativas, ou seja, as diferenças de intensidade *no registro das idéias*. E Lacan é taxativo nesse sentido, pois, segundo ele, “é claro que não se trata de modo algum de negar aqui a importância dos afetos”. Porém, o que será destacado nesse momento em sua leitura do conceito na obra freudiana é, no entanto, sua condição artificial, sua possibilidade de ser deslocado e, por fim, reduzido a um caráter de sinal (p. 129). Mais do que o funcionamento no nível quantitativo, são os aspectos qualitativos, ou, melhor dito, de linguagem, que vão interessar a Lacan no tratamento do afeto.

E o impasse referente ao ponto de vista econômico tornar-se-ia ainda mais evidente caso o autor não apontasse logo de imediato a possibilidade de distanciar o afeto do cerne da visada econômica. Segundo ele: “(...) não são os afetos que dão a chave dessa essência econômica, e até mesmo dinâmica, que é profundamente buscada no horizonte, no limite, dentro da perspectiva analítica. É algo mais opaco e mais obscuro, ou seja, as noções energéticas da metafísica analítica.” (LACAN, 1959-1960/1997, p. 129). A discussão é aqui re-endereçada ao estatuto – metafísico⁶² – da energética e suas noções opacas e obscuras. A escolha de termos aqui é determinante na consideração dos caminhos epistemológicos a serem tomados, e o da energética não é colocado sem que antes sejam feitas sérias reservas.

Se o debate acerca da adoção ou não da energética e do substancialismo pode em algum momento ter parecido ambíguo, é no próprio seminário XVII, sobre o qual iniciamos a discussão, que as dúvidas se desfazem. Nele, Lacan indica com precisão os caminhos que a sua teoria acaba por tomar em função dos pressupostos epistemológicos assumidos. Em tom jocoso, interroga seus ouvintes a respeito da energética nos seguintes termos: “você não sabem que a energética não é outra coisa – seja lá o que creiam os ingênuos corações dos engenheiros – senão *a sobreposição da rede de significantes ao mundo?*” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 46, itálicos nossos). Sem dúvida, trata-se de mais uma pedra de espera para a composição de uma leitura discursiva do afeto. Se antes vimos que a direção a ser empregada devia ser a da verificação do afeto a partir da estrutura do inconsciente como uma linguagem, agora devemos somar a tal objetivo o dos efeitos que a rede de significantes impõe ao se sobrepor ao mundo, dentre eles, os fenômenos que o enfoque quantitativo visa dar conta. Assim, do ponto de vista do psiquismo, a base formada por substâncias, na versão *standard* da energética, deve dar lugar a uma consideração mais profunda dos mecanismos de linguagem envolvidos na formação das estruturas inconscientes. Ao mesmo tempo, na ordem dos fenômenos intersubjetivos, é sobre as funções desempenhadas pela rede de significantes que nossa atenção deve recair.

O projeto lacaniano, portanto, pode ser compreendido como uma tentativa de abordagem dos fenômenos psíquicos, e dentre eles o afeto, para além de referências a substratos materiais e biológicos. De certo modo, Lacan dá continuidade ao programa

⁶² Uma discussão mais aprofundada do caráter metafísico ou não da metapsicologia pode ser vista na leitura específica de Kahl (2000).

disciplinar de Bachelard – filósofo importante em sua formação –, ao menos no que concerne às críticas ao realismo, ao recurso ingênuo aos encantos da natureza e, sobretudo, aos obstáculos epistemológicos impostos pela noção de substância⁶³. Razão pela qual, Lacan tende a desconsiderar, explicitamente, o reconhecimento de qualquer substância nas operações do psiquismo, mesmo quando se referindo à sexualidade, redefinida então nos termos da dialética do sujeito e do Outro (LACAN, 1964/1973, p. 296). Igualmente nesse sentido, e de interesse especial ao tema que propomos, Lacan define o espaço subjacente às criações científicas como o de “insubstância”. Como se utilizasse a própria pena de Bachelard, propõe ainda, aos moldes da formação do espírito científico – imprescindível, segundo o filósofo –, um corte epistemológico nos seguintes termos: “forma, substância, conteúdo, chamem-no como quiserem – é desse mito que um pensamento científico deve se desprender.” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 151).

Na busca de um “novo materialismo”, Lacan coloca suas principais teses francamente em ruptura com abordagens que visem à segurança epistemológica oferecida por reduções a substâncias de qualquer ordem. Importante notar, contudo, que a crítica à ancoragem em substâncias não o impede de pensar em termos de materialidade. Isto porque parte de sua originalidade no diálogo entre psicanálise e lingüística, ou ainda, de seu modelo para a leitura dos fenômenos de linguagem, está em nela destacar o seu caráter material. É nesse sentido que, em *Função e campo da fala e da linguagem e psicanálise* (1953/1998), Lacan defende a hipótese segundo a qual “a fala, com efeito, é um dom de linguagem, e a linguagem não é imaterial. É um corpo sutil, mas é corpo.” (Lacan, 1953/1998, p. 302). Revolução tributada a Freud, a psicanálise seria assim a teoria capaz de pensar a linguagem enquanto fenômeno material, exercendo sobre o próprio corpo um papel de determinação através do funcionamento de suas estruturas. A prova maior disso nos é dada pelos sintomas provenientes de quadros histéricos.

Arrivé (1999) apresenta-nos uma longa e criteriosa análise a respeito do modo vacilante que Lacan trata o aspecto material da linguagem e do significante. Para tanto, apresenta variadas formas nas quais o significante é definido e utilizado na teoria em questão (pp. 92-99) e, ao fim, conclui que o significante-material em nada se opõe ao

⁶³ Ver BACHELARD, 1996.

significante-valor, pressuposto essencial da lingüística – seja na teoria saussuriana, seja no formalismo hjelmsleviano (p. 107). Ponto de intersecção importante ao nosso trabalho, pois, nos permite conjugar duas hipóteses fundamentais: a primeira, de oposição aos projetos de redução da psicanálise a determinações em substâncias de toda sorte, recaindo assim em modelos de causalidade naturalistas e organicistas que procuramos apontar nos primeiros capítulos desta tese. Em segundo lugar, assinala a possibilidade da noção de *valor*, cujas conseqüências epistemológicas teremos que analisar mais de perto, dar conta do regime de eventos ao qual a metapsicologia freudiana dedicou o ponto de vista econômico.

Quanto ao primeiro ponto, consideramos exemplar a seguinte passagem de seu quarto seminário – *A relação de objeto* (1956-1957/1995) – no que concerne à posição de Lacan:

A referência ao fundamento orgânico não responde, nos analistas, a nada mais que uma espécie de necessidade de segurança, que os leva a retomar incessantemente essa ladainha, como quem bate na madeira: *Afinal de contas, só pomos em jogo mecanismos superficiais, tudo deve se referir, em última instância, a coisas que talvez saibamos um dia, à matéria principal que está na origem de tudo o que acontece*. Existe aí uma espécie de absurdo para um analista, se é que este admite a ordem de efetividade em que se desloca. (LACAN, 1956-1957/1995, pp. 31-2, itálicos no original).

Admitir a ordem de efetividade em que se desloca, em outras palavras, trata-se do chamado para a retomada das proposições teóricas sérias a respeito do psiquismo – e temas a ele vinculados – no patamar mesmo em que esses fenômenos são abordados, ou seja, no campo da linguagem. Nada muito diferente do teor epistemológico – mas também político, em termos dos rumos institucionais futuros – do texto *Função e campo*, referência inabalável nesse sentido. Ao mesmo tempo, Lacan indica com maestria a “necessidade de segurança” como motivadora de esperanças científicas, da expectativa de um momento mítico em que outros saberes dariam racionalidade às práticas clínicas e ao conhecimento do inconsciente e suas estruturas.

Porém, o que se impõe no texto é justamente o fato de que tal referência ao orgânico, mesmo que postergada a um futuro longínquo, acaba por relegar a teoria e prática analítica ao limbo de uma superficialidade sem lastro, sem alicerces. Como se a falta do objeto palpável, sem a prova física e visível do inconsciente e seus efeitos, sem

uma “pata do instinto”⁶⁴ a ser manejada, levasse os próprios psicanalistas a crerem-se autores de uma ciência secundária, ou, pior, retomando o mote que a Freud aparentemente causava temor: o de uma *ciência provisória*.

No mesmo seminário, Lacan se posiciona de maneira indiscutível quanto a intenções de continuidade ou ruptura entre os aportes neurocerebrais. Analisando a temática da metáfora e da metonímia, nos diz que: “chamam a isso *associações*, porque querem de qualquer maneira que isso ocorra em algum lugar nos neurônios cerebrais. Quanto a mim, não sei nada disso. Como analista, pelo menos, não quero saber nada disso.” (LACAN, 1956-1957/1995, pp. 325, itálicos no original). De maneira clara, não quer dizer que se deva negar a pertinência desses outros campos de conhecimento. Apenas que a ordem de fenômenos que lhes são próprias, do ponto de vista da práxis psicanalítica, simplesmente não nos dizem respeito. E, vejamos bem, a intenção não é a de assumir ou não a defesa de monismos, dualismos ou pluralismos⁶⁵ entre a mente e o corpo, mas, unicamente, atermo-nos ao grau de pertinência no qual nossas práticas de fato se situam: o campo da linguagem⁶⁶.

Da mesma forma, no seminário seguinte, Lacan fala da predominância desse campo, através da consideração da “bateria significante”, em detrimento das explicações de cunho biológico ou, ainda, naturalista. Segundo ele, os dados provenientes da relação da criança com o corpo materno poderiam ser apresentados como supostamente naturais, porém, seu movimento de pensamento é justamente o de mostrar as articulações inerentes à estrutura da bateria significante, que acarretam por si próprias os elementos de conteúdo então observados. Os laços estruturais aí colocados estão de tal forma implicados no campo da linguagem que, de acordo com Lacan, “nenhuma relação biológica natural é capaz de explicar suas causas.” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 293).

A questão acima exposta – da renúncia de Lacan aos recursos epistemológicos do substancialismo enquanto fundamento explicativo – está diretamente correlacionada ao segundo ponto antes destacado como também significativo para a tese que ora defendemos: a ligação entre as noções de *materialidade* e *valor* no universo teórico

⁶⁴ Referente à expressão utilizada no Seminário XI (LACAN, 1964/1973, p. 142).

⁶⁵ É nessa direção que Winograd (2004) empenha sua análise e da qual tomamos de empréstimo os termos.

⁶⁶ Não é à toa que Lacan termina o parágrafo da citação anterior fazendo referência ao “banho de linguagem em que Hanns está imerso” (LACAN, 1956-1957/1995, p. 325).

lacaniano. Consideramos que a maneira heurística segundo a qual Lacan aborda temas comuns ao ponto de vista econômico, em suma, revela o quão prescindível da ancoragem em substratos orgânicos a psicanálise se tornou, ao mesmo passo em que expõe a hegemonia da linguagem na prática e na construção de seus conceitos. De acordo com Reznik (2006), o cerne da noção lacaniana de significante, ou ainda, de seu retorno à teoria saussuriana, é justamente na direção de prover este conceito com um caráter “materialmente abordável”, o qual designava com o neologismo “*motérialisme*” (p. 136)⁶⁷. Quanto a nós, optamos pela concepção de *semiotismo imanente* para não restringir tal movimento à ordem da fala ou das palavras.

A noção de valor, como veremos nos próximos itens, mas, sobretudo, no capítulo destinado ao diálogo com as teorias da linguagem, serve bem de intersecção para tais pressupostos: 1) o da imanência da linguagem no que toca aos fenômenos psíquicos, sem que tenhamos que continuar a fazer exceção ao ponto de vista econômico, e, 2) o das apostas epistemológicas que fundamentam a psicanálise. Como bem anteviu Lacan:

Pois, se a originalidade do método é feita dos meios de que ele se priva, é que os meios que ele se reserva bastam para constituir um campo cujos limites definem a relatividades de suas operações. Seus meios são os da fala, na medida em que ela confere um sentido às funções do indivíduo; seu campo é o do discurso concreto, como campo da realidade transindividual do sujeito; suas operações são as da história, no que ela constitui a emergência da verdade no real. (Lacan, 1953/1998, p. 259).

Como defendemos no presente item desta tese, a novidade paradigmática do método lacaniano em relação ao afeto não deve ser somente avaliada em função do uso ou não do termo ou, ainda, dos novos conceitos propostos. Seguindo o espírito da passagem de texto acima destacada, sua singularidade está assentada no desprendimento que ousou ao acentuar a via discursiva em detrimento das referências energéticas e substancialistas. Ao identificar na função da fala o móbil da revolução epistemológica operada por Freud e ao confiar à linguagem a chave das estruturas inconscientes, Lacan não só recria à sua maneira um conjunto operativo no interior da psicanálise como também possibilita uma nova ampliação dos domínios da linguagem. Retrabalhar a

⁶⁷ O neologismo, que “brinca” com o termo materialismo, é formado pela substituição do radical que designa “matéria” pelo vocábulo “mot” (“palavra”, em francês). Marca, portanto, o papel essencial da linguagem em seus fundamentos epistemológicos.

questão do afeto em termos discursivos é assim, no nosso entender, persistir nos caminhos abertos por Lacan.

4.3. As pedras de espera para o afeto

Como buscamos delimitar no item anterior, apesar das críticas lançadas por Green de uma suposta negligência do afeto na teoria lacaniana, existem certas linhas de entrada possíveis para a questão. Da mesma forma, a constituição de tal campo teórico permite a elaboração, a partir de temas recorrentes, de novas possibilidades de abordagem para o afeto. Esse é o teor da expressão *pedras de espera* que tomamos de empréstimo, expressão originalmente utilizada a respeito da obra freudiana. As pedras de espera são aqui entendidas como noções que se repetem ao longo da obra e que, a partir delas, nos será possível continuar o debate sobre o delineamento do conceito de afeto. Porém, no momento primeiro em que foram originadas não obtiveram o tratamento suficiente, a discussão necessária para compor uma nova visada sobre o tema. Obviamente, não por falta de recursos, mas porque serviam então a outros propósitos.

É o caso, por exemplo, da ligação entre as concepções de angústia e libido com a temática do afeto. Assim, se tomarmos o seminário de Lacan sobre a angústia, por exemplo, veremos que as contribuições lá existentes, e que poderiam auxiliar na delimitação do afeto, estavam, no entanto, direcionadas para a especificação desse outro conceito. Ao mesmo tempo, trabalhar com tais pedras de espera significa igualmente revisitar bases conceituais que não são necessariamente próprias a essa questão, mas das quais sua consideração não pode prescindir para manter-se dentro dos limites do campo teórico original. Dito de outra forma, essa maneira de trabalhar o afeto no lacanismo é, de certo modo, um recurso ao mapeamento de vias indiretas.

Se nos ativermos às trilhas já demarcadas na obra lacaniana para circunscrevê-lo, veremos que três opções podem ser tidas como majoritárias: a primeira é seguindo as *aproximações assintóticas* de Lacan⁶⁸. Por ela, somos levados a um conjunto de

⁶⁸ Segundo o *Dicionário Oxford de filosofia* (1997), uma linha é considerada assintótica se, em relação a uma curva, a distância entre ambas tende a zero ao passo em que a curva tende ao infinito (p. 27). Porém, o termo foi aqui tomado de empréstimo a Popper, que considerava que o fundamento cientificamente

considerações negativizado, mas nem por isso vão, do que o afeto *não é*. A segunda via é, como sugerimos logo acima, através dos caminhos indiretos assumidos pelo psicanalista francês (seguindo o estudo do conceito de angústia, por exemplo). Por fim, a terceira possibilidade é reunindo elementos acerca da maneira como Lacan manejou suas teses sobre a linguagem para tratarmos diretamente de um embasamento discursivo para o afeto. Igualmente nas três vias, que são muito mais complementares do que contraditórias, teremos como objetivo o recolhimento e re-elaboração das pedras de espera lançadas a respeito do afeto. Assim, ao percorrer os passos lacanianos de análise *assintótica, indireta e discursiva*, estaremos também perpassando as características do método, ou seja, da forma de constituição que à teoria foi impresso.

Antes de prosseguirmos, devemos fazer a ressalva de que tal reflexão não pretende dar-se como absoluta. Certamente, outras formas de abordagem do afeto na teoria lacaniana são possíveis, na mesma medida em que nem todas as proposições deste autor fazem parte, invariavelmente, de uma das três vias elencadas acima. Somente propomos fios condutores para o estudo do tema, para sua reconstituição, diríamos ainda, para a reconstrução com as pedras que sobraram do edifício que certos autores dão por já tombado. Tampouco pretendemos sugerir a existência de uma teoria do afeto, bem acabada e operante, no interior do mosaico lacaniano. Ao contrário, assinalamos tão somente que *há condições* de, a partir do conjunto teórico que nos foi deixado, derivar, lapidar, finalizar e, então, submeter a exames epistemológicos uma abordagem discursiva do afeto no interior da psicanálise.

4.3.1. A via assintótica: um saber negativo sobre o afeto

No momento em que expusemos as críticas quanto à suposta negligência de Lacan no que concerne ao afeto, vimos que uma de suas repostas havia sido justamente a referência ao seminário sobre a angústia. Como poderia ele ter negligenciado o afeto se notadamente havia destinado um ano inteiro de seu ensino ao exame de um deles? Como argumentar que o afeto estava banido de sua teoria se lá estavam, em pleno foco,

válido para o conhecimento do real se dava por aproximações assintóticas, ou seja, ter uma idéia do que se trata a partir do conhecimento do que já foi refutado, procedendo então por encurtamentos progressivos – embora impossíveis de serem eliminados – do afastamento para com o real. Como opera por falseabilidade, também é chamado de *requisito negativo* (POPPER, 1934/1996).

suas considerações sobre um dos principais fenômenos afetivos?⁶⁹ É desse modo, como vimos anteriormente, que é dada a resposta, no seminário XVII, à dita “expulsão do afeto” denunciada por Green, na reordenação dos fundamentos do campo psicanalítico empregada por Lacan.

Entretanto, ao retornarmos ao seminário sobre a angústia, podemos perceber que boa parte das proposições sobre o afeto, ao menos aquelas mais importantes em que são cunhados os laços que o atrelam à angústia, são postos de forma negativa. É dessa maneira que, logo após perguntar-se sobre em que de fato consiste o fenômeno da angústia – e afastar a idéia de que possa ser uma emoção – Lacan esboça uma abordagem assintótica do afeto, uma aproximação de viés negativo. Uma vez que assume a angústia como sendo um afeto, nada mais justo seria, então, do que defini-lo. Aliás, tal procedimento já serviria de réplica aos que, por sua vez, identificavam no aparente silêncio sobre o tema uma forma de aversão à temática. Segundo Lacan:

Visto que os que acompanham os movimentos de afinidade ou aversão por meu discurso deixaram-se levar, muitas vezes, pelas aparências, sem dúvida eles acham que me interessam menos pelos afetos do que por outras coisas. Isso é absurdo. *Veza por outra, tentei dizer o que o afeto não é.* Ele não é o ser, dado em seu imediatismo, nem tampouco o sujeito sob forma bruta. Não é protopático⁷⁰ em nenhum caso. Minhas observações ocasionais sobre o afeto não querem dizer outra coisa. E é justamente por essa razão que ele tem estreita relação estrutural com o que é um sujeito, mesmo tradicionalmente. Espero articular-lhes isto de maneira indelével da próxima vez. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 23, *itálicos nossos*).

Frente a um parágrafo tão rico em minúcias, permitimo-nos analisá-lo mais longamente, com o mínimo de profundidade que tais hipóteses requerem. Primeiramente, é notável o espanto com que Lacan recebe a crítica sobre a falta de interesse quanto ao afeto, o que o leva a relatar imediatamente uma série de proposições assintóticas. Pois, em suas próprias palavras, tratava-se de oferecer um conhecimento sobre o que o afeto *não é*. A dificuldade implícita no exame de hipóteses negativizadas

⁶⁹ Lacan o diz claramente, como podemos ver, a título de exemplo, na presente citação: “isso deve ser especialmente sublinhado quando se trata de um afeto, uma vez que não me recusei esse elemento de classificação. A angústia é um afeto.” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 28). Da mesma forma, identificou na dita “opinião comum” de sua época a transferência enquanto “representada como um afeto”, podendo ser vagamente qualificada como positiva ou negativa, como podemos ver em: LACAN, 1964/1973, p. 139.

⁷⁰ A fim de especificar o termo de uso incomum: segundo o dicionário da língua francesa *Littré*, “protopático” – adjetivo proveniente do vocabulário médico – é referente a uma doença primeira, original, que não é nem precedida, nem produzida por outra.

é, em resumo, que duas opções abrem-se igualmente a elas: por um lado, podemos esboçar maneiras de *positivá-las*, ou seja, transformá-las em conjecturas que objetivem dizer o que o afeto decisivamente *é*. Entretanto, tal processo poderia levar à extrapolação do teor das afirmações ora colocadas. Optamos, nesse caso, por respeitar o procedimento metodológico e resguardar tais conjecturas para o percurso das vias de abordagem seguintes. Por outro lado, podemos buscar a radicalidade dos limites de abrangência de tais hipóteses e extrair ao máximo do que nos foi dado *não se tratar* do afeto. Vejamos uma a uma:

1) *Ele não é o ser, dado em seu imediatismo*: o afeto, deste modo, não deve ser “entificado”. As considerações sobre seu modo de existência não devem ser resumidas a sua “presentificação”. Seguindo o vocabulário lacaniano, a descrição da fenomenologia do afeto, ou sua delimitação em função de diferenças categoriais derivadas de suas aparições é o papel suposto às teorias psicológicas, não à psicanálise. Esta, por sua vez, deverá empreender a descrição em outra ordem, verdadeiramente metapsicológica. Para tanto, é ao desvelamento de seus procedimentos, à caracterização de sua função que a psicanálise deverá mirar. De igual modo, o afeto não pode ser compreendido enquanto substância, pois, esta seria a forma mais imediata de reduzi-lo a um procedimento de naturalização do ser. Ao afeto, portanto, não corresponde um objeto palpável, identificável em termos de características físicas apreensíveis.

2) *Não é o sujeito sob forma bruta*: o afeto não deve, portanto, ser identificado ao sujeito. De fato, importante apontar que esse conceito não deve servir de recurso a teorias que visem reconhecer no sujeito o fundamento em essencialismos de ordem emocional. Dito de outra forma, o sujeito não é a predisposição de qualidades. Tampouco poderá oferecer uma filosofia das origens (como, em certo sentido, ficou conhecida a versão de senso-comum da tese rousseuniana, reconhecendo qualidades positivas na origem do sujeito) ou uma antropologia das finalidades (semelhantemente aos intuits religiosos, que identificam no bem o desígnio do humano). O afeto *não é* a essência do sujeito, embora, como veremos logo em seguida, participe de sua estruturação.

3) *Não é protopático em caso algum*: o termo, embora pouco usual, é preciso. Lacan aponta aqui a posição de não fazer do afeto um acometimento primordial e independente, caso oposto à forma em que é considerado no interior da matriz

energética. A descarga da *quota de afeto* como causa das qualidades identificadas como fenômenos afetivos independe de quaisquer outros processos. É como de costume se coloca o princípio do prazer como determinante das primeiras qualidades psíquicas, em função da alteração dos gradientes de excitação. O afeto, não sendo protopático, ou seja, não sendo primeiro e original na ordem dos fatos psíquicos, deve manter correlação em sua formação com outros fenômenos, tampouco poderia ser anterior à instauração do sujeito ou alheio à ordem discursiva a qual é subordinado. Se voltarmos no tempo, veremos que Lacan já o dizia em 1960, no escrito sobre a *Subversão do sujeito e dialética do desejo*, ao afirmar que o afeto é incapaz de “desempenhar o papel do sujeito protopático” na esfera inconsciente uma vez que esta, a partir de Freud, deve ser entendida como uma cadeia de significantes capaz de exercer repetição e insistência (LACAN, 1960/1998, p. 813). O sujeito, por outro lado, não se reduz a estados afetivos, sejam eles inatos ou não, devendo ser apreendido nos processos em que a cadeia é cortada e, portanto, revela-se seu caráter de “descontinuidade no real” (p. 815). Projeto epistemológico ousado que reafirma, tanto na concepção de afeto, quanto nas de inconsciente e sujeito, a não-substancialidade no cerne da psicanálise, tendo ainda como consequência a impossibilidade de reduções a uma realidade objetivante como salvaguarda epistemológica.

4) *Mantém estreita relação estrutural com o que é um sujeito*: mesmo sem definir a maneira como se dá, Lacan aponta que o afeto desempenha relação na constituição estrutural do que vem a ser um sujeito. Se retornarmos às características anteriores, podemos dizer que o que vem sendo ressaltado é, em última instância, o seu caráter de função, e é como tal que atuará na estruturação do sujeito. Novamente, temos todos os indícios para crer que a abordagem que Lacan previa ao afeto deveria ser compreendida enquanto processo discursivizado, como função originada e inerente à linguagem. À maneira do inconsciente, o sujeito lacaniano igualmente é estruturado de acordo com os mecanismos languageiros que a teoria prevê. E, ao que interessa à análise que ora procedemos, é na ordem do *engajamento* que devemos tomar a relação entre sujeito e afeto, relação esta subdita aos laços fundamentais que unem sujeito, o Outro e a linguagem. Ao mesmo tempo, essa forma de análise possibilita a retomada do afeto no cerne da teoria lacaniana e de seu projeto epistemológico. Voltaremos à questão ainda neste capítulo.

5) Na seqüência do texto (p. 23) diz também que ele *não é recalcado*⁷¹ (ao contrário dos significantes que “o amarram”): Freud, de fato, deixa bem claro em dois momentos da metapsicologia que a quota de afeto (no texto sobre o recalque⁷²) e o representante quantitativo da pulsão (no texto sobre o inconsciente⁷³) não podem ser recalçados, ao contrário da representação propriamente dita. Contudo, Freud está, nesses textos, transitando em outro estrato de considerações. Em que sentido reforçar o não-recalcamento do afeto poderia ser útil no que diz respeito à teoria lacaniana? A nosso ver, a intenção é claramente a de reservar um lugar ao afeto independente dos domínios conceituais e processuais do significante que, por sua vez, o amarram. Se bem entendido, o afeto não faz parte do significante, mas este é necessário na estruturação do afeto, mesmo sendo um elemento distinto. Vemos aqui mais um mote deixado em suspenso por Lacan e que, certamente deve ser levado em conta para a proposição de uma abordagem discursiva do afeto. Lacan julgou necessário, antes de serem proferidas as acusações de recusa do conceito de afeto, a verificação das conseqüências sobre o tema que a tese do significante portaria consigo. Entretanto, temos de reconhecer que não há nisso então necessariamente a identificação ou submissão do afeto ao significante.

Devemos ressaltar, todavia, que as concepções assintóticas quanto ao afeto não se restringem ao seminário sobre a angústia. Já em seu primeiro seminário – sobre os *Escritos técnicos de Freud* (1953-1954/1986) – Lacan se opõe ao contraste usualmente dado à distinção entre o intelectual e o afetivo. Em ambas as categorias, o psicanalista recusa o caráter francamente esvaziado inerente ao modo em que os conceitos são diferenciados. O afeto enquanto coloração qualitativa pressupõe tanto o matiz “neutralizado” dos aspectos intelectuais, por um lado, quanto sua ausência no surgimento dos processos discursivos, por outro. Se Dosse (1991) via na formalização lacaniana – assim como na lingüística estrutural – um “sujeito desencarnado”, para além da dimensão do afeto (pp. 305-6) e, mais seriamente, como negação da ordem dos

⁷¹ E Lacan o diz por repetidas vezes. Podemos encontrar citações com o mesmo conteúdo, para exemplificar, em *Televisão*: “quanto a mim, só fiz restituir o que Freud anuncia num artigo de 1915 sobre o recalque, e em outros nos quais voltou a isso: o afeto é deslocado. Como se poderia julgar esse deslocamento se não fosse pelo fato de o sujeito que se supõe não poder ocorrer senão através da representação?” (LACAN, 1974/1993, p. 42). O mesmo igualmente no seminário sobre os quatro conceitos fundamentais, sendo que lá é enfatizado que não se trata da *significação* que é recalçada, mas do *representante da representação*. (LACAN, 1964/1973, p. 242).

⁷² FREUD, 1915b/1996.

⁷³ FREUD, 1915c/1996. Ambas as citações já foram previamente analisadas nessa tese.

fenômenos afetivos na consideração teórica, a resposta aqui colocada é justamente a de não pressupor o afeto como um campo em disjunção ao simbólico. De acordo com Lacan:

O afetivo não é como uma densidade especial que faltaria à elaboração intelectual. Não se situa num para-além mítico da produção do símbolo que seria anterior à formulação discursiva. Só isso pode nos permitir de cara, não digo situar, mas apreender aquilo em que consiste a realização plena da palavra. (LACAN, 1953-1954/1986, p. 72).

Nesse momento do texto devemos realçar ao menos três afirmações significativas sobre o afeto. A primeira delas dá continuidade ao que estávamos apresentando, ou seja, que na teoria lacaniana o afeto não é o complemento do intelecto. O que corresponde a dizer que nela, e esse é o segundo ponto de destaque, não há condições de possibilidade para a suposição de ordens distintas no que concerne ao afetivo. Mesmo parecendo um argumento *en passant*, sua pertinência é fortemente atrelada à postura epistemológica de tal teoria. Boa parte do que antes foi dito a respeito da renúncia ao substancialismo de base, da rejeição ao recurso de redução ao substrato energético, aplica-se igualmente aqui. E, mesmo tendo sido colocado de forma negativa, torná-la afirmativa não oferece maiores desafios: ao não ter lugar no espaço mítico aquém (ou além) das formações discursivas no processo de formação do símbolo, o afeto deve ser pensado justamente no desempenho dessas funções. Ao discurso, se assim compreendido, não deve ser somado uma nova categoria de fatos no que diz respeito ao psiquismo. Afeto e linguagem, sob esse prisma, não são colocados como duas ordens independentes, o que faria sentido se tomados dentro da oposição qualidade x quantidade. Em suma, vemos nesse momento Lacan abordar discursivamente a origem dos fenômenos afetivos como alternativa às hipóteses de cunho energético. Uma vez que o afeto – de maneira específica – e o econômico – de maneira geral – são inseridos dentro da lógica da linguagem, não há necessidade de supormos uma classe a ela exterior e pronta a sobrepor-se. Entretanto, o caráter esparso de tais delimitações bem como sua caracterização negativa fez do conceito de afeto, historicamente, uma promessa adiada, um saber a ser derivado da concepção de linguagem e do uso do significante.

No mesmo sentido, porém em outro seminário – o sétimo – Lacan busca na *Carta 52* de Freud (1896a/1996) os subsídios para mais uma concepção assintótica

semelhante: o acesso histérico não é uma descarga, o que servirá como “advertência àqueles que sentem sempre a necessidade de colocar em primeiro plano a incidência da quantidade na função do afeto.” (LACAN, 1959-1960/1997, p. 70). A influência do papel da linguagem na compreensão do humano não deve ser percebida, como buscamos defender durante este capítulo da tese, como uma negação do ponto de vista econômico, mas sim, como a tentativa de uma análise em outros termos. Da mesma forma, ao invés da recusa do afeto, Lacan propõe as bases para sua abordagem no interior do universo de linguagem e, assim sendo, nosso objetivo torna-se mais claro no sentido da retomada de tais pressupostos para sua conseqüente discursivização. Ao mesmo tempo, procuramos endossar a perspectiva segundo a qual o caráter discursivo acima citado é, portanto, extensivo aos outros conceitos do ponto de vista econômico delimitado por Freud. É assim que, ainda no seminário sobre a ética, seu autor dirá que a complexidade intrínseca à pulsão não é redutível unicamente ao seu sentido energético. Para além, ela comporta uma “dimensão histórica” cujo alcance ainda não foi precisado. De acordo com Lacan: “A rememoração, a historização, é coextensiva ao funcionamento da pulsão no que se chama de psiquismo humano. É igualmente lá que se grava, que entra no registro da experiência, a destruição.” (LACAN, 1959-1960/1997, p. 256).

É nesse sentido que David-Ménard (1983) ressalta o fato de que Lacan, em linhas gerais, não costuma abordar o conceito de pulsão a partir da realização sexual, maneira paradigmática de como é feito no modelo freudiano. Ao contrário, o privilégio na análise recai sobre a “erotização da palavra”, o que permite seu exame em toda outra série de fatos, dentre eles, a cura analítica, o processo de transferência e até mesmo o simples ato da fala (p. 254). A pulsão de morte, nessa perspectiva, desloca a questão do pulsional enquanto possibilidade de redução biológica para a discussão mais própria ao regime analítico: a dos limites da vida e da morte no psiquismo, bem como também para a discussão sobre a contingência, o excesso e, sobretudo, a inserção na história individual dos efeitos da entrada incontornável do sujeito no universo da linguagem.

É dessa forma que compreendemos o que Lacan chamou em seu seminário sobre *As psicoses* (1955-1956/1988) de “retorno à verdade de Freud”. De acordo com ele, “A psicanálise devia ser a ciência da linguagem habitada pelo sujeito. Na perspectiva freudiana, o homem é o sujeito preso e torturado pela linguagem.” (LACAN, 1955-1956/1988, p. 276). Mesmo que, segundo Lehmann (2006), termos como linguagem,

palavra, significante estivessem longe de serem evidentes para os auditores de Lacan naquela época (p. 32), a retomada da linguagem no cerne do projeto psicanalítico por ele operada deve ser vista como sendo de inestimável valia. E, para alcançar a radicalidade de uma ciência da linguagem em sua relação com o sujeito, a dimensão do afeto deve ser reavaliada nos termos mais positivos e operantes que se puder obter, pois, somente assim, poderemos ter uma real dimensão dos mecanismos pelos quais a linguagem exerce o domínio acima descrito. Certamente, estaremos assim prosseguindo na via aberta por Freud, a partir da criação de um novo modelo de escuta, no que diz respeito à implicação dos fenômenos discursivos na relação de apropriação desempenhada pelo sujeito por sobre o próprio corpo.

4.3.2. A via indireta: libido, gozo, pulsão escópica

Mesmo sem referências explícitas ao conceito de afeto, porém, de maneira indireta, exercendo influência na compreensão deste, a forma como Lacan delimita uma série de conceitos permite a distinção de elementos fundamentais para uma abordagem discursivizada do âmbito econômico. É o que ocorre com temas tais como os referentes à *pulsão*, *angústia*, *objeto a*, *libido* e *gozo*. Com eles, poderíamos dizer que Lacan opera uma tentativa de *recobertura do campo* antes restrito ao ponto de vista econômico, buscando para tanto referências alternativas ao substancialismo pressuposto na leitura energética. Recobertura de campo no sentido de viabilizar o tratamento de questões relacionadas à noção de intensidade sem, contudo, recorrer ao aspecto quantitativo nem em sua forma de essência biológica, nem em sua suposta operatividade metafórica. Trata-se novamente, portanto, de alargar o território de linguagem, maneira semelhante a qual Freud procedeu ao fundar o método psicanalítico baseado nos meios da fala e da escuta.

Entretanto, por limitações do nosso escopo, para não fugirmos do tema central da presente tese, não examinaremos cada conceito separadamente – o que exigiria minimamente uma retomada da história e desenvolvimento desses no campo em questão. Para os fins aqui colocados, devemos priorizar tão somente o exame de determinadas passagens da obra lacaniana nas quais, mesmo que por vias indiretas, venha a ser possível derivar pontos de auxílio para a questão de uma abordagem

discursiva do afeto. Novamente, trata-se aqui da retomada e exame das pedras de espera deixadas por Lacan quanto ao tema. E, como temos indicado, interessa-nos delimitar a abertura feita para a pregnância da linguagem por sobre os domínios até então incontestes da vertente quantitativa na determinação de elementos ligados à metapsicologia freudiana.

Tal nos parece ser o caso do conceito de *libido* e o modo heurístico a partir do qual Lacan envolveu-se com o tema. Tomemos esse conceito como um dos fios condutores deste item. Desde muito cedo em sua obra, Lacan buscou apresentar uma leitura quanto à temática em outras linhas. Vejamos na citação seguinte como ele trata a questão, já em seu segundo seminário, intitulado *O eu*⁷⁴ *na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*:

Para falar do desejo, uma noção se impôs em primeiro plano, a libido. Será que esta noção, o que ela implica, é adequada para o nível onde se estabelece a ação de vocês, isto é, o da fala? A libido permite falar do desejo em termos que comportam uma objetivação relativa. É, por assim dizer, uma unidade de medida quantitativa. Quantidade que vocês não sabem medir, que não sabem o que é, mas que sempre supõem como estando aí. Esta noção quantitativa permite a vocês unificar as variações dos efeitos qualitativos e dar coerência à sua sucessão. (LACAN, 1954-1955/1985, p. 279).

Tendo a fala como referência, ou, melhor dito, como esteio da prática clínica, Lacan é levado a constatar que o conceito de libido responde, sobretudo, a uma operação metafórica. Como vimos anteriormente, em especial nos dois primeiros capítulos desta tese, a seguinte forma de encaminhamento de temas próprios ao ponto de vista econômico, embora possibilitada por certos textos freudianos, além de ter um estatuto epistemológico exacerbadamente frágil, apresenta-se também como um impasse ao tratamento de uma abordagem propriamente discursiva do afeto. A “objetivação relativa” que a libido permite deixa transparecer por todos os seus poros o desconhecimento de sua própria natureza. E Lacan rapidamente o dirá, pois, segundo ele, “o mundo freudiano não é um mundo das coisas, não é um mundo do ser, é um mundo do desejo como tal”. (LACAN, 1954-1955/1985, p. 280). Nesse sentido, de fato convém ressaltar a impossibilidade de mensuração de uma quantidade apenas suposta e

⁷⁴ *Moi* no original. Devemos lembrar que Lacan diferenciava os termos *Je* e *Moi* como sujeitos da enunciação e do enunciado, respectivamente. Tal distinção marca, precisamente, a forma como o exercício da linguagem exerce seu papel na constituição do psiquismo.

que, em última instância, é concernente somente ao trato, à ordenação lógica dos “efeitos qualitativos”, estes sim, por sua vez, determinantes no estrato de considerações aos qual a psicanálise se dedica.

Como bem aponta Sédât (2007), o intuito freudiano não é nunca o de prosseguir através da “pura especulação” no sentido de constituir um projeto filosófico final que abarque o real como um todo – e a discussão desenvolvida por Freud no texto sobre *A questão de uma Weltanschauung* (1933/1996) bem o testemunha. Essa atitude, definida como um “caráter laborioso”, para ser encaminhada, necessita de apoio justamente nas observações clínicas (SÉDAT, 2007, p. 18). Se seguirmos passo a passo a argumentação que Lacan nos oferece no texto em questão, veremos que é precisamente a condição de tais observações enquanto veiculadas e exercidas na fala que se apresentam como empecilho à determinação de suas hipotéticas bases substanciais. Ou seja, é na definição de quantidades subjacentes ou de operações metafóricas que o salto epistemológico, para além do que a prática clínica oferece, é dado. Ainda segundo David-Ménard (2000), faz parte do estatuto epistemológico da psicanálise proceder, assim como toda ciência, pela definição de seu objeto “como uma relação, e não como um dado natural (...)” (p. 40)⁷⁵. É nesse sentido que localizamos o modo pelo qual o conceito de libido, assim como outros de ordem econômica, são abordados no campo lacaniano. Faz-se necessário, portanto, retirar-lhes o aspecto e – suposto – fundamento natural com o intuito de precisar o conjunto de relações exercidas enquanto objetos epistemológicos.

Assim como vimos a respeito das críticas quanto ao abandono do conceito de afeto por Lacan, o delineamento dado ao de libido corresponde uma vez mais à renúncia do autor em fundamentar suas concepções em recursos naturalistas e biologizantes. Essa atitude perpassará toda sua obra, sendo possível destacar citações de teor ainda mais contundentes. É o caso, por exemplo, da forma como mais tarde, no seminário sobre *A relação de objeto* (1956-1957/1995), relacionará a libido com a noção de “energia”, na física, sendo ambas “inteiramente abstratas” e, pior, no caso da primeira, recolhida na teoria freudiana como mera “petição de princípio” a fim de permitir determinadas formas de conceitualização. Segundo o autor: “ela [a noção de libido] permite unicamente expor – e ainda assim de forma virtual – uma equivalência, a existência de

⁷⁵ Interessante notar que o fio condutor do texto em questão trata-se de abordar o “prazer”, em tudo o que o fenômeno designado pelo conceito comporta de excessivo sem, contudo, dar-lhe ares de irracionalidade, posto que inerente à determinação das singularidades humanas.

uma medida comum, entre manifestações que se apresentam como qualitativamente muito distintas.” (LACAN, 1956-1957/1995, p. 44).

Novamente, somos levados a concluir a respeito da modificação de abordagem proposta por Lacan ao deslocar o enfoque teórico da base energeticista para a consideração das diferenças qualitativas, o que só foi possível a partir da abertura dada ao exame mais aprofundado de teses diretamente vinculadas ao campo da linguagem. É dessa forma que Lacan infere, a respeito do embasamento substancial do conceito em questão, que “a referência a um suporte químico é, estritamente falando, *sem importância alguma em se tratando da libido.*” (LACAN, 1956-1957/1995, p. 44, *itálicos nossos*). Em suma, sua intenção é a de deslocar a ordem de análise de uma suposta base natural para as estruturas de linguagem, o que resulta tanto na produção de boa parte de seus conceitos principais, como também na constituição de um novo projeto epistemológico no campo psicanalítico.

O ponto nodal da abordagem lacaniana da libido fora dos limites do biológico deve ser visto justamente como o seu seminário sobre os quatro conceitos fundamentais (1964/1998). Nele, especialmente no subcapítulo intitulado *A sexualidade nos desfiles do significante*, Lacan ressalta o deslocamento de posição que acima citamos da seguinte forma: “A libido é a presença efetiva, como tal, do desejo. É o que resta agora a apontar do desejo – que não é substância, que aí está ao nível do processo primário, e que comanda o modo mesmo de nossa abordagem.” (LACAN, 1964/1998, p. 146). O texto em questão é primoroso no sentido de re-situar o enfoque dado à sexualidade em função da linguagem, de modo geral, e do significante, mais especificamente. Em certo sentido, Lacan está aqui seguindo o mesmo passo de Freud no tratamento da questão do quantitativo: o tema da sexualidade, enquanto mote privilegiado da clínica psicanalítica, trabalha no sentido de relativizar o peso das hipóteses energéticas – como vimos no primeiro capítulo desta tese – e aproximá-lo gradualmente de concepções permeadas pelo discurso. A libido definida enquanto “presença do desejo” e, conseqüentemente, alheia às reduções a bases objetivantes, reafirma a direção epistemológica a ser tomada em relação aos conceitos fundamentais do campo psicanalítico ao se adotar a via lacaniana.

É desse modo que compreendemos o cerne do seminário de 1964: um rigoroso e efetivo reposicionamento das bases teóricas, sendo, portanto, necessário revisitar os

conceitos capitais da psicanálise para reforçar sua possibilidade de discussão em termos de linguagem. O processo primário deve ser assim revisado, à luz do conceito – sem substância – de desejo⁷⁶. A sexualidade igualmente deverá ver-se com as requisições do significante para a constituição, acima de tudo, de uma concepção atravessada em sua essência pelo discurso. A libido, em sua relação com as zonas erógenas, servirá de indicação para o caráter artificial, posto que linguageiro, dos modos de relação possíveis quanto ao prazer e à apreensão do corpo próprio (p. 188). E até mesmo a própria noção de libido deverá ser recolocada tendo o *amor* como baliza. Destituir o ponto de vista econômico – se entendido como o estudo das bases energéticas, fundadas no aporte biológico – do centro predominante na análise desses temas faz parte da contribuição lacaniana ao estudo tanto dos conceitos principais para a teoria psicanalítica quanto dos próprios fenômenos de linguagem, sendo o seminário 11 seguramente um ponto de cristalização de tal postura epistemológica.

Podemos segui-la na maneira como Lacan aborda um dos conceitos por ele então descrito como um dos quatro principais: o de *pulsão*. Para sintetizar e estabelecer um critério metodológico para nossa abordagem quanto ao tema – amplo o suficiente para uma tese própria –, vamos restringir nosso exame a dois aspectos que, indiretamente, poderão ser de estima para o tratamento discursivo do afeto que vimos perseguindo. Em primeiro lugar, devemos demarcar em quais termos Lacan opera – digamos, para parafraseá-lo – o que viria a ser uma “desmontagem da pulsão”. Em detrimento de concepções que visam reduzir a essência do fenômeno pulsional aos estímulos e excitações de cunho orgânico, Lacan privilegia a sua delimitação enquanto *percurso*, *circuito*, ou ainda, *traçado do ato* (p. 161). É dessa forma que o caráter de pressão constante será retomado para além de seu aspecto naturalizante, pois, como vimos anteriormente, não há função biológica alguma capaz de lhe servir de modelo já que é inerente à forma destas funções possuírem um ritmo oscilante (p. 157). Trata-se de uma questão a ser abordada, como diz o autor, em outra referência.

E, para tanto, Lacan lança mão de uma fina tessitura estrutural com o objetivo de dar conta dos mecanismos pelos quais *a pulsão contorna* seu objeto de satisfação (p.

⁷⁶ Lacan define o desejo, nesse mesmo seminário, como o “lugar de junção do campo da demanda, onde se presentificam as sínopes do inconsciente, com a realidade sexual. Tudo isto depende de uma linha que chamaremos desejo, ligada à demanda, e pela qual se presentifica na experiência a incidência sexual.” (LACAN, 1964/1998, p. 149).

161). Notadamente, a expressão em português perde consideravelmente seu poder semântico. No original, é proposta a fórmula na qual “*la pulsion en fait le tour*” e, logo após, apresentadas duas maneiras de compreender o que a língua francesa então permite a essa frase: fazer o contorno, a curva, *cobrir* o objeto, mas também, dar a volta, escamotear, *encobrir* o objeto (1964/1973, p. 189). Do jogo pulsional, vai interessar a Lacan o seu circuito, o que, em outras palavras, nada mais quer dizer do que a forma como o econômico *morde, trilha, se insere*, e mesmo *forma* a relação do psíquico com os seus objetos de prazer. É nesse sentido que o conceito de *objeto a* adquire sua importância na teoria, uma vez que destaca como móbil da pulsão, ao invés de sua estimulação biológica, o desejo em sua relação com o outro. E Lacan foi, de fato, sensível à questão do contato com o outro na formação do psíquico. Seja na postulação de seu *estádio do espelho*, desde seu primeiro seminário, ou ainda na formulação do *grafo do desejo*, no seminário sobre *As formações do inconsciente*, a instância do outro, resgatada do *Projeto de uma psicologia científica* de Freud a partir da importância dada então à noção de *próximo semelhante*, torna-se imprescindível no que concerne à constituição do aparelho.

Na mesma direção, David-Ménard aponta, a partir de análises de casos de histeria – diga-se de passagem, o mesmo ponto de início do questionamento freudiano – que estes revelam justamente a relação entre o objeto da pulsão e a alteridade, em termos gerais. Segundo ela: “(...) a histérica, precisamente, mostra o laço entre a erogeneidade e o apelo ao outro... e o apelo a qualquer coisa do corpo do outro, que este corpo seja sua voz, sua visão (...). Trata-se de “captar” qualquer coisa do outro.” (DAVID-MÉNARD, 1986, pp. 101-2). Entretanto, o que poderia ser destacado e repetidamente tem escapado às leituras psicanalíticas é precisamente que os modos de interação com o outro não são necessariamente homogêneos. O toque, a fala, o olhar, a presença, e estes são somente alguns exemplos, criam *regimes semióticos* específicos e diferenciados, sendo que o afetivo não é de modo algum particularidade de apenas um ou outro. Ao contrário, faz parte do repertório humano a pluralidade de meios de expressão e constituição do afeto.

Se há algo a ser tomado de empréstimo pela psicanálise do chamado campo lingüístico – e destacamos aqui as teorias de Hjelmslev e Greimas, como veremos mais precisamente no próximo capítulo – o principal seria de fato a capacidade da linguagem

de formar objetos sincréticos⁷⁷, ou seja, compostos por diferentes elementos do plano da expressão e também por variadas linhas discursivas – *isotopias* – como meios de interação e constituição tanto dos objetos, como do próprio psiquismo. A maneira como Lacan “desmonta” a pulsão tem como objetivo central precisar o regime artificial e linguageiro em que o psiquismo se apropria do corpo, destituindo-lhe da ordem estrita das determinações naturais e fazendo dele um corpo *erógeno*, ou ainda, *semiotizado*, posto que atravessado pelas estruturas discursivas. Pois, se há um estrato de fenômenos em que o discurso mostra o quanto os objetos do mundo somente são apropriados pelo psíquico através de uma reconstituição feita pela linguagem, este é justamente o da sexualidade humana⁷⁸.

Certamente nosso objetivo nessas poucas linhas não é o de apresentar um panorama da contribuição lacaniana ao tema da pulsão, mas, apenas destacar elementos que possam nos interessar à questão central do nosso texto, ou seja, a discussão sobre as condições para uma abordagem discursiva do afeto. Como destacamos anteriormente, duas características da maneira em que a pulsão é exposta no seminário 11, a nosso ver, podem ser de valia para tal abordagem. Se a primeira dizia respeito ao caráter artificial, discursivizado e dependente da alteridade em que a pulsão se insere no quadro geral de exame da sexualidade, o segundo ponto a ser enfatizado é a proposta de novos modelos categoriais presentes em sua análise, em especial, os da *pulsão escópica* e da *pulsão invocante*.

Embora esses conceitos tenham tido uma repercussão tímida em relação a outras propostas teóricas de Lacan, tais formas de concepção da pulsão podem ser compreendidas como hipóteses concretas de uma leitura não-energética deste conceito central à economia freudiana. Em resumo, o que ela ressalta é a pertinência das estruturas da alteridade, seja em sua aparição material e individualizada – a relação do sujeito para com o seu semelhante, seu próximo, seu *outro* –, quanto em sua superestrutura de base – a condição inconsciente da relação para com os objetos e fatos de linguagem, seu *Outro* – na construção do aparelho psíquico próprio. Ao lado da

⁷⁷ Um objeto é considerado sincrético na teoria semiótica quando é constituído por mais de uma linguagem (tomada em seu sentido estrito). Por exemplo, o cinema é certamente um objeto sincrético, pois nele a linguagem visual é uma das constituintes, assim como a musical, dentre outras.

⁷⁸ Já tratamos mais especificamente de nossas hipóteses acerca da *semiotização* da realidade num capítulo de livro intitulado “Reflexões sobre o discurso: a linguagem como re-criação do mundo” (BEVIDAS & RAVANELLO, 2006a).

pulsão invocante, a *pulsão escópica* atua como agente organizador do regime psíquico através da inclusão de estruturas de linguagem adquiridas no contato com o outro que o cerca, ressaltando, como bem aponta Miller (2005), a importância do imaginário no que diz respeito ao gozo (p. 306). É nesse sentido que Lacan diz que “no nível escópico, não estamos mais no nível do pedido, mas do desejo, do desejo do Outro. É o mesmo no nível da pulsão invocadora, que é a mais próxima da experiência do inconsciente.” (p. 102).

Dito em outras palavras, os fenômenos abarcados por uma concepção não-quantitativa da pulsão – a invocante – é o mais próximo que podemos chegar do que seria uma experiência no nível inconsciente, o que somente reforça a tese central lacaniana de sua estruturação enquanto linguagem. Porém, a retomada de tais categorias do sensível – o ver/ser visto e o falar/escutar – embora auxiliem no que seria uma abordagem semiotizada do regime pulsional, não foi suficientemente trabalhada a ponto de nos levar a um conhecimento radical da linguagem e de seus modos de estruturação do inconsciente. Talvez possa ser assim compreendida a posição de Miller (2005), num dos raros capítulos exclusivamente dedicado à pulsão escópica na literatura pós-lacaniana, segundo a qual a primazia da fala no simbólico e a inicial predominância do imaginário na teoria de Lacan vai progressivamente restituindo à linguagem o seu papel de centralidade, sendo o “Relatório de Roma” o ponto crucial de ruptura entre as duas leituras (p. 305).

O que a pulsão, se estruturada no nível escópico, revela é justamente a constituição do desejo em sua relação com o Outro em detrimento da força imputada aos influxos corporais. E não há aqui, de maneira alguma, qualquer espécie de negação dos fatos orgânicos, apenas a aposta epistemológica de que eles são repertoriados no registro humano através do trabalho de recomposição que se dá em termos de discurso. A pulsão, se assim compreendida, não é o requisito do biológico em sua aparição no âmbito mental, mas sim o processo de constante *atualização* discursiva dos objetos do sensível. Englobados, emaranhados, tomados, os objetos tornam-se pulsionais na justa medida em que entram em seu universo de discurso, sendo que o *objeto a* pode então ser visto deste modo como o testemunho fiel da impossibilidade de aquisição natural e integral dos objetos ao nível da linguagem. E Lacan certamente não poupou palavras ao se posicionar ao lado da tradição epistemológica crítica, que se estendeu desde Kant,

considerando que o contato direto e absoluto com os objetos reais era perdido e mesmo, de certo modo, impossibilitado pela linguagem. Entretanto, essa não é uma tese oposta ao imanentismo da linguagem, pois seu objetivo não é o de defini-la como obstáculo. Ao contrário, a intenção é antes de tudo a de posicionar-se contrariamente a realismos de toda sorte, principalmente no que concerne à crença implícita na possibilidade de abordar e manejar o real sem qualquer forma de mediação.

Desse modo, Tricot (2008) defende que a abertura ao precioso bem contido no uso da palavra, em tudo o que sua utilização comporta de humanizante e civilizatório, somente nos é dado mediante o prejuízo irreparável de uma perda de gozo inerente a esta mesma entrada no universo da linguagem (p. 34). Entretanto, se essa “civilização da pulsão” acoberta uma perda, por outro lado, ela simultaneamente instrumentaliza o pulsional para o usufruto do gozo e do prazer em outros regimes, como uma ampliação de seu território por sobre os limites do sensível. Somente assim o humano faz do barulho, música, do borrão, arte gráfica, do odor, perfume, do toque, sensualidade e, de um pouco de tudo, arte. Freud era inequivocamente atento para o que esta poderia contribuir para o conhecimento dos mecanismos da pulsão e do prazer, como bem aponta em seu estudo sobre os ganhos envolvidos no processo criativo em sua relação com a memória e a fantasia (FREUD, 1908/1996, p. 141) ou ainda, no que diz respeito ao exame da estética não somente como estudo da beleza, mas, sobretudo, enquanto “teoria das qualidades do sentir” (FREUD, 1919/1996, p. 237). Embora não adentraremos diretamente na relação entre psicanálise e arte cientemente por escolha de temática, não podemos deixar de ver, a partir do modo como Freud encaminha a questão, a abertura dada aos temas tanto do discurso quanto da alteridade para uma abordagem mais profunda dos fenômenos ditos econômicos.

Como temos apontado nas páginas precedentes, o direcionamento operado por Lacan em relação à pulsão, principalmente se tomada a partir dos registros escópico e invocante tal como é proposto no seminário 11, nos permite situá-la para além da regulação biológica pressuposta às hipóteses de cunho energético. O modelo não-quantitativo então proposto recupera, tal como fora assumido por Freud no texto sobre as pulsões e seus destinos (1915a/1996), o papel crucial desempenhado pela alteridade no traçado dos rumos que dão forma ao campo pulsional. É desse modo que Lacan se

refere à estrutura da pulsão em relação à visão, tomando o exibicionismo como mote, na seguinte passagem de seu seminário sobre os quatro conceitos fundamentais:

O que se olha é aquilo que não se pode ver. Se, graças à introdução do outro, a estrutura da pulsão aparece, ela só se completa verdadeiramente em sua forma invertida, em sua forma de retorno, que é a verdadeira pulsão ativa. No exibicionismo, o que é visado pelo sujeito é o que se realiza no outro. A visada verdadeira do desejo, é o outro, enquanto que forçado, para além de sua implicação em cena. (LACAN, 1964/1998, p. 173).

Nesse sentido, o traçado que a pulsão demarca ao redor de seu objeto só é possível de ser concebido em função das relações exercidas quanto ao outro. A estrutura, ou ainda, a *estruturacão* da pulsão é inerente aos modos de interação com o outro, sendo a linguagem o seu meio de propagação. Nada muito diferente da forma como determinados temas desde muito cedo despertaram a atenção de Freud no que concerne às manifestações iniciais da sexualidade infantil, dentre eles, os cuidados maternos e a conseqüente sobreposição de uma esfera de prazer por sobre tais procedimentos (de higiene, alimentação, etc...). O que é assim revelado é justamente uma constituição não-individualizada do psiquismo e do enquadre dos fenômenos pulsionais. Ao ser definida no interior do jogo de influência mútua regido pelo sujeito em relação especular com o outro, o conceito de pulsão não poderá mais ser ajustado a quaisquer modelos de redução quantitativa. Isso porque o padrão epistemológico essencial em tal perspectiva, uma vez que determinado por condições de âmbito regulatório próprio a cada indivíduo, não permite uma visada mais ampla sobre o conjunto de fatores que compõem os elementos discursivos posto que alheios às variações de ordem orgânica. O modelo não-energético característico às pulsões escópica e invocante, segundo o ponto de vista lacaniano no seminário 11, transpõe a base dos fatos pulsionais do estrato das estimulações biológicas – tal como ocorre nas proposições neurocientíficas – para o embasamento em termos de linguagem.

É assim que Miller destaca que se há alguma possibilidade de designar ao ser humano alguma noção de “meio-ambiente”, este deve ser invariavelmente um “universo de linguagem”. Tal constituição epistemológica ou, melhor dito, o sistema de determinações então implicado pode ser descrito a partir do modo como as palavras incidem sobre o corpo. Segundo o autor: “Certamente existem palavras que se introduzem nos corpos e que neles permanecem, enquanto que outras se dissipam. É

isso que, no mínimo, a experiência analítica demonstra: houve falas determinantes cujos efeitos marcaram profundamente o funcionamento do corpo.” (MILLER, 1999, p. 57). Trata-se aqui, certamente, de um processo de *semiotização*: uma vez que o funcionamento do corpo é intimamente marcado pelo discurso, estamos nos deslocando por entre uma concepção de linguagem que nos permite a delimitação de estruturas determinantes na apreensão do corpo próprio.

Porém, visando igualmente outros processos fundamentais, defendemos a hipótese de que o significante lacaniano, em seu polimorfismo intrínseco, e ainda se aliado à noção hjelmsleviana de signo (tal como apresentada no segundo capítulo desta tese), permite que sejam abordados também diferentes elementos de incidência sobre o corpo – tanto no interior da fala como além dela. Se mantivermos no tratamento da questão do afeto semelhante abertura, nos será possível igualmente considerar tanto isotopias diversas quanto defini-lo em seu sincretismo. Nesse caso, por exemplo, devemos levar em conta a participação de novas linhas de caracterização, tais como as da imagem, presença, toque, ou seja, um novo abarcamento do sensível na consideração do afetivo.

Mesmo no que se refere à via proeminente da fala, ainda não foram exploradas satisfatoriamente os efeitos de boa parte de suas características constitucionais, tais como tonalidade, tempo, ritmo, intensidade, dentre outras. Como bem nos indica Caruth (2000), Lacan destaca a respeito do então chamado “sonho-modelo” que o que está em jogo, o que há para ser transmitido, não se resume apenas ao sentido, mas também à *performance*, ocorrida na repetição e no intervalo (p. 135). É justamente com o intuito de reforçar a consideração dessas linhas de constituição intrínsecas ao afeto que, no próximo capítulo, buscaremos o diálogo com teorias da linguagem que, atualmente, investigam a relação entre corpo e sentido, em especial, as semióticas greimasiana e tensiva. Semelhantemente, no próximo item deste capítulo, veremos como a forma segundo a qual Lacan tratou o tema geral da linguagem permite destacar elementos necessários para a discussão de uma abordagem discursiva do afeto em psicanálise.

Antes disso, no entanto, devemos nos ater a mais um conceito que atrai sobre si importantes considerações de Lacan sobre o ponto de vista econômico freudiano: trata-se do conceito de *gozo*. É assim que Dunker (2002) apresenta essa noção como aquela que, na teoria lacaniana, “(...) vem a ocupar, parcialmente, o campo energético e

quantitativo denotado por Freud.” Ao mesmo tempo, e de forma semelhante ao encaminhamento que temos dado no presente capítulo, conclui que “há nesta passagem uma recusa metodológica em substancializar a noção de libido.” (p. 29). Sua análise caminha na direção de apontar que a abordagem lacaniana do ponto de vista econômico vai além da simples proposição de novas metáforas com o objetivo de amenizar o teor fisicalista das teses quantitativas⁷⁹. Ao contrário, a proposta de Lacan, seguindo a leitura de Dunker, é justamente a de firmar uma “teoria dos valores psíquicos” como uma alternativa consistente ao reducionismo energético. O gozo, nessa perspectiva, não pode ser apreendido como mais uma alegoria da quantidade e de seus supostos percursos, mas sim, como uma concepção significativa presente no pensamento lacaniano em diversas matrizes epistemológicas. Trata-se, portanto, da retomada do ponto de vista econômico em outro plano, com outras referências de base, o que havia sido repetidamente anunciado por Lacan em sua obra.

Assim, ressaltamos que o exame empreendido por Dunker para o conceito de gozo toca no ponto fundamental para a retomada do diálogo com as teorias da linguagem na constituição de uma abordagem discursivizada dos aspectos econômicos, justamente, a noção de *valor*. Para tanto, o autor irá evidenciar nas variações de rumo no interior da obra lacaniana as diferentes matrizes de pensamento nas quais *gozo* e *valor* podem ser depurados, dentre elas, as matrizes *lingüística*, *ético-jurídica*, *econômico-política* e *lógico-formal*. Segundo o recorte que buscamos delimitar para uma abordagem discursiva do afeto, como temos colocado ao longo do capítulo, nosso interesse está precisamente no exame de conceitos econômicos em função da primeira matriz citada. Contudo, respeitando o objetivo principal de nossa tese, deslocaremos nossa atenção dos aspectos históricos e epistemológicos da criação, desenvolvimento e manejo do conceito para a delimitação dos pontos de apoio que consideramos necessários ao diálogo entre psicanálise e teorias da linguagem, em especial, a semiótica tensiva.

⁷⁹ Devemos ressaltar que esse modo de concepção da libido não pode ser visto como livre de críticas, embora não estejamos de acordo com elas. Semelhantemente ao modo como Green aponta a suposta “recusa” do afeto da parte de Lacan, Simanke defende que o procedimento lacaniano quanto ao tema consistiria na redução do conceito de libido “de energia sexual psíquica a um fator puramente formal, a um operador teórico e convencional (...)”. (SIMANKE, 2002, p. 501). De certo modo, a estratégia de Simanke é a de apresentar como metafórica as abordagens não-naturalistas dos conceitos econômicos para, por fim, reforçar o viés de pesquisa do naturalismo, cujos impasses e limitações buscamos apresentar nos dois primeiros capítulos da presente tese.

O principal aspecto que o texto ora em questão nos revela é, de fato, a possibilidade de reposicionar a discussão sobre o econômico em Lacan ao traçar pontos de ligação entre a concepção de *valor* em Saussure e o conceito de significante em Lacan, sendo o conceito de gozo compreendido enquanto resultado primeiro de tal interlocução. Assim, o gozo deve ser encarado como um dos conceitos mais próprios à definição da nova tessitura do quantitativo, proposta por Lacan, tendo a linguagem como esteio. Embora Dunker seja levado a identificar o formalismo da matriz lingüística como um impasse inerente a novas formulações do quantitativo independentes dos conceitos energéticos, buscaremos apontar, na continuidade da tese, possibilidades de reposicionamento do problema. É nessa direção que, no próximo capítulo, discutiremos novos desenvolvimentos que a noção de valor lingüístico assumiu posteriormente com os trabalhos de Hjelmslev, Greimas e de semioticistas mais atuais, como Fontanille e Zilberberg. Por ora, vamos nos restringir ao exame de determinadas passagens em que a noção de gozo, em suas relações com as concepções de valor e linguagem, poderá nos fornecer recursos teóricos para um tratamento discursivo do afeto e da economia psíquica no campo psicanalítico.

Por razões metodológicas, vamos circunscrever nossa apreciação especialmente em duas passagens da teoria lacaniana: os seminários XVII e XX. Não que a concepção de gozo não esteja igualmente presente em outras passagens da obra do psicanalista francês, como acontece de forma evidente no seminário sobre a angústia, por exemplo⁸⁰. Entretanto, as proposições encontradas nesse seminário nos serão mais úteis em outro momento da pesquisa, mais especificamente, no próximo item. Da mesma forma, os dois seminários acima citados já nos dão subsídios suficientes para que seja colocada em evidência a relação entre valor e gozo, e, como o recorte torna-se necessário em nome da concisão da pesquisa, fazemos a opção pelo exame mais rigoroso e voltado para a construção de nossas hipóteses de trabalho em detrimento de uma análise mais geral do conceito e suas transformações ao longo da teoria⁸¹.

⁸⁰ Ou ainda no Seminário 16, *De um Outro ao outro* (LACAN, 1968-1969/2008), porém, nele, o gozo é então examinado mais propriamente na matriz lógico-formal, sendo o conceito de objeto *a* enquanto *mais-de-gozar* e inscrito na lógica do senhor e do escravo, a peça chave da consideração lacaniana (p. 358). Deste modo, optamos pelo aprofundamento nas leituras dos seminários 17 e 20, mais interessante a nossa temática do que um recenseamento geral do conceito.

⁸¹ Também por essa razão, não iremos nos ater especificamente ao exame das diversas oposições às quais o conceito foi submetido, tais como as de *satisfação* x *gozo da palavra* x *gozo do ser*; *gozo fálico* x *gozo do Outro* e assim por diante. Muito embora reconheçamos que seu acompanhamento epistemológico seja

Primeiramente, vemos que, de forma muito direta, Lacan toma o enlace entre as concepções de valor e gozo como fio condutor para a avaliação de aspectos epistemológicos da psicanálise. Segundo ele:

De quando em quando, meto o bedelho em um bocado de autores que são economistas. E vemos a que ponto isto nos interessa, a nós, analistas, porque se há algo a ser feito na análise é a instituição desse outro campo energético, que necessitaria outras estruturas que não as da física, que é o campo do gozo. (LACAN, 1969-1970/1992, p. 77).

O campo do gozo, também designado pelo autor como “campo lacaniano”, aponta talvez como nenhum outro conceito a intenção de prover uma nova ordem de análise para o econômico em psicanálise. Muito embora a análise feita nesse trecho do seminário esteja situada entre a *isotopia da física* – a das explicações referentes a estruturas energéticas, as mesmas a serem destituídas do posto de referência no arcabouço teórico da psicanálise – e a *isotopia do econômico* – derivada da abordagem lacaniana de autores como Marx e Smith, com o intuito de derivar de teorias diretamente implicadas no nascimento da noção de valor a questão do gozo – é nos processos vinculados à linguagem que Lacan faz a amarração entre esses conceitos e o de afeto. De fato, o exame das referências econômicas, sobretudo a consideração da mais-valia de Marx como “espoliação do gozo” (p. 76), ressalta com eficácia o aspecto de união entre o corpo e a circulação do valor pela cultura.

Novamente, vemos a teoria lacaniana destacando-se notadamente como uma abertura no modo de consideração do psiquismo à questão da alteridade, ao contrário de leituras do freudismo – em geral de cunho naturalista e organicista – que visam identificar no aparelho psíquico a possibilidade de traçar um desenvolvimento absolutamente individualizado de capacidades asseguradas por seu suporte quantitativo e biológico. De certo modo, estamos aqui reafirmando a oposição de Lacan, em sua teoria atravessada pela relação entre sujeito e alteridade, à forma monástica de leitura que, em especial, a vertente americana da psicanálise inferiu ao edifício teórico freudiano. Dentre elas, destacamos como exemplos desse contraponto ao lacanismo, a

bastante frutífero, posto que diretamente vinculado às diversas nuances e alterações nos rumos teóricos que Lacan imprimiu em sua teoria, tal empreitada certamente nos levaria a uma pesquisa à parte e, assim, iremos nos referir mais ao campo do gozo e sua noção geral do que aos conceitos individualizados. Para tanto, indicamos a leitura do texto já citado de DUNKER (2002), bem como os de JULIEN (1996) e FINK (1998).

teoria psicossocial de Erik Erikson, em sua tendência à sobrevalorização da aquisição de aptidões características as diversas fases de maturação, à “resolução de estágios”, tendências estas reunidas no *princípio epigenético* (KAPLAN, SADOCK & GREEB, 2003, p. 252), e a “*Ego Psychology*”, principalmente nos trabalhos de Heinz Hartmann, fortemente propensos a uma visão centralizada do ego, constantemente atacado e em conflito no interior mesmo do psiquismo⁸².

A nova energética pretendida nessa abordagem do campo do gozo visa extrair deste os fundamentos para se pensar o ponto de vista econômico atrelado aos processos de linguagem, sendo as noções de valor e afeto essenciais para sua compreensão. É assim que Lacan nos diz que “Estava evocando *esse afeto pelo qual o ser falante de um discurso se encontra determinado como objeto*. O que é preciso dizer é que tal objeto não é nomeável. Se tento nomeá-lo como mais-de-gozar, isto é apenas aparato de nomenclatura.” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 143, itálicos nossos). Dois aspectos saltam aos olhos nessa passagem – principalmente àqueles atentos para a questão do afeto no campo lacaniano –, a saber, a forma como são tratadas as concepções de *afeto* e *mais-de-gozar*. Esta última, como simples nomenclatura, denota o aspecto de “convenção” concedido ao termo. Por outro lado, sua formulação é necessária para designar o processo em que o afeto, este sim, entra na lógica de interação inerente ao discurso. É na esfera peculiar dos atos de linguagem na qual estamos aqui nos deslocando. O campo do gozo, se assim considerado, demarca a forma como a economia psíquica no lacanismo é subentendida aos efeitos de interação e engajamento no discurso, tendo como consequência direta a possibilidade de uma abordagem heurística dos fenômenos afetivos.

E, não devemos esquecer que o seminário em questão trata do lançamento de uma hipótese de pesquisa importante para a história subsequente da teoria lacaniana: a dos quatro discursos, notadamente, os do *analista*, da *histórica*, do *mestre* e do *universitário*. Tal proposição vai igualmente assumir coerência, no que diz respeito a esse enquadre econômico, pelo modo em que revela os efeitos de engajamento inerente ao âmbito discursivo. Neles, o fato de qualquer indivíduo assumir a fala numa dessas

⁸² Lembramos que Hartmann não é o único autor responsável pela *Ego Psychology*. Além dele, Rudolph Loewenstein, Ernst Kriss, David Rapaport e até mesmo o antes citado Erik Erikson também contribuíram para o desenrolar de tal vertente teórica. Para uma apresentação mais minuciosa do tema e sua relação com a metapsicologia freudiana, indicamos o artigo de GUANAES & JAPUR, 2003.

modalidades implica invariavelmente tanto na criação de um lugar característico de *agente* quanto na própria regulação dos meios em que o outro é apreendido. Ao mesmo tempo, o discurso é considerado mediador igualmente das relações aí implicadas com a verdade e a produção. Assim, o discurso enquanto linguagem em ato faz do afeto e do gozo resultantes de seu procedimento. Somente assim é permitido a Lacan falar do afeto, conforme destacado acima em itálico, enquanto forma de processo de determinação do ser falante no discurso, ou seja, seu engajamento como objeto tomado no universo da linguagem. Voltaremos logo adiante à questão do afeto e engajamento na teoria lacaniana.

É dessa forma que André (1994), focando um aspecto ainda mais amplo, nos fala da linguagem como “acesso e barreira” ao corpo, uma vez que é situada como interposição entre este e o sujeito, mas também, como sua única via de acesso. Para ele:

O ser corporal do animal humano torna-se assim inacessível, ou pelo menos fora do alcance de um acesso direto, não mediatizado. Não temos idéia do ‘gozar-se’ do corpo, sendo indiretamente, pelo imaginário que projetamos sobre os animais ou as plantas, ou por dedução lógica, a partir da linguagem. Não compreendemos o que é um corpo senão na medida em que o recortamos e organizamos com o significante – mecanismo que a conversão histórica leva até a caricatura. (ANDRÉ, 1994, p. 235).

Mais do que o manejo da concepção de significante como se fosse uma re-inserção do substancialismo na teoria lacaniana – seja ele integral ou metafórico – André destaca do texto de Lacan elementos cruciais para a fundação de uma abordagem semiotizada do gozo. Importante destacar essa posição quanto à obra lacaniana na justa medida em que ela é oposta e correlacionada a outra, também possível de ser depreendida, como veremos a respeito do artigo recente de Delbray (2008). No seminário 20, mais especificamente na sessão dedicada a Jakobson – a mesma que examinamos a respeito do distanciamento para com a lingüística –, Lacan propõe o quadro geral em que o Outro simboliza o corpo a fim de fazer-lhe operar a função de uma “outra forma de substância, a substância gozante” (1972-1973/1985, p. 35), no nível da qual irá localizar o seu significante (p. 36).

Em nosso encaminhamento temos que, se cotejarmos os dois textos antes indicados – o de Delbray e de André – a respeito do terceiro – de Lacan –, veremos no primeiro a alternativa para o estudo do corpo naturalizado empreendido pelas

neurociências ser dada numa versão metaforizada, pela qual “o gozar se corporiza de maneira significativa” (p. 43), até alcançar a concepção de “um corpo de outra natureza” (p. 46). Diferente do “corpo de desejo” para o qual Freud abriu caminho (p. 43), a hipotética substância fundamental do gozo esgarça os limites da metáfora, fazendo com que ela recaia no mesmo ponto de origem: o recurso ao natural como base na abordagem do corpo.

Vemos aqui, portanto, uma forma de levar a hipótese lacaniana enquanto metáfora a limites muito além da proposição inicial, pois, a busca dessa “nova forma de substância” (p. 41) é então tomada como mote para dela fazer derivar a base ontológica e garantia epistemológica da psicanálise lacaniana. Por outro lado, ao situar a linguagem não como uma “superestrutura que viria se depositar sobre o ser”, mas sim como o “utensílio que modela e determina este ser”, ou seja, ao reconhecer a linguagem na essência do sujeito e de sua relação com o corpo – mesmo no que lhe acomete enquanto economia psíquica –, André (1994, p. 212) re-endereça a questão para o que definimos na teoria lacaniana como as *bases semióticas do econômico*. Além disso, ao retornarmos à questão do gozo no seminário 20 – o que faremos algumas páginas a diante –, notaremos que tal retrocesso em relação ao substancialismo – metafórico ou não – deve ser relativizado em função do maior peso de outras formulações a ele contraditórias.

Em relação ao último trecho citado na íntegra, de André, devemos acrescentar o que talvez seja o ponto nodal de tais bases semióticas: que tanto o imaginário projetado, quanto a linguagem derivada logicamente – ou simbolicamente – não são externos à experiência do gozo e do afeto. Falar em bases semióticas para o ponto de vista econômico é, antes de tudo, reconhecê-las como constitucionais na experiência dos fatos psíquicos. Não há necessidade de mediação ou tradução em termos de linguagem se a considerarmos *intrínseca*, como diria André, à modelação e determinação do ser. De certo modo, é o mesmo conteúdo de crítica feito à abordagem energética do psiquismo: nela, é suposto que os fenômenos orgânicos são anteriores à apreensão que o mental dela faz e, assim, tratar-se-ia de uma transcrição do orgânico para o discurso. Igualmente, os efeitos da linguagem sobre o humano deveriam antes passar pela captação biológica dos estímulos, por um prévio tratamento neuronal das informações para, somente então, ser re-atuado em termos de linguagem. Ora, o que a psicanálise indica, principalmente a partir de Lacan, é justamente que tal disjunção não se aplica,

uma vez que não é permitida ao indivíduo qualquer experiência alheia à linguagem. Para tanto, o modelo primeiramente assumido é o da sexualidade. Como diz o autor em questão, “(...) é com efeito o significante que introduz a dimensão do sexual no ser humano (...)” (p. 212). Nesse enquadre, até mesmo a satisfação das necessidades mais primárias devem ser enfocadas no universo discursivo, sendo o exemplo citado o da fome “subvertida pelo gozo de comer do significante” (p. 228).

A hipótese de bases semióticas para o econômico implica que conceitos como os de gozo e afeto sejam repensados numa matriz não-substancialista, na qual a linguagem participa não somente como meio de propagação, mas também como forma de constituição. É deste modo que lemos a seguinte passagem do seminário de Lacan sobre *O avesso da psicanálise*, que ora analisamos, a respeito do gozo:

O que a histórica quer que se saiba é, indo a um extremo, que a linguagem derrapa na amplidão daquilo que ela, como mulher, pode abrir para o gozo. Mas não é isto que importa à histórica. O que lhe importa é que o outro chamado homem saiba que objeto precioso ela se torna nesse contexto de discurso. (LACAN, 1969-1970/1992, p. 32).

Novamente, é na esfera do *discurso* que a função de *valor* é delineada. Mesmo que se objete que o termo “discurso” então citado não corresponderia à maneira como tem sido por nós empregada, ou seja, que os quatro discursos designados por Lacan tratar-se-iam de conceitos específicos e bem delimitados que não deveriam ser confundidos com a linguagem (ou mesmo “externos” às determinações desta), devemos ressaltar que nossa aposta é justamente a de que a escolha pela expressão “discurso” não foi desproposita. Isso porque Lacan está precisamente se referindo ao enlace que os atos de linguagem acarretam. O discurso da histórica comporta astúcias languageiras que servem, principalmente, para o engajamento do outro num determinado modo. Ao se colocar como objeto *a*, ou, como nos diz Lacan imediatamente antes da citação acima, enquanto “queda do efeito de discurso” (p. 32), a histórica responde a uma só vez a formas predispostas pela linguagem para gozar, fazer gozar, afetar, ter afeto, ser afetada e, acima de tudo, constituir seu discurso próprio. É assim que lemos os quatro discursos definidos por Lacan: como uma fina tessitura a respeito da afetação da linguagem em ato, sobre o sujeito e em sua relação com o outro. É nesse sentido que o tornar-se um objeto precioso ou, melhor dito, um objeto de valor, toma aspecto de estrutura de

linguagem no contexto do discurso da histérica. Igualmente, o gozo entra na lógica discursiva na disposição dos mecanismos estruturais inerentes aos diferentes discursos, seja como moeda de troca entre sujeito e outro, seja no atravessamento da linguagem na constituição do objeto e nos meios de interação para com ele.

Conforme indicamos anteriormente, o segundo momento da teoria lacaniana no qual abordaremos a questão do gozo trata-se do seminário *Mais, ainda* (1972-1973/1985). Nele, a exemplo do que ocorre no seminário *De um Outro ao outro* (1968-1969/2008), o conceito de gozo vai ocupar um local de destaque central no ordenamento da trama de conceitos – o que fica claro desde o título de sua primeira sessão, chamada “Do gozo”. Logo de partida, o conceito é definido através de uma instância declaradamente negativa, na medida em que o gozo denota “aquilo que não serve para nada” (p. 11). Ora, o sentido de tal definição é exatamente o de apontar o caráter artificial e não naturalizado do gozo. Diferentemente da instância das necessidades biológicas (tais como fome, sede, sono), o gozo se apresenta numa ordem complementar e regulada pelos fenômenos de linguagem que, propriamente, fundam a esfera do humano.

É dessa forma que Dunker (2002) ressalta o aspecto de *valor de uso, de consumo* ou *de abuso* representados pelo gozo, mesmo que em disparidade com o *valor de troca*, este referente à matriz lingüística (p. 40). Contudo, como já indicamos no segundo capítulo desta tese, a concepção prevista no lacanismo tanto para o campo da lingüística, de maneira geral, quanto para suas noções basilares, de maneira mais específica, é atravessada pelo estruturalismo demasiadamente formalista da fonologia de Jakobson. Assim, nosso desafio ao buscar a retomada de elementos do ponto de vista econômico – dentre eles, principalmente, o afeto – na interface entre a psicanálise e teorias internas à matriz lingüística, consiste no redirecionamento mesmo da concepção de *valor*. Como veremos no próximo capítulo, a semiótica – e em especial a vertente da semiótica tensiva – tem sido constituída precisamente na substituição do fundamento epistemológico de oposições categoriais, e de estruturas estanques, para a pesquisa de formas mais contínuas e fluídas de abordagem dos fenômenos de linguagem, fazendo com que as *paixões* e a *intensidade* tenham seu lugar restituído na consideração teórica.

Ao mesmo tempo, apostamos na necessidade de reposicionamento da teoria psicanalítica quanto ao ponto de vista econômico, no que diz respeito ao processo de

substituição das referências energéticas – processo este implícito no projeto epistemológico lacaniano – se levado seriamente em consideração as teses de natureza discursiva presentes na teoria de Lacan. É o caso, notoriamente, da relação entre o gozo e o significante. Se Freud desferiu um corte intenso no narcisismo da humanidade ao dizer que o eu não é senhor em sua morada, podemos concluir que Lacan aprofunda o golpe ao submeter os processos econômicos ao significante e, portanto, ao âmbito do Outro. Trata-se, desse modo, de uma forma de destituição da supremacia dada à individualidade, cerne incontestado de projetos enaltecidos do homem e de suas capacidades desenvolvimentistas e adaptativas, cujo melhor exemplo é a *Ego psychology*.

Vejam, nas palavras de Lacan, como ele se posiciona frente ao tema do significante e do gozo: “O significante é a causa do gozo. Sem o significante, como mesmo abordar aquela parte do corpo? Como, sem o significante, centrar esse algo que, do gozo, é a causa material? Por mais desmanchado, por mais confuso que isso seja, é uma parte que, do corpo, é significada nesse depósito.” (LACAN, 1972-1973/1985, p. 36). O depósito citado é nada menos do que a “substância gozante”, a mesma referência que antes citamos na retomada de Delbray (2008) quanto ao tema. Pois bem, convém perguntar: trata-se aqui da suposição de um novo estrato substancial atuando como garantia realista, como o *objeto referente* dos fenômenos econômicos, ou, contrariamente, da atitude epistemológica de dar dignidade à linguagem na constituição desses mesmos fatos? O que Lacan nos parece ressaltar é que fora da alçada do significante, não há possibilidade alguma de acesso ao corpo, nem enquanto abordagem técnica, nem mesmo como experiência sensível. Trata-se, pois, de uma postura fortemente semiotizada frente ao ponto de vista econômico já que, ao invés de supor uma reconstituição no psiquismo das excitações endógenas, Lacan aposta na intervenção do significante e, logo, da linguagem, na formação de nossa sensibilidade.

O mesmo ocorre no que diz respeito à formulação do circuito pulsional. Com maior pertinência nos seminários sobre *A angústia* (1962-1963/2005), *Os quatro conceitos fundamentais* (1964/1998) e o seminário 20, que ora abordamos, a concepção de circuito pulsional porta em si, assim como o conceito de gozo, as marcas da remodelação operada por Lacan, a partir das noções de significante e objeto *a*, quanto ao ponto de vista econômico. Como bem resume David-Ménard (2000), “Lacan teve

sobre esse ponto uma formulação muito interessante: o circuito da pulsão gira em torno do objeto, escreve ele, e de lá ele retorna sobre o corpo lhe tornando erógena a fonte de onde partiu.” (p. 102). De certo modo, podemos ver nesse modo de compreensão do pulsional o mesmo caráter artificial e maleável que Freud atribui às zonas erógenas em função da sinuosidade própria, respectivamente, ao auto-erotismo e à perversão polimorfa. A sexualidade humana, sob o prisma legado por Freud, possui a estranha capacidade – e característica mais fundamental – de ser esculpida pelos caminhos e descaminhos do pulsional. Assim, esse movimento duplo – de ida e vinda – ou então “circular” da pulsão, consiste ao mesmo tempo no processo de investimento e, também, de semiotização de seu objeto. Isso porque, ao fazer seu entorno, o circuito simultaneamente o torna objeto de valor – e, portanto, de prazer – e lhe confere sua consistência discursiva, posto que subentendido à ordem significante.

Além disso, devemos ressaltar que tal movimento somente tem seu sentido e sua condição de possibilidade nos jogos de interação discursiva entre o sujeito e a alteridade. Pois, como temos defendido, a dimensão na qual o econômico é tratado na teoria lacaniana, uma vez que lhe é retirado o substrato energético, é diretamente submetida à linguagem e seu vínculo com o campo do Outro. É assim que Miller nos reapresenta a questão tomando como ponto central o seminário de Lacan sobre os quatro conceitos:

Na dissimetria da pulsão operada por Lacan, o decisivo é o fato de que o Outro em questão não é meu duplo, mas sim o Outro como tal. Parece-me que isso é o que há de inacreditável no que Lacan diz a esse respeito: o sujeito alcança a dimensão do Outro no movimento circular da pulsão. Não sei se vocês captam a grandiosidade da coisa, pois trata-se verdadeiramente de estabelecer, fundar o laço, a interseção entre o campo pulsional e o campo do Outro. Portanto, a contribuição essencial de *O Seminário 11* é mostrar que não é no nível do espelho que se alcança o Outro, mas sim no próprio nível da pulsão, ainda que não haja pulsão genital. (MILLER, 2000a, p. 183).

O nível da pulsão, desse modo, serviria fundamentalmente para dar conta da intersecção entre o sujeito e o campo do Outro, sendo o movimento circular dessa um meio de criar laço com o último. E, para tanto, linguagem e gozo se fazem imprescindíveis. Se retomarmos o seminário 20, veremos que Lacan operacionaliza nossa relação para com a realidade através do gozo e, imediatamente, o vincula à linguagem. Segundo ele: “A realidade é abordada com os aparelhos do gozo. Aí está

mais uma fórmula que lhes proponho, se é que podemos convir que, aparelho, não há outro senão a linguagem. É assim que, no ser falante, o gozo é aparelhado.” (LACAN, 1972-1973/1985, p. 75, itálicos no original). Assim, o circuito pulsional institui seu objeto ao lhe dar contornos no campo do Outro, ao mesmo tempo em que o gozo se funda enquanto um aparelho de linguagem, o mesmo que será necessário para a abordagem da realidade. Nossa conclusão é a de que Lacan estaria, desse modo, reiterando o papel da linguagem no estabelecimento de sua economia. Isso porque, tanto fazer do circuito pulsional um modelo de constituição de formas de interação no campo do Outro quanto colocar o gozo enquanto aparelho de linguagem imprescindível para a composição do tratamento dado à realidade, em ambos os casos, as teses então compreendidas como econômicas em psicanálise tornam-se atravessadas pelo desempenho das funções discursivas que, igualmente, lhe dão forma. Se há um movimento constitucional montado em idas e vindas, certamente, é o da aparelhagem do ponto de vista econômico a partir da linguagem na teoria lacaniana.

Novamente, insistimos na posição de independência ao regime naturalista presente na psicanálise pretendida por Lacan, o que se reflete diretamente na sua concepção de gozo mesmo quando pensado em matrizes diferentes da lingüística. É o caso, para citar um exemplo, do que acontece em seu exame do assunto no seminário *De um Outro ao outro*. Vejamos um breve trecho: “O que acontece com o gozo não é de modo algum redutível a um naturalismo. O que há de naturalista na psicanálise é, simplesmente, o nativismo dos aparelhos chamados pulsões, e esse nativismo é condicionado pelo fato de que o homem nasce num banho de significantes.” (LACAN, 1968-1969/2008, p. 208). E ainda conclui que “Não há nenhuma razão para lhe dar qualquer continuidade no sentido do naturismo.” (idem). Ora, o nativismo então citado em nada se compara a projetos de localização e redução dos fenômenos clínicos aos ditames de substâncias ou quantidades energéticas na esfera do biológico. Tão simplesmente, Lacan ressalta na origem do ser falante a sua subordinação à ordem do Outro, então definido como “campo da verdade”, “lugar em que o discurso do sujeito ganharia consistência” (p. 24). Certamente, devemos destacar como elemento a uma abordagem discursiva do afeto e do ponto de vista econômico o modo como o “banho de significantes”, na origem do pulsional, o implica imediatamente na relação entre sujeito e alteridade.

Semelhantemente, corpo e fala aparecem no seminário 20, por repetidas vezes, fortemente associados no que se refere ao gozo e à esfera do econômico. Até mesmo a concepção de inconsciente é abarcada nessa leitura, como podemos observar no presente segmento de texto: “(...) *o inconsciente, é que o ser, falando, goze e, acrescento, não queira saber de mais nada. Acrescento que isto quer dizer – não saber de coisa alguma.* (LACAN, 1972-1973/1985, p. 143). Apesar das diversas leituras da obra de Lacan que, apoiadas no tom de desligamento quanto à lingüística presente particularmente na sessão endereçada a Jakobson, viram no seminário 20 o fim da pertinência do campo da linguagem na teoria lacaniana, podemos, ainda assim, evidenciar aqui a íntima ligação entre os conceitos de fala e gozo, no seio de sua concepção de inconsciente, como uma das tônicas do seminário em questão. Nesse mesmo sentido, Lacan dirá ainda que:

Essa hiância inscrita no estatuto mesmo do gozo enquanto diz-mansão do corpo, no ser falante, aí está o que torna a brotar com Freud por esse teste – não preciso dizer mais nada – que é a existência da fala. *Aonde isso fala, isso goza.* E isto não quer dizer que isso saiba de coisa alguma, porque, mesmo assim, até nova ordem, o inconsciente nada nos revelou sobre a fisiologia do sistema nervoso, nem sobre o funcionamento da ereção, nem sobre a ejaculação precoce. (LACAN, 1972-1973/1985, p. 156, *itálicos nossos*).

Aonde isso fala, isso goza. Mesmo que nada seja desvelado, graças a essa característica, a respeito do funcionamento do substrato biológico (então representado pelos suportes fisiológico e do aparelho sexual), a disjunção entre *saber* e *gozo* em nada depõe contra a predominância da linguagem (aqui designada pela função da fala). O elo entre o campo da linguagem e ponto de vista econômico, no que este se apresenta recoberto pelo conceito de gozo, é então designado pelo próprio autor como “osso de seu ensino”: a função da fala, para além do saber, está na base de sua abordagem do sujeito e de sua economia. É nesse sentido que Lacan dirá que “(...) falo com o meu corpo, e isto, sem saber. Digo, portanto, sempre mais do que sei.” (p. 161). Contudo, tal aposta no estudo das funções da fala e no exame do campo da linguagem não tem sido, a nosso ver, suficientemente analisada a ponto de nos oferecer uma nova visada sobre os fenômenos econômicos e é neste viés de pesquisa que prosseguiremos nosso trabalho.

4.3.3. A via discursiva: o afeto como engajamento

Neste item, buscaremos apresentar como algumas teses gerais de Lacan sobre a linguagem podem também nos fornecer e corroborar elementos para uma abordagem discursiva do afeto. Como dissemos anteriormente, se em Freud havia o desafio de, a partir das concepções de cunho quantitativo, fazer derivar uma concepção propriamente discursiva para o afeto, em contrapartida, o tratamento da obra lacaniana nos coloca o problema inverso: das várias contribuições ao tema da linguagem, lançar as bases para o afeto no interior do universo discursivo. E onde mais poderíamos buscar bases para uma concepção de afeto em psicanálise, após o evento lacaniano, senão no campo da linguagem? Vimos nos primeiros dois capítulos desta tese os impasses aos quais abordagens energeticistas e metafóricas podem nos conduzir no que diz respeito ao afeto.

De maneira semelhante, ao retomar a contundente afirmação de Lacan no seminário 20 de que não há realidade pré-discursiva⁸³, o que por si só já restringe os limites para a busca, Gori & Hoffmann (1999) apresentam duas alternativas: ou bem a psicanálise tenderia a uma versão “mentalista”, identificando assim fala e linguagem a estados mentais determináveis, o que reforçaria a reconstrução dos estados afetivos por uma via naturalista, ou bem a psicanálise deveria recorrer à vertente por eles designada como “pragmática” ao supor que “não existe outra causalidade senão aquela determinada pela estrutura formal do discurso” (pp. 380-1). Trata-se, portanto, antes mesmo de uma versão pragmática, de uma leitura propriamente imanentista, conforme já expusemos anteriormente.

Seguindo a forma pela qual Lacan reordenou a teoria psicanalítica ou, melhor dito, formulou seu projeto epistemológico, não há possibilidade de estabelecermos propostas teóricas ou hipóteses clínicas senão através do meio discursivo. É nesse sentido que ele nos aponta os limites do discurso na prática da psicanálise: “Mesmo que não comunique nada, o discurso representa a existência da comunicação; mesmo que negue a evidência, ele afirma que a fala constitui a verdade; mesmo que se destine a enganar, ele especula com a fé no testemunho.” (LACAN, 1953/1998, p. 253). Certamente, devemos fazer a ressalva de que a proposta aqui não é a de um super-

⁸³ “Não há nenhuma realidade pré-discursiva. Cada realidade se funda e se define por um discurso” (LACAN, 1972-1973/1985, p. 45).

idealismo lingüístico no qual “tudo é linguagem”, mas sim, a postura epistemológica firmemente defendida de que os fatos psíquicos, estes sim, são invariavelmente semiotizados, seja na esfera consciente, seja na inconsciente. A regra fundamental da psicanálise adquire, desse modo, estatuto de postulado epistemológico: é vital que se diga tudo o que vier à mente porque tudo o que for proveniente do discurso depõe a favor da verdade, pois, é justamente aí que ela se situa.

Uma abordagem que se quer discursiva quanto ao tema do afeto deve, portanto, oferecer elementos que facilitem a compreensão dos mecanismos que visam dar conta da economia psíquica no campo da linguagem, ou, para mantermos os termos, da semiotização do ponto de vista econômico. E não se trata apenas da substituição de uma referência orgânica para esquemas lingüísticos, como a substituição de objetos a serem metaforizados pela teoria psicanalítica, mas sim, como podemos ver no posicionamento de Lacan frente ao tema, numa rigorosa reordenação dos conceitos. No que concerne a sua possibilidade de execução no interior da teoria lacaniana, devemos retomar a maneira como buscamos delinear o afeto nas páginas anteriores. Seja assintoticamente, seja indiretamente, podemos evidenciar como o conceito de afeto na obra de Lacan remete constantemente ao que vamos, a partir de agora, designar pelo mote geral de uma concepção de *engajamento*. Sob este termo condensamos as teses pelas quais a delimitação do afeto passa pela relação entre sujeito e alteridade, fazendo da interação o vínculo entre corpo e linguagem.

É nesse sentido que lemos o seguinte trecho de seu seminário sobre *O avesso da psicanálise*: “Julgo possível determinar isto, especialmente a partir do discurso psicanalítico. Com efeito, a partir desse discurso não há senão um afeto, ou seja, o produto da tomada do ser falante num discurso, na medida em que esse discurso o determina como objeto.” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 143). Pela via discursiva, o afeto é então definido como a inevitável apreensão às operações da linguagem pela qual o ser falante passa ao ser captado em diferentes linhas discursivas, em *isotopias de discurso*. Mais que um simples influxo energético, o afeto é assim delimitado no interior de mecanismos de linguagem inerentes a sua relação com o outro e com seu próprio corpo que, por sua vez, são igualmente definidos nessa mesma dinâmica. O postulado lacaniano de que não há realidade pré-discursiva recupera o seu sentido em meio ao caráter imanente de tal proposição: a realidade psíquica se constitui justamente no

exercício da linguagem. Por essa razão, Lacan enuncia que “desde sempre, os objetos estão, se assim me posso exprimir, *significantizados*.” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 263). Não há realidade anterior ao surgimento do significante como mediador nem quanto ao Outro, nem mesmo na relação entre o psíquico e o corpo, pois, ambos são submetidos aos efeitos de linguagem então determinantes.

Mesmo o objeto mais primordial – o “objeto materno”, em toda sua amplitude e generalidade – somente entra na consideração dos fatos psíquicos através dos procedimentos discursivos que o tornam “moeda do desejo do Outro”. Para tanto, Lacan faz uso da expressão de “signos constitutivos”, muito semelhantemente ao encaminhamento que anos mais tarde dará ao seu “significante mestre” – o S_1 – como aqueles “através dos quais a criação do valor é assegurada, através dos quais esse algo de real que é implicado a todo instante nessa economia é atingido pela bala que faz dele um signo.” (idem). Importante notar como a interação com o Outro permite a Lacan não somente formular uma noção de economia psíquica submetida ao significante e à linguagem, como também daí derivar uma nova postura epistemológica para a teoria psicanalítica, independente de reduções a estados míticos anteriores ao acesso via discurso.

Na definição dos objetos como desde sempre subordinados à ordem da cadeia significante podemos evidenciar a relevância dada por Lacan, principalmente durante a década de 50, ao aspecto epistemológico tomado de empréstimo à lingüística e que aqui designamos como *semiotismo imanente*. Tal aspecto, crucial na formação das bases teóricas do lacanismo e de suas teses sobre o discurso, consiste justamente na defesa de uma postura epistemológica que situa a linguagem como determinante tanto na compreensão dos fatos psíquicos e de sua economia, quanto na apreensão dos objetos externos. Assim, sob a égide do significante, Lacan nos propõe uma saída heurística para a questão fundamental do tema outrora definido por Freud como o do *mundo exterior* (FREUD, 1924a/1996 e 1924b/1996). Para Lacan, a função primordial do significante é precisamente a de desempenhar “um papel de relha cuja função é tornar a fundir, de maneira nova, o real.” (LACAN, 1956-1957/1995, p. 314). Essa é uma concepção recorrente e, de fato, não há maiores dificuldades para voltarmos a situá-la ao longo de sua obra.

É assim que, logo no seminário seguinte, e em referência ao escrito sobre *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957/1998), Lacan volta a falar das “funções essenciais do significante” – metáfora e metonímia – novamente nos termos que delimitamos como os de um semiotismo imanente. Isso porque, o exercício de tais funções essenciais se dá “na medida em que é por elas que o arado do significante sulca no real o significado, literalmente o evoca, o faz surgir, maneja-o, engendra-o.” (LACAN, 1957-1958/1999, p.33). A relha – no primeiro exemplo – ou arado do significante – no segundo – servem para designar, mesmo que de maneira metafórica, o processo segundo o qual os objetos exteriores, tendo uma vez entrado em contato com o universo discursivo, não podem mais serem daí desligados. Em certo sentido, é por essa razão que passamos do amplo uso do conceito de representação na teoria freudiana para a predominância na utilização da concepção de significante na obra lacaniana. Não que eles sejam correlatos ou que um seja o desenvolvimento do outro, mas sim porque essa passagem permite deslocar os problemas contidos na tradição filosófica quanto ao primeiro, posto que vinculado a correntes empiristas e realistas.

Lacan, contrariamente, identifica em Freud a abertura para o deslocamento da primazia da realidade externa e independente para uma abordagem centrada nos efeitos da linguagem na constituição do psíquico. É através dessa leitura que lhe é possível observar a coincidência entre as leis freudianas que regem o inconsciente e as leis primordiais segundo as quais o discurso é formado (LACAN, 1957-1958/1999, p.70). Seguindo o mesmo princípio, o próprio conceito maior e berço do arcabouço teórico psicanalítico, precisamente o de *inconsciente*, deverá ser reapresentado nos termos concernentes a essa visada de cunho semiótico, sendo o seminário 11 o ponto nodal de tal consideração. Nele, a hipótese central do ensino lacaniano – a do inconsciente estruturado como uma linguagem – é por repetidas vezes acrescida de um importante complemento: o dos *efeitos da fala*. Nas palavras do autor: “O inconsciente, são os efeitos da fala sobre o sujeito, é a dimensão em que o sujeito se determina no desenvolvimento dos efeitos da fala, em consequência do que, o inconsciente, é estruturado como uma linguagem.” (LACAN, 1964/1998, p. 142). A consequência lógica a ser então depurada, como bem o fez o autor, é a de afastar eventuais tentativas de uma apreensão do inconsciente por realidades outras que não a da própria constituição do

sujeito, engendrado na prática analítica (pp. 142-3). Ao contrário, os efeitos da fala são aí julgados como sendo tão essencialmente primordiais que a eles são imputados não só a origem do estatuto de sujeito como também a principal via pela qual seria possível restituir ao inconsciente freudiano o seu devido lugar (p. 121).

Porém, convém perguntarmos: dentro desse quadro teórico em que o inconsciente é definido como os efeitos da fala sobre o sujeito que, por sua vez, também tem seu estatuto constituído pelos mesmos, como devemos encaminhar a questão do afeto? Isso porque, como temos evidenciado neste item, o afeto possui estreita relação com os fenômenos de engendramento pelos quais o sujeito é submetido. Cabe, portanto, verificar justamente na ordem dos efeitos da fala qual posição é permitida ao afeto. Para isso, lançamos mão de uma passagem da leitura empreendida por Miller (2000b) sobre o seminário 20 de Lacan. Para Miller, o cerne de tal texto é justamente o de identificar que o sujeito do significante e o indivíduo enquanto “corpo afetado por palavras”, “afetado pelo inconsciente”, não são mais que um. Numa passagem de texto primorosa, o autor tira desse postulado as seguintes conclusões:

Isto implica que o significante não tenha somente efeito de significado, mas que ele tenha efeito de afeto num corpo. É necessário dar a esse termo de afeto toda sua generalidade. Trata-se disso que vem perturbar, fazer marca⁸⁴ no corpo. O efeito de afeto inclui igualmente o efeito de sintoma, o efeito de gozo, e mesmo o efeito de sujeito, mas o efeito de sujeito situado num corpo, e não como puro efeito de lógica. Quando se trata de efeito durável, de efeito permanente, pode-se por justiça lhes chamar de marcas⁸⁵. (MILLER, 2000b, p. 46).

Sob a égide do significante, o afeto recobre assim o campo delimitado pelo ponto de vista econômico na obra freudiana. O “efeito de afeto” num corpo, ao mesmo tempo, retira da concepção o peso de fenômeno “endógeno” próprio à perspectiva energética e sua leitura que poderíamos chamar de “endofísica”, para restituir ao afeto seu caráter particularmente interativo. Trata-se, pois, da passagem de uma visão essencialmente individualizada do aparelho psíquico, apoiada nas noções de energia psíquica e descarga, para a composição de um quadro teórico que, notadamente, abre a possibilidade de localização nos fenômenos discursivos para as bases conceituais dos fatos afetivos em questão.

⁸⁴ *Trace*, no original, que comporta também a idéia de rastro, vestígio.

⁸⁵ *Idem*.

Submetido à ordem significante, o efeito de afeto consiste, em suma, no processo pelo qual a linguagem apropria-se do corpo durante o exercício do discurso, ou seja, de sua participação na constituição do corpo nos termos em que é apreendido pelo psíquico. A tal processo propomos a denominação de *semiotização afetiva do corpo*. Simultaneamente, assim são englobados outros efeitos de cunho econômico – como os acima citados de sintoma, gozo e produção do sujeito – especificando no que eles se referem a procedimentos de engajamento. Isso porque o efeito de afeto, se compreendido da forma como estamos propondo, permite uma abordagem da inflexão que a linguagem opera tanto no psíquico quanto no corpo, criando o efeito de sujeito e o engajando nas diferentes linhas discursivas – isotopias – que possibilitam o prazer, o gozo e mesmo o sintoma. O significante como causa do gozo se inscreve nessa mesma lógica pela qual “a afetação essencial é a afetação marcante da língua sobre o corpo.” (idem, p. 47).

Semelhantemente, o processo de semiotização afetiva do corpo se contrapõe às versões psicológicas e psicanalíticas que pretendem localizar na maturação individual, na aquisição de capacidades sejam elas cognitivas, sejam de estruturas biológicas, o fundamento dos fenômenos afetivos. Uma vez subordinados ao discurso, os efeitos de afeto tornam-se intrinsecamente dependentes do Outro enquanto condição de possibilidade – no que se refere ao acesso simbólico aos significantes⁸⁶ – e determinação de suas modulações – que obedecem às estruturas pressupostas pela linguagem –, bem como ao outro, no contato íntimo e imaginarizado com o semelhante. É nesse sentido que Lacan aponta, a respeito das diferentes fases propostas por Freud acerca de suas teses sobre a sexualidade humana (FREUD, 1905a/1996), que “a passagem da pulsão oral à pulsão anal não se produz por um processo de maturação, mas pela intervenção de algo que não é do campo da pulsão – pela intervenção, o reviramento, da demanda do Outro.” (LACAN, 1964/1998, p. 171). Assim, a introdução de novas isotopias para o econômico, tido enquanto objeto sincrético, deve ser compreendida no registro da alteridade e, principalmente, no que ela exige de engajamento do corpo nas vias discursivas que lhe são, a partir de então, imprescindíveis.

⁸⁶ Hoffmann apresenta tal subjunção ao Outro e à linguagem da seguinte forma: “Deste modo, a linguagem é a condição do inconsciente, como já afirmava Lacan. O sujeito da psicanálise ou o sujeito do inconsciente pode encontrar sua verdade somente num lugar Outro (por exemplo: o ‘tesouro depositado’ de F. de Saussure) onde seu desejo, inarticulável estruturalmente pela fala é articulado pela linguagem que lhe significa.” (Hoffmann, 2007, p. 45).

Mais do que um suposto desenvolvimento libidinal no qual o acento recaia nas variações possivelmente substanciais (questão deixada permanentemente em aberto por Freud), Lacan aborda as mudanças no registro pulsional às novas ordens nas quais o indivíduo é engajado pelo Outro através do discurso, o que abrirá novas vias para a semiose do afeto (em seu sincretismo formado por expressões de tipo visuais, auditivas, olfativas, e assim por diante). É desse modo que Vierling-Weiss (2006) resgata, para a consideração de *Lalangue*, a leitura de Françoise Dolto acerca da língua materna enquanto um ganho no território discursivo a partir da instauração de um “objeto transicional sutil” (p. 17), certamente, no mesmo sentido em que Miller nos fala dos efeitos duráveis do afeto que assim marcam o corpo. Tal objeto transicional, em todas as características que ele porta, ressalta a propriedade dos efeitos da fala de estruturar, a partir do afeto – compreendido como um registro de seus efeitos, propriamente econômico – a constituição semiótica do corpo em sua relação com a realidade.

Ainda a respeito do artigo de Vierling-Weiss acima citado, a autora nos coloca – partindo da análise de uma paciente que recentemente havia se tornado mãe num país estrangeiro, do qual não dominava a língua vigente – um belo exemplo do entrelaçamento que o afeto comporta entre o corpo e a alteridade. Para tanto, parte da seguinte indagação: “não mudamos um pouco de corpo quando falamos numa língua estrangeira?” (p. 16). De fato, se levamos em conta a questão da semiotização afetiva do corpo, as modulações discursivas que diferentes idiomas permitem acabam por determinar, igualmente, alterações ao longo do processo⁸⁷. A autora, na seqüência do texto conclui então que “uma língua procura sensações de prazer/desprazer, e não somente as auditivas. Há efeitos no corpo tais que podem ser ressentidos como um outro. A língua é o lugar de reencontro entre as palavras e o gozo via corpo.” (VIERLING-WEISS, 2006, p. 16). Os efeitos da fala, que desempenham notadamente um papel de destaque na consideração teórica de Lacan durante o seminário 11, são aqui sentidos especificamente como *assujeitamento do corpo nos caminhos do gozo*, maneira pela qual podemos designar, em linhas gerais, a designação do afeto se seguirmos a via discursiva lacaniana.

⁸⁷ Essas alterações podem ser sutis para quem adquire competência na nova língua, porém, podem ser verdadeiros obstáculos para o desempenho de certas atividades – como a maternagem –, ainda mais se atravessadas por questões sociais e políticas, como no caso da paciente ora citada. Como refugiada política, seu retorno à língua materna evocava diversas formas de abandono experienciadas: do país, da família, da mãe (sua referência maternal) e, de parte importante de sua identidade.

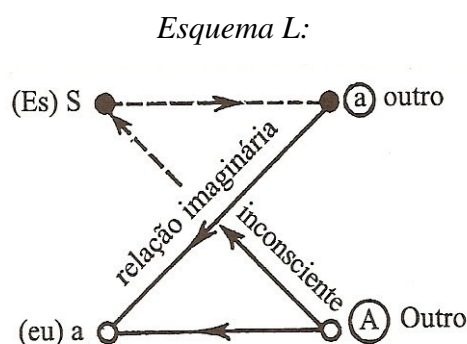
Retornando ao texto de Lacan, mais precisamente ao seminário sobre os quatro conceitos fundamentais, podemos observar mais proximamente sua forma de abordar tal assujeitamento que os efeitos de linguagem impõem:

Que o sujeito como tal está na incerteza em razão de ser dividido pelo efeito de linguagem, é o que lhes ensino, eu enquanto Lacan, seguindo os traços da escavação freudiana. Pelo efeito de fala, o sujeito se realiza sempre no Outro, mas ele aí já não persegue mais que uma metade de si mesmo. Ele só achará seu desejo sempre mais dividido, pulverizado, na destacável metonímia da fala. O efeito de linguagem está o tempo todo misturado com o fato, que é o fundo da experiência analítica, de que o sujeito só é sujeito por ser assujeitamento no campo do Outro, o sujeito provém de seu assujeitamento sincrônico a esse campo do Outro. (LACAN, 1964/1998, p. 178).

Assim, o fundo da experiência analítica para Lacan, se bem compreendido, está situado na forma como o sujeito se insere no campo do Outro através de efeitos de linguagem que, ao mesmo tempo em que o dividem, o engajam nesse campo. Entretanto, tal divisão não deve ser vista necessariamente como um ponto de discórdia para com o tema da linguagem, ou ainda, como uma limitação das possibilidades de auxílio que ela poderia nos oferecer. Não se trata de uma atitude demissionária para com a questão do discurso, mas sim, do traçado fino das estruturas inerentes ao sujeito nas suas relações com o corpo, o próximo e o real. Nelas, a linguagem desempenha suas funções tanto na constituição quanto no traçado de seus limites. Interessante destacar ainda a maneira como Milner (1996) ressalta o movimento de Lacan quanto à linguagem. Para ele, nem a linguagem, nem a língua chegam a serem tomadas por si próprias como pontos de referência absolutos na teoria, cargo tão somente delegado ao sujeito, ao qual a primeira é oferecida, em seu real, como substituto (p. 73). Entretanto, a questão aqui relevante em momento algum se refere ao jogo de predominância entre os termos, mas sim, no que a mútua implicação entre linguagem, sujeito e, ainda, o campo do Outro podem proporcionar à temática do afeto. A relação de assujeitamento ao campo do Outro como um dos efeitos de linguagem pertencentes à esfera do afeto, nesse caso, torna-se uma hipótese a ser examinada.

Ao mesmo tempo, a importância dada por Lacan à correlação entre sujeito e Outro figura em sua teoria desde seus primórdios. Exemplo disso é, invariavelmente, o desenvolvimento dos três esquemas gerais criados para dar conta de tal relação, a saber, os esquemas Z, L e R. Apresentados ao longo da teoria como variações graduais de

maior complexidade, ou ainda, como coloca Grignon (2007), numa relação de complementaridade uns com os outros, uma vez que, segundo o autor, não há abandono de hipóteses no edifício lacaniano quanto aos esquemas. Ao contrário, sua defesa é a de tratar-se da instauração de lentes gradualmente mais potentes, que visam versões sempre mais nucleares de suas hipóteses precedentes (p. 114). Sem negar a importância dos esquemas Z e R, tomaremos o segundo deles – o esquema L – para exemplificar nossa análise. Sua representação gráfica, tal como figura no seminário sobre *A relação de objeto* (1956-1957/1995, p. 10) e ainda em *O seminário sobre “A carta roubada”* (1955/1998, p. 58), pode ser delineada da seguinte forma, que ora apresentamos:



Nesse esquema, Lacan organiza uma estrutura formada por quatro elementos, sendo *S* o sujeito, *a'* o outro semelhante, *a* o eu imaginarizado e *A* o Outro. Em seu princípio, a relação entre *S* e *A* iria no sentido de apontar o recebimento da mensagem do Outro na forma de uma palavra inconsciente que, como bem aponta o esquema, é barrado fundamentalmente pela relação imaginária de um indivíduo ao outro. O estágio do espelho, assim, consistiria justamente na constituição dessa relação especular e de suas conseqüências. De acordo com Lemérier (2007), o eixo *a'*-*a* nos dá precisamente a dimensão do plano do espelho, em suas identificações imaginárias, reflexivas e transitórias.

Ao mesmo tempo, o plano do espelho constituído igualmente como discurso faz tela e obstáculo à passagem direta do discurso do Outro, o que poderia vir a instituir a realização do sujeito, deixando para trás um resto formado por “falas que insistem no inconsciente” (p. 85). O resultado desse procedimento não poderia ser outro senão o estabelecimento do estado de alienação. Porém, e nisso podemos ver grande parte do

mérito da leitura de Lacan sobre a obra freudiana, trata-se aqui de uma alienação dupla, como pode ser claramente evidenciado no seminário sobre *As psicoses* (1955-1956/1988): alienação quanto à própria posição de sujeito do enunciado – que não sabe de onde fala, nem acessa a plena realização simbólica de seu discurso – e alienação no descentramento do eu em sua relação imaginária – como Freud já destacava desde o *Projeto*, mas, mais precisamente na máxima concernente ao *Ego e o Id*, que Lacan retraduz como o apelo “lá onde isso estava, lá, como sujeito, devo [eu] advir” (LACAN, 1966/1998, p. 878).

O desenlace que buscamos para a temática ora apresentada está justamente na formulação de uma das teses centrais da teoria lacaniana quanto à linguagem e que, por conseguinte, posiciona o sujeito e o Outro frente a ela: a tese pela qual “o inconsciente é o discurso do Outro”. Tal postulado é, segundo seu autor, diretamente derivado do esquema em questão, uma vez que os lugares destinados ao sujeito e ao Outro estão implicados no vetor da função simbólica que dá origem ao inconsciente. Vejamos, na seguinte passagem, como Lacan examina o enunciado a respeito do discurso do Outro:

Nesse discurso, como estaria o sujeito implicado, se dele não fosse parte integrante? Ele o é, com efeito, enquanto repuxado para os quatro cantos do esquema, ou seja, S, sua inefável e estúpida existência, *a*, seus objetos, *a'*, seu eu, isto é, o que se reflete de sua forma em seus objetos, e A, lugar de onde lhe pode ser formulada a questão de sua existência. (LACAN, 1959/1998, p. 555)

Logo, o sujeito como parte integrante do discurso do Outro é engajado na formação de seu próprio inconsciente. É justamente seu engajamento que é representado através de seu repuxo pelos lugares que o esquema comporta. Nossa aposta é a de que, somente a partir de então, enunciados como o de Miller (2005) de que “(...) o valor da fala se mede pela intersubjetividade do *nós* (...)” (p. 42) tomam seu sentido. Isso porque duas conseqüências podem ser consideradas decorrentes dessa leitura do esquema: a primeira é que a criação do valor – segundo a maneira como foi examinada anteriormente nesse mesmo capítulo e como será retomada no próximo – depende da relação entre sujeito e alteridade; já a segunda é de que o âmbito dos fenômenos afetivos deve ser demarcado precisamente nesses processos de interação, nos quais os efeitos de linguagem devem ser destacados. Podemos concluir que, de forma semelhante à que Lacan emprega para a concepção do pensamento através do exame do

cogito cartesiano, durante o curso de seu texto *A ciência e a verdade* (1966/1998), devemos aqui nos posicionar quanto ao afeto: “(...) o pensamento só funda o ser ao se vincular à fala, onde toda operação toca na essência da linguagem.” (p. 879). O que é precedido pela importante ressalva de que, no entanto, não somos causa de nós mesmos (idem). Quanto aos fenômenos afetivos, consideramos que, ao longo desse capítulo, nos foi possível destacar elementos necessários para uma abordagem do afeto na teoria lacaniana, que, em resumo, afastam-na de concepções de cunho biológico que acabam por centrar a causa desses fenômenos em seu próprio suporte. Semelhantemente, essa abordagem passa invariavelmente pela constituição do afeto nas operações que incidem sobre o sujeito em sua relação com o Outro – o que só é possível ao se vincular pela via do discurso –, e pelo seu exercício nos efeitos de linguagem – a partir do que se pode tocar em sua essência.

Certamente os elementos aqui destacados não são os únicos, nem tampouco poderemos, em nossa análise, esgotar o tema do afeto em sua relação com a linguagem no que diz respeito ao edifício lacaniano. Nosso intuito ao destacar elementos que consideramos necessários para o exame de uma abordagem discursiva, de fato, não visa o fechamento do diálogo, mas, ao contrário, sua abertura. Portanto, retomaremos no capítulo que segue – destinado a uma abordagem do afeto apoiada no campo da semiótica, em especial da semiótica tensiva – determinadas hipóteses e apostas epistemológicas que temos feito ao longo de nossa tese. Assim, após a discussão prévia do afeto no campo psicanalítico, com seu exame em diferentes linhas de abordagem, e da revisão de certos aspectos quanto ao tema da linguagem, buscaremos expor, no capítulo a seguir, a maneira como temos encaminhado nossas hipóteses na interface com a semiótica em seus mais recentes desenvolvimentos.

Capítulo 5 – Psicanálise e semiótica do afeto

5.1. Introdução: uma breve recapitulação de percurso

Com o objetivo de apontar o modo como o presente capítulo irá se integrar ao conjunto da tese, recapitulemos certos elementos até aqui apresentados. Na primeira parte do texto, mais especificamente nos dois primeiros capítulos, buscamos delimitar, em linhas gerais, problemas epistemológicos diretamente envolvidos na instauração de uma abordagem discursiva do afeto. Assim, como procuramos empreender uma análise dos impasses implicados tanto na teoria freudiana quanto em determinadas leituras mais atuais, foi dado um maior peso a um enfoque crítico. Nesse sentido, no primeiro capítulo – chamado *Considerações sobre linhas de abordagem do afeto na teoria freudiana* – tivemos por intenção levar as concepções *quantitativa* e *metafórica* do afeto à sua radicalidade, expondo seus contratempos e limitações.

No que diz respeito à abordagem quantitativa do afeto, vimos a forma pela qual suas principais hipóteses aproximam a temática do afeto, através de versões energeticistas, de projetos de cunho neurocientífico para a redução dos fenômenos afetivos a supostas bases biológicas. Nela, temas e conceitos como os de quantidade, energia, carga, quota de afeto são explorados no intuito de firmar o apoio epistemológico necessário para programas de agregação da teoria psicanalítica ao campo da causalidade orgânica, extrapolando em muito o interesse inicial de Freud pelas ciências da natureza. Já a vertente metafórica, por outro lado, tem sua principal limitação, como pudemos expor, na constituição de uma sintaxe rigorosa que, contudo, é embasada em fundações a nosso ver declaradamente vazias, em referências esparsas ao caráter esvaziado de seus principais conceitos. Como um castelo de cartas erguido sobre o ar, a abordagem metafórica posiciona-se claramente em oposição à abordagem quantitativa, porém, sem oferecer um esteio para sua substituição.

O segundo capítulo, por sua vez, foi destinado especificamente à delimitação de impasses particulares ao diálogo entre psicanálise e teorias da linguagem no que se refere ao conceito de afeto. Esse capítulo tem sua importância na medida em que o estudo de interface entre psicanálise e, especialmente, a semiótica tensiva mostra-se permeado de adversidades em seu curso histórico que, caso não sejam devidamente

examinadas, podem vir a se converter em sérios obstáculos ao diálogo. No caso, destacamos elementos concernentes aos impasses *quantitativo*, da *concepção de linguagem* e do *estatuto psicanalítico de real*. A delimitação do ponto de vista econômico fundamentado em termos energéticos e quantitativos é então retomada com a finalidade distinta de situar o modo como sua instituição pode ser tida com empecilho a estudos de interface entre as teorias em questão. Isso porque, dificilmente seria possível associar as reduções a influxos de ordem externa ao psiquismo – como a quantidade tem sido tradicionalmente caracterizada e atualmente apreendida – com as teses próprias ao campo da linguagem em sua corrente imanentista. O que nos leva ao segundo ponto: o desencontro de tais teorias na consideração da linguagem. Após a abertura incontestada de Freud ao campo do discurso na construção de suas principais teses e o conseqüente retorno de Lacan ao cerne discursivo do edifício freudiano, examinamos determinadas atitudes de distanciamento presentes na obra do psicanalista francês. Ao mesmo tempo, empenhamo-nos em traçar linhas de aproximação entre as teorias lacaniana e hjelmsleviana a partir de suas proposições acerca do conceito de significante, a fim de encurtar a distância estabelecida pela história. O terceiro impasse examinado, relativo ao estatuto do real em psicanálise, visou fazer um rápido balanço desde a questão da realidade exterior em Freud até a apreciação de Lacan no seminário 11 sobre o sonho modelo de *A interpretação dos sonhos*, tomando a figura da *Bindung* – ligação – como guia. Nesse percurso, foi pretendido especificar alternativas apoiadas na linguagem, para a teoria psicanalítica, às aproximações a projetos de cunho realista.

A partir do capítulo subsequente, intitulado *Do afeto à linguagem: bases freudianas para uma abordagem discursiva do afeto*, iniciamos a segunda parte de nossa tese, esta voltada prioritariamente ao destaque dos elementos necessários a uma abordagem discursiva do afeto em psicanálise. Se antes nos ativemos ao exame crítico do campo explicitando as dificuldades impostas a um estudo de interface, com o terceiro capítulo operamos uma mudança de direção, passando a enfatizar as possíveis bases para a teorização do afeto em termos discursivos. Com a pesquisa sobre textos fundamentais à teoria freudiana, tais como *A interpretação das afasias* (1891/2003) e *A interpretação dos sonhos* (1900/1996), intentamos precisar a profundidade da inserção de teses discursivas no seio da psicanálise. Simultaneamente a isso, recolhemos

importantes contribuições de Freud ao tema do afeto no interior do âmbito discursivo e na constituição de sua prática clínica.

Em seguida, no capítulo destinado propriamente à obra de Lacan, nos lançamos à investigação do tema do afeto, primeiramente, em seu suposto abandono. Dessa forma, retomamos as críticas de Green quanto ao rechaço da temática do afeto na teoria lacaniana e sua resposta na atitude oportunamente não-substancialista, o que possibilitou o reposicionamento de suas teses no registro da linguagem, tal como declarado em seu artigo sobre a *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953/1998), também conhecido como *Discurso de Roma*. Revista a questão, exploramos as proposições lacanianas quanto ao afeto por três vias que designamos como: *assintótica*, *indireta* e *discursiva*. Na primeira delas, averiguamos as hipóteses *negativas* de Lacan sobre o assunto. Em tal empreitada, foi-nos possível derivar os limites então determinados ao conceito bem como a postura epistemológica do autor frente a ele. Depreende-se, pois, que o afeto não deve corresponder nem à origem do psíquico, nem à redução a substâncias no registro do orgânico, quanto menos a uma identificação com o ser ou o sujeito em sua forma bruta. Contudo, Lacan aponta a essencialidade da relação estrutural que o afeto exerce para com o sujeito e a alteridade. Pela *via indireta*, percorremos determinadas contribuições de Lacan aos temas da pulsão – sobretudo no modelo não-energético das pulsões escópica e invocante –, da libido – na crítica à matriz substancialista – e do gozo – em sua aproximação com a noção de valor e seu processo de semiotização. O estudo desses conceitos nos proporcionou uma ampla visada a respeito do ponto de vista econômico no lacanismo que, contrariamente a certas críticas, não fora negado, mas sim, revisto sob outros enfoques.

De nosso interesse, e já seguindo o traçado da terceira via acima indicada, defendemos a possibilidade de re-situar o tema, a partir da obra lacaniana, em termos discursivos. Por conseqüência teríamos, portanto, um esboço de teoria discursiva do afeto em psicanálise apoiada em teses gerais de Lacan sobre a linguagem. Através de apostas epistemológicas como as do *inconsciente como os efeitos da fala*, como *discurso do Outro* e, acima de tudo, enquanto *estruturado como uma linguagem*, temos subsídios para a fundação dos princípios elementares e norteadores do afeto no registro do discurso. Ao mesmo tempo, tais postulados nos remetem igualmente à possibilidade de semiotização do ponto de vista econômico, tendo como ponto de partida a relação

entre corpo e linguagem. Entretanto, tais apostas não se restringem à *práxis* psicanalítica e, assim sendo, certamente ganhariam peso se estudadas também pelo viés de teorias da linguagem.

É com essa finalidade que visamos delinear, nas próximas páginas, a composição de um estudo de interface entre psicanálise e semiótica tensiva, sem deixar de levar em conta os elementos até aqui destacados na abordagem do afeto. Contudo, devemos fazer a ressalva de que não se trata nem de uma revisão histórico-epistemológica das teorias e seus enlaces, nem de uma revisão das teses centrais de uma em relação à outra. Posicionar nosso ponto de vista na interface entre tais sistemas consiste justamente em apostar no auxílio mútuo quanto ao tema e na contribuição que os diferentes conceitos aportam. Para tanto, devemos primeiramente expor alguns elementos dentre os fundamentos do campo semiótico que nos serão de interesse bem como a justificativa de seu estudo.

5.2. “Por que a semiótica tensiva?”: Fundamentação do campo semiótico

Até o presente momento de nossa tese, defendemos a importância do diálogo com teorias da linguagem. Contudo, o campo é de tal modo vasto que convém perguntarmo-nos: porque eleger a semiótica tensiva como interlocutor privilegiado? Freud e Lacan certamente não o fizeram. No caso do primeiro, as lingüísticas incipientes de Carl Abel e Hans Sperber, centradas nas hipóteses gerais sobre a aquisição e origem da linguagem (ARRIVÉ, 2001, p. 81), foram tomadas como modelo do saber sobre esta antes que a lingüística de Saussure adquirisse um razoável lugar de destaque (como podemos evidenciar em FREUD, 1910b/1996 e 1919/1996). Nem mesmo o fato pitoresco, descrito por Arrivé (2001, p. 97), referente à análise do filho do mestre genebrino – Raymond de Saussure – por ninguém menos que o próprio inventor do método psicanalítico, foi suficiente para aproximar sua teoria da do mestre vienense, sendo que este se manteve obstinadamente alheio ao desenvolvimento da teoria lingüística de Saussure⁸⁸.

⁸⁸ Para uma análise mais aprofundada do tema, ver ARRIVÉ, 1999, pp. 11-25.

Lacan, por sua vez, apostou na lingüística de Jakobson, fortemente estruturalista e categorial, para o diálogo e, diga-se de passagem, também como mote para a declarada cisão com o campo. A sessão dedicada ao lingüista em seu seminário *Mais, ainda* (1972-1973/1985, pp. 24-37) testemunha nesse sentido. Ao mesmo tempo, seu distanciamento para com a semiótica é notoriamente marcado por desavenças de ordem pessoal, como já indicamos em artigo anterior (BEVIDAS & RAVANELLO, 2006b), e que toma ares trágicos e irreconciliáveis após o suicídio de Lucien Sebag⁸⁹. A discórdia entre Lacan e Greimas – pesquisador de origem lituana e principal nome da semiótica desenvolvida na França durante o século passado – foi de tal monta que teve variadas repercussões também institucionais, o que resultou no rompimento das possibilidades de diálogo entre ambas as teorias na época. Contudo, ao analisarmos da maneira mais fria e impessoal possível, livres dos preconceitos e desavenças que permearam a questão – como requer a seriedade no exercício da pesquisa –, somos levados a apostar justamente no campo semiótico, principalmente no que diz respeito aos seus desdobramentos atuais, enquanto representante preferencial das teorias da linguagem para o diálogo com a psicanálise.

O motivo para essa aposta repousa, inicialmente, em suas origens. O princípio norteador da semiótica nasce no *Curso de lingüística geral*⁹⁰ de Ferdinand de Saussure (1916/1985)⁹¹, posto que subentendido na proposta geral deste para o termo de “semiologia”. De acordo com Saussure, o conceito é originado no grego *sēmeion* (“signo”) e designa a intenção de “*uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social; ela constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia geral (...)*”, sendo que – acrescenta ele – cabe ao psicólogo determinar o seu lugar exato (SAUSSURE, 1916/2003, p. 24, itálicos no original). A psicologia então reivindicada por Saussure retorna ao longo do *CLG*, por diversas vezes, acentuando o tom imaterial – e psicológico – do significado, apoiado no fenômeno físico – e, logo, material – do significante na fala. Entretanto, o que a concepção de signo

⁸⁹ Doutorando de Claude Lévi-Strauss, aluno dileto de Greimas e analisando de Lacan, tinha como objetivo o diálogo e aproximação dos dois últimos (cfe. DOSSE, 1991).

⁹⁰ Por motivo de concisão, designaremos o *Curso de lingüística geral*, a partir de agora, tão somente pela sigla *CLG*.

⁹¹ A exemplo da metodologia empregada a respeito da obra de Lacan, o texto lido em francês é citado de acordo com sua tradução oficial. Neste caso, mesmo quando a citação foi originalmente encontrada na edição crítica preparada por Tullio de Mauro (1916/1985), sua citação será feita de acordo com a versão brasileira (1916/2003).

(significado/significante) revela em tal passagem é, de fato, a aposta saussuriana na possibilidade de pesquisas firmemente calcadas no papel da linguagem nos fenômenos sociais. Ao contrário de seus precedentes – dos quais Franz Bopp é o seu exemplo favorito, mas poderíamos aqui também acrescentar, como citado anteriormente, as referências de Freud quanto ao assunto – Saussure não concentra seus estudos nas condições idealizadas ou míticas em que a linguagem é adquirida, mas sim, na vida pulsante do discurso. É na oposição a concepções estanques da linguagem que surge o germen da semiótica⁹², pronto a ser depurado.

Se, por um lado, Lacan acolhe a lingüística – e a fonologia diferencial – de Jakobson como seu modelo de abordagem da linguagem, por outro, vemos ser desenvolvido simultaneamente a ela a chamada *Glossemática* de Hjelmslev. Fundador do *Círculo Lingüístico de Copenhague*, em 1931, Hjelmslev é um autor de suma importância para a constituição da semiótica e, em certo sentido, disputou com Jakobson as atenções no campo lingüístico de sua época. O eixo teórico que vai de Saussure até a semiótica tensiva, passa inevitavelmente pela obra de Hjelmslev. Em relação ao tema de nosso interesse, o autor em questão tem uma importância semelhante à de Lacan em relação ao desenrolar da teoria psicanalítica: em oposição às teses gerais da fonologia, Hjelmslev buscou apoiar sua obra numa visão epistemológica o mais independente possível das referências físicas. O resultado de tal aposta é justamente a constituição de princípios metodológicos alheios aos recursos contidos na noção de substância e nos fenômenos orgânicos – tal como compreendemos a leitura de Lacan a respeito de conceitos como os de libido, pulsão e afeto.

Nesse sentido, os problemas envolvidos em ambas as teorias é mais essencial e mais similar do que se costuma supor. Se retornarmos aos primórdios da obra lacaniana – o que de fato nos auxiliaria a compreender suas motivações epistemológicas – podemos localizar, por exemplo, no escrito *Para-além do “Princípio de realidade”* (LACAN, 1936/1998) as mesmas diretrizes quanto ao problema da fundamentação em

⁹² Segundo Lopes (1997), a diferença principal entre os termos *semiologia* e *semiótica* reside no uso, destinando à primeira a “teoria geral dos signos” e à segunda “a teoria da significação”, ambas relacionadas à linguagem em sentido lato e, portanto, também à lingüística enquanto disciplina voltada às chamadas “línguas naturais”. (LOPES, 1997, p. 30). O autor conta ainda na seqüência, apoiado no texto greimasiano, que a unificação entre semiologia e semiótica sob o nome da segunda se deu com a decisão conjunta entre Jakobson, Lévi-Strauss, Greimas e Barthes (p. 32).

suportes substanciais. A crítica que Lacan desfere, na década de 30, à teoria associacionista vigente na psiquiatria de sua época vai exatamente nessa direção:

Tal concepção, portanto, distingue duas ordens nos fenômenos psíquicos: de um lado, os que se inserem em algum nível das operações do conhecimento racional, e de outro, todos os demais, sentimentos, crenças, delírios, assentimentos, intuições, sonhos. Os primeiros exigiram a análise *associacionista* do psiquismo; os últimos devem explicar-se por algum determinismo estranho à sua ‘aparência’ e chamado de ‘*orgânico*’, por reduzi-los, quer ao suporte de um objeto físico, quer à relação de um fim biológico. (LACAN, 1936/1998, p. 82).

Estranhamente, vemos Lacan situar com precisão a mesma problemática que hoje figura na relação entre psicanálise e neurociências. Estas, fortemente vinculadas à tradição associacionista desde as pesquisas de Pierre Janet, tendem a fazer dos fatos psíquicos “racionalizáveis” o seu objeto de estudo e, ao mesmo tempo, a partir da redução aos suportes físicos ou biológicos, imputar ao restante os mesmos mecanismos lógicos. Assim, fenômenos tais como os de afeto, amor, desejo têm sua entrada forçada no âmbito das explicações recobertas por uma racionalidade naturalizante.

Por mais que possa parecer despropositado esse retorno ao texto lacaniano, devemos ressaltar que sua colocação possui variados pontos de contato com a postura epistemológica defendida por Hjelmslev que, por sua vez, desempenha um papel crucial na montagem dos pressupostos do campo semiótico. Vejamos como Hjelmslev define sua posição: “(...) o que justamente pretendemos foi, utilizando definições formais, evitar formular postulados sobre a natureza dos objetos; portanto, nada postulamos sobre a natureza ou a essência da análise fora daquilo que está contido em sua definição.” (HJELMSLEV, 1961/2003, p. 36). É nesse sentido que o autor define sua noção de “formalismo”, que, seguindo a esteira de análise já apontada, podemos enfatizar como sendo nada mais do que um derivado metodológico de sua concepção imanente de linguagem⁹³. A recusa da tentativa de caracterizar os objetos lingüísticos numa hipotética essência exterior ao discurso – caracterização essa semelhante a que

⁹³ Quanto ao termo “formalismo”, convém lembrar que sua designação foi motivo de críticas intensas ao longo da história. Destacamos como exemplo a posição de Henry (1992) que viu no “formalismo da lingüística” uma função totalizante como princípio da ruptura para com a dimensão histórica e filosófica ao impor uma nova forma de conceber o sujeito da ciência (pp. 120-5). De nossa parte, destacamos que a posição de Hjelmslev vai mais na direção do redirecionamento do enfoque para a noção de forma, aliás, noção que surge ainda na obra de Saussure.

ocorre em abordagens reducionistas e organicistas dos fenômenos econômicos em psicanálise – é direcionada à crítica da tradição lingüística que prevê o signo enquanto signo de alguma coisa, posição julgada insustentável por Hjelmslev. Para ele, o signo saussuriano deve ser revisto à luz da *função semiótica*, primordial em relação à noção de “referência” – como acontece no caso da semiótica e da concepção de signo de Peirce⁹⁴ (1995) –, no seu exercício de união de duas grandezas: da *expressão* e do *conteúdo* compreendidos enquanto *funtivos* (p. 53).

No interior dessa composição teórica solidária, na qual a expressão só é expressão de um conteúdo – e a recíproca é verdadeira, pois um conteúdo somente é conteúdo de uma expressão – e mesmo a função semiótica é dependente de seus funtivos, duas categorias acabam por serem reintroduzidas, a saber, *forma* e *substância*⁹⁵. No entanto, Hjelmslev dá um passo crucial em relação ao conceito de substância – similar ao que defendemos ter sido empenhado na teoria lacaniana – ao lhe destituir de conotações realistas de toda sorte. Em suas palavras: “Se conservarmos a terminologia de Saussure, temos então de nos dar conta – e justamente a partir de seus dados – de que a substância depende exclusivamente da forma e que não se pode, em sentido algum, atribuir-lhe uma existência independente.” (p. 55). Ou, centrando na questão do sentido e lançando mão de um modo de caracterização ainda mais contundente: “O sentido se torna, a cada vez, substância de uma nova forma e não tem outra existência possível além da de ser substância de uma forma qualquer.” (p. 57). Não há nessa postura, de modo algum, negação de realidades de natureza diferente à discursiva, mas sim, a defesa firme de que apenas a malha funcional formada pelas funções interdependentes é acessível ao conhecimento humano, relegando, portanto, a “substância” – tomada em sua concepção ontológica – ao campo das suposições metafísicas (p. 83).

⁹⁴ Tentativas de diálogo entre a teoria Lacaniana e a semiótica de Charles Sanders Peirce têm sido empreendidas no Brasil, já pleiteando o título de *semiótica psicanalítica*, e deslocando-se principalmente na aproximação entre as noções de *real*, *simbólico* e *imaginário* do primeiro com a concepção de signo tripartite do segundo. Entretanto, não entraremos na questão, pois, tal atitude resultaria na necessidade de exposição de mais uma vertente lingüística em suas semelhanças e diferenças, alongando ainda mais nosso campo de análise. Para tanto, indicamos a leitura de CESAROTTO (2008), HISGAIL (1996 e 2000) e SANTAELLA (2002 e 2004).

⁹⁵ Vale lembrar que a exposição gráfica dos funtivos distintos nos planos do conteúdo e da expressão, ligados pela função semiótica, e atravessados pelas categorias de forma e substância já foi apresentada no segundo capítulo dessa tese.

Para utilizar a expressão forjada por Hjelmslev, o processo de semiotização consiste precisamente no atravessamento profundo do discurso na constituição dos objetos do mundo, como um fio condutor que, uma vez em contato com a malha inerente ao universo de linguagem, não pode mais de lá ser descartado. Não se trata, pois, de recusar a existência de objetos externos à rede discursiva, mas sim, em conformidade com a abordagem lacaniana do significante, de ressaltar a função de relha, de arado, que o discurso desempenha em seu contato com os objetos lingüísticos, ou melhor, para utilizar a terminologia de Hjelmslev, com o *texto*. Definido como “a totalidade de uma cadeia lingüística submetida à análise” (HJELMSLEV, 1966, p. 131), a noção de texto é ampla de tal maneira que nos permite abarcar sob a sua designação todos os objetos passíveis de decomposição artificial nos planos do conteúdo e da expressão. Dito de outra forma, todo objeto lingüístico pode ser tomado como texto.

Na postura de semiotismo imanente indubitavelmente presente nessas curtas passagens do texto hjelmsleviano, estão contidas as linhas gerais de orientação do campo semiótico que vão ordenar a releitura teórica realizada a partir de Greimas. Com ele, a imanência da linguagem é levada a um patamar ainda mais radical. Desde sua tese de doutoramento sobre a *Moda em 1830* (1948/2000)⁹⁶, a postura de Greimas vai paulatinamente no sentido da abertura do foco de pesquisa, elegendo como *texto* objetos nem sempre tidos como lingüísticos ou, então, já em descrédito. Sua primeira publicação de peso, *Semântica estrutural* (1966/1976), reflete tal opção epistemológica. Para tanto, tem como cerne a retomada da *significação* e do *universo semântico* como maneira de novamente atribuir ao então desacreditado âmbito do *significado*, ou, melhor dito, do *plano do conteúdo*, sua importância – intencionalmente deixada de lado – enquanto tema digno de ser examinado no interior do movimento estruturalista. Segundo Greimas, o esquecimento voluntário da semântica é correlato à desconfiança por parte dos demais lingüistas de conceder a esse plano o direito a uma análise pelos métodos estruturais (pp. 12-3). Sua defesa é a de encaminhar sua análise na direção de demonstrar que o chamado “minimalismo” metodológico do estruturalismo (MILNER, 1996) não deve ser visto também como um minimalismo de conteúdo. O caráter diferencial das descrições, típico do movimento em questão, é mantido por Greimas nas oposições semânticas por ele discriminadas num rigoroso quadro hierárquico da

⁹⁶ Publicada postumamente em 2000.

linguagem, fundado na “estrutura como modo de existência da significação” (p. 39). Faz-se necessário, nesse caso, compreender o contexto teórico na composição da semiótica greimasiana: concomitante ao sucesso de abordagens hiper-estruturalistas nas quais a análise é, via de regra, reduzida ao caráter discreto dos elementos do plano da expressão – tendo o sucesso da renovada fonologia como guia epistemológico – Greimas opera no sentido de buscar hipóteses de modelos estruturais igualmente para o plano do conteúdo sem com isso torná-lo redutível às oposições no regime da expressão – assim tomada como suporte. Sua contribuição está diretamente vinculada ao intuito de restituir, no seio do movimento estruturalista, o interesse gradualmente desgastado do *sentido* nas ciências da linguagem. Diga-se de passagem, praticamente ao mesmo tempo em que Lacan visava operar o retorno à via da linguagem e do sentido aberta pela psicanálise desde Freud.

Mesmo que as linhas gerais de constituição da semiótica já possam ser identificadas em *Semântica estrutural*, tais como a da imanência da linguagem⁹⁷ e da recusa da noção de referente como garantia epistemológica (p. 21), é em *Sobre o sentido* (1970/1975) que o conceito de “semiótica” é tomado de empréstimo a Hjelmslev (p. 21). O âmago da definição desse conceito, como revela o autor, permanece sendo o de uma *forma* “obtida pela conjunção de duas substâncias”, a da expressão e a do conteúdo (p. 38). Compreendida como uma hierarquia passível de análise – admissível somente pela definição da própria linguagem como hierarquia (p. 99) – na qual seus elementos podem ser determinados em função de suas relações recíprocas (p. 21), a semiótica é definida como um modelo de leitura que não é restrito exclusivamente ao campo da lingüística. Caberia, portanto, a cada ciência a delimitação de sua própria semiótica, o que se daria a partir da exposição de seus métodos e de seu *corpus*. Isso porque a semiótica, em sua origem, não é constituída enquanto nova disciplina, mas sim, novo meio de abordagem.

A rigor, como bem destaca Kristeva (1969/2005), o fundamento do intuito epistemológico inerente à semiótica em sua vinculação à glossemática de Hjelmslev está na “formalização”, se tomada tão somente enquanto produção de modelos (p. 33).

⁹⁷ Importante notar que a tese geral da imanência da linguagem é de tal forma arraigada no projeto semiótico que o autor chega a colocar em suspeição a distinção feita por Freud entre conteúdo latente e conteúdo manifesto. A questão é colocada porque Greimas acredita que a oposição freudiana desloca o critério de definição do discurso de sua própria existência – posto que imanente – para a eventual decodificação pelo emissor ou seu destinatário. (GREIMAS, 1966/1976, p. 132-3).

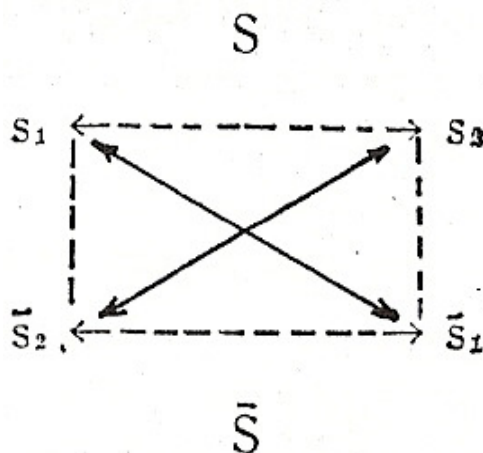
Vejam, no seguinte excerto de texto, como Greimas posiciona-se frente à questão da importância metodológica que a formulação de modelos assume em sua teoria:

O projeto estrutural relativo a esta instância de mediação é, portanto, duplo: trata-se, de um lado, de esboçar a construção dos modelos da articulação dos conteúdos, tal como eles são imagináveis a este nível do percurso do sentido. E trata-se, por outro lado, de estabelecer modelos formais capazes de manipular estes conteúdos e de ordená-los de tal forma, que eles possam comandar a produção e a segmentação dos discursos; e que possam, também, organizar, sob certas condições, a manifestação da narratividade. (GREIMAS, 1970/1975, p. 147).

A concepção estrutural trata, portanto, da vinculação dos planos do conteúdo e da expressão, em mútua determinação – como requer a função semiótica tal como definida por Hjelmslev –, mas incluindo nesse intuito o caráter diferencial e relacional entre os eixos semânticos (do conteúdo) e fêmicos (da expressão) formando hierarquias e categorias. O que quer dizer, a princípio, que a definição do sentido não é dada *a priori*, em sua relação com objetos ontológicos externos – como se dá em lingüísticas realistas ou referencialistas – nem mesmo restrita a um único plano – de oposições *somente* de conteúdo ou derivada da diferenciação de sua expressão, seja ela meramente fonológica, seja ela restritamente significativa. É seguindo nessa direção que Greimas propõe o modelo do *quadrado semiótico* para dar conta desse conjunto de relações e, ao mesmo tempo, vislumbrar a *estrutura elementar da significação*.

Comandar a “produção e segmentação do discurso”, a partir da proposição de uma estrutura elementar da significação, em última instância, diz respeito à formulação de um modelo com o objetivo de lançar luz não somente sobre a geração do sentido em micro-universos semânticos, mas também sobre a sua organização. Ou seja, dentro de uma isotopia – uma linha discursiva constituída por elementos semelhantes –, o sentido é resultante, em primeiro lugar, de sua oposição a outros semas – elementos da forma do conteúdo representados no quadrado semiótico pela letra S – e, em seguida, das relações exercidas no nível da substância do conteúdo. Certamente o plano da expressão está implicado de forma inerente no modelo, contudo, ao destacar a relação entre forma e substância do conteúdo, Greimas está dando passo além da já afirmada função semiótica – responsável pela união entre os planos – visando dar conta das oposições constitutivas equivalentes no plano do conteúdo. Tal procedimento toma maior importância se, por

exemplo, o contrapomos à tentativa de Jakobson de delimitar uma espécie de predominância das oposições morfológicas na formação do sentido, inclusive a partir do “valor sinestésico latente de certas oposições de fonemas” (JAKOBSON, 2001, p. 113)⁹⁸. Para facilitar a discussão, vejamos como Greimas (1970/1975, p. 127) representa graficamente o seu modelo:



Propomos o exame do quadro semiótico com a utilização de um exemplo utilizado por Lacan: o da oposição entre *dia* e *noite*⁹⁹. Em primeiro lugar, devemos destacar a linha superior – representada pela letra S – como a formulação de eixo semântico, ou seja, situado na substância do conteúdo. O caráter fundamental de uma abordagem estrutural é supor que a concepção do sema “dia” (S₁) somente é possível em função da oposição ao sema contrário, aqui evidentemente, o de “noite” (S₂). Ao menos, é desse modo que procede a maior parte das análises situadas no plano da expressão e que acabaram sendo tomadas como modelo do estruturalismo no meio lingüístico.

Importante abrir, nesse ponto, um parêntese de cunho epistemológico: notadamente, a origem morfológica segundo essa vertente teórica se dá no recorte

⁹⁸ Na seqüência do texto de Jakobson podemos observar, inclusive, uma hipótese fundamentada nas distinções fonológicas para nelas situar a questão do valor na matriz lingüística: “(...) a coexistência de duas formas sonoras alternantes de uma só e mesma raiz cria um paralelismo diagramático entre a oposição dos dois níveis tonais no seio dos significantes e a dois valores de gradação nos seus significados respectivos.” (idem).

⁹⁹ Em seu terceiro seminário, Lacan indica o fundamento anti-referencialista de sua concepção de significante tomando o mesmo exemplo: “Se lhes falei do dia e da noite, é para lhes fazer sentir que o dia, a própria noção do dia, a palavra dia, a noção da vinda do dia, é alguma coisa, propriamente falando, de inapreensível em alguma realidade. A oposição do dia e da noite é uma oposição significativa, que ultrapassa infinitamente todas as significações que ela pode acabar por recobrir, e mesmo qualquer espécie de significação.” (LACAN, 1955-1956/1988, p. 226).

diferencial e opositivo dos fonemas dentro de um código lingüístico, entre as inúmeras possibilidades que a aparelhagem da fala permite, seguindo as leis de combinatória que cada língua comporta. Assim, /p/ é destacado como um fonema somente na justa medida em que difere de /b/, sendo que este difere de /t/ e assim por diante. Em seguida, a organização dos fonemas em sílabas (passagem da fonética à fonologia) é definida de acordo com as leis de comutação que ordenam os conjuntos no interior do código – o que faz com que /t/ não possa ser precedido de /h/ na língua portuguesa, mesmo sendo freqüente na inglesa, da mesma forma que consoantes aspiradas fazem parte das línguas germânicas e árabes e não da nossa. O caráter estruturante dessas oposições no plano da expressão é certamente o ponto de contato mais evidente entre as teorias de Hjelmslev e Greimas com a de Jakobson. Entretanto, convém salientar que a direção tomada pelo último, na exploração do vetor de determinação do plano da expressão ao plano do conteúdo o leva a aproximar-se de pesquisas que visam igualmente à redução ao regime dos estados cerebrais. Vejamos um exemplo de formulação desse tipo de intenção epistemológica:

Quaisquer procedimentos com traços distintivos provam serem insuficientes enquanto a questão do conjunto do sistema e suas leis subjacentes não forem examinadas levando em consideração a oposição binária constituinte em cada traço. Um catálogo de meras contingências é necessariamente precedido por um modelo lógico de sua rede distintiva. A estrutura hierárquica de cada oposição (com uma superposição, ‘marcada’, oposta), de suas combinações e de suas inter-relações torna-se o problema fundamental da análise. Esta análise é fortemente corroborada pelas recentes descobertas das relações entre linguagem e ambos os hemisférios do cérebro e requerem maiores e mais profundas cooperações de lingüistas com neurologistas investigando estes problemas de importância ofuscante. (JAKOBSON & WAUGH, 2002, p. 235-6).

Situar o problema central da análise nas oposições entre traços distintivos no nível morfológico restringe de sobremaneira o limite da abordagem. Como era de se esperar, Greimas critica a extrapolação do modelo jakobsoniano, fundamentando seu exame nas pesquisas deste sobre a função poética e suas “explorações semânticas”, tendo como ponto crítico o caráter então suposto de “unicidade” da substância lingüística (GREIMAS, 1970/1975, p. 264). Ou seja, partir das diferenças da matéria sonora, ancorando a análise nas chamadas qualidades físicas e traços distintivos, por mais que permita-nos uma ampla gama de definições fonológicas, tal projeto esbarra no aspecto plural do discurso. Em função disso, a indicação de uma direção a qual se

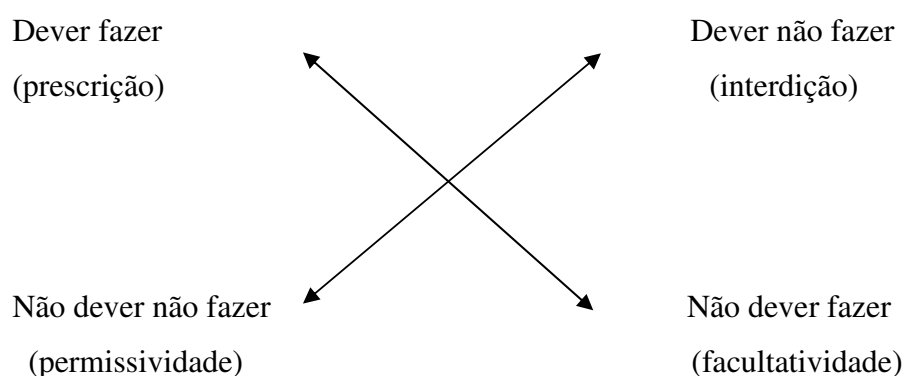
deveria avançar é descrita por Jakobson como sendo aquela da redução aos fenômenos de ordem cerebral ao invés da consideração de conjuntos mais complexos da linguagem, concernentes às linhas de constituição no plano do conteúdo. Para tanto, voltamos ao exame do quadrado semiótico.

Se entre S_1 (dia) e S_2 (noite) temos uma relação entre contrários, a complexificação do modelo proposto por Greimas requer, ao mesmo tempo, uma dupla relação de disjunção e conjunção representada pelas setas duplas – o que acentua o aspecto estruturante da oposição. Além disso, o modelo prevê igualmente relações de implicação entre S_1 (dia) e a negação de seu contrário em \bar{S}_2 (não-noite). Assim, temos uma estrutura complexa para a significação formada por funções entre elementos que os tomam como *contrários* (S_1 e S_2 , seguindo o exemplo, dia e noite), *contraditórios* (S_1 e \bar{S}_1 , dia e não-dia) e *implicados* (S_1 e \bar{S}_2 , dia e não-noite). Aprofundar o que seria, segundo Greimas, a estrutura elementar da significação de um sema tal como *noite*, seria avançar no exame de tais funções para vê-la não somente dentro de uma análise binária, situando-a como o contrário do dia, mas também, enquanto implicada no não-dia (por exemplo, o crepúsculo) e contraditória à não-noite (digamos, a alvorada). O quadrado semiótico, assim compreendido, é aplicado, por conseguinte, a uma série de contextos com a finalidade de indicar sua pertinência, sendo as releituras do modelo social das relações sexuais de Lévi-Strauss (pp. 132-7) e das funções da narratividade segundo Propp¹⁰⁰ (pp. 217-254) seus principais objetos.

Entretanto, é nos trabalhos subseqüentes de Greimas (principalmente 1983, e nas obras conjuntas GREIMAS & COURTÉS, 1986/2008 e GREIMAS & FONTANILLE, 1991/1993) que a aplicabilidade da estrutura elementar da significação toma aspectos mais marcantes. Primeiramente, em função do aprofundamento da noção de *modalização*, já presente no texto *Sobre o sentido* na questão dos “enunciados modais” (p. 155), porém, ainda com contornos esparsos. O processo de modalização consiste no enriquecimento da sintaxe narrativa (GREIMAS, 2008, p. 26), ou seja, da abordagem no

¹⁰⁰ O exame da narratividade nos contos fantásticos e nos mitos feito por Vladimir Propp, principal nome do formalismo russo, exerce influência direta tanto nos trabalhos do *Círculo de Praga* (especialmente sobre Jakobson) e no de *Copenhague* (sobretudo na teoria de Hjelmslev). Da mesma forma, Lévi-Strauss é igualmente levado à análise de seu texto, a ponto de designá-lo como o predecessor do movimento estruturalista (LÉVI-STRAUSS, 1984, p. 168). No que diz respeito a nossa pesquisa, Propp marca, a partir do estudo sobre a narratividade, uma importante abertura para a abordagem do discurso numa vertente não estagnada, dinâmica, posto que não inteiramente reduzida ao plano da expressão, sendo o exame das modalidades o próximo passo a ser dado.

plano da substância do conteúdo, com a inclusão dos verbos modais enquanto *ato de linguagem* definido pela “modificação do predicado pelo sujeito” e que organizam uma categoria semântica (GREIMAS, 1976, p. 90). A utilização dos verbos modais *poder, querer, dever e saber* acoplados ao verbo sobremodal *crer* e às funções-predicado do *fazer* (transformação) e do *ser* (junção), cria estruturas que visam dar conta, em conjunção, de uma gama de funções presentes no nível narrativo. Vejamos um exemplo de aplicação das modalidades através do quadrado semiótico (idem, p. 97):



Em suma, as modalizações criam possibilidades de *discretização* no universo narrativo, ao molde de uma primeira versão estruturalista essencialmente categorial que, no entanto, paulatinamente vai abrindo caminho para uma semiótica do contínuo, do gradativo, inerente a novas vertentes dinâmicas do estruturalismo (GREIMAS & FONTANILLE, 1991/1993, p. 34). Com a progressiva suavização do modelo estruturalista, que antes levou à radicalidade o oposicionismo, os modelos semióticos mais atuais visam lançar luz sobre os fenômenos do contínuo, movimento que se faz presente de maneira crescente na obra de Greimas e que atinge seu ápice em *Semiótica das paixões* (idem), como veremos no próximo item. Nesse sentido, novos objetos assumem a pauta da pesquisa no campo da linguagem. É o caso, por exemplo, das concepções de sensibilidade, gosto e plano sensorial (GREIMAS, 1987/2002), de tempo e espaço (FIORIN, 2002), dos regimes e atos de presença (LANDOWSKI, 2002), e, sobretudo, como veremos mais especificamente a respeito da semiótica tensiva, do valor e da intensidade.

O percurso que nos leva, portanto, da lingüística de Saussure, passando pela glossemática de Hjelmslev e pela semiótica modal de Greimas, à semiótica tensiva

adquire sua importância na medida em que se torna possível resgatar o conceito de afeto no interior de uma concepção imanente de linguagem. De fato, a retomada da noção de valor no modelo da semiótica tensiva, embora seja possível somente em função dos desenvolvimentos teóricos acima expostos, apresenta uma posição heurística. Isso porque a fundamentação de seu campo se dá justamente na indicação dos limites que pontos de vista essencialmente categoriais apresentam no tocante à abordagem das paixões na matriz lingüística. Entretanto, como não poderia deixar de ser, esse passo é momentoso, tendo sido necessário antes as contribuições de Saussure sobre a semiologia, de Hjelmslev a respeito da imanência da linguagem e da ampliação de foco exercida por Greimas para, somente então, ser possível repensar a implicação do corpo e do contínuo nos modelos semióticos. Como pretendemos apontar na seqüência da tese, noções como as de *tensividade*, *valência*, *foria*, bem como novas oposições constitutivas do campo – tais como as de *intensidade* versus *extensidade*, *profundidade tímica* versus *profundidade classemática* – nos permitirão lançar hipóteses revigoradas no que diz respeito ao diálogo entre psicanálise e semiótica tendo como pano de fundo os aspectos econômicos.

5.3. Das modalidades à tensividade: introdução à semiótica tensiva através da semiótica das paixões

Conforme indicamos anteriormente, a semiótica tensiva começa a surgir no interior mesmo das reflexões acerca das modalidades semióticas, na medida em que estas são levadas a sua radicalidade. Dito de outra forma, é justamente em função das críticas de cunho epistemológico referentes à maneira pela qual a discretização inerente aos modelos semióticos anteriores – tais como o do quadrado semiótico e da estrutura elementar da significação – acabam por constituir uma concepção de mundo descontínua que a complexificação é exigida. É neste sentido que, no início da década de 90, as conjecturas de base da semiótica tensiva começam a ser delineadas por Greimas e Fontanille em *Semiótica das paixões* (1991/1993), especialmente em sua introdução (pp. 09-20) e primeiro capítulo, intitulado *A epistemologia das paixões* (pp.

21-96), aos quais daremos prioridade em nosso exame¹⁰¹. Marcando a distância em relação a supostos “compromissos ontológicos” característicos às semióticas e lingüísticas realistas e referencialistas, os autores tratam do *modo de existência semiótico* como reafirmação de sua aposta na imanência da linguagem (pp. 11-2). Ao mesmo tempo, o caráter propriamente contínuo a ser reintroduzido na vertente teórica aberta por Saussure e novamente examinada por Hjelmslev é reivindicado epistemologicamente pela *mediação do corpo* nos processos de linguagem, dando, assim, origem à noção de *tensividade*. Segundo Greimas e Fontanille, no texto em questão:

É pela mediação do corpo que percebe que o mundo transforma-se em sentido – em língua –, que as figuras exteroceptivas interiorizam-se e que a figuratividade pode então ser concebida como modo de pensamento do sujeito. A mediação do corpo, de que o próprio e o eficaz são o *sentir*, está longe de ser inocente: ela acrescenta, por ocasião da homogeneização da existência semiótica, categorias proprioceptivas que constituem de algum modo seu ‘perfume’ tímico, e até sensibiliza – dir-se-á ulteriormente ‘patemiza’ – cá e lá o universo de formas cognitivas que aí se delineiam. (GREIMAS & FONTANILLE, 1991/1993, p. 13).

Ao contrário das críticas que viram na semiótica o resultado teórico de um formalismo epistemológico demasiadamente categorial e estanque, ou ainda, excessivamente restrito à fala racionalizada, a semiótica tensiva então incipiente apresenta-se como uma abordagem heurística das relações entre linguagem e corpo. Sem lançar mão nem de fundamentos substancialistas (ou organicistas), nem mesmo da noção de *referente*, a semiótica propõe a implicação do corpo no processo de formação do sentido sem com isto dar um passo sequer para além da ordem da linguagem. Tanto o procedimento *exteroceptivo* – a percepção de propriedades provenientes do mundo exterior, o semiológico propriamente dito – quanto o *interoceptivo* – enfoque de categorias abstratas, “não-figurativas” – entram no exame a respeito do pensamento somente a partir de sua mediação *proprioceptiva*¹⁰², ou seja, de sua reintegração “no espaço interior uniforme do sujeito” (pp. 14-5). Entretanto, a distinção entre intero, extero e proprioceptividade é considerada no *Dicionário de semiótica* (GREIMAS &

¹⁰¹ Os capítulos posteriores, referentes à *Avareza* e ao *Ciúme*, embora elucidativos da posição tomada pela semiótica no que diz respeito às paixões, por se tratarem de temas mais específicos, não serão aqui abordadas.

¹⁰² Segundo Greimas & Courtés (1986/2008), a proprioceptividade é definida como o “conjunto das categorias sêmicas (...) resultante da percepção que o homem possui de seu próprio corpo” (p. 393).

COURTÉS, 1986/2008) como uma classificação limitada em função de seus critérios “extra-semióticos”, posto que fundamentada na percepção e sem maiores exames a respeito do papel aqui exercido pela linguagem. Porém, o que interessou aos autores ressaltar – e a nós, resgatar – é que a tríade acima destacada, mesmo presente desde *Semântica estrutural* (1966/1976, p. 116), passa a ser vista na *Semiótica das paixões* como meio de abordagem de três formas de *semiose*, destacando não a sua referência a objetos anteriores, mas sim, a função desempenhada pelo corpo e pelos fenômenos aspectuais na constituição dos espaços de expressão e significação.

Assim, o ponto de virada que, de certo modo, dá a especificidade do texto ora examinado é, precisamente, a *inclusão do corpo* no espaço subjetivo de criação dos objetos semióticos a partir das funções do registro proprioceptivo. Fazendo o contraponto com o texto referente à *Semântica estrutural* (*idem*), desde lá podemos indicar o papel destinado à categoria sêmica, isto é, designada na ordem da substância do conteúdo, da *foria* (*euforia vs disforia*) como “uma espécie de *a priori* integrado na própria percepção” (p. 116). Ao situar a oposição em questão como categoria proprioceptiva inerente à percepção, Greimas está justamente ressaltando a organização de isotopias discursivas em função do caráter eufórico ou disfórico, o que seria condizente com o pressuposto freudiano, tal como destacado por David-Ménard (2000), da predominância do prazer/desprazer na ordenação primordial do psiquismo. Contudo, no texto greimasiano dos anos 60, a oposição é inteiramente diluída nas diferenças de significação, reforçando o enfoque categorial e estrutural. Já em *Semiótica das paixões*, é a mediação exercida pelo corpo, ao tornar homogêneos os espaços extero e interoceptivo, por intermédio do *engajamento* do sujeito na propriocepção, que faz do *sentir* uma atividade tímica¹⁰³. Por sua vez, a *timia* enquanto categoria é introduzida na teoria justamente com a intenção de destacar a ligação acima citada entre o corpo próprio e o semantismo inerente às disposições afetivas mais fundamentais, distinguindo primeiramente seus elementos fóricos como *eufóricos*, *afóricos* (termo neutro, grau zero) e *disfóricos* dentro de eixos de significação (por exemplo, uma *dêixis* do quadrado semiótico, dividindo-o, portanto, em dois eixos). A *foria* é de tal forma essencial ao modelo constitutivo – ou gerativo, para manter o termo usado na semiótica – que os autores chegam a reconhecê-la como um “esboço de sintaxe” (p. 33).

¹⁰³ A *timia* [do grego *thumós*, *ôu* 'alma, espírito, coração, emoção, afetividade', conforme o Dicionário Huiass] deve ser aqui compreendida como a propriedade de pertencer ao campo das paixões.

Desse modo, a formação do valor, desde o texto em questão, é redimensionada à constituição discursiva dos objetos, porém, nela incluindo o regime de continuidade pela mediação somática. Trata-se, pois, da inclusão do corpo no cerne dos meios de formulação da *dimensão semiótica da existência*. Tal hipótese somente foi possível em função da identificação dos limites da modalização que, mesmo caracterizando de maneira satisfatória os eventos da narratividade – por critérios de descontinuidade e através do quadro de oposições entre significações –, deixava em aberto os fenômenos notoriamente contínuos da *aspectualidade*. Com este termo, Greimas e Fontanille inserem, como um ganho ao modelo semiótico, a possibilidade de uma nova ordem de determinação dos fenômenos de semiose. Introduzido na lingüística a partir do ponto de vista da ação, a aspectualidade revela a importância do actante observador a quem o discurso é endereçado (GREIMAS & COURTÉS, 1986/2008, pp. 39-40). No que diz respeito à relação entre os actantes do discurso, a aspectualidade ressalta características sêmicas fundantes, sendo primeiramente pensada em modelos binários (com os termos de acabado vs. inacabado, ou perfectividade vs. imperfectividade) ou ternários (de *duratividade*, *incoatividade*, *puntualidade*, respectivamente responsáveis pela duração, começo e término de um discurso), que, assim, outorgam aos objetos semióticos suas idiosincrasias (ZILBERBERG, 2002a, p. 03). Trata-se, pois, do atravessamento de traços distintivos na formação destes objetos semióticos, por exemplo, sua ritmização: o prolongamento ou arrastamento de uma fala, as modificações de tom, volume e assim por diante (idem, p. 05).

Ao lado das modalidades, tais procedimentos possibilitam a fundamentação de uma semiótica da ação – e, logo, do posicionamento actancial –, sendo que a aspectualidade tem como objeto de pesquisa os elementos inerentes a um “nível epistemológico profundo”, marcado pelas concepções de *tensividade* e *foria*, no qual os fenômenos lingüísticos são compreendidos como sendo igualmente da ordem das *paixões*, campo este que será retomado em primeiro plano no enfoque proposto ao contínuo. Segundo os autores:

A *tensividade*, fenômeno ampla e devidamente constatado, característica inseparável de todo desenrolar processual frástico ou discursivo, parecia poder ser dominada, num primeiro tempo, pela projeção das estruturas do descontínuo, com o risco apenas de adiar a construção de uma gramática aspectual que desse conta, ao mesmo tempo, de ondulações temporais e de

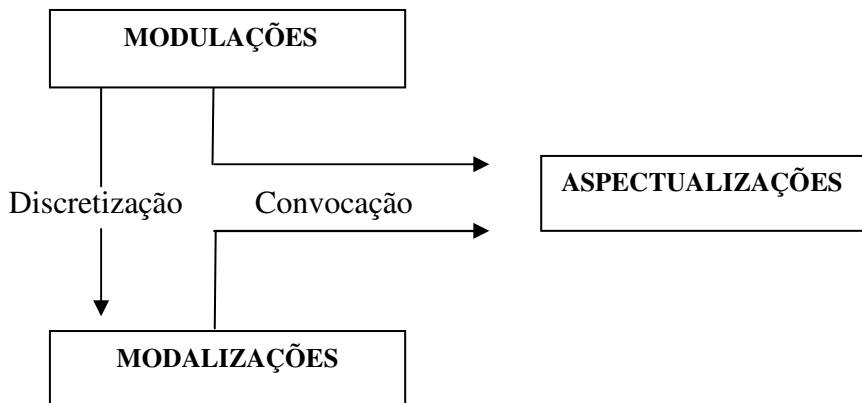
sinuosidades espaciais. Entretanto, a urgência de completar a teoria das modalidades, equilibrando as modalidades do ser e uma interrogação insistente sobre a natureza dos estados, dinâmicos e inquietos, obrigava a enfrentar diretamente a problemática das paixões. (GREIMAS & FONTANILLE, 1991/1993, p. 17, *itálicos no original*).

Desse modo, a noção de tensividade em *Semiótica das paixões* marca a necessidade profunda e inadiável, por parte não apenas da semiótica modal, mas da lingüística como um todo, de avançar por sobre o campo da aspectualidade. Ao mesmo tempo, a tensividade se insere num rol de modelos contrários a projetos naturalizantes a respeito da continuidade epistemológica. Isto porque, ao invés de conceber os aspectos tímicos como resultantes de processos reduzidos a bases biológicas de qualquer ordem, o fundamento teórico que começa a ser pensado com a tensividade é o da modalização progressiva do que seria uma “massa tímica” entendida como pré-condição da própria significação (pp. 24-5). Conseqüentemente, os conceitos de tensão e foria irão adentrar no meio semiótico como novas formas de recorte e constituição de fatos tanto no plano da expressão quanto no do conteúdo, reposicionando a abordagem saussuriana – quanto ao valor – e hjelmsleviana – quanto à disposição dos planos e dos respectivos “continuum amorfos”.

A hipótese de uma “massa tímica”, aos moldes da suposição de Hjelmslev de um “continuum amorfo” como base imanente da linguagem tanto no plano da expressão quanto no plano do conteúdo, sobre os quais as formalizações se tornam possíveis, enquanto recortes, implica na formulação de um conceito que nos será de extrema importância: o de *valência*. Elevando a aspectualidade ao patamar “acima e aquém do valor propriamente dito” (p. 26), o conceito de valência surge como uma “espécie de ‘valor’ do valor” (idem), ou ainda, “sombra” do valor, a suscitar seu “pressentimento” (p. 44), reafirmando as pré-condições tensivas na formação da significação. Como veremos novamente no próximo item da tese, a valência – termo tomado de empréstimo da química, mas sem dele manter nem a referência substancial, nem mesmo uma definição propriamente metafórica – é definida então como “potencialidade de atrações e de repulsões associada a um objeto” (p. 27), obviamente, em termos discursivos e como alicerce da formação de cadeias isotópicas.

Na distribuição dos registros do modelo semiótico geral então defendido para a abordagem das paixões, a aspectualização assume no discurso uma “dimensão

hierarquicamente superior” em relação aos seus registros co-ocorrentes (p. 26). Apresentaremos a seguir o modelo gráfico que visa dar conta de tal ordenação (tal como figura em GREIMAS & FONTANILLE, 1991/1993, p. 70):

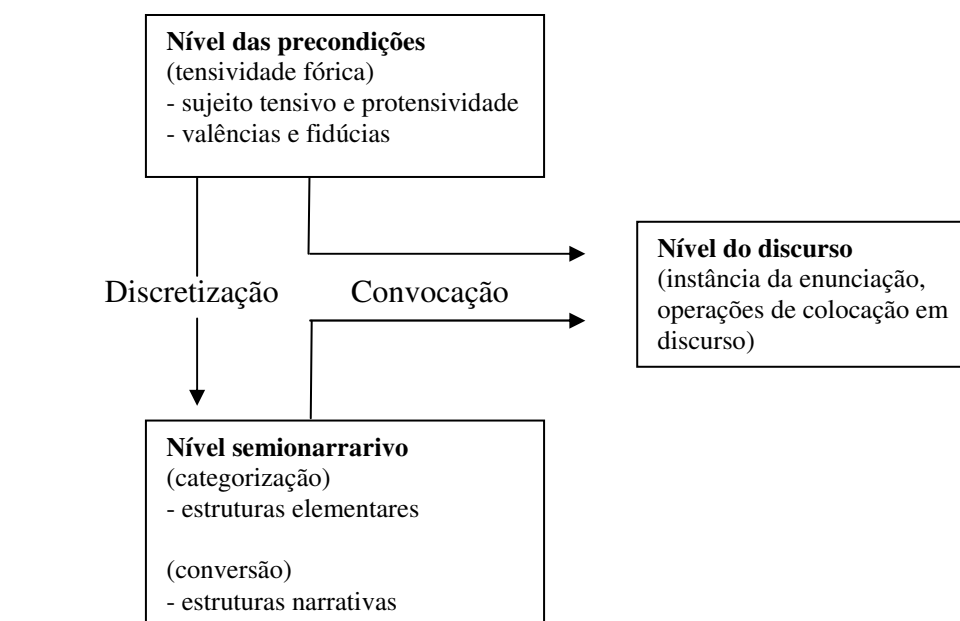


Definido como um percurso gerativo categorizante, em outras palavras, a hipótese de formação das próprias categorias com as quais tal semiótica irá operar, a epistemologia subjacente à definição e a metodologia referente à leitura das paixões é encaminhada para o procedimento incluso no modelo acima exposto. Em primeiro lugar, temos as *precondições da significação* enquanto modulações primordiais da “massa tímica” - este conjunto amorfo de possibilidades de apresentação que formam o contínuo intensivo -, enfim, os recortes iniciais que formam as primeiras ordenações em termos de *tensividade fórica*, sem a qual a significação não pode dar-se. Com o procedimento posterior de *discretização*, as *modulações* se organizam em *modalizações*, no qual temos então o nível semionarrativo e nas quais podemos reconhecer as *estruturas elementares da significação*. Neste ponto pode-se muito bem notar que a noção de tensividade, pressuposto da semiótica tensiva que começa a despontar, não se opõe à continuidade do trabalho nos termos da semiótica modal que lhe é precedente. Ao contrário, o conceito de tensividade oferece às análises modais uma espécie de embasamento, ainda em termos de linguagem, ao indicar processos mais elementares de composição dos objetos semióticos, ligando assim a existência semiótica à existência tímica e, porque não dizer, afetiva.

Por fim, temos o registro propriamente do discurso, assentado na aspectualização. Esta, por sua vez, somente é possível através de uma função de

convocação, que demarca o caráter imanente do discurso ao postular que a ele não cabe especificamente “criar” novos elementos no vazio, mas sim, “convocar” por ações estruturadas o que fora engendrado nos níveis anteriores. Do mesmo modo, a convocação pode ser encarada como uma dupla função de *engajamento* do sujeito, seja a partir das estruturas narrativas, seja pela tensividade presente no nível actancial (p. 58).

É igualmente no registro do discurso, assim delineado, que os autores localizam a *dimensão tímica* formada pela sintaxe intermodal compreendida como variações infinitas de rearranjos das modulações e modalizações. De certo modo, faz-se necessário que a tímia esteja localizada na inscrição do discurso e não nas precondições da significação (como ocorre com a tensividade e a foria), pois, é neste âmbito mais plural – já que composto pelas relações intermodais, isto é, entre diferentes modalidades – que as paixões se encontram, conferindo a ele uma “dimensão patêmica”¹⁰⁴. Isto porque a semiótica as define como objetos compostos, sincréticos à sua maneira, e assim evita a postura de redução dos fenômenos semióticos a uma tipologia ou psicologia das paixões, atitude semelhante a de Lacan quanto à abordagem dos afetos, como vimos no capítulo anterior. De maneira mais detalhada, podemos encontrar o mesmo modelo dos registros de abordagem desdobrado nos seguintes termos (GREIMAS & FONTANILLE, 1991/1993, p. 69):



¹⁰⁴ A dimensão patêmica, por sua vez, é compreendida enquanto “conjunto das propriedades manifestáveis do universo passional” (p. 78).

Nesta figura, podemos identificar primeiramente a exposição no nível das modulações – ou precondições da significação – de um sujeito tensivo disposto na protensividade. Nada muito diferente do que apontamos a respeito do afeto na via assintótica delineada na leitura da obra de Lacan. Lá, foi-nos possível delimitar como este considerava o afeto como *não sendo* de ordem idiopática, ou seja, diferentemente de uma suposta primeira incidência afetiva a constituir o sujeito, mas sim, mantendo relação com sua formação. Aqui, trata-se notoriamente da inclusão do sujeito desde o regime da tensividade, implicado no atravessamento operado pelas valências em sua posição. Logo, a circulação destas “sombras de valor” – as valências – configuradas tal qual pólos de atração fórica fundamentais no arranjo dos elementos do plano do conteúdo, ordenam a protensividade como regime de captação imaginária sem destituir a díade prazer/desprazer – correlata à categoria da foria – da função de guia neste processo. Tal atitude é condizente com a postura imanente de renunciar à busca em *corpus* que não o discurso, tanto no que diz respeito à generalização de um sistema passional quanto à localização do sujeito, este delimitado como inerente aos atos de linguagem desde o nível das modulações. Entre as instâncias da protensividade, da narratividade e da enunciação, não há diferenças de natureza, mas tão somente de organização, pois, o essencial a ser dito sobre elas é que, em todas, o sujeito é semelhantemente convocado, ou, melhor dito, engajado em sua formação.

Tendo assim destacado elementos de introdução à semiótica tensiva, passamos em seguida ao exame de suas possíveis contribuições ao tema do afeto e do ponto de vista econômico em psicanálise.

5.4. O afeto estruturável como linguagem: elementos de semiótica tensiva

A semiótica tensiva, enquanto *work in progress*, tem sido desenvolvida, após a morte de Greimas, principalmente nos trabalhos de dois semioticistas franceses: Jacques Fontanille e Claude Zilberberg. Seguindo o percurso de Hjelmslev e Greimas na reordenação e exame do campo aberto por Saussure, o que a semiótica tensiva tem trazido como proposta, diretamente relacionada ao tema desta tese, é justamente uma nova abordagem da concepção de *valor* – e dos conceitos a ele adjacentes – num

enfoque imanentista da linguagem. Para tanto, os autores têm apresentado uma série bastante rica de hipóteses acerca de possibilidades de definição, tanto no plano da expressão quanto no plano do conteúdo, de conceitos que recobrem as figuras da *intensidade* e da *continuidade* em lingüísticas, até então relegadas ao segundo plano. De acordo com Zilberberg (2000), e já apontando a direção pela qual seus modelos serão delineados, “a questão semiótica por excelência, a partir de Saussure, não consiste tanto na *significação*, mas sim no *valor*.” (p. 32, itálicos no original). Se o trajeto realizado pela semiótica greimasiana pudesse ser aqui resumido em poucas linhas, poderíamos dizer que se tratou de fato na constituição das bases para uma semiótica tensiva que estava por vir, uma vez que, possibilita o retorno crítico à obra de Saussure enfocando o aspecto propriamente derivado da noção de valor.

A semiótica tensiva, por sua vez, terá como intuito principal dar continuidade a esse exame, buscando formas cada vez mais apuradas para recobrir conceitualmente a temática do *sensível*, isto é, segundo a terminologia psicanalítica, do *econômico*. Tomamos a liberdade de aqui trazer a tona o ponto de vista econômico, pois, segundo a tese que defendemos, o diálogo entre psicanálise e semiótica tensiva pode lançar novos elementos cruciais para uma abordagem discursiva do afeto. A princípio, tal diálogo mostra sua pertinência através dos contornos de centralidade no conjunto teórico que a semiótica tensiva lhe outorga. Ao invés de meramente indicado em possíveis desdobramentos de estruturas binárias, aparentemente limitadas em relação à pluralidade e potencialidade do plano afetivo humano, o objeto claro e específico dos modelos semióticos em questão é o de fundar a primordialidade dos fenômenos afetivos no discurso.

Zilberberg, especialmente, aponta claramente esta retomada, pois, segundo ele: “Para o pensamento científico, a afetividade é considerada embaraçosa, supérflua e, para o cúmulo da infâmia, irracional; porém esta objeção é como um negativo que revela, por outro lado, os limites, senão as lentes, do intelectualismo.” (ZILBERBERG, 2000, p. 140). E, logo em seguida complementa: “Uma semiótica *integrada*, para merecer este qualificativo, deve regular os intercâmbios entre as formas e os afetos.” (idem, itálicos no original). Se a tendência geral identificada nos rumos do pensamento científico foi a de desprezar os fenômenos de ordem afetiva, ou mesmo bani-los de seu enfoque, a semiótica tensiva, assim como a psicanálise fizera desde a escuta freudiana

dos sintomas histéricos, visa lhes devolver não somente o merecimento da análise, mas sua centralidade no projeto epistemológico em curso¹⁰⁵. Ao mesmo tempo, a crítica desferida contra o *logocentrismo* de determinadas vertentes lingüísticas ressalta, essencialmente, a necessidade – assumida pela semiótica tensiva enquanto propósito – de buscar modelos teóricos que visem reaver o plano afetivo e econômico no seio das teorias da linguagem, fazendo com que o âmbito semiótico, reputado como sendo supostamente “frio” possa assim dar sua contribuição para a descrição de conteúdos sentidos como “quentes” (ZILBERBERG, 2001, p. 20). No que concerne à semiótica tensiva, o delineamento deste plano se dá através do esquema proposto para a *tensividade*, tendo os conceitos de *valor* e *valência* como base.

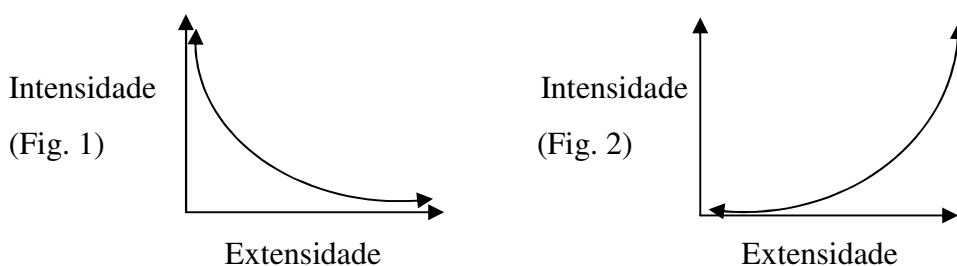
A tensividade, termo que empresta seu nome como designação geral do modelo semiótico desenvolvido por Fontanille e Zilberberg, é então delimitada como um lugar imaginário no qual a *intensidade* – também compreendida como o “sensível” ou os “estados de alma” – e a *extensidade* – por sua vez, o “inteligível” ou os “estados de coisa” – dos objetos semióticos se conjugam e se interdefinem (ZILBERBERG, 2002b, p. 115). Entretanto, devemos fazer a ressalva de que o termo “imaginário” aqui não é tributário da concepção lacaniana, indicando apenas o caráter potencial e não-substancial, localizável apenas enquanto um espaço de conjugação demarcado nos atos de discurso. Simultaneamente, Zilberberg reafirma a predominância da intensidade por sobre o campo da extensidade (*idem*), sendo esta uma consequência direta do modo de posicionamento das precondições da significação (tensividade, foria, valências...) e da proeminência da aspectualidade em detrimento do nível semionarrativo na semiótica das paixões. Desta forma, podemos concluir que, ao contrário do que o título de *Tensão e significação* (FONTANILLE & ZILBERBERG, 1998/2001) possa aparentemente sugerir, a tensividade não se opõe ao significado. Diferentemente, a significação está inclusa nos parâmetros, mais amplos, da tensividade, sendo um de seus fúntivos¹⁰⁶. O intuito maior da semiótica tensiva é, pois, precisamente o de ver no encontro tensivo uma ordem de

¹⁰⁵ Notadamente, Zilberberg (2002b) destaca em outro texto a psicanálise, em primeiro lugar, seguida dos *Cadernos* de Paul Valéry, de determinados capítulos da *Filosofia das formas simbólicas* de Cassirer, e da filosofia de Nietzsche como as principais dentre as poucas exceções a uma disposição de negligenciar a temática da afetividade (p. 124). No que concerne às teorias da linguagem, o autor ressalta que variados textos são dedicados ao afeto ou a uma paixão específica, porém, estes tendem a serem interrompidos antes de alcançar o objetivo de lançar luz sobre o que seria uma análise verdadeiramente linguageira do sensível (*idem*).

¹⁰⁶ Termo de origem hjelmsleviana, designa o(s) elemento(s) componente e estruturante de uma função.

acontecimento que não está subsumida nem ao caráter descritivo – extensivo – de seus objetos, nem aos seus aspectos afetivos, tendo na *ligação* entre tais funções o passo obrigatório na formulação de uma semiótica do contínuo¹⁰⁷.

Apresentando o modelo amplo do espaço tensivo, temos as seguintes apresentações gráficas para duas situações diferentes, no primeiro caso uma correlação inversa (quando mais pede menos e menos pede mais), no segundo, uma correlação conversa (quando mais pede mais e menos pede menos) (tal como em ZILBERBERG, 2002b, p. 118 e FONTANILLE & ZILBERBERG, 1998/2001, p. 26):

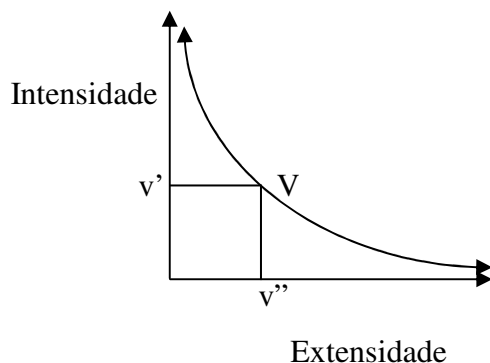


Numa correlação conversa, sendo a linha compreendida como uma isotopia discursiva qualquer, conforme podemos depreender da figura de número 1, temos que o recorte do espaço tensivo pelas funções de extensividade e intensidade são constituintes do próprio discurso. Isto somente é possível de ser compreendido com a inserção das noções de valor e valência, tal como apresentaremos em breve. Porém, antes devemos destacar que o gráfico assintótico é utilizado para indicar que o grau zero de uma pura extensividade ou, o que nos interessa diretamente, uma *pura intensidade* não, é de fato, nunca alcançado. Logo, temos por conseqüência que tal apresentação não é compatível com leituras feitas dos conceitos de *afeto*, *quantidade de afeto* ou da noção de *quantidade* na obra freudiana com o intuito de designar uma sobrequalificação – seja ela afetiva, quantitativa ou intensiva – a partir de um elemento totalmente não-qualificado. Certamente, já não poderia ser conciliável com versões substancializadas ou reduzidas a aportes biológicos em qualquer ordem, posto que tal abordagem não encontra lugar num exame imanente à linguagem. Contudo, o delineamento de curvas assintóticas para o

¹⁰⁷ Que, nem por isso, deixaria de responder às aparições de descontinuidades (FONTANILLE & ZILBERBERG, 1998/2001, p. 19).

campo tensivo expõe igualmente a divergência com abordagens do quantitativo enquanto metafórico, pois, neles, o esvaziamento do afeto é tido como pressuposto aos investimentos posteriores.

Se os gráficos anteriores dizem respeito ao recorte feito no plano da tensividade por um discurso qualquer, devemos nos perguntar no que tal procedimento resulta. Ampliando o foco de atenção sobre o gráfico, poderemos nele também identificar as relações entre os valores e valências. No entanto, não se trata de uma especificação em relação à ordem dos processos em questão, como se a formação da cadeia isotópica determinasse sempre a constituição de novos valores ou o contrário. A linguagem possui plasticidade o bastante para que ambos os casos sejam admissíveis e, até mesmo, casos de geração e arranjo concomitante. Passemos em seguida a uma versão mais completa do gráfico anterior (ZILBERBERG, 2001, p. 14):



No gráfico, [V] designa o valor enquanto [v'] e [v''] indicam suas valências. Certamente, não se trata de uma relação de subsunção, mas sim, da retomada do conceito saussuriano de valor enquanto “associação de uma valência intensiva e de uma valência extensiva” (ZILBERBERG, 2002b, p. 116). Justiça seja feita, devemos aqui desdobrar a análise em dois pontos: o primeiro, relativo à concepção conjunta de Fontanille e Zilberberg a respeito da valência e, num segundo momento, o desdobramento teórico proposto por Zilberberg sobre este conceito. Contudo, para oferecer uma maior visibilidade do contexto teórico em que a discussão se insere, faremos uma breve síntese da abordagem empregada por Saussure quanto ao conceito de valor e a temática geral na qual ele implica.

A partir do *Curso de lingüística geral*, o valor assume um duplo papel na lingüística: por um lado, corresponde à noção vaga, declaradamente originária da matriz político-econômica, da “equivalência entre coisas de ordens diferentes” (SAUSSURE, 1916/2003, p. 95), por outro, adentra na própria concepção de língua, constituída de maneira imanente como “um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos” (idem)¹⁰⁸. Não é difícil perceber na obra do mestre genebrino que é justamente o conceito de valor que lhe permite prescindir do ponto de vista referencialista e, logo, realista, o que o leva a destacar que o próprio entendimento concernente ao processo de “identidade” se confunde com o de valor (p. 128). Entretanto, os limites conceituais são tênues e pouco delimitados, como mostra a seguinte passagem: “O valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui, sem dúvida, um elemento da significação, e é difícilimo saber como esta se distingue dele, apesar de estar sob sua dependência.” (SAUSSURE, 1916/2003, p. 133). A questão fica de tal modo intrincada que, com o intervalo de apenas uma página, o autor novamente distingue valor e significação relativos a uma palavra ao dizer que ela “está revestida não só de uma significação como também, e sobretudo, de um valor, e isso é coisa muito diferente.” (p. 134). A nosso ver, e de acordo com a direção da tese aqui defendida, mesmo que os limites epistemológicos entre as concepções de valor e significação não estejam bem delineados no texto saussuriano, sua relevância está na acentuação de sua “natureza puramente diferencial” (p. 140), o que possibilitará o desenrolar da lingüística, principalmente na vertente semiótica, por caminhos alheios ao de reduções a realismos de toda sorte.

Já na semiótica greimasiana, como nos foi possível observar no item anterior deste capítulo, a temática do valor é reapresentada tanto nas precondições da significação, sobretudo, na tensividade, foria e valência, quanto no processo – igualmente constituinte do discurso – de aspectualização. No entanto, a prevalência de modelos excessivamente oposicionistas faz com que, apenas em seus últimos textos, o valor possa começar a ser pensado em termos mais contínuos, dando assim maior pertinência à dimensão tímica, através do exame de elementos próprios ao campo das paixões. Mesmo na *Semiótica das paixões*, a questão da análise da concepção subjacente ao valor, a partir de então analisada também em termos de valência, não

¹⁰⁸ Igualmente em SAUSSURE, 1916/2003, p. 130.

avança para além da suposição de contornos ainda esparsos de uma “sombra de valor”, ou, com o problema duplicado de um “valor do valor”. Note-se que estamos caminhando por sucessivas ampliações de foco de análise, ou, melhor dito, pela composição de modelos semióticos gradualmente mais complexos. É o que veremos ao voltarmos ao exame do gráfico acima apresentado e ao conceito de valência na semiótica tensiva pelas duas vias então indicadas, as do texto *Tensão e significação* e a referente aos trabalhos posteriores de Zilberberg.

Antes, havíamos destacado a função desempenhada pela inclusão do conceito de *valência* na semiótica das paixões, contudo, a definição a ele dada a partir do texto *Tensão e significação* (FONTANILLE & ZILBERBERG, 1998/2001) – espécie de “manifesto” por uma semiótica tensiva – o torna ainda mais incisivo no que concerne a uma abordagem imanente do campo econômico na linguagem. Vejamos como os autores propõem sua leitura:

Num enfoque global, a valência caracterizaria, por conseguinte, ao mesmo tempo o *liame tensivo* e o *número de liames* que unem um núcleo e seus periféricos, estes definidos pela atração que o núcleo exerce sobre eles e pela “potência de atração” do núcleo, reconhecível pelo número de periféricos que ela é capaz de manter reunidos sob sua dependência. A quantidade estaria, nesse caso, sob o controle da intensidade e vice-versa; os dois juntos caracterizariam as relações de dependência, produzindo globalmente efeitos de *coesão*. (FONTANILLE & ZILBERBERG, 1998/2001, p. 15, itálicos no original).

Mais profunda que uma semiótica de paixões tomadas isoladamente, a semiótica tensiva propõe uma reordenação radical do ponto de vista econômico a partir do remodelamento da concepção de valor, o que se dá através dos desenvolvimentos relativos ao conceito de valência. No texto em questão, a valência é definida como uma espécie de potência de atração, não-metafórica porque colocada em termos discursivos. Ao invés de se ater às figuras sêmicas de “força” e “energia”, tal como determinadas leituras do freudismo tentaram ressaltar, a semiótica tensiva busca com o conceito de valência especificar as atrações que certos objetos semióticos exercem em cadeias discursivas em suas mais variadas apresentações, seja no plano da expressão, seja no plano do conteúdo. Assim, às valências são atribuídos *gradientes de profundidade* em função de sua atualização no campo tensivo, tanto no que diz respeito à intensidade quanto à extensidade. Os primeiros são denominados *profundidades* (ou *gradientes*)

tímicos enquanto que, aos referentes à extensão, cabe o nome de *profundidades classemáticas*. O afeto, por sua vez, é incluído no primeiro grupo, recortando o espaço tensivo através de gradientes tímicos *tônicos* ou *átomos*. Porém, como veremos ainda, o afeto não se restringe a esta dicotomia.

A fundamentação do conceito de valência acima descrito que, por sua vez, insere o de valor numa dinâmica de atualização das profundidades tímicas e classemáticas, tem especial interesse para a teoria psicanalítica. Primeiramente pela contribuição que o conceito visa na elucidação da formação de isotopias. Se antes podíamos deduzir do gráfico que a linha discursiva assintótica era formada pela soma do cruzamento entre os pontos (como qualquer análise de gráfico cartesiano levaria a supor), a sua definição enquanto “liame tensivo” oferece a vantagem de supor as valências para além de unidades discretas, opositivas, tal como se caracterizou o primeiro estruturalismo da semiótica, mas como processos que demarcam *vetores* (ZILBERBERG, 2002b, p. 127). Esta distinção é crucial em relação, por exemplo, ao quadrado semiótico. Não se trata aqui, pois, apenas do jogo opositivo entre significações, mas sim da fundamentação discursiva dos laços que intensa ou extensivamente provocam a aproximação ou afastamento entre objetos semióticos. A formação dos chistes e, sobretudo, dos sonhos, para citar apenas dois dentre as variadas aplicações possíveis, tem estreita relação com a constituição do espaço tensivo por profundidades classemáticas e tímicas, ou seja, pelas valências. Os processos inconscientes fariam, assim, uso dos liames inerentes a tais profundidades tanto para *deslocar* quanto para *condensar* as ligações entre valências, criando assim, novas configurações tensivas que não poderiam ser sentidas senão como diferentes *valores*. E, neste caso, note-se que há liberdade para a criação tanto no que se refere aos gradientes tímicos quanto nas características extensas. Logo, a avaliação dos elementos da semiótica tensiva proporciona subsídios para que sejam revistos, discutidos e, eventualmente, reposicionados uma série de conceitos cruciais ao arcabouço psicanalítico sem com isso termos de fazer referência a suportes energéticos ou quantitativos no sentido biológico, dando, pois, novos lastros para os últimos direcionamentos lacanianos quanto ao afeto.

Conforme indicamos anteriormente, podemos ainda acompanhar o desenrolar da concepção de valência em trabalhos mais recentes – e tão instigantes quanto – de Zilberberg. Neles, o autor busca aprofundar o modelo aqui apresentado sobre a

tensividade bem como reafirmar a centralidade do afeto na semiótica tensiva. De acordo com Zilberberg:

O que pode ser dito igualmente aqui, ou mesmo em primeiro lugar, a propósito do afeto e da valência que o identifica, sob o ponto de vista cognitivo, e que o mede, sob o ponto de vista tímico: realmente, como poderíamos admitir que aquilo que afeta, comove o sujeito – irrompendo, em geral, de forma inesperada – não se instalasse, de direito, no centro do campo discursivo? (ZILBERBERG, 2002b, p. 133).

Aliás, se nos for permitido o parêntese, este seria de fato um ponto de encontro certo entre a psicanálise, desde Freud, e a semiótica, desde Greimas: a atenção especial dispensada aos efeitos subjetivos da *surpresa*, do *susto*. Assim como Freud dispensa uma longa consideração sobre suas implicações no aparelho psíquico – basta dizer o quanto elaborou o conceito de “trauma” –, Greimas igualmente inicia seu *Da imperfeição* (GREIMAS, 1987/2002) com uma análise semiótica da *subtaneidade*. As diferenças e semelhanças entre os dois procedimentos, de fato, poderiam vir a constituir uma importante pesquisa à parte. No entanto, apesar da indicação, optamos por nos ater ao desenrolar da temática que ora examinamos. Assim, destacamos que citações como esta, com o teor explícito de trazer o conceito de afeto, ao lado do de valência, ao primeiro plano das considerações teóricas na semiótica tensiva, estão presentes na grande maioria dos textos de Zilberberg posteriores à publicação de *Tensão e significação*.

Com o intuito de considerar a “complexidade existencial” do afeto como uma complexidade centrada em aspectos funcionais, o autor defende que o conceito deve ser “subentendido por uma rede de *dependências internas*” inerente às formas propiciadas pelas línguas (ZILBERBERG, 2001, p. 10, *itálicos no original*). Desta forma, a compreensão do afeto é invariavelmente lançada para além de acepções enquanto estado passional inerte para encontrar-se nos moldes de um jogo de inter-relações de processos discursivo-formais. O resultado de tal empreitada é justamente o de incutir no afeto uma função essencial nos processos de semiose que engajam o sujeito no discurso bem como os planos da expressão e do conteúdo numa conformidade semiótica. Tal hipótese é baseada na condição de possibilidade garantida pelo *isomorfismo da forma* nos dois

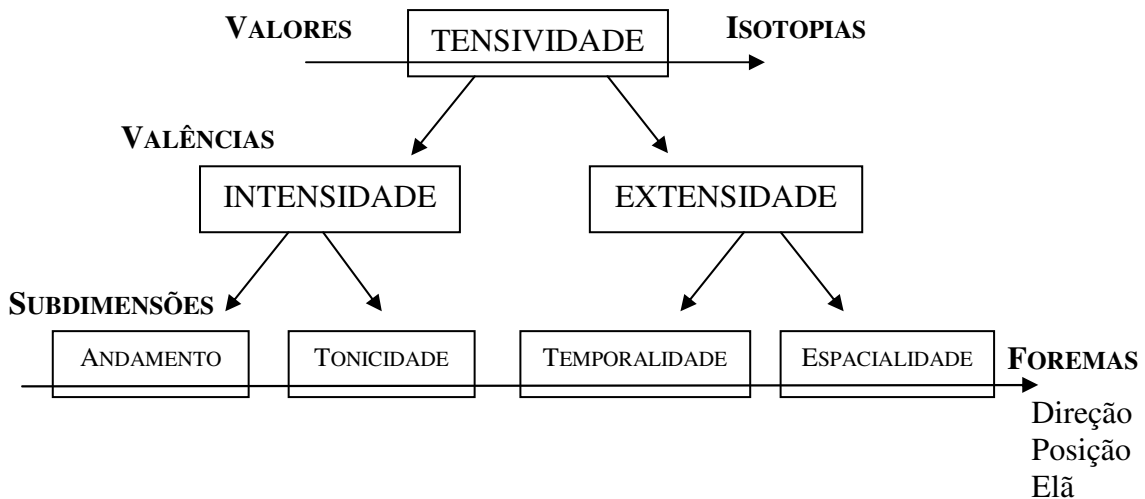
planos, ou ainda, no que Hjelmslev destacava como *função semiótica*¹⁰⁹. Acompanhemos uma breve apresentação desta proposta nas palavras do autor em questão:

Às figuras do plano da expressão vão corresponder os *afetos* do plano do conteúdo; porém, na medida em que esta correspondência não se reduz a uma substituição, isto quer dizer que as *figuras* do plano da expressão são afetadas e afetantes na exata medida em que os *afetos* do plano do conteúdo são informados e informantes. A semiose assim constituída é literalmente surpreendente. A afetividade deixa de ser um suplemento, desnecessário para o prazer que dispensa, e se converte numa razão constituinte. E graças a nos encontrar em presença de *formas-afetos*, a comunicação alcança a eficácia que sentimos: a cessação de tal regime afetivo expulsa, ao mesmo tempo, as formas que o expressam. (ZILBERBERG, 2000, p. 71, itálicos no original).

É nesse sentido que ao afeto é designado o termo de *chave cognitiva*, uma vez que aqui se trata claramente do processo de conjugação entre as formas do conteúdo e da expressão abrindo espaço para a distinção de profundidades tímicas. Porém, como não haveria de ser diferente, devemos fazer uma ressalva quanto à escolha do termo “cognitivo”. Sua aparição pouco precisada no texto acaba por possibilitar abordagens que o próprio autor considera excessivamente “logocêntricas”, pois, como o desenvolvimento todo do campo semiótico em relação a outras vertentes lingüísticas mostra, trata-se mais da experiência sensível dos fenômenos afetivos do que especificamente de seus procedimentos racionais e conscientes. Deste modo, propomos a substituição do termo *chave cognitiva* para *chave discursiva* sem com isto alterar em nada a citação precedente ou mesmo fazer ressalvas quanto ao seu conteúdo. Importante notar, semelhantemente, que o processo de semiose acima descrito aproxima-se visivelmente de nossa proposta de leitura quanto ao conceito de gozo e suas implicações na obra lacaniana, como expusemos no capítulo anterior, porém, aqui, inteiramente em termos de linguagem. Isto porque, e resgatando um elemento importante de nossa leitura feita acima sobre a *Semiótica das paixões*, a implicação entre as formas no plano da expressão e o plano tímico – aqui representado pelo afeto – não pode dar-se senão pelo engajamento do corpo próprio enquanto formação de um espaço tensivo. Retornemos, portanto, ao modo de definição que Zilberberg lhe conferirá.

¹⁰⁹ Conceito examinado mais especificamente no item 2.3 desta tese.

Se em *Tensão e significação* pudemos destacar a tríade formada pela tensividade e seus componentes intensivo e extensivo, os textos posteriores de Zilberberg nos propõem um novo arranjo ainda mais significativo. Isto porque a disposição do conceito de valência, por sua vez, não adentrava intrinsecamente no modelo, devendo então ser tomada numa discussão suplementar enquanto elemento do valor. Já na abordagem que Zilberberg nos apresenta na continuidade de sua pesquisa (principalmente em 2001, p. 14, 2002b, p. 120 e 130 e 2006, p. 56 e 76-8), os dois planos da discussão são heurísticamente assimilados. A seguir, expomos um modelo gráfico que visa sintetizar nossa leitura a respeito dos modelos então propostos:



Certamente, podemos notar que o modelo proposto para a tensividade é complexificado pela inserção do esquema de formação dos *valores*, do registro das *subdimensões das valências* e do posicionamento do novo conceito de *forema*¹¹⁰. Vejamos em cada caso suas conseqüências teóricas. Quanto ao valor, suas duas principais características permanecem inalteradas: sua constituição no campo tensivo continua sendo feita através dos processos referentes às valências intensivas e

¹¹⁰ Os *foremas* são definidos como figuras que entrecortam as subdimensões das valências, fazendo com estas sejam situadas no tempo e no espaço. Trata-se, pois, de um processo de semiotização que implica num novo recorte da continuidade, permitindo a criação e segmentação de novos elementos a partir de sua vetorialização. O termo *forema*, proveniente da concepção de *foria*, ressalta com a terminação “*ema*” o caráter de unidade minimamente discriminada, assim com acontece com os *semas* (unidades de conteúdo) e os *femas* (unidades de expressão).

classemáticas (FONTANILLE & ZILBERBERG, 1998/2001, p. 49), bem como segue vigente sua capacidade de formar linhas isotópicas pela competência atribuída pelas valências em atrair (relações conversas) ou afastar (relações inversas) outros valores. Tais características já estavam presentes no gráfico assintótico antes apresentado a respeito da tensividade. Do mesmo modo, tal representação da tensividade transpassada pela cadeia isotópica, por sua vez, formada pela conjunção de valores, se adéqua facilmente aos requisitos e hipóteses saussurianas sobre a temática. Tanto sua competência no que concerne à fundamentação da linguagem enquanto *sistema formal de valores*, regido sob o desígnio da *troca*, quanto sua relação com a significação ficam aqui preservadas. Entretanto, torna-se mais preciso a sua atuação no campo tensivo, bem como a sua formação pelos procedimentos intensivos e extensivos, agora reordenados diretamente pelas valências, suas subdimensões e o conseqüente atravessamento dos foremas (de direção, posição e *elã*¹¹¹).

Contudo, o principal reordenamento operado com a ampliação do esquema está no remanejamento da concepção de valência. Desde as primeiras versões da tensividade, seja na *Semiótica das paixões*, seja em *Tensão e significação* (p. 52, por exemplo), ao conceito de valência corresponde um processo analítico do valor, o que fica mais claro quando ressaltamos sua face de *profundidade* (tímica para a intensidade, classemática para a extensidade). A valência, neste sentido, deve ser compreendida como um procedimento de aprofundamento, de entranhamento nos elementos de composição do valor, tanto em sua face extensa quanto na intensa. Isto é ressaltado, ou, melhor dito, examinado com ainda maior rigor na exposição de suas subdimensões, a saber, as de *andamento e tonicidade* (subdimensões intensivas) e as de *temporalidade e espacialidade* (subdimensões extensivas). Aparentemente, para o tema proposto nesta tese, poderia parecer que o interesse se esgotaria do lado da valência de intensidade e suas profundidades. Como se estas se alinhassem mais perfeitamente ao campo econômico, cabendo às profundidades classemáticas eventuais debates com conceitos outros do campo psicanalítico (tais como os de *representação* na teoria freudiana ou de *significante*, na lacaniana). No entanto, o que defendemos como o cerne da semiótica

¹¹¹ Além das diretrizes de espaço e tempo presentes na concepção de forema, ao *elã* correspondem os processos de segmentação intensiva, seja em seu aspecto de duração, seja enquanto intensificação. A noção de vetorialização é aqui importante, pois, os foremas se definem de forma dinâmica, no encontro com as subvalências, recortando espaço, tempo e intensidade.

tensiva a respeito da recobertura proposta ao tema, ou ainda, à *semiotização* do campo econômico, está justamente na definição do conceito de valor na caracterização mútua entre os aprofundamentos intensivos e extensivos.

Para exemplificar este ponto de vista, podemos contrapor duas citações de Lacan no mesmo seminário, sobre *As formações do inconsciente*, o que mostra igualmente a posição um tanto claudicante do mesmo sobre o tema. Num primeiro momento, Lacan aponta em seu exame a respeito do conceito de metonímia o que acaba por considerar, ele mesmo, paradoxal, enfim: “que a metonímia é, propriamente falando, o lugar onde devemos situar a dimensão – primordial e essencial na linguagem humana – que é oposta à dimensão do sentido: a saber, a dimensão do valor.” (LACAN, 1957-1958/1999, p.85). Entretanto, o seminário em questão começa com uma rica passagem a respeito do discurso: “(...) um discurso não é um evento punctiforme, à maneira de Russell, se assim me posso exprimir. Um discurso não é apenas uma matéria, uma textura, mas requer tempo, tem uma dimensão no tempo, uma espessura.” (p.17). Na primeira, o sentido é antagônico ao valor, o que não seria condizente nem com a tese saussuriana de linguagem enquanto forma, nem com as propostas que aqui apresentamos de semiotização do valor, posto que a esfera da extensidade não é alheio a ele. Entretanto, a segunda citação acaba por indicar, precisamente, a abertura aos aspectos contidos na temporalidade e no andamento, como fundamentos da própria concepção de valor. Deste ângulo, sustentamos a hipótese de que os pressupostos da semiótica tensiva, estendidos e ajustados ao campo psicanalítico, seriam capazes de levar-nos a um reposicionamento, senão de grande monta, certamente heurístico, da psicanálise quanto à relação entre discurso e valor.

Voltemos à caracterização das subdimensões das valências¹¹². Em primeiro lugar, devemos dizer que, apesar destas serem isomorfias em relação aos planos da expressão e do conteúdo, elas não se dispõem no plano tensivo de maneira equivalente. De acordo com Zilberberg (2002b, p. 114) a intensidade rege a extensidade, tendo assim prioridade no recorte das profundidades. Nada muito diferente da postura tomada a partir da semiótica greimasiana de ressaltar a primordialidade do *sensível* frente ao estritamente *racional*, ou *inteligível*. Ao mesmo tempo, segue-se igualmente a indicação de Greimas pela qual a consideração da aspectualidade ressalta a maior segurança

¹¹² Como forma de operar um controle interno quanto à apresentação dos termos, acompanharemos aqui principalmente o texto *Précis de grammaire tensive* (ZILBERBERG, 2002b)

epistemológica no tratamento dos aspectos ligados ao tempo em relação a quaisquer outras características determináveis.

Provavelmente este seja o critério primeiro para o aspecto de centralidade que Zilberberg provê à subdimensão do *andamento*¹¹³. Segundo ele, “o *andamento* é senhor tanto de nossos pensamentos quanto de nossos afetos, uma vez que ele controla despoticamente os aumentos e diminuições constitutivas de nossas vivências.” (idem). Definido igualmente como *velocidade*, o andamento visa dar conta dos fenômenos de variação no plano do conteúdo através de alterações no plano da expressão, sendo que sua questão principal gira em torno de processos de *aceleração* e *desaceleração*. Por exemplo, o alongamento de vogais numa fala arrastada, podendo criar efeitos significativos e conteudísticos de *mistério*, *suspense*, ou, contrariamente, a mesma fala abrupta, com o acento na velocidade das consoantes, gerando o *susto*, a *surpresa*. Interessante notar que tal subdimensão não só não é limitada à fala, como facilmente podemos observar os mesmos mecanismos nas atuais criações de uma espécie de dialeto próprio aos programas de comunicação entre usuários de internet (a multiplicação, corte, substituição de letras, dentre outros) em salas ou programas de “bate-papo” virtual. Ainda seguindo o mesmo exemplo, tais usuários frequentemente se ressentem da falta de suporte que o andamento possibilita para um engajamento ideal do outro no afeto a ser vivido, sendo recorrente o questionamento quanto aos objetivos e intenções sensíveis das mensagens. À maneira da anedota lacaniana no seminário sobre as psicoses, a impossibilidade de fundamentar-se no andamento por vezes leva o destinatário a perguntar: “foi um tapa ou um carinho?”.

As possibilidades de assimilação da vinculação entre o andamento e a formação do valor à aplicação clínica da psicanálise se oferecem como sendo de interesse significativo. Em certo sentido, porque recobrem uma série de procedimentos de identificação do afeto e do investimento pulsional já existente na prática psicanalítica. Por outro lado, porque permitiria a soma de procedimentos de análise do discurso que, se bem incorporados ao contexto teórico, auxiliariam de sobremaneira no exame das relações entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente, utilizando o termo que Freud lança em *A interpretação dos sonhos* (1900/1996). Além disso, seria ainda plausível a busca de padrões dentre os diferentes quadros psicopatológicos, como uma hipótese a

¹¹³ No original é empregado o termo “*tempo*”, sempre em itálico, marcando sua referência ao conceito de origem italiana utilizado mais comumente nas teorias musicais.

ser analisada. Por ora, ressaltamos que o *andamento* proporciona uma via importante para o conhecimento e análise dos fenômenos afetivos na clínica psicanalítica. A fala entrecortada, a respiração acelerada, a subtaneidade das colocações testemunham em nome de um estado afetivo e, nos casos de histeria, podem ser indicativos na direção do tratamento. E basta lembrar que Freud considerava este o ponto de certeza quanto o acesso aos conteúdos inconscientes, seu “selo de procedência”. Ao mesmo tempo, o arrastamento de vogais, a desaceleração do ritmo discursivo, o aumento da pausa entre as palavras, quando inseridas em casos de neurose obsessiva, podem engajar o analista numa espécie de sobrecontrole consciente do discurso. Os exemplos poderiam ser os mais variados, entretanto, como bem aponta Bachelard (1996), podem ser igualmente perigosos. Isto porque não se trata aqui de uma *tipologia* dos afetos, mas sim, do exame caso a caso, na referência e comparação com o universo discursivo apresentado pelo paciente e na repetição de suas idiossincrasias no tocante à linguagem. Outra ressalva a ser feita é a de que, embora de extrema relevância, o *andamento* não é a única subdimensão da valência intensiva, como veremos a seguir.

Ao andamento, somamos a subdimensão da *tonicidade*. Termo tomado de empréstimo a Bachelard, a tonicidade implica no tratamento da prosódia no plano da expressão e da retórica no plano do conteúdo. De acordo com Zilberberg: “O dilema básico se dá entre a *tonificação* e a *atonização*. (...) À primeira delas corresponde a acentuação, a atribuição do inapreciável “acento de sentido” (Cassirer); à segunda, o enfraquecimento.” (ZILBERBERG, 2002b, p. 121, itálicos no original). Assim entendido, a subdimensão da tonicidade faz com que inclusões de traços distintivos no plano da expressão alterem, assim como ocorre a respeito do andamento, a captação do sentido. No caso dos afetos, boa parte dos elementos que a clínica psicanalítica costuma utilizar como balizas para a delimitação do afeto estão aqui diluídas. O “pouco” ou “muito investimento” nas idéias excessivamente intensas que Freud não cansou de destacar podem ser revistos à luz da tonicidade, em sua aparição pontual¹¹⁴.

Já sob os domínios da extensidade, temos a subdimensão da *temporalidade* como sendo, muito provavelmente, a mais enigmática dentre as subdimensões das valências. Sua dificuldade de apreensão e manejo está na variação constante entre os planos da expressão e do conteúdo, haja vista que se dirige, para retomar a figura antes

¹¹⁴ Citamos aqui apenas as aparições pontuais, pois, a excessividade também pode ser depurada da reiteração ao longo do discurso.

citada, à “espessura” do tempo. Portanto, a função da temporalidade é justamente a de dotar a profundidade classemática de procedimentos que visam fazer da extensão um recorte temporal. Para isso, o autor recorre à maleabilidade que os objetos semiotizados possuem em relação às suas determinações de tempo, seja, por exemplo, nas terminações verbais (plano da expressão), seja na localização e posicionamento entre valores no discurso. Notadamente, a psicanálise é aqui convocada para destacar o modo como as “paixões do tempo” podem ser subvertidas. Semelhantemente, a extensidade deve permitir o recorte da continuidade em termos de *espacialidade*, a subdimensão que fecha o quadro proposto por Zilberberg. Obviamente, não se trata apenas da demarcação espacial, da denominação de espaços, mas sim, dos fenômenos discursivos que permitem fazer das tais “massas amorfas em movimento” do *Projeto* freudiana, uma série de funções organizadas. A semiotização do espaço requer a competencialização em termos de linguagem para ordenação de lugares que somente tem sentido dentro do universo de linguagem.

Por fim, temos que o modelo hipotético aqui defendido prevê ainda a consideração de linhas de discretização das subdimensões. Quando tratamos da questão da semiótica das paixões, apresentamos o termo “foria” vinculado à caracterização da timia, do aspecto verdadeiramente patêmico que orientava a abordagem das paixões, seja nas precondições da significação, seja na sua aspectualidade. No modelo tensivo proposto por Zilberberg, a foria, ao invés de ser apresentada na tríade *euforia/aforia/disforia* dando conta assim de níveis gradativos, passa a ser considerada como linhas de atravessamento que, ao pluralizar as condições de discriminação das subdimensões das valências, as situam no tempo e no espaço. Zilberberg destaca três hipóteses pelas quais poderíamos abordar este processo, as da *direção*, *posição* e *elã*, chamadas então de *foremas*. O entrecruzamento dos foremas com as subdimensões das valências nos dá, a título de demonstração da hipótese, o seguinte quadro (ZILBERBERG, 2006, p. 61):

<i>Dimensões</i>	Intensidade Regente		Extensidade Regida	
<i>Subdimensões</i>	Andamento	Tonicidade	Temporalidade	Espacialidade
<i>Foremas</i>				
Direção	Aceleração <i>Vs</i> Desaceleração	Tonificação <i>Vs</i> Atonização	Foco <i>Vs</i> Apreensão	Abertura <i>Vs</i> Fechamento
Posição	Adiantamento <i>Vs</i> Retardamento	Superioridade <i>Vs</i> Inferioridade	Anterioridade <i>Vs</i> Posterioridade	Exterioridade <i>Vs</i> Interioridade
Elã	Rapidez <i>Vs</i> Lentidão	Tonicidade <i>Vs</i> Atonia	Brevidade <i>Vs</i> Longevidade	Deslocamento <i>Vs</i> Repouso

O quadro acima não deve ser visto como a soma de oposições rígidas e invariáveis. O encontro entre *andamento* e *elã*, para tomar apenas um exemplo, não resulta necessariamente sempre nas categorias de rapidez *vs* lentidão. Não se trata, certamente, da redução do fenômeno discursivo do andamento à díade citada, mas sim, da leitura exaustiva das relações obtidas entre os elementos propostos para, somente então, forjar mecanismos imanentes à linguagem para a abordagem dos valores. Até mesmo porque, como podemos evidenciar na seqüência tanto de *Précis de grammaire tensive* (2002b, p. 130) quanto nos *Éléments de grammaire tensive* (2006, p. 69-77), a disposição destes elementos no nível narrativo nos oferece um número ainda maior de composições.

O ponto nodal de tal defesa, para concluir, é a possibilidade que procuramos indicar ao longo deste último item do presente capítulo de reposicionar a questão do ponto de vista econômico e, conseqüentemente, do afeto, em termos imanentes ao discurso. A rigor, os textos de semiótica tensiva encorajam a constituição de novos entrecruzamentos com vistas à delimitação de novos instrumentos de análise do valor no universo tensivo. No que concerne à prática da psicanálise, o texto clínico se presta perfeitamente bem seja ao delineamento de novas hipóteses quanto ao modelo, seja à localização no discurso dos elementos já destacados. Enquanto isso, o conceito de afeto tem aqui subsídios suficientes para – aliado às proposições feitas sobre ele nos capítulos

anteriores, especialmente no destinado à obra lacaniana – ser considerado como um processo econômico, discursivo, independente de referências organicistas e, sobretudo, vinculado aos fenômenos de engajamento entre sujeito e outro. Sua semiotização, como nos foi possível tratar aqui, está assentada no árduo – mesmo que inesgotado – exame dos processos discursivos pelos quais o sujeito é implicado no regime de tensividade. Segundo a posição epistemológica que temos defendido ao longo desta tese, tal abordagem discursiva do afeto, além de admissível, nos permite permanecer no registro em que verdadeiramente operamos desde a revolução epistemológica que nos foi legada por Freud, pois, reforçar a tese de que há tratamento para o sofrimento humano através da fala implica igualmente que é no âmbito da linguagem que o afeto deve ser buscado.

Considerações finais

Ao longo de nossa investigação, procuramos destacar subsídios e impasses presentes no campo freudo-laciano para a constituição de uma abordagem discursiva do afeto. Primeiramente, percorrendo o caminho dos argumentos contrários ao diálogo com as teorias da linguagem, foi possível delimitar as dificuldades impostas pelas leituras recorrentes do conceito de afeto que tendem a situá-lo seja no campo das hipóteses quantitativas e energéticas, seja nas conjecturas de cunho metafórico. Em ambas, a aproximação entre a consideração dos fenômenos afetivos – tanto se reduzidos a influxos quantitativos quanto metaforizados – e os pressupostos norteadores das abordagens discursivas torna-se contraditória. Isto porque, ao definir o afeto enquanto resultado de processos de ordem energética ou como conceito meramente nomeado, sem maiores preocupações quanto ao seu rigor nocional, tais abordagens contrariam o projeto epistemológico subjacente a teoria semiótica da linguagem em questão: a do tratamento da linguagem enquanto imanente a si mesma. Esta perspectiva tem como objetivo fundamental a consideração dos processos discursivos que são estruturados mutuamente, em procedimentos de oposição ou de sementações graduais da continuidade, sem com isto lançar mão de bases referencialistas ou reducionismos naturais e biologizantes no que diz respeito ao universo de linguagem.

Ao contrário das tentativas de situar a teoria psicanalítica como uma introdução – já obsoleta – às neurociências, como um antigo projeto neurológico a ser revisto, ou ainda, de ver na metodologia da psicanálise uma ferramenta ultrapassada em comparação aos novos modelos e esquemas de compreensão do funcionamento cerebral, o diálogo com a lingüística e as semióticas modal e, principalmente, tensiva, permite outro tipo de relação epistemológica. Partindo das contribuições que Freud nos legou com seus avanços na constituição de um novo “território de linguagem”, e da retomada de Lacan dos fundamentos discursivos do campo psicanalítico, pudemos encontrar elementos conclusivos no que diz respeito à possibilidade de uma abordagem discursiva do afeto. Em princípio, a abertura operada por Freud com o intuito de conceder à linguagem um lugar de destaque tanto na prática clínica quanto na constituição do aparelho psíquico e seus procedimentos, especialmente no que concerne

às formações do inconsciente, é inteiramente condizente com o debate construtivo com as teorias da linguagem então indicadas. Dito de outra forma, é a partir da superação dos fundamentos de redução substancialistas e bio-quantitativos que o encontro entre psicanálise e semiótica pode nos oferecer uma nova abordagem do afeto e do ponto de vista econômico, de cunho essencialmente discursivo.

Nesse sentido, a escolha da semiótica tensiva como interlocutor privilegiado para o estudo de interface não foi feita ao acaso. Isto porque sua origem é diretamente relacionada à discussão e retomada de dois pontos cruciais do ensinamento proposto pelo pai da lingüística moderna, Ferdinand de Saussure, a saber, a temática do *valor lingüístico* e a crítica ao *referencialismo*. Já nos provendo o gérmen da postura epistemológica de *semiotismo imanente*, Saussure concebe seu estudo da linguagem enquanto forma, conjunto de valores inter-relacionados, abrindo mão da noção realista de referente. No conjunto teórico por ele desenvolvido, não há necessidade aparente de tratar dos procedimentos próprios à linguagem em relação a objetos externos a ela. Tal postura é, por sua vez, o núcleo duro da teoria da linguagem desenvolvida por Hjelmslev e por ele intitulada de *glossemática*. Acompanhamos ao longo da tese o exame de seu modelo heurístico sobre o signo, sendo que a distinção proposta entre os planos da *expressão* e do *conteúdo*, bem como a tese de uma *função semiótica* inerente ao signo, visando a ligação entre os planos, nos foi de grande auxílio na avaliação dos temas subseqüentes.

Ao mesmo tempo, a concepção saussuriana de valor é retomada pela semiótica numa discussão rigorosa. Desde a formulação dos primeiros modelos greimasianos para a temática envolvendo a formação da significação, suas precondições e seus procedimentos de constituição (de modalização, modulação e aspectualização), a contribuição principal da semiótica é visivelmente identificável pela reinserção de aspectos econômicos no estudo da linguagem. Assim, noções como as de *timia*, *paixão*, *foria* e, conseqüentemente, *afeto*, não somente retornam à pauta como passam a ser vistos enquanto organizadores da direção de pesquisa. Inicialmente ligados a modelos estruturalistas excessivamente restritivos (binários, triádicos, quaternários, e assim por diante), a abertura de escopo vai progressivamente conduzindo o tratamento do valor vinculado ao discurso a formas menos categóricas e mais graduais, sendo que, a partir

do texto *Semiótica das paixões* (GREIMAS & FONTANILLE, 1991/1993), o alvo epistemológico passa a ser os aspectos de *continuidade e tensividade*.

A semiótica tensiva, fruto desta vertente, tem como principal objetivo justamente a construção de modelos destinados a uma recobertura do campo econômico a partir de novos recortes da noção de valor. É assim que o esquema da tensividade, compreendida como um espaço imaginário de conjugação entre as valências de intensidade e extensidade, por sua vez recortadas pelas subdimensões de *andamento, tonicidade, temporalidade e espacialidade* e atravessadas pelos *foremas* (direção, posição e elã), abriga ao mesmo tempo, de maneira heurística e imanente, as noções de quantidade e qualidade delimitadas pela psicanálise no interior da linguagem. Trata-se, pois, de uma *quantificação qualificada* inteiramente no discurso. O conceito de afeto, visto sob esta ótica, não necessita de suposições exteriores, de reduções a bases externas ao meio em que seus fenômenos são apreendidos durante a escuta clínica. Simultaneamente a isto, criam-se novas formas de abordagem do afeto a partir de suas valências tanto no plano do conteúdo quanto no da expressão. Conseqüentemente, criam-se também novos modos de acesso aos fenômenos econômicos, modos estes propriamente discursivos, posto que inerentes a suas manifestações de linguagem.

Assim, a semiótica tensiva, de um lado, nos permite a consideração de fundamentos para a *semiotização* (ou discursivização) do econômico através do exame da tensividade, e, do outro, a psicanálise nos provê elementos para a delimitação do afeto em sua constituição psíquica, o que justifica o estudo de interface. É na teoria lacaniana que podemos encontrar os elementos próprios à determinação do afeto enquanto *engajamento* do sujeito e do outro. Definido desta forma, o conceito de afeto passa a representar os processos pelos quais as teses gerais do ensinamento de Lacan – do *inconsciente estruturado como uma linguagem* e do *inconsciente como discurso do Outro* – se revertem em práticas de *semiose*. A relação tanto com o corpo próprio, quanto com os semelhantes, se assim compreendido o afeto, tornam-se mediadas pelo procedimento discursivo de engajamento. Saímos, portanto, da ordem dos fenômenos bio-quantitativos, das vias de redução aos influxos neurofisiológicos e ao antropomorfismo das atividades referentes aos neurotransmissores, para adentrar firmemente no estudo das formas pelas quais o discurso *afeta* o corpo e o sujeito, marcando-os através do significante, e engajando-os nas isotopias do gozo, do prazer. A

noção de *semiotização afetiva*, segundo a tese que defendemos de uma abordagem discursiva para o conceito, pode satisfatoriamente bem suceder a concepção corrente de *descarga*. É desta maneira que buscamos sustentar uma especificação, por mais restrita e limitada que possa parecer, da inserção que Lacan defende repetidamente do significante na ordem dos processos econômicos. Vejamos uma curta passagem de seu seminário sobre as *Formações do inconsciente* que depõe neste sentido:

Vocês devem, afinal, perceber uma espécie de constante no que lhes ensino – embora convenha, é claro, que essa constante não seja simplesmente como uma bandeirinha no horizonte pela qual vocês se orientam, e que vocês compreendam para onde isso os leva, e por quais desvios. Essa constante é que julgo fundamental para compreender o que há em Freud: *assinalar a importância da linguagem e da fala*. Isso nós dissemos desde o início, porém, quanto mais nos aproximamos de nosso objeto, mais nos apercebemos da *importância do significante na economia do desejo*, digamos, na formação e na informação do significado. (LACAN, 1957-1958/1999, pp.149/150, *itálicos nossos*).

Do realce da importância da linguagem até o delineamento dos processos pelos quais o significante e o discurso fundam a economia psíquica, de certo modo, se traduz como um breve resumo da história do campo freudo-laciano. Os elementos para a definição discursiva do afeto enquanto ligação, atravessamento e amarração, através do discurso, entre as esferas do sujeito, do corpo e do outro, segundo procuramos sustentar, pode ser visto como o núcleo duro da *descoberta* freudiana, bem como do *retorno* laciano. E vale ressaltar que, ao contrário das críticas que identificam nos últimos seminários de Lacan uma suposta tal superação do âmbito da linguagem, do fora-do-sentido, portanto, ultrapassagem da possibilidade de uma abordagem discursiva, podemos encontrar notadamente no seminário de 1975-1976 uma bela síntese do que propomos acima. Vejamos nas palavras de Lacan: “A psicanálise, em suma, não é nada mais que o curto-circuito passando pelo sentido – o sentido como tal, que defini na ocasião da copulação da linguagem, posto que é nisso que apóio o inconsciente, com nosso próprio corpo.” (LACAN, 1975-1976/2005, p. 122). A indicação da relação entre inconsciente, linguagem, sentido e corpo na constituição do campo psicanalítico possibilita certamente a retomada do diálogo entre psicanálise e teorias da linguagem, sendo a abordagem discursiva do afeto entendido como engajamento uma perspectiva profícua para a constituição de novos estudos de interface.

Nosso percurso de investigação nesta interface – em especial no que concerne à relação entre psicanálise e semiótica tensiva – não esgota as muitas possibilidades de pesquisa que o tema oferece. Podemos dizer, com mais sobriedade, que o objetivo de tal empreitada foi muito mais o de um estudo exploratório, respeitando as características específicas de cada teoria, para abrir possibilidades de diálogo, do que, necessariamente, uma exposição fechada de resultados obtidos. O debate entre tais teorias permanece em aberto, assim como a expectativa de pesquisas subseqüentes, pois, apostamos, sobretudo, na continuidade. De nossa parte, esperamos que a relação entre psicanálise e semiótica, bem como a abordagem discursiva do afeto possa trazer resultados e desdobramentos outros, em especial, na escuta clínica psicanalítica e em seu enquadramento psicopatológico. Aguçar o ouvido e ampliar o conhecimento sobre as formações do inconsciente, seus processos, seu funcionamento, sua constituição, eis os desafios que se apresentam aos que desejarem fazer perseverar uma abordagem discursiva do afeto.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, V. M. (2003) *Um diálogo entre a psicanálise e a neurociência*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- ANDRÉ, S. (1994) *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- ARRIVÉ, M. (1999) *Linguagem e psicanálise, lingüística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- _____. (2001) *Lingüística e psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- ASSOUN, P.-L. (1983) *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1996) *Metapsicologia freudiana: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. (2006) *Leçons psychanalytiques sur L'angoisse*. Paris: Anthropos.
- BACHELARD, G. (1996) *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- BAKHTINE, M. M. (1925/1980) *Écrits sur le freudisme*. Lausanne: Editions L'Age d'Homme.
- BARROS, C. P. (1998a) Conceitos termodinâmicos e evolucionistas na estrutura formal da metapsicologia de Freud. *Cadernos do Tempo Psicanalítico*, n. 3. Rio de Janeiro: Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, pp. 13-51.
- _____. (1998b) Contribuição à controvérsia sobre o 'ponto de vista econômico'. *Cadernos do Tempo Psicanalítico*, n. 3. Rio de Janeiro: Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, pp. 53-89.
- BEVIDAS, W. & LOPES, M. (2004) Psicanálise e lingüística: uma relação "mal começada". *Pulsional revista de psicanálise*. São Paulo: v. 177, n. 16, p. 28-42, 2004.
- BEVIDAS, W. & RAVANELLO, T. (2006a) Reflexões sobre o discurso: a linguagem como re-criação do mundo. In: *Lingua(gem), Texto e Discurso: entre a reflexão e a prática*. Rio de Janeiro: UFMG-FALE Editorial Lucerna, 2006, v.1, p. 117-137.
- _____. (2006b) Pulsões e suas modulações. In: *Revista Intercambio*. Vol. XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP.
- BEVIDAS, W. (1999a) Pesquisa e transferência em psicanálise: lugar sem excessos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre: vol.12, n. 3.

- _____. (1999b) O excesso de transferência na pesquisa em psicanálise. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre: vol.12, n. 3.
- _____. (2000) *Inconsciente et verbum: psicanálise, semiótica, ciência, estrutura*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP.
- _____. (2006) Sémiotique du discours onirique : Le rêve de Freud. *Révue Internationale Langage & Inconscient*, Paris, v. 2, p. 09-29.
- BIRMAN, J. (1993) *Ensaio de teoria psicanalítica*, 1. Parte: metapsicologia, pulsão, linguagem, inconsciente e sexualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (2007) *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BLACKBURN, S. (1997) *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- CANGUILHEM, G. (1995) *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- CAROPRESO, F. & SIMANKE, R. T. (2006) Compulsão à repetição: um retorno às origens da metapsicologia freudiana. *Ágora*. Rio de Janeiro: vol. IX, n. 2, pp. 207-224.
- _____. (2008) Uma reconstituição da estratégia freudiana para a justificação do inconsciente. *Ágora*. Rio de Janeiro: vol. XI, n. 1, pp. 31-51.
- CARUTH, C. (2000) Modalidades do despertar traumático: Freud, Lacan e a ética da memória. In: NESTROVSKI, A. & SELIGMANN-SILVA, M. (orgs.) *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta.
- CESAROTTO, O. (2008) *Sedições*. São Paulo: Iluminuras.
- CHANGEUX, J.-P. (1998) *L'homme neuronal*. Paris: Hachette Pluriel.
- CHANGEUX, J.-P. & Connes, A. (2000) *Matière à pensée*. Paris: Odile Jacob.
- CHURCHLAND, P. S. et al. (1991) *Philosophie de l'esprit et sciences du cerveau*. Paris: Vrin.
- DAMASIO, A. (2000) *L'erreur de Descartes*. Paris: Odile Jacob.
- _____. (1999) *O mistério da consciência*. São Paulo: Cia. das Letras.
- DAVID-MENARD, M. (1983) Insatisfaction du désir, satisfaction de la pulsion : d'un idéal à l'autre? *Nouvelle Revue de Psychanalyse*. Paris: Éditions Gallimard, n. 27, pp. 249-261.

- _____. (1986) *Le corps, une question critique pour la psychanalyse*. In : AUGÉ, M.; DAVID-MÉNARD, M.; GRANOFF, W.; LANG, J.-L.; MANNONI, O.. *L'Objet en Psychanalyse: le fétiche, le corps, l'enfant, la science*. Paris : Éditions Denoël
- _____. (2000) *Tout le plaisir est pour moi*. Paris: Hachette Littératures.
- DELBRAY, F. (2008) *La substance du "jouir"*. *Che vuoi ?* n. 29, pp. 41-47. Paris: Ed. L'Harmattan.
- DENNETT, D. (1997) *Tipos de mentes*. Rio de Janeiro: Rocco.
- DOR, J. (2004) *A-scientificité de la psychanalyse*. Paris: Harmattan
- DOSSE, F. (1991) *Histoire du structuralisme I: le champ du signe, 1945-1966*. Paris: Éditions La Découverte.
- DUNKER, C. I. L. (2002) *O cálculo neurótico do gozo*. São Paulo: Escuta.
- FIGUEIREDO, L. C. M. (2000) *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- FIORIN, J. L. (2002) *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Editora Ática.
- FINK, B. (1998) *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- FONTANILLE, J. & ZILBERBERG, C. (1998/2001) *Tensão e significação*. São Paulo: Discurso editorial: Humanitas/FFLCH/USP.
- FOUCAULT, M. (2000) *Doença mental e psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- _____. (2002) *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes.
- FREUD, S. (1891/2003) *A interpretação das afasias*. Lisboa: Edições 70.
- FREUD, S. (1996) *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago Ed..
- _____. (1893a/1996) *Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. I.
- _____. (1893b/1996) *Estudos sobre histeria*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. II.
- _____. (1895a/1996) *Projeto para uma psicologia científica*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. I.

- _____. (1895b/1996) *Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. III.
- _____. (1896a/1996) *Carta 52*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. I.
- _____. (1896b/1996) *A etiologia da histeria*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. III.
- _____. (1898/1996) *A sexualidade na etiologia das neuroses*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. III.
- _____. (1900/1996) *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. IV e V.
- _____. (1901a/1996) *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. VI.
- _____. (1901b/1996) *Sobre os sonhos*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. V.
- _____. (1905a/1996) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. VII.
- _____. (1905b/1996) *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. VIII.
- _____. (1906/1996) *Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. VII.
- _____. (1908/1996) *Escritores criativos e devaneio*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. IX.
- _____. (1910a/1996) *Cinco lições de psicanálise*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. XI.
- _____. (1910b/1996) *A Significação antitética das palavras primitivas*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. XI.
- _____. (1911/1996) *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. XII.
- _____. (1913a/1996) *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. XIII.
- _____. (1913b/1996) *O interesse científico da psicanálise*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. XIII.
- _____. (1914/1996) *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. XIV.

- _____. (1915a/1996) *Os instintos e suas vicissitudes*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. XIV.
- _____. (1915b/1996) *Repressão*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. XIV.
- _____. (1915c/1996) *O inconsciente*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. XIV.
- _____. (1919/1996) *O Estranho*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. XVII.
- _____. (1920/1996) *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. XVIII.
- _____. (1923/1996) *Dois verbetes de enciclopédia*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. XVIII.
- _____. (1924a/1996) *Neurose e psicose*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. XIX.
- _____. (1924b/1996) *Perda da realidade na neurose e psicose*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. XIX.
- _____. (1925/1996) *Um estudo autobiográfico*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. XX.
- _____. (1926/1996) *Inibições, sintomas e ansiedade*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. XX.
- _____. (1933/1996) *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: Conferência XXXV – A questão de uma weltanschauung*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. XXII.
- _____. (1938/1996) *Esboço de psicanálise*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. XXIII.
- _____. (1939/1996) *Moisés e o monoteísmo*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. XXIII.
- FULGENCIO, L. (2002) A teoria da libido em Freud como uma hipótese especulativa. *Ágora*. Rio de Janeiro: vol. V, n. 1, pp. 101-111.
- GABBI JUNIOR, O. F. (2003) *Notas a projeto de uma psicologia*. Rio de Janeiro: Imago Ed..
- GAYON, J. (2007) Peut-on encore être naturaliste? In: DAVID-MÉNARD, M. (org.) (2007) *Autour de Pierre Fédida: Regards, savoirs, pratiques*. Paris: Presses Universitaires de France.
- GARCIA-ROZA, L. A. (1991) *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., vol. 1.
- _____. (1993) *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..

- _____. (1996a) *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., vol. 3.
- _____. (1996b) *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- GAUCHET, M. (1992) *L'inconscient cérébral*. Paris: Editions du Seuil.
- GOMES, G. (2005) O problema mente-cérebro em Freud. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília: vol. 21, n. 2, pp. 149-155.
- GORI, R. & HOFFMANN, C. (1999) *La science au risque de la psychanalyse: essai sur la propagande scientifique*. Ramonville Saint-Ange: Éditions Érès.
- GREEN, A. (1982) *O discurso vivo: uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves.
- GREIMAS, A. J. (1948/2000) *La mode en 1830*. Paris: Presses Universitaires de France.
- _____. (1966/1976) *Semântica estrutural: pesquisa de método*. São Paulo: Editora Cultrix.
- _____. (1970/1975) *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (1976) Pour une théorie des modalités. *Langages*, n. 43, pp. 90-107. Paris: Larousse.
- _____. (1983) *Du sens II: essais sémiotiques*. Paris: Seuil.
- _____. (1987/2002) *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker Editores.
- GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J. (Orgs) (1986/2008) *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto.
- GREIMAS, A. J. & FONTANILLE, J. (1991/1993) *Semiótica das paixões*. São Paulo: Editora Ática.
- GRIGNON, O. (2007) Avec le psychanalyste, l'homme se réveille. *Che vuoi ?*, n. 28, pp. 113-135. Paris: L'Harmattan.
- GRÜNBAUM, A. (1993) *La psychanalyse à l'épreuve*. Paris: Editions de L'Éclat.
- _____. (1998) *Les fondements de la psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France.
- GUANAES, C. & JAPUR, M. (2003) Construcionismo social e metapsicologia: um diálogo sobre o conceito de self. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília: Vol. 19, n. 2. (versão eletrônica).
- HANNS, L. A. (1999) *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago Ed.

- HENAULT, A. (1979/1993) *Les enjeux de la sémiotique*. Paris : Presses Universitaires de France.
- HENRY, P. (1992) *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Campinas: UNICAMP.
- HERZOG, R. (2003) O estatuto da Bindung na contemporaneidade. *Interações: estudos e pesquisa em psicologia*, v. 8, n. 16, p. 35-55.
- HISGAIL, F. (1996) Semiótica da Perversão. In: CHALHUB, S. (Org). *Psicanálise e o contemporâneo*. São Paulo: Hacker.
- _____. (2000) *A ciência dos sonhos: um século de interpretação freudiana*. São Paulo: Unimarco.
- HJELMSLEV, L. (1961/2003) *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- _____. (1966) *Le langage*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- HOCHMANN, J. & JEANNEROD, M. (1991) *Esprit, où est-tu ?* Paris: Editions Odile Jacob.
- HOFFMANN, C. (2007) *Des cerveaux et des hommes: nouvelles recherches psychanalytiques*. Ramonville Saint-Ange: Éditions Érès.
- IMBASCIATI, A. (1998) *Afeto e representação*. São Paulo: Editora 34.
- JAKOBSON, R. (2001) *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix.
- JAKOBSON, R. & WAUGH, L. R. (2002) *The sound shape of language*. New York: Walter de Gruyter.
- JORGE, M. A. C. (2000) *Fundamentos da psicanálise: de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- JULIEN, P. (1996) *O estranho gozo do próximo: ética e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- KAHL, M. L. F. (2000) Is metaphysics bad for you? Sobre boas e más metafísicas. In: GONÇALVES, R. P. (org) *Subjetividade e escrita*. Santa Maria: UFSM.
- KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J. & GREEB, J. A. (2003) *Compendio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. Porto Alegre: Artmed.
- KRISTEVA, J. (1969/2005) *Introdução à semântica*. São Paulo: Editora Perspectiva.

- LACAN, J. (1936/1998) Para-além do “Princípio de realidade”. In: LACAN (1966/1998) *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- _____. (1953/1998) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: LACAN, J. (1966/1998) *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- _____. (1953-1954/1986) *O seminário*: Livro 1: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- _____. (1954-1955/1978) *Le séminaire*: Livre II: le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse. Paris: Éditions du Seuil.
- _____. (1954-1955/1985) *O seminário*: Livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- _____. (1955-1956/1988) *O seminário*: Livro 3: as psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- _____. (1955/1998) O seminário sobre “A carta roubada”. In: LACAN, J. (1966/1998) *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- _____. (1956-1957/1995) *O seminário*: Livro 4: a relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. (1957/1998) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: LACAN, J. (1966/1998) *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- _____. (1957-1958/1999) *O seminário*: Livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- _____. (1959/1998) De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: LACAN, J. (1966/1998) *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- _____. (1959-1960/1997) *O seminário*: Livro 7: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- _____. (1960/1998) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: LACAN, J. (1966/1998) *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- _____. (1962-1963/2005) *O seminário*: Livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- _____. (1964/1973) *Le séminaire*: Livre XI: les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse. Paris: Éditions du Seuil.
- _____. (1964/1998) *O Seminário*: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..

- _____. (1966/1998) A ciência e a verdade. In: LACAN, J. (1966/1998) *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- _____. (1968-1969/2008) *O seminário*: livro 16: de um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- _____. (1969-1970/1992) *O seminário*: Livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- _____. (1971/2006) *Le séminaire*: Livre XVIII: d'un discours qui ne serait pas du semblant. Paris: Seuil.
- _____. (1972-1973/1975) *Le séminaire*: Livre XX: encore. Paris: Éditions du Seuil.
- _____. (1972-1973/1985) *O seminário*: Livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- _____. (1974/1993) *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- _____. (1975-1976/2005) *Le séminaire*: Livre XXIII: le sinthome. Paris: Éditions du Seuil.
- LANDOWSKI, E. (2002) *Presenças do outro*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- LAZZARINI, E. R. & VIANA, T. C. (2006) O corpo em psicanálise. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília: Vol. 22, n. 2, pp. 241-250.
- LEHMANN, J.-P. (2006) Habiter la langue, être habité para la langue. *Che vuoi?* N. 26, pp. 29-43. Paris: L'Harmattan.
- LEMERER, B. (2007) Réflexions sur l'imaginaire dans la psychose: autour de 'La folie du transfert' de Solal Rabinovitch. *Che vuoi ?* N. 28, pp-83-90. Paris: L'Harmattan.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1984) Structure and form: Reflections on a work by Vladmir Propp. In: PROPP, V. I. (1984) *Theory and history of folklore*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- LEVY, D. (2008) La canne de Freud et autres moments de colère. *Che vuoi ?* N. 29, pp. 137-154. Paris: L'Harmattan.
- LIONÇO, T. (2008) Corpo somático e psiquismo na psicanálise: uma relação de tensionalidade. *Ágora*. Rio de Janeiro: Vol. XI, n. 1, pp. 117-136.
- LOPES, E. (1997) *A identidade e a diferença*: raízes históricas das teorias estruturais da narrativa. São Paulo: Edusp.
- MILLER, J.-A. (1999) *Elementos de biologia lacaniana*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – MG.

- _____. (2000a) A teoria do parceiro. In: ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE (Orgs.) *Os circuitos do desejo na vida e na análise*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- _____. (2000b) Biologie lacanienne et événement de corps. In : *La cause freudienne*. N. 44, pp. 7-59.
- _____. (2005) *Silet: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- MILNER, J.-C. (1996) *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- MONZANI, L. R. (1989) *Freud: movimento de um pensamento*. Campinas: Unicamp.
- MOUNIN, G. (1970) Quelques traits du style de Jacques Lacan. In: MOUNIN, G. (1970) *Introduction à la sémiologie*. Paris: Minuit.
- NEYRAUT, M. (1996) La mémoire inconsciente comme limite épistémologique. In: COUVREUR, C., OPPENHEIMER, A., PERRON, R. & SCHAEFFER, J. (1996) *Psychanalyse, Neurosciences, Cognitivismes*. Paris: Presses Universitaires de France
- PACHECO FILHO, R. A., COELHO JR., N. & ROSA, M. D. (orgs) (2000) *Ciência, pesquisa, representação e realidade em psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- PASCHE, F. (1985) Le vase d'étain, réalisme et psychologie. In: Pasche, F. ; Fédida, P. ; Granier, J. & Mijolla-Mellor, S. (1985) *Métapsychologie et Philosophie*. Paris: Société d'Édition « Les Belles Lettres ». pp. 09-44.
- PEIRCE, C. S. (1995) *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva.
- PLASTINO, C. A. (2001) *O primado da afetividade*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- PLON, M. (1998) Présentation. In: SULLOWAY, F. (1998) *Freud, biologiste de l'esprit*. Paris: PUF.
- PRIBAM, K. & GILL, M. (s/d) *O 'Projeto' de Freud: um exame crítico*. São Paulo: Cultrix.
- POMMIER, G. (2004) *Comment les neurosciences démontrent la psychanalyse*. Paris: Flammarion.
- POPPER, K. R. (1934/1996) *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix.
- _____. (1982) *Conjecturas e Refutações*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília.

- RAVANELLO, T. (2005) *A doutrina freudiana do afeto e seus impasses epistemológicos*. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- REZNIK, S. (2006) *L'écriture de la langue. Che vuoi ?* n. 26, Paris: L'Harmattan. pp. 131-141.
- ROSSI, J. C. (2005) A representação, o afeto e a defesa no projeto de uma psicologia (1895). *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, vol. 21, n.1, pp. 93-97.
- ROUDINESCO, E. (2000) *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. (2008) *A parte obscura de nós mesmos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- RUDGE, A. M. (1998) *Pulsão e linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- SANTAELLA, L. (2002) *Semiótica aplicada*. São Paulo: Thomson.
- _____. (2004) *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus.
- SAUSSURE, F. (1916/2003) *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Editora Cultrix.
- _____. (1916/1985) *Cours de linguistique générale: édition critique préparé par Tullio de Mauro*. Paris: Éditions Payot.
- _____. (2002) *Escritos de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix.
- SCHNEIDER, M. (1993) *Afeto e Linguagem nos Primeiros Escritos de Freud*. São Paulo: Editora Escuta.
- SEDAT, J. (2007) 'Narzissmus' et Freud : la naissance du concept psychanalytique de narcissisme. *Che vuoi ?* n. 28, pp. 13-21, p. 15. Paris: L'Harmattan, 2007.
- SIMANKE, R. T. (2002) *Metapsicologia lacanina: os anos de formação*. São Paulo: Discurso Editorial; Curitiba: Editora UFPR.
- SOLMS, M. & KAPLAN-SOLMS, K. (2005) *Estudos clínicos em neuro-psicanálise*. São Paulo: Editora Lemos.
- SULLOWAY, F. (1998) *Freud, biologiste de l'esprit*. Paris: PUF.
- TRICOT, M. (2008) Malaise dans la civilisation. *Che vuoi ?*, n. 29, p.31-40. Paris: L'Harmattan.
- VARELA, F.; THOMPSON, E. & ROSCH, E. (2003) *A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana*. Porto Alegre: Artmed.

- VIEIRA, M. A. (2001) *A ética da paixão: uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..
- VIERLING-WEISS, M. (2006) Que reste-t-il ? La langue maternelle. *Che vuoi ?* n. 26, pp-13-21. Paris: L'Harmattan.
- WIDLÖCHER, D. (1986) *Métapsychologie du sens*. Paris: PUF.
- WINOGRAD, M. (2004) Freud é monista, dualista ou pluralista? *Ágora*. Rio de Janeiro: Vol. VII n. 2, pp. 203-220.
- ZILBERBERG, C. (2000) *Ensayos sobre semiótica tensiva*. Lima: Colección Biblioteca Universidad de Lima.
- _____. (2001) Forme, fonction, affect. In: *Louis Hjelmslev a cent'anni dalla nascita*. Pádua: Imprimerie, pp. 79-100. (Versão eletrônica).
- _____. (2002a) Seuils, limites, valeurs. In: HÉNAULT, A. (Org.) *Questions de sémiotique*. Paris: P.U.F., pp. 343-360. Disponível em: <http://www.claudezilberberg.net/download/downset.htm>
- _____. (2002b) Précis de grammaire tensiva. *Tangence*, n. 70. Disponível em: <http://www.claudezilberberg.net/download/downset.htm>
- _____. (2006) *Éléments de grammaire tensiva*. Limoges: Pulim.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)